

Universidade Federal de Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Victor de Freitas Henriques

***A Collected Works of C.G Jung* enquanto formato de popularização não introdutório:
Considerações a partir da investigação de intenções autorais e editoriais na coleção**

Juiz de Fora

2021

Victor de Freitas Henriques

***A Collected Works of C.G Jung* enquanto formato de popularização não introdutório:**

Considerações a partir da investigação de intenções autorais e editoriais na coleção

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Walter Melo Júnior

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Henriques, Victor de Freitas.

A Collected Works of C.G. Jung enquanto formato de popularização não introdutório : considerações a partir da investigação de intenções autorais e editoriais na coleção /Victor de Freitas Henriques. -- 2021.

269 p.

Orientador: Walter Melo Júnior

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2021.

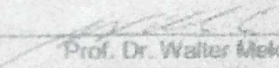
1. C.G. Jung. 2. Psicologia Analítica. 3. Collected Works. 4. Editoração. 5. Popularização. I. Melo Júnior, Walter, orient. II. Título.

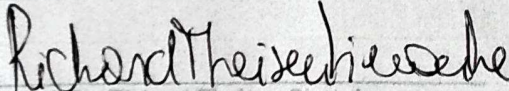
VICTOR DE FREITAS HENRIQUES


A COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG ENQUANTO FORMATO DE
POPULARIZAÇÃO NÃO INTRODUTÓRIO - CONSIDERAÇÕES A
PARTIR DA INVESTIGAÇÃO DE INTENÇÕES AUTORAIS E
EDITORIAIS NA COLEÇÃO


Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito
parcial à obtenção do grau de doutor em
Psicologia.

Tese defendida e aprovada em 07 de dezembro de 2021.


Prof. Dr. Walter Melo Junior
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Richard Theison Simanke
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Pedro Henrique Costa de Resende
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Paulo Ferreira Bonfati
Centro Universitário Acadêmia

Dedico este trabalho aos meus pais, **Lourdes de Freitas Henriques** e **Ronaldo Andrade Henriques**, apoiadores incondicionais de todas as minhas empreitadas, acadêmicas ou não.

AGRADECIMENTOS

Como disse o poeta, “um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisará sempre de outros galos”. A construção dessa pesquisa e toda minha trajetória pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, não poderia ter sido realizada sem o apoio de importantes pessoas para as quais deixo aqui meus agradecimentos:

Aos meus pais, Lourdes de Freitas Henriques e Ronaldo Andrade Henriques, e minha irmã, Ana Paula Freitas Henriques, pelo incentivo, amor e atenção de sempre.

À Marina de Carvalho Oliveira, companheira para todos os desafios e alegrias.

Ao meu orientador Walter Melo, pelas inúmeras oportunidades de aprendizagem e crescimento.

Aos membros da banca de defesa, Prof^a. Teresinha Zimbrão, Prof. Paulo Bonfatti, Prof. Pedro Henrique e Prof. Richard Simanke, pelas inestimáveis contribuições a este trabalho.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF, especialmente os da linha de História e Filosofia da Psicologia.

Aos amigos e colegas de jornada Pedro Henrique Costa de Resende e Pedro da Costa Fernandes, exemplos de dedicação e esforço.

Aos colegas de editoração das Revistas Psicologia em Pesquisa (UFJF) e Pesquisas e Práticas Psicossociais (UFSJ), sobretudo as editoras Fátima Siqueira Caropreso e Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo, com os quais pude vivenciar a realidade das relações entre autores, editores e publicações, temas pertinentes a este trabalho.

Aos funcionários das secretarias do Instituto de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF, em especial à Nilcimara Bertolino e Araújo pelo cuidado, atenção e auxílio com todos os trâmites institucionais.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal de São João del-Rei Orlando José de Almeida Filho e Danilo José Zioni Ferretti pelos ricos e preciosos ensinamentos sobre pesquisa histórica.

Aos colegas do curso de graduação em Filosofia – Licenciatura, e aos professores do Departamento de Filosofia e Métodos da UFSJ, cuja convivência renovou em mim a disposição para seguir perguntando e, quem sabe, achar algumas respostas.

À Alexandra Elbakyan pela disponibilização de preciosos materiais bibliográficos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro à pesquisa.

“Quem *quiser* entender ou interpretar erroneamente Jung em sua mentalidade, temperamento e em sua função como médico da psique não será impedido de fazê-lo por causa da “precaução” dos editores.” (JUNG, 2013t, p.9).

“Dentre os milhões de traços deixados por alguém após sua morte, como se pode definir uma obra? A teoria da obra não existe, e àqueles que, ingenuamente, tentam editar obras falta uma tal teoria e seu trabalho empírico se vê muito rapidamente paralisado.” (FOUCAULT, 2009, p.270).

“A leitura é, por definição, rebelde e vadia.” (CHARTIER, 1998a, p.7).

Os editores da sua obra completa prestaram-lhe um imenso desserviço ao dividirem as obras por temas. A divisão temática chama a atenção para as opiniões de Jung sobre uma vasta gama de assuntos, como se os editores quisessem garantir que os junguianos conhecessem a opinião do mestre acerca de cada um dos temas. Se tivessem feito uma ordem cronológica dos trabalhos, as hesitações e reformulações de Jung teriam ficado tão evidentes quanto às de Freud. (DAWSON, 2011, p.368).

RESUMO

A *Collected Works of C. G. Jung* figura, ainda nos dias de hoje, como a coleção mais difundida dos escritos editados e publicados do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Buscamos com essa pesquisa avançar a discussão sobre a caracterização da coleção, suas possibilidades e limites. Desse modo, partimos da colocação de alguns historiadores da Psicologia Analítica que qualificam a coleção como não sendo acadêmica ou histórica. Procurando oferecer uma descrição sobre o que a coleção representa, e não apenas caracterizá-la por aquilo que não é, investigamos a história da *Collected Works*, o contexto de sua criação e seus objetivos. Nosso foco recai sobre as diferentes intenções autorais e editoriais que circundaram a estruturação da coleção. Para isso, analisamos os prefácios dos editores que acompanham os livros da coleção e os prefácios do próprio autor a fim de compreendermos o modo como estes atores gostariam que o conteúdo ali organizado fosse compreendido. Também investigamos as instituições envolvidas na concepção e execução do projeto de publicação na época, bem como as instituições atuais detentoras dos direitos autorais dos escritos de Jung. Trouxemos para o campo da Psicologia Analítica, com foco na criação da *Collected Works of C. G. Jung*, discussões sobre a História das Coleções e dos Livros, a ideia de coleção enquanto materialização fiel do pensamento do autor, o autor-escritor enquanto produto e estratégia comercial editorial e a canonização de temas e textos como sendo os mais representativos e importantes dentro do pensamento de um autor. Utilizamos nessa pesquisa a edição em língua inglesa da *Collected Works of C. G. Jung*, bem como a versão alemã, *Gesammelte Werke von C. G. Jung* e a versão em língua portuguesa *Obras Completas de C. G. Jung*. Concluímos que *Collected Works of C. G. Jung* designa não apenas um formato fisicamente delimitado de uma coleção de escritos, mas, também, uma estratégia editorial e autoral que buscou, e ainda busca, construir no imaginário do público tanto uma imagem de exímio pesquisador multifacetado para Jung, quanto promulgar a existência de uma direção para a qual os escritos e as propostas do autor flui, sobretudo em relação a temática da Alquimia, ideia arquitetada a partir da enunciação de elementos como a existência de temas centrais e conceitos mais representativos do pensamento do autor.

Palavras-chave: C. G. Jung. Psicologia analítica. *Collected works*. Edição. Popularização.

ABSTRACT

Until today, the *Collected Works of C. G. Jung* has been taken as the most disseminated collection of edited and published works from the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung. The purpose of this research was to further the discussion about the characterization of the collection, its possibilities and limits. Starting from some propositions of Analytical Psychology historians, in which they claim that the collection is not academic or historic, we seek to offer an description that grasp what the collection represents rather than say what it is not. Thus, we explored the history of the *Collected Works*, the context of its creation and its aims. Our focus was on the varieties and differences of authorial and editorial intentions that surrounded the collection conception. For this purpose, we analyzed both editor's and author's preface on the collection's books in order to understand in which way and direction they would liked to be understood. We also investigated the institutions involved in the conception and execution of the publication project at the moment of its creation, as well as the institutions that today hold the rights to Jung's writings. We brought to the Analytical Psychology field, focusing on the *Collected Works of C. G. Jung*, the discussion about the History of the Books and the Collections, the idea of collection as the faithful materialization of the author's thoughts, the author-writer as an product of editorial strategy and the canonization of themes and works as the most substantial's and significant within the author's mind. In this research we used the English edition of the *Collected Works of C. G. Jung* as well as the German edition, the *Gesammelte Werke von C. G. Jung*, and the Portuguese edition, *Obras Completas de C. G. Jung*. We conclude that *Collected Works of C. G. Jung* designates not only a physically delimited format for a collection of writings, but also an editorial and authorial strategy that sought, and still seeks, to build in the public imagination the image of an excellent and multifaceted researcher for Jung, as well as to promulgate the existence of a direction for which the author's writings and proposals flows, especially in relation to the theme of Alchemy, architected idea from the enunciation of elements such as the existence of central themes and more representative concepts of author's thinking.

Keywords: C. G. Jung. Analytical psychology. Collected works. Publication. Popularization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I: PARA QUE UMA COLEÇÃO DOS ESCRITOS DE C. G. JUNG	18
2.1	EM BUSCA DAS INTENÇÕES AUTORAIS E EDITORIAIS.....	199
2.1.1	As traduções e a intencionalidade das palavras	20
2.1.1.1	<i>A intenção do autor</i>	21
2.1.1.2	<i>A intenção de tradutoras e colaboradoras</i>	24
2.1.2	Disputas editoriais quanto à compreensão das intenções do autor	28
2.1.2.1	<i>Exemplo de disputa de intenções entre editores: o caso da correspondência entre Jung e Schmid-Guisan</i>	30
2.1.2.2	<i>Exemplo de disputa de intenções: tom científico vs tom pessoal</i>	38
3	CAPÍTULO II: O QUE É A COLLECTED WORKS OF C.G JUNG?	48
3.1	FILANTROPOS, BILIONÁRIOS, ADMIRADORES, ERUDITOS E INSTITUIÇÕES: OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO DA COLETÂNEA	48
3.1.1	Mary Elizabeth Conover Mellon e Paul Mellon: a criação da <i>Bollingen Foundation</i> e da <i>Bollingen Series</i>	49
3.1.2	Pantheon Books	56
3.1.3	Routledge & Kegan Paul	58
3.1.4	Princeton University Press	59
3.2	ORDEM DE PUBLICAÇÃO INDIVIDUAL DOS LIVROS VS ORDENAMENTO DOS VOLUMES NA COLETÂNEA DE JUNG, CADA VERSÃO UMA INTENÇÃO?	60
3.2.1	Obras Completas de C.G Jung - Editora Vozes	62
3.2.2	Gesammelte Werke von C.G. Jung - Rascher Verlag e Walter Verlag	66
3.3	EXEMPLO DE INTENÇÃO QUANTO A ORDEM DE EDIÇÃO DOS TEXTOS E PÚBLICO-ALVO A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DE <i>PSICOLOGIA E ALQUIMIA</i>	78
4	CAPÍTULO III: AUSÊNCIAS ANUNCIADAS: O QUE NÃO ESTÁ NA <i>COLLECTED WORKS OF C.G JUNG?</i>	99
4.1	AUSÊNCIAS ANUNCIADAS EM TEXTOS ADVINDOS DE CONFERÊNCIAS	106
4.2	AUSÊNCIAS ANUNCIADAS EM TEXTOS CONCEBIDOS DIRETAMENTE PARA PUBLICAÇÃO	132

4.3	ANÁLISE GERAL DAS CATEGORIAS	148
5	CAPÍTULO IV: AUTORES, EDITORES E LEITORES: OS DIVERSOS AUTORES DENTRO DE UMA COLEÇÃO	159
5.1	COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG: OBRA DE POPULARIZAÇÃO DA FIGURA OU DAS IDEIAS DO AUTOR?	171
5.1.2	Os nomes-do-autor: o autor é o autor sobre o que os editores falam	173
5.2.2	Nem histórica, nem acadêmica e nem introdutória?	183
6	CAPÍTULO V: ORGANIZAÇÃO OU NORMATIZAÇÃO? DISCURSOS DE PODER SOBRE A COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG	195
6.1	JOGANDO FORA A CRIANÇA JUNTO COM A ÁGUA DO BANHO.....	195
6.2	QUEM MANDA EM JUNG? AS INSTITUIÇÕES E OS DIREITOS AUTORAIS	196
6.2.1	Jung e o Instituto Federal Suíço de Tecnologia (Eidgenössische Technische Hochschule Zürich ou ETH Zürich	197
6.2.2	Comunidade dos Herdeiros de C.G. Jung (C.G. Jung-Erbengemeinschaft), Fundação Philemon (Philemon Foundation) e Fundação dos Trabalhos de C.G. Jung (Stiftung der Werk von C.G. Jung)	199
6.3	A COLLECTED WORKS APÓS O LIVRO VERMELHO	204
6.4	EDIÇÕES FAC-SIMILARES: O QUE JUNG <i>REALMENTE</i> DISSE?	210
6.4.1	O poder da caligrafia: o caso do poema de Jung <i>Gedanken in einer Frühlingsnacht</i> (Reflexões numa noite de primavera)	213
6.5	OS DISCURSOS DE PODER NA PRÁTICA CLÍNICA	216
6.6	PIERRE MENARD, EDITOR IDEAL PARA OS TEXTOS DE JUNG?	222
7	CONCLUSÃO	227
	REFERÊNCIAS	233
	APÊNDICE A – INFORMAÇÕES EDITORIAIS E CATALOGRÁFICAS SOBRE A COLLECTED WORKS OF C.G JUNG	259

1 INTRODUÇÃO

Há três décadas, Barnaby e d’Acierno (1990) pontuaram que os métodos pelos quais o trabalho do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) estava sendo até então estudado passariam por importantes mudanças. Para os autores, os formatos preponderantes de pesquisas e escritos a respeito de Jung se enquadravam na perspectiva que denominaram como ideologia institucionalizada e canonizada, e tanto vislumbravam, quanto desejavam, que este formato desse lugar a trabalhos de análise textual e historiográfica, o que, para ambos, conseguiria revelar dimensões mais profundas do trabalho de Jung.

A ideia de pesquisas históricas sobre Jung e seu trabalho automaticamente suscitam as questões: em que lugar pesquisar? A partir de qual material disponível sobre Jung podemos empreender análises históricas? A coletânea *Collected Works of C. G. Jung*, aqui no Brasil traduzida como *Obras Completas de C. G. Jung*, figura como o acervo mais substancial de textos do autor até o momento, traduzida para diversas línguas dentre as quais: dinamarquês, holandês, finlandês, francês, grego, hebraico, húngaro, italiano, japonês, norueguês, português, russo, servo-croata, esloveno, espanhol, sueco e turco (RESS; MCGUIRE, 2014).

Trata-se de um formato amplamente difundido sendo o estudo de muitos dos textos encontrados na coletânea, quando não toda sua extensão, requisitos também mundialmente exigidos em programas de formação de analistas e terapeutas junguianos. Podemos arriscar dizer que se há uma comunidade junguiana, muito da mesma se estrutura e dialoga a partir dos textos desta coleção.

Assim, não só sua volumosa extensão, mas também a importância e reconhecimento da *Collected Works*, poderia sugerir que a mesma constitui excelente ponto de partida e fonte bibliográfica para pesquisas históricas e de análise textual como previram Barnaby e d’Acierno (1990). Contudo, alguns historiadores da Psicologia Analítica, como Sonu Shamdasani (1962 –), John Beebe (1939 –) e Ernst Falzeder (1955 –), descrevem a *Collected Works of C. G. Jung* como uma obra nem histórica e nem acadêmica.

Curiosamente, a magnitude de tal colocação não se faz acompanhada por demonstrações minuciosas que evidenciem a afirmação dos autores. Estes se resignam a enunciar problemas há muito conhecidos por aqueles que se dedicam a leitura dos escritos de Jung: a ausência de uma ordenação cronológica e a incompletude da publicação de seus textos reunidos no formato *Collected Works*, dificultam ao leitor a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de suas propostas.

Consideramos uma atitude problemática, e até mesmo limitada, o ato de descrever um objeto ou fenômeno por aquilo que eles não são. Desse modo, nos perguntamos: se nem histórica ou acadêmica, o que a *Collected Works of C. G. Jung* pode ser considerada? Ainda dentro das discussões de Shamdasani, Beebe e Falzeder sobre a *Collected Works*, encontramos os autores dizendo que a ausência de comentários editoriais ao longo da coletânea é algo que evidencia sua fragilidade. Buscando compreender os motivos de tal opção editorial, a ausência de comentários, nos deparamos com correspondências entre os principais editores da *Collected Works* nas quais estes discutem o que deveria ser a coleção. A diversidade de intenções e motivações da equipe de editores e tradutores nos conduziu a outras perguntas: se outras coleções de textos reunidos de Jung existiam, qual era o propósito de mais uma coleção? O que essa nova coleção, nem histórica, nem acadêmica e nem comentada, tem a oferecer?

O acordo que dá vida a *Collected Works of C. G. Jung* foi selado em contrato em 1947. Apenas em 1976 a coleção foi concluída, tendo cada um dos dezoito volumes que a compõe sido publicados individualmente desde 1953, ano em que surgiu o primeiro livro no novo formato, *Psicologia e Alquimia*. Até a época da morte de Jung, em 1961, apenas dez dos dezoito volumes da coleção haviam sido publicados. Pensar que a morte do autor se deu quase no meio do processo de publicação de sua mais nova coletânea de escritos nos fez refletir sobre o quanto o produto final da *Collected Works of C. G. Jung* pode ser considerado majoritariamente autoral, de Jung, ou editorial, dos comitês de seus editores. Teriam seus desígnios em relação à coleção sido seguidos à risca após sua morte?

Desse modo, almejando avançar a discussão iniciada por autores como Shamdasani, Beebe e Falzeder a respeito da *Collected Works*, objetivamos investigar as intenções autorais e editoriais para com a coleção em busca de podermos contribuir para uma caracterização da mesma que não seja no sentido de descrever o que ela não é, mas, sim, o que ela também pode ser e como pode continuar nos servindo enquanto representação do pensamento do autor, ou sobre o que dele se fala, em uma época em que somos inundados a todo instante por novos livros e formatos de edição dos textos de Jung.

No primeiro capítulo, *Para que uma coleção dos escritos de C. G. Jung?*, trazemos em seu próprio título o tom de nossa investigação. Ao perguntarmos “para que?” e não “por que?”, estamos preocupados em investigar se existe uma resposta objetiva para a criação da *Collected Works*, ao mesmo tempo em que investigamos quais atores seriam capazes de fornecer essa resposta objetiva. O “para que?” diz de intenções e finalidades, as quais buscamos identificar em seus vários níveis a partir do seguinte roteiro: No nível do autor, o

próprio Jung, quais intenções existiram de sua parte com a publicação de seus textos? As intenções variavam de acordo com o formato quando em artigos, livros ou coletânea? No nível das editoras, quais intenções em publicar Jung? Quais intenções haviam na seleção dos textos publicados? Qual o grau de interferência do corpo editorial em tais seleções? Os diferentes membros de tais grupos editoriais possuíam o mesmo poder de veto e aprovação? No nível da interação entre tais agentes, havendo intenções específicas do autor quanto a publicação de uma coletânea de seus textos selecionados, sua vontade foi respeitada, negociada, modificada ou desconsiderada após sua morte? Qual papel os herdeiros de seu patrimônio intelectual desempenharam nesse emaranhado de intenções?

Contextualizamos a criação dos comitês editoriais, os principais membros, seus cargos e atribuições, assim como suas intenções e motivações para se associar à empreitada da criação da *Collected Works*. Também investigamos a motivação e intenção de tradutores, colaboradores e entusiastas dos textos de Jung em uma época pré *Collected Works* para que pudéssemos estabelecer certo grau de comparação no que diz respeito a relação do autor para com aqueles interessados em seu trabalho ao longo das décadas.

Foi principalmente pelo viés da preocupação de Jung com a tradução de seus trabalhos no formato *Collected Works* para outras línguas que pudemos investigar as intenções do autor quanto aos modos que este gostaria de ser compreendido. Já enquanto exemplo de disputas editoriais acerca do que cada editor entendia como o que deveria ser a nova coleção, sobretudo após a morte de Jung, elegemos o episódio da não publicação da correspondência entre Jung e o psiquiatra suíço Hans Schmid-Guisan (1881-1932) junto ao volume 6 da coleção, *Tipos psicológicos*. Inicialmente cotadas para figurarem junto aos textos que dão forma ao livro, as cartas que permitiriam ao leitor observar a construção da tipologia de Jung foram retiradas mediante discussões que alegam desde a preservação da imagem do autor enquanto autoridade, até o desgosto pessoal de alguns editores pelo tema.

Para falarmos da existência de intenções em conceber um tom que deveria ser plasmado aos textos, se um tom científico ou pessoal, recorreremos tanto a alguns prefácios dos editores quanto às correspondências entre Jung e o médico Loÿ, esta sim publicada dentro da *Collected Works*, no volume 4 da coleção, *Freud e a Psicanálise*. Apesar dos volumes de *Cartas* de Jung não ser o objeto principal de nossa pesquisa, realizamos pequenas incursões nas mesmas pelo fato de alguns editores e tradutores da *Collected Works* também terem trabalhado com as correspondências do autor e, nesse sentido, foi possível perceber que alguns conflitos editoriais e autorais existentes na *Collected Works* também acompanham outros formatos.

No capítulo 2, *O que é a coleção Collected Works of C. G. Jung?*, fazemos uma digressão pela história da criação das editoras envolvidas na concepção e planejamento da coleção a fim de observarmos de que modo a estruturação das mesmas e as intenções de seus diretores influenciaram o formato *Collected Works*. Assim, apresentamos a história da fundação *Bollingen Foundation* pelo casal de filantropos estadunidenses Mary e Paul Mellon e a história da *Pantheon Books* e seu editor Kurt Wolff. Focamos nestas duas casas editoriais por percebermos em suas histórias e nas declarações de seus diretores um movimento que podemos chamar de publicar Jung a qualquer custo. Também mencionamos as editoras *Routledge & Kegan Paul* e *Princeton University Press*.

Neste mesmo capítulo, investigamos a opção de escolha de diferentes editoras autorizadas a traduzir a *Collected Works of C. G. Jung* quanto ao volume eleito para figurar como o lançamento que inaugura a publicação do novo formato de coletânea de textos do autor em seus respectivos territórios. Assim, discutimos as possíveis intenções que levaram a Editora Vozes inaugurar a edição de *Obras Completas de C. G. Jung* aqui no Brasil com o volume 11 da coleção, *Psicologia e Religião*; as intenções da editora Rascher Verlag em publicar na Suíça o volume 16 da coleção, *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência* como o primeiro livro individual no formato *Gesammelte Werke* e as intenções da *Pantheon Books* e da *Routledge & Kegan Paul* em publicarem o volume 12, *Psicologia e Alquimia*, como o primeiro livro individual do formato *Collected Works* nos Estados Unidos da América e na Inglaterra.

O fato de Jung ter exigido que fosse acrescentada uma cláusula no contrato para a criação da *Collected Works* promulgando que *Psicologia e Alquimia* deveria ser o primeiro livro publicado no novo formato nos chamou a atenção e, por isso, dedicamos maiores considerações a este acontecimento. A análise deste episódio nos possibilitou levantar a hipótese de que há uma intenção tanto autoral quanto editorial de vinculação do tema *Alquimia* com a imagem e o trabalho de Jung, cujo objetivo é construir no leitor a ideia de que existe uma direção a partir da qual o autor deve ser lido e compreendido e que existiria um tema central em sua obra.

Mediante essa hipótese e da investigação a partir dos prefácios que acompanham cada livro, foi possível perceber que os editores criam bolsões de importância e relevância quanto aos conteúdos da coleção. Elegem alguns temas como sendo mais representativos do pensamento do autor, mas causam certa desordem ao sobrepôr os mesmos e, a cada momento, eleger determinado tema como sendo “o” tema central.

Curioso foi notar que algo da aposta editorial e autoral em eleger *Psicologia e Alquimia* como o livro que inauguraria entre o público anglófono o novo formato *Collected Works of C. G. Jung*, passa, estrategicamente, pela aposta de que o mesmo não seria facilmente compreendido. Analisando o prefácio dos editores para o livro; o prefácio do próprio autor; a introdução do mesmo; o contexto cultural estadunidense no qual o volume foi lançado; as resenhas críticas sobre o livro publicadas em jornais especializados do país e o modo como alguns colaboradores de Jung tratam o tema da Alquimia na obra do autor, começamos a vislumbrar que talvez o principal objetivo em inaugurar a *Collected Works* com *Psicologia e Alquimia* não fosse a educação para as propostas do autor, mas, sim, a popularização de sua figura enquanto autoridade sobre assuntos complexos do psiquismo humano.

Nesse sentido, aprofundamos com o capítulo 3, *Ausências anunciadas: o que não está na Collected Works of C. G. Jung?*, a investigação quanto aos objetivos da coleção. Notamos que, ao lermos os textos da *Collected Works*, vários foram os momentos em que nos deparamos com a mesma declaração do autor, a de que não seria possível discutir com maiores detalhes o tema em questão. Estas declarações nos chamaram a atenção e decidimos investigar quantas vezes e como elas aparecem em toda a extensão da coletânea.

A leitura de tais passagens torna possível observar que a não possibilidade de discutir tal assunto enunciado por Jung não acarreta, exclusivamente, em um extremo prejuízo à compreensão do tema ali tratado. Em certos momentos, trata-se apenas de uma pequena incursão em um assunto a título de ilustração, parecendo não exigir maior aprofundamento. Em outros, porém, o contexto nos leva a entender que seria importante para a defesa da ideia apresentada que a questão continuasse a ser desenvolvida. Todavia, em ambos os casos o que chama a atenção é a opção editorial e autoral em terem elegido tais textos entre os disponíveis para compor a coletânea do autor. Ora, a ideia de coletânea não pressupõe que algo do sentido da mesma se dá pelo conjunto da obra? De que maneira vários não-ditos espalhados pelos volumes estariam auxiliando, ou não, a proposta?

Apresentamos os parágrafos nos quais Jung diz não poder discorrer sobre determinado aspecto do tema abordado e apresentamos as justificativas para tanto em forma de categorias de análise. Foi possível recuperarmos dentro da própria *Collected Works* momentos em que o autor diz da importância da exemplificação extensa como forma de educação e transmissão de conhecimento no campo do psiquismo humano e, a partir de tais colocações, confrontamos a opção editorial de utilizar para compor o formato que seria uma vitrine sobre o modo como o autor expunha sua prática e seu trabalho, textos em que isso não foi possível

No quarto capítulo, *Autores, editores e leitores: os diversos atores dentro de uma coleção*, resgatamos algumas premissas de historiadores que se ocuparam do estudo sobre a origem dos livros, das coleções e das relações entre autores, editores e leitores. Dentre estes, utilizamos principalmente o pensamento da historiadora Isabella Olivero e dos historiadores Roger Chartier, Carlo Ginzburg e Michel de Certeau. Transpomos estas discussões para o contexto da *Collected Works of C. G. Jung* e, a partir disso, avançamos a tese de que a coleção é um projeto editorial de construção de um discurso sobre Jung, sendo um dos objetivos principais da mesma a popularização da figura do autor enquanto autoridade sob diversos temas do psiquismo humano.

Também buscamos analisar no quarto capítulo a colocação de que a *Collected Works* não seria histórica. Recuperamos nos prefácios dos editores aos livros da coleção os momentos em que estes dizem ter buscado conferir andamento histórico, cronológico e temático aos textos e, a partir da análise dos mesmos, pudemos perceber que existe uma compreensão singular por parte dos editores do que seria uma obra histórica ou quais elementos e formas de tratar um texto conferem caráter histórico ao mesmo.

Buscando avançar a discussão sobre o que a *Collected Works* também pode ser, e não apenas apontar o que ela não é, apresentamos a hipótese de que a mesma poderia ser compreendida como obra não introdutória, para além de obra de popularização da figura do autor. Por introdutório, não entendemos uma obra simplificada, mas, sim, um adjetivo que caracteriza um formato que permita ao leitor compreender propostas complexas a partir de um tratamento que evidencie a progressão das ideias e temas contidos no material em questão. Acreditamos que a opção editorial de conceber volumes que aglutinam temas afins, mas sem um tratamento cronológico adequado, concorre contra a ideia de introdução enquanto possibilidade de percepção do desenvolvimento das propostas de Jung.

No quinto e último capítulo, *Organização ou normatização? Discursos de poder sobre a Collected Works of C. G. Jung*, exploramos quais seriam os interesses de alguns grupos editoriais em escrutinar a *Collected Works* e considerá-la problemática. Iniciamos com uma investigação sobre as instituições detentoras dos direitos autorais sobre os textos de Jung, dentre as quais as principais são, ou foram em algum momento, o Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique (*Eidgenössische Technische Hochschule Zürich* ou ETH Zürich); a Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung (*C.G. Jung-Erbengemeinschaft*), a Fundação Philemon (*Philemon Foundation*) e a Fundação dos Trabalhos de C. G. Jung (*Stiftung der Werk von C. G. Jung*).

Trouxemos como exemplo de discurso de normatização sobre os textos do autor o modo como o editor do *Livro Vermelho* e dos *Livros Negros* de Jung, o historiador Sonu Shamdasani, apresenta estes trabalhos como pilares centrais para a compreensão de todo seu pensamento, propondo que toda a *Collected Works* precisa ser (re)lida à luz destas obras por ele organizadas. Ainda nesse sentido, apresentamos uma discussão sobre a publicação de edições fac-similares de textos de Jung como exemplo de estratégia editorial que busca se revestir da autoridade do próprio autor sobre seu texto ao se associar a sua caligrafia. Acreditamos que a ideia da grafia original do autor e das edições fac-similares no campo da Psicologia adquire um contorno todo especial e mágico no imaginário do público leitor, pois, afinal, estamos falando do campo que se dedicou por muito tempo à Grafologia, o estudo da personalidade por meio da análise da caligrafia do indivíduo.

Partindo para além dos limites da *Collected Works of C. G. Jung* enquanto texto, também exploramos os discursos de poder sobre Jung não apenas enquanto escritor, mas, também, como clínico. Apesar de não ser o objetivo de nossa pesquisa, apresentamos a título de possíveis desdobramentos de nossa tese principal algumas considerações sobre a disputa de poder entre acadêmicos e analistas no que diz respeito ao domínio sobre as propostas de Jung. Apesar de muitas vezes a aproximação entre tais grupos se dar de maneira conflituosa e improdutiva, enxergamos que estas diferentes formas de se apropriar de um mesmo fenômeno, no caso a Psicologia Analítica, traz, de algum modo, possibilidades para enxergarmos a riqueza que um material pode proporcionar caso tenhamos o cuidado de despi-los, ou ao menos identificar, os discursos de poder que o cercam.

Em toda a extensão de nosso texto, utilizamos a expressão em inglês *Collected Works of C. G. Jung*, e não a tradução equivalente utilizada aqui no Brasil, *Obras Completas de C. G. Jung*, por querermos destacar o duplo aspecto que o nome da coleção em inglês transmite. O projeto da coleção surge a partir de editores de língua inglesa e defendemos que um de seus principais objetivos era a popularização da imagem de Jung e seu trabalho entre o público também de língua inglesa, sobretudo os estadunidenses que, elevados à categoria de potência global após a Segunda Guerra Mundial e, no mesmo período, tendo a literatura do país demonstrado um renovado interesse por assuntos de cunho psicológico, possuíam os meios e os modos de bancar, divulgar e consumir as propostas de Jung.

Assim, o nome na língua original nos ajuda a ter em mente o horizonte no qual procuramos nos manter em todos os momentos da pesquisa: *Collected Works* não é apenas mais um dos formatos de coleção de textos reunidos de Jung, assim como outrora o foi os *Psychologische Abhandlungen* (Tratados Psicológicos). O formato é, também, um discurso

editorial de poder sobre as propostas de Jung, discurso esse promulgado, sobretudo, pelos seus editores de língua inglesa.

Acreditamos que pesquisas que situem a obra de Jung dentro do contexto da História das Coleções contribuem para a desmistificação de seu trabalho enquanto produção espontânea fruto de um confronto com o Inconsciente. Ao evidenciarmos as estratégias autorais e editoriais que circundaram a *Collected Works of C. G. Jung*, como a expansão e busca de público consumidor das propostas do autor, a organização de volumes temáticos que evidenciassem a multiplicidade de interesses e áreas sob seu domínio, bem como a criação e popularização de sua figura enquanto autoridade sobre o simbolismo do psiquismo humano, podemos melhor situar o autor e seu projeto de Psicologia na longa corrente que é a História das Ideias.

A narrativa do confronto com o Inconsciente, associada aos diversos momentos que o autor disse não possuir ou querer construir uma teoria, confere um tom quase acidental e mítico à criação da Psicologia Analítica, aventada como fruto de um empirismo puro cuja disseminação teria se dado pela ressonância causada no espírito dos indivíduos. Ao falarmos de estratégias “terrenas” como contratos financeiros, discursos de poder, disputas editoriais e criação de instituições, podemos contextualizar o autor e seu trabalho junto aos demais elementos da cultura de sua época, contribuindo para a historicização do estudo da Psicologia Analítica.

Grande parte desta pesquisa foi realizada a partir da leitura e comparação entre os prefácios de diferentes edições e traduções dos livros da *Collected Works*. Em cada leitura de prefácio, me lembrava do meu primeiro período na graduação de Psicologia na Universidade Federal de São João del-Rei, em 2009, em que, para economizar alguns centavos com a volumosa quantidade de xerox exigida, pedia que deixassem de lado as folhas de rosto, os prefácios e, em alguns casos, até mesmo os índices. Também não ligava muito para notas de rodapé, igualmente essenciais para essa pesquisa e das quais esta também é recheada. Gosto de pensar que, para além de um grande aprendizado ao longo dos anos em relação ao valor de tais elementos em uma pesquisa histórica, há, também, uma grande e gostosa ironia nisso tudo.

2 CAPÍTULO I: PARA QUE UMA COLEÇÃO DOS ESCRITOS DE C. G. JUNG?

Talvez a multiplicidade de respostas para a pergunta que dá nome a este capítulo só possa ser igualada em quantidade à grande variedade de públicos possíveis para os quais a questão possa ser colocada. No entanto, dizer que a variedade de respostas é dependente e proporcional ao número de inqueridos seria assumir o caráter subjetivo das mesmas: cada indivíduo ou grupo de indivíduos responderia a partir de sua própria relação com o objeto em questão, os escritos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961).

Nosso interesse, porém, vai em outra direção. Seria possível a investigação quanto à existência de respostas objetivas sobre a questão *para que uma coleção dos estudos de C. G. Jung?* Nesse caso, entendemos que a ideia de objetividade se encontraria atrelada à existência de intencionalidades em diferentes níveis. No nível do autor, o próprio Jung: quais intenções existiram de sua parte com a publicação de seus textos? As intenções variavam de acordo com o formato quando em artigos, livros ou coletânea? No nível das editoras: quais intenções em publicar Jung? Quais intenções havia na seleção dos textos publicados? Qual o grau de interferência do corpo editorial em tais seleções? Os diferentes membros de tais grupos possuíam o mesmo poder de veto e aprovação? No nível da interação entre tais agentes: havendo intenções específicas do autor quanto a publicação de uma coletânea de seus textos selecionados, sua vontade foi respeitada, negociada, modificada ou desconsiderada após sua morte? Qual papel os herdeiros de seu patrimônio intelectual desempenharam nesse emaranhado de intenções?

Esse roteiro de perguntas diz da necessidade de invocação e análise de diferentes atores a serem inqueridos quanto ao para que da publicação de uma coletânea dos escritos de Jung: editoras, comitês editoriais, instituições detentoras de direitos autorais, familiares e o próprio autor. Partindo da hipótese de que o *para que* implica a existência de diversas e, possivelmente, diferentes intenções, estaremos, em última análise, inquerindo sobre finalidades tais quais: existiu uma maneira como Jung gostaria de ter sido lido? Essa maneira se coaduna ou se distancia do modo como os editores gostariam que Jung fosse lido? E o modo como a família gostaria que Jung fosse lido, existiu/existe? A coletânea de seus escritos cumpre algum ou alguns desses propósitos?

2.1 EM BUSCA DAS INTENÇÕES AUTORAIS E EDITORIAIS

Em certa instância, podemos considerar que a recepção dos escritos de um autor está condicionada aos modos como seu trabalho foi organizado e apresentado. No caso de Jung, muitos dos seus textos publicados dentro da *Collected Works of C. G. Jung* tratam-se de propostas que foram inicialmente concebidas no formato de palestras e outros tipos de comunicação oral, tendo, posteriormente, sofrido acréscimos, correções e outras edições para a publicação escrita. Assim, poderíamos pensar que a coleção traz em si o potencial de representação fiel e literal das palavras do próprio autor, mas, ao analisarmos algumas datas, tal representação se mostra questionável.

Apesar de ter nascido na porção germânica da Suíça e ter desenvolvido e publicado grande parte de seu trabalho no idioma alemão, o primeiro projeto de uma coletânea objetivando a reunião dos textos de Jung já publicados; em conjunto com seus escritos até então inéditos, foi estabelecido em acordos com editoras de língua inglesa, a saber, a norte-americana *Bollingen Foundation* e a inglesa *Kegan Paul*, em 1947 (MCGUIRE, 1989). Antes disso, alguns textos de Jung que já haviam sido publicados como artigos em diferentes periódicos; em sua maioria especializados em Medicina, Psiquiatria e Psicologia, eram reunidos e publicados como pequenos livros independentes por diferentes casas e selos editoriais de alguns poucos países, não havendo, muitas vezes, correspondência entre tais títulos.

O acordo de 1947 firma a publicação da *Collected Works of C. G. Jung*, cujo primeiro volume surge em 1953, *Psychology and Alchemy* (Psicologia e Alquimia) e o último em 1976, *The Symbolic Life* (A Vida Simbólica). Nas páginas que compõem os elementos pré-textuais dos livros da *Collected Works*, encontramos nas informações catalográficas dados que indicam a data de publicação original de cada livro em relação a ordem que o mesmo ocupa dentro da coletânea (ver Apêndice A). Assim, podemos ver que oito dos dezoito volumes totais foram finalizados após a morte de Jung em 1961, evidenciando a não participação do autor na revisão de cada produto final.

Mesmo dentre os livros que foram finalizados com Jung ainda vivo, devemos nos perguntar sobre a atuação do autor quanto à revisão, sobretudo daqueles que surgiram nos anos anteriores à sua morte, dois livros finalizados em 1960 e, também, dois finalizados em 1959 (ver Apêndice A). Apesar de McGuire (1989) mencionar a exigência de Jung em fazer parte de diversos processos de edição, como nomeação de editores e escolha de tradutores,

também sabemos por outras fontes que, apesar de ter se mantido ativo até seus últimos dias, Jung foi limitando consideravelmente suas atividades em seus últimos anos¹.

2.1.1 As traduções e a intencionalidade das palavras

Qual a importância da revisão final de Jung sobre os produtos de uma coletânea de seus escritos? Afinal, a coletânea não se trata apenas da reunião de textos outrora já corrigidos e verificados pelo autor por ocasião da publicação dos mesmos em outros meios como periódicos científicos, revistas especializadas e jornais? Ora, o próprio fato de que tal coletânea seria concebida em língua inglesa e as demais versões dessa coletânea deveriam se pautar em seu formato, mesmo as versões de língua alemã na qual a maioria dos seus escritos haviam sido concebidos, foi objeto de importantes considerações por parte de Jung.

Tais considerações revelam a intenção do autor quanto ao modo como este gostaria que suas propostas fossem lidas, pois, a tradução para o inglês levaria seus escritos para um público mais amplo, seria a primeira vez que seus escritos alcançariam determinadas camadas da sociedade e, conseqüentemente, também seria a primeira vez que a imagem do indivíduo Carl Gustav Jung seria construída no imaginário de um maior número de pessoas²,

¹ Em 1957, ao ser contatado pelo psicólogo norte-americano Richard Evans a respeito da possibilidade da realização de algumas entrevistas, Jung consente com as mesmas estipulando que fossem em sua residência e não ultrapassassem a duração de uma hora, pois, se cansava facilmente devido à sua idade, 82 anos no momento (EVANS, 1973). Porém, Jung ainda discursou para grandes públicos fora de sua residência em seus últimos anos: em 1958 palestrou no Clube Psicológico de Zurique e realizou outras duas grandes entrevistas, uma em 1959 para a BBC, com John Freeman, e outra em 1960, para o jornalista Gordon Young.

Temos, também, a colocação de Shamdasani (1999) quanto a permissão concedida por Jung à sua colaboradora e secretária, a psicóloga alemã Aniela Jaffé (1903-1991), para responder algumas de suas correspondências em seu nome nos seus últimos anos de vida. No *Prefácio dos editores* ao livro *Tipos Psicológicos*, a edição brasileira traz a seguinte colocação datada de 1960: “O texto é revisado – em parte com ajuda do autor – e todas as citações e referências foram confrontadas, sendo, em alguns casos, complementadas” (JUNG, 2012 β , p.10) (No original em alemão: “Der Text ist - zum Teil mit Hilfe des Autors - revidiert, sämtliche Zitate und Hinweise sind überprüft und in einigen Fällen vervollständigt worden” (JUNG, 2011s, p.10). Do apontamento dos editores, podemos depreender que parte da revisão dos textos e acréscimos aos mesmos não vinha de Jung. Assim, pensando na diminuição natural quanto a frequência e o tipo de atividades desenvolvidas por Jung em seus últimos dias, é natural nos questionarmos sobre sua participação nas atividades de revisão final dos livros da *Collected Works* que surgiram nos anos anteriores à sua morte.

² Na ocasião do acordo para publicação das *Collected Works*, Jung já possuía certa visibilidade dentro do universo da língua inglesa, mas nada equiparado a projeção que atingiria com a publicação de sua coletânea. Comumente, a primeira visita de Jung aos Estados Unidos da América, em 1909, é interpretada como a porta de entrada do autor no universo da língua inglesa. Contudo, desde sua admissão como residente em Psiquiatria na Clínica Burghölzli em Zurique, no ano de 1900, Jung trabalhou com médicos ingleses e norte-americanos que frequentavam a Clínica, na época uma das

justificando, assim, sua preocupação quanto à necessidade de uma avaliação final por sua parte daquilo que fora produzido.

2.1.1.1 A intenção do autor

McGuire (1989) enfatiza que os termos do contrato para a publicação da *Collected Works of C. G. Jung* previam certas diretrizes que deveriam ser seguidas à risca. Haveria um comitê editorial composto por Jung, pelo norte-americano John David Barrett Jr. (1903-1981), presidente da *Bollingen Foundation*, e pelo inglês Herbert Read (1893-1968), escritor e editor que na época do contrato era o editor responsável pela editora *Kegan Paul*. As atividades do comitê consistiam na supervisão e escolha de demais editores e de tradutores, assim como questões técnicas que iam desde a escolha do formato e estilo até o preço das obras publicadas. Também foi criado um subcomitê executivo composto por Herbert Read, pelo editor e tradutor alemão Gerhard Adler (1904-1988) e pelo psiquiatra inglês Michael Scott Montague Fordham (1905-1995). Posteriormente, o escritor e editor norte-americano William McGuire (1917-2009) comporia o subcomitê.

principais instituições europeias de pesquisa psiquiátrica. Sua primeira visita à Inglaterra ocorreu em janeiro de 1903 e em 1907 aparece o que é tido como seu primeiro texto concebido em inglês *On the psychophysical relations of the association experiment* (publicado na versão brasileira da *Obras Completas de C. G. Jung* no segundo livro da coletânea, com o título *Sobre os epifenômenos psicofísicos no experimento de associações*). Em 1909, recebeu como paciente o norte-americano Joseph Medil McCormick (1877-1925), herdeiro de grande fortuna de uma família de importantes industrialistas nos Estados Unidos e responsável por levar o nome de Jung para dentro dentro da alta sociedade norte-americana, de onde saíam mais alguns pacientes ao longo dos anos (MCGUIRE, 1995).

Em termos de maior reconhecimento do trabalho de Jung por intermédio de suas publicações, em 1923, com a tradução para o inglês de *Tipos Psicológicos* feita pelo médico inglês Helton Godwin Baynes (1882-1943) por meio das editoras *Kegan Paul*, de Londres, e Harcourt, Brace & Co, de Nova Iorque, o trabalho de Jung passa a ter maior visibilidade nos países anglófonos, tendo o livro recebido destaque na seção de resenha de livros do jornal *New York Times*, onde foi celebrado como uma leitura estimulante e que revelava o reino interior da alma humana (BEEBE; FALZEDER, 2013). Apesar do sucesso de *Tipos Psicológicos*, foi em 1933; com a tradução e reunião de alguns textos de Jung em livro intitulado *Modern man in search of a Soul* (traduzido para o português como *O homem à descoberta da sua alma*, publicado em Portugal em 1975 pela editora Tavares Martins), que um trabalho de Jung em língua inglesa obteve maior reconhecimento do ponto de vista editorial e financeiro (MCGUIRE, 1995). McGuire (1995) aponta a médica inglesa Constance Ellen Long (1867-1923) e a médica norte-americana Beatrice Moses Hinkle (1874-1953) como as primeiras tradutoras de textos de Jung para o inglês, respectivamente, *Collected papers on Analytical Psychology* (não publicado em português com esse título, mas tendo seus diversos artigos publicados em diferentes livros da edição brasileira da *Obra Completa de C. G. Jung*), em 1916 e *Psychology of the Unconscious* (publico na edição brasileira da *Obra Completa de C. G. Jung* como *Símbolos da transformação*), também em 1916.

Ao descrever as atividades dos comitês editoriais da *Collected Works*, Shamdasani (2005) diz que o subcomitê era responsável pelas traduções e pelo conteúdo que seria divulgado. Inicialmente, Jung havia indicado Michael Fordham como editor da empreitada, mas o fato de Fordham não ser fluente em alemão levou Jung a indicar Gerhard Adler como o encarregado por verificar o trabalho daquele. Fordham não sentia que Adler deveria ser o único encarregado da verificação da edição dos textos, pois, apesar de sua língua materna ser o alemão, seu inglês era considerado insuficiente e, desse modo, decidiram incluir entre seus membros o tradutor inglês Richard Francis Carrington Hull (1913-1974).

Sobre tal adição ao subcomitê, McGuire (1989) acrescenta que Jung não havia sido consultado acerca da inclusão de Hull, o qual não conhecia, no corpo editorial da edição de seus trabalhos. Ao tomar conhecimento, escreveu a Fordham dizendo que não aprovava este tipo de decisão que não levava em consideração sua participação. Read respondeu a Jung dizendo que Hull havia sido escolhido devido ao seu reconhecimento na tradução de textos alemães, como os do poeta Rainer Maria Rilke, ao passo que Jung respondeu que sua forma de escrever era totalmente diferente de Rilke e isso não qualificava Hull de maneira alguma, mas esperaria a tradução do texto em que Hull estava trabalhando ser concluída, *A Psicologia da Transferência*, para poder avaliar concretamente a questão. Ao receber o texto de Hull, Jung se pôs a compará-lo com a versão que estava sendo redigida por outra colaboradora, a inglesa Barbara Hannah (1891-1986), chegando a conclusão de que o texto de Hull era notável enquanto o de Hannah se mostrava confuso. Assim, Jung aceitou Hull como seu tradutor principal³.

Os textos de Jung foram traduzidos para diversas línguas, dentre elas: dinamarquês, holandês, finlandês, francês, grego, hebraico, húngaro, italiano, japonês, norueguês, português, russo, servo-croata, esloveno, espanhol, sueco e turco (RESS; MCGUIRE, 2014). É importante notarmos que, apesar de Jung ter como língua materna o suíço-alemão, alguns textos foram escritos originalmente em inglês. Do mesmo modo, sua fala em alguns seminários foram na língua inglesa e, conseqüentemente, a transcrição dos mesmos se deu no idioma original em que foram proferidos. Assim, uma parcela dos trabalhos de Jung teve que

³ O trabalho de Hull foi amplamente reconhecido dentro dos diversos comitês editoriais encarregados da *Collected Works of C. G. Jung* devido seu grande empenho. Hull foi acometido por poliomielite, ficando com seus quatro membros paralisados, mas a enfermidade não o impediu de continuar seu trabalho. Encarregado de traduzir o texto *A Psicologia da Transferência* para compor a coletânea de Jung, começou a ditar para sua esposa, acamado, a tradução. Hull foi admitido como tradutor por Jung em 1947 e ambos se encontraram pela primeira vez em 1951 quando Hull mudou-se com sua família para a Suíça (MCGUIRE, 1989).

ser traduzida do inglês para o alemão por ocasião da versão alemã da *Collected Works of C. G. Jung*, a *Gesammelte Werke von C. G. Jung*.

Tendo sido a ideia da reedição dos trabalhos de Jung e publicação de novo material um produto de duas editoras de língua inglesa, muitos dos esforços empregados em termos de compreensão do texto de Jung acabaram se acentuando mais na edição inglesa de seus textos do que na edição alemã.

Jung se referia a seu uso da língua alemã como algo complexo, sendo necessário a seu interlocutor e leitor uma aguçada capacidade de compreensão para perceber as sutilezas que a língua lhe permitia propagar no emprego das palavras. Para o autor, muitos tradutores não conseguiam capturar o primoroso valor de certos termos, o que resultava no empobrecimento e más interpretações de suas colocações⁴ (SHAMDASANI, 2005).

Shamdasani (2005) salienta que os motivos da preocupação de Jung com a tradução de seus textos do alemão para o inglês iam para além de questões exclusivamente gramaticais, apesar disso também ser um ponto de inquietação para o autor. Para ele, o psiquismo humano possuía uma natureza ambígua e multifacetada, impossível de ser apreendida por um só viés. Para fazer justiça à natureza dos fenômenos que procurava compreender, Jung empregava deliberadamente termos igualmente ambíguos em seu trabalho e, nesse sentido, temia que tal característica se perdesse durante os processos de tradução.

A capacidade técnica no que diz respeito à tradução não era, para Jung, suficiente para que alguém se propusesse a editar seus textos em outras línguas. Uma boa tradução também dependia da compreensão do tradutor e editor quanto ao tema discutido nos textos trabalhados e, nesse sentido, Shamdasani (2005) descreve que Jung pedia para algumas pessoas com treinamento analítico e com histórico de estudo em Psicologia Analítica que supervisionassem o trabalho editorial. Hull, que foi o principal tradutor para o inglês dos trabalhos em alemão de Jung, recebeu auxílio de Bárbara Hannah durante as edições. Apesar de Hull ser o tradutor principal, muitas vezes a palavra de Adler, segundo em comando quanto às traduções, vigorava, pois, seu entendimento acerca da Psicologia Analítica era mais extenso.

⁴ Para Marie-Louise Ida Margareta von Franz (1915-1998), uma das principais colaboradoras de Jung, a própria tradução de Hull não teria tido êxito quanto à preservação da duplicidade de sentidos dos textos de Jung. Em nota de rodapé, ao abordar tal questão em seu livro *Jung, seu mito em nossa época*, diz: “Por infelicidade, esse duplo aspecto dos escritos de Jung não foi preservado na monumental edição em inglês de suas *Collected Works*, tradução de R. F. C. Hull” (VON FRANZ, 1995, p.19). No original em alemão: “Leider ist dies in der monumentalen englischen Gesamtübersetzung seines Werkes durch Richard Hull nicht erhalten geblieben” (VON FRANZ, 1972, p.9).

A opinião de Jung quanto aos textos traduzidos para o inglês flutuava entre o contentamento e a desaprovação. Shamdasani (2005) demarca que, a respeito de Hull, ao mesmo tempo em que Jung elogiava sua capacidade em traduzir a pesada gramática alemã para um texto fluido na língua inglesa, também se irritava pontuando que o mesmo possuía a tendência de inventar diferentes palavras para dizer de um mesmo conceito, criando confusão desnecessária. Da parte de Hull, este se questionava quanto ao seu papel de editor e tradutor: deveria seguir cegamente os textos de Jung; sobretudo algumas inconsistências no modo de expor as ideias e a obscuridade de determinados trechos sob o pretexto de manter o texto fiel, fazendo, no máximo, observações editoriais fora do texto do autor?

Podemos perceber que, desde os estágios iniciais da empreitada de publicação da *Collected Works*, ainda na formação dos comitês e subcomitês editoriais, Jung manifestou o modo como gostaria que suas palavras fossem apresentadas, pois, conseqüentemente, isso refletiria no modo como seus conceitos que abordam a complexidade e duplicidade humana seriam compreendidos. Assim, nos parece adequado dizer da existência de uma direção na qual o autor gostaria de ser lido, cabendo, também, a questão quanto a capacidade do corpo editorial em sustentar tal desejo.

2.1.1.2 A intenção de tradutoras e colaboradoras

O questionamento de Hull quanto ao papel de tradutores e editores no esclarecimento das ideias expostas por determinado autor é algo de grande importância. O acréscimo de comentários e notas pelo corpo editorial ao texto de um autor com o objetivo de contextualizar o assunto ali tratado tanto em relação aos demais elementos que compõem seu sistema de ideias; conferindo coerência interna ao mesmo e oferecendo amostras do desenvolvimento deste, quanto em relacioná-los a eventos passados e contemporâneos que dialogam com seus objetos de estudo, nos parece elementos chave para a concepção de uma obra acadêmica e histórica.

No entanto, alguns tradutores de Jung possuíam interesses e intenções próprias para com o exercício da atividade de tradução, justamente pelo fato de enxergarem nos escritos do autor certo propósito de redenção. Constance Long, médica inglesa, traduziu para o inglês e editou catorze textos de Jung, com sua permissão, os publicando sob o título de *Collected papers on Analytical Psychology*. O livro foi publicado em 1916 pela casa editorial Baillière, Tindall and Cox, de Londres. Em seu prefácio, Long diz:

Aqueles que lerem esse livro com a atenção requerida terão a impressão de encontrar novas verdades. Ele surge no final do segundo ano da Grande Guerra europeia, num tempo de transformação daquilo que valorizávamos e tínhamos como sagrado. [...] Precisamos de uma nova filosofia de vida que substitua aquela que pereceu com o cataclisma geral, e foi por enxergar na Psicologia Analítica; que surge a partir de estudos científicos sobre o Inconsciente, o germe dessa nova construção, que reuni os artigos que aqui se seguem (JUNG, 1916a, p. vi, tradução nossa)⁵.

Constance Long não participou de nenhum comitê editorial ou grupo de tradução da *Collected Works of C. G. Jung*, tendo falecido em 1923, vinte quatro anos antes da assinatura do contrato para a edição da mesma. A importância de resgatarmos sua intenção com a tradução de trabalhos de Jung, a de auxiliar na construção de uma nova filosofia de vida em um tempo de guerra, se dá pelo fato de que motivações e intenções semelhantes continuaram a orbitar a edição dos trabalhos de Jung, inclusive a própria concepção da *Collected Works*.

De grande importância é notarmos que o prefácio de Long é seguido por um prefácio do próprio Jung. A data do prefácio de Jung é janeiro de 1916 enquanto o da editora é de fevereiro de 1916. Desse modo, nos cabe indagarmos sobre o conhecimento de Jung a respeito da visão de Long sobre seu projeto de Psicologia ser, ou possibilitar, uma nova filosofia de vida necessária aos novos tempos, pois, poderíamos estar diante de outro caso de intenção editorial quanto ao modo de apresentação do trabalho de um autor que possa vir a destoar do modo como o próprio autor enxerga a si e ao seu trabalho⁶. De todo modo a tradução trata-se de uma versão autorizada, o que confere o mesmo status à fala de Long.

Em sentido semelhante, temos von Franz (1995) dizendo que a preocupação de Jung em trocar correspondências e publicar seu textos se devia ao fato de “estar convencido de que o destino do mundo ocidental dependia em larga medida da compreensão dessas ideias” (p.12)⁷. Como ilustração desse pensamento por parte de Jung, temos uma carta endereçada à

⁵ No original em inglês: “Those who read this book with the attention it requires, will find they gain an impression of many new truths. It is issued towards the end of the second year of the great European war, at a time when much we have valued and held sacred is in the melting-pot. [...] We need a new philosophy of life to take the place of that which has perished in the general cataclysm, and it is because I see in the analytical psychology which grows out of a scientific study of the Unconscious, the germs of a new construction, that I have gathered the following essays together” (JUNG, 1916a, p. vi).

⁶ O prefácio de Jung ao livro traduzido e editado por Long não faz nenhuma menção a seu trabalho como filosofia de vida. Entretanto, a função do seu trabalho tanto como uma espécie de resgate dos indivíduos quanto um modo de criar um tipo de culto à sua personalidade foi algo aventado em certos meios (SHAMDASANI, 1998).

⁷ Von Franz não fazia parte da comissão editorial da edição alemã da coletânea de Jung, a *Gesammelte Werke von C. G. Jung*, esta composta majoritariamente por Marianne Niehus-Jung (1910-1965), filha

uma das fundadoras do Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque, na qual diz: “Estou contente que a senhora e outros mais levem adiante um trabalho que eu comecei em tempos passados. O mundo precisa disso com urgência” (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 75)⁸. Cabe, porém, ponderarmos com maior cautela e pensar se Jung estava se referindo exclusivamente ao seu trabalho ou aos temas que discutia, esses sim de importância para o indivíduo e as sociedades.

Mary Elizabeth Conover Mellon (1904-1946), a filantropa estadunidense que primeiramente concebeu o desejo da criação de uma coletânea dos escritos publicados e inéditos de Jung; criando a fundação que daria origem a *Collected Works of C. G. Jung, Bollingen Foundation*, disse ao psiquiatra em uma carta de 1940:

O mundo se encontra em tamanha bagunça que, para mim, tem se tornado da maior importância fazer o que for possível para manter vivo e tornar disponíveis trabalhos como os seus e de outros que contribuem verdadeira, acadêmica e criativamente com livros sobre o homem e a história de sua alma. É o que posso fazer e quero fazer bem, mas quero seu conselho e sua ajuda (MCGUIRE, 1989, p.49, tradução nossa)⁹.

de Jung; Lena Hurwitz-Eisner, Franz Riklin Jr, psiquiatra (1909-1969); Lilly Jung-Merker (1915-1983), nora de Jung; Elisabeth Rüdiger, filósofa, e Leonie Zander (BISHOP, 1998a, 1998b; SHAMDASANI, 2005). Entretanto, devemos nos perguntar sobre a influência da mesma, uma das principais colaboradoras de Jung, no que diz respeito às decisões editoriais. O *prefácio dos editores suíços* do livro de Jung *Mysterium Coniunctionis*, volume décimo quarto da coletânea, é assinado por von Franz em nome dos editores: “verão de 1968, pelos editores suíços, Marie-Louise von Franz” (JUNG, 2012λ, p.8). No próprio prefácio, von Franz diz que o livro é “a obra de maior importância de seus últimos anos” (JUNG, 2012λ, p.7). Assim, temos tanto a colaboradora de Jung falando em nome dos editores da versão alemã da coletânea de Jung, quanto trazendo um juízo de valor sobre a obra em questão. Haveriam assuntos mais relevantes que outros e, talvez, mais representativos do pensamento do autor dentro da própria coletânea? Importante também é observar que a existência de valores parece estar condicionada a outras variáveis: etapas, momentos e datas. *Mysterium Coniunctionis* seria o mais importante dos últimos anos, o que sugere que outros volumes sejam mais importantes em outros recortes temporais. Contudo, caso o trabalho de Jung fosse equivocadamente enquadrado como um crescente evolutivo no qual suas últimas propostas suplantam as anteriores, é possível que a colocação de von Franz seja tomada enquanto argumento de autoridade, devido ao seu prestígio, e o autor passe a ser identificado, conhecido e transmitido apenas a partir de um pequeno recorte no todo de seu trabalho. Sendo o *Mysterium Coniunctionis* uma obra na qual Jung trata da aproximação entre os saberes alquímicos e os fenômenos psicológicos, a colocação de von Franz poderia ser encarada como uma declaração intencional na direção da associação entre Jung e Alquimia e na representação do autor enquanto figura de autoridade acerca do tema.

⁸ No original em inglês, em carta de 8 de julho de 1947: “I am glad that you and others carry on the work I once began. The world needs it badly” (JUNG; ADLER, 2015a, p. 469).

⁹ No original em inglês: “The world is in such a mess that it becomes all the more important to me to do what I can to keep alive and make available such works as yours, and those of others who can contribute real, scholarly and imaginative books about Man, and the history of his soul. It is all I can do and I want to do it well. But I want your advice and help” (MCGUIRE, 1989, p.49).

A carta de Mary Mellon também evoca o contexto dos horrores e da iminência da destruição trazida pela guerra, nesse caso a Segunda Guerra Mundial, enquanto justificativa para que o trabalho de Jung não fosse perdido em meio aos eventos catastróficos. A carta é mais bem compreendida quando tomamos o fato de que em doze anos, de 1933 a 1945, os nazistas queimaram cerca de cem milhões de livros em suas ocupações de países no continente europeu (ROSE, 2008).

A intenção de Mary Mellon, no entanto, não se restringia a conservação de textos sobre a psique e a alma humana para um mundo pós-guerra. A filantropa também possuía intenções para com o tempo presente: desejava que a coletânea dos escritos de Jung fosse rapidamente editada para que o público pudesse ter contato tanto com seu trabalho quanto com o próprio autor. A intenção de Mary Mellon é recordada por uma de suas assistentes na *Bollingen Foundation*, Ximena de Angulo-Roelli, em carta para o diretor da editora, Barrett, na qual diz que o andamento da *Collected Works*:

[...] ignora o que era uma grande preocupação para Mary, tornar o trabalho de Jung disponível o mais rápido possível, estabelecendo o formato definitivo do mesmo posteriormente. Ao público não está sendo dada a chance de acompanhar o trabalho de Jung enquanto ele ainda está vivo (MCGUIRE, 1989, p.128, tradução nossa)¹⁰.

A preocupação em relação ao possível público de Jung por parte de Mary Mellon pode também ser entendida como a preocupação em criar tal público, ou, pelo menos, do alargamento do público leitor de Jung até então existente¹¹. O fato da idealizadora do que viria a se tornar a *Collected Works of C. G. Jung* ter enunciado que a velocidade da publicação dos textos deveria se sobrepor ao formato dos mesmos, coloca diante de nós a questão de que a intenção de Mary Mellon para com a coletânea era a de que esta funcionasse, majoritariamente, enquanto obra de popularização do autor.

Dickstein (1999) pontua que, na década de quarenta, os Estados Unidos começou a experimentar mais fortemente no campo da Literatura os efeitos de diferentes hábitos quanto à leitura, hábitos trazidos por imigrantes europeus que desde as décadas de vinte e trinta vinham se refugiando nos EUA dos efeitos da guerra na Europa. A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1941, a atenção da população do país voltada para o resto do

¹⁰No original em inglês: “[...]ignores what was a great concern of Mary’s, that is, making Jung’s work available as soon as possible, as well as giving it definitive form later on. The public is not given the chance to keep up with Jung’s work while he is still alive” (MCGUIRE, 1989, p.128).

¹¹Conferir nota de rodapé nº2.

mundo e o crescente número de escritores, pintores e artistas em geral refugiando-se no país, são eventos tidos por Dickstein (1999) como significativos para a construção de um cenário mais cosmopolita da cultura norte-americana.

Com o fim da guerra em 1945, os Estados Unidos estabeleceu-se como a principal potência ocidental, produzindo metade dos produtos manufaturados em todo mundo. O crescimento econômico resultou em um amplo alargamento da classe média, classe que passou a adquirir como um dos seus hábitos a leitura. Sobre isso, Dickstein pontua:

Numa cultura de abundância, na qual cada vez mais pessoas adentravam a classe média, ideias terapêuticas foram gradualmente substituindo a consciência de classe. Conforme a sociedade americana se voltava para dentro, em torno da família nuclear e das casas nos subúrbios, os romances americanos também o fizeram, focando mais na vida privada e nas experiências individuais (DICKSTEIN, 1999, p.110, tradução nossa)¹².

Noções psicológicas como o Inconsciente passaram a habitar o linguajar de escritores e despertar a curiosidade no público leigo. Nesse sentido, podemos dizer que a empreitada de Mary Mellon quanto a *Collected Works of C. G. Jung* também se dá como um reflexo da época: o terreno para a popularização de uma obra psicológica, que trata do mundo interior e dos aspectos privados do indivíduo e sua relação com seus pares e o meio, estava preparado.

2.1.2 Disputas editoriais quanto à compreensão das intenções do autor

À medida que as traduções dos textos para a *Collected Works* avançavam, novos textos eram produzidos por Jung que, afastado de suas obrigações acadêmicas e tendo reduzido seu trabalho clínico, possuía mais tempo para escrever. Conseqüentemente, tal andamento gerou um descompasso em termos de finalização do projeto. McGuire (1989) comenta que ainda em 1953, na ocasião da publicação do primeiro volume no formato *Collected Works*, Jung expressara aos editores sua grande insatisfação com o progresso das edições, chegando a acusá-los de estarem suprimindo seu trabalho. Jung estava com setenta e sete anos nessa época e seis anos haviam se passado desde a assinatura do contrato com as editoras *Bollingen Foundation* e *Kegan Paul*.

¹²No original em inglês: “In a culture of affluence, in which more and more people were entering the middle class, therapeutic ideas gradually took the place of class consciousness. As American society turned inward, toward the nuclear family and the house in the suburbs, American novels also turned inward, focusing more on private life and individual experience” (DICKSTEIN, 1999, p.110).

Mesmo após a morte de Jung em 1961, textos até então desconhecidos do autor começaram a ser descobertos, deixando os editores da coletânea, ainda em edição, atônitos quanto ao que fazer com tais escritos. McGuire (1989) pontua que o formato da *Collected Works of C. G. Jung* fora apresentado em 1948 pelo editor Michel Fordham após deliberações junto aos editores Adler e Read e, também, com o psicanalista inglês James Strachey (1887-1967) encarregado da edição e tradução da edição padronizada dos escritos de Sigmund Freud. Assim, Fordham sugeriu uma coletânea que contasse com dezoito volumes que deveriam ser organizados em ordem cronológica e temática.

Apenas em 1979, três anos após a finalização da primeira edição da *Collected Works of C. G. Jung*, foi organizado um índice geral com o objetivo de possibilitar o cruzamento de referências e informações entre os textos da coletânea. O índice passou a compor as seguintes edições da coletânea vigorando como o décimo nono volume. Apenas em 1982 surgiu uma nova edição do décimo nono volume, amplamente expandido e trazendo a relação de todos os textos conhecidos, até o momento, publicados por Jung. Essa edição ampliada não foi incluída na versão brasileira das *Obras Completas de C. G. Jung*¹³.

A falta de uma bibliografia que organizasse e demonstrasse a totalidade dos trabalhos produzidos por Jung, ainda durante a edição de sua coletânea, é tida por Shamdasani (2005) como fator de divergência entre os editores quanto ao que deveria ou não compor a *Collected Works of C. G. Jung*. Analisando a correspondência trocada entre os editores, resgatada por Shamdasani (2005), podemos perceber que, após a morte de Jung, iniciou-se uma disputa sobre qual editor teria melhor compreendido suas intenções e desejos para com a coletânea. Em uma carta de 1962, o editor sênior Herbert Read comenta ao tradutor Hull a respeito dos editores Fordham e Adler:

Está claro que Fordham e Adler sempre tiveram uma concepção sobre a *Collected Works* diferente de qualquer uma que eu já tenha tido. Minha ideia era a de um texto autorizado que fornecesse uma versão definitiva a partir do que Jung teria desejado. Parece que Fordham e Adler agora estão brigando o tempo todo pelo que poderia ser chamado de edição comentada. Eles atribuem grande importância a tudo que Jung já escreveu e argumentam que a *Collected Works* deve apresentar o desenvolvimento de suas ideias (SHAMDASANI, 2005, p.53, tradução nossa)¹⁴.

¹³Shamdasani (2005) acrescenta que, em 1993, outra relação contendo ainda mais escritos não publicados de Jung foi organizada.

¹⁴No original em inglês: "It is now quite clear that Fordham and Adler have always had a different conception of the *Collected Works* from any that I have entertained. My idea was an authorized version which would present a final authoritative text of what Jung wished preserved. It now appears

Shamdasani (2005) informa que Fordham entrou no projeto de edição da coletânea de Jung entendendo que todo material já publicado pelo autor deveria constar na coletânea, já que ele próprio não visualizava nenhum critério pelo qual poderia excluir o que quer que fosse da obra. Em 1964, alguns colaboradores de Jung, juntamente com membros dos comitês da edição de língua inglesa e alemã da coletânea, se reuniram para discutir o que fazer com os escritos recém-descobertos de Jung. O nome informal dado a tais textos era material flutuante (SHAMDASANI, 2005) e os presentes na reunião decidiram não incluí-los junto aos dezoito volumes anteriormente estruturados, já que a grande maioria do grupo concordava com a ideia de Read sobre a *Collected Works of C. G. Jung* não ser uma edição comentada e nem completa dos escritos de Jung.

Não podemos, no entanto, pensar que as posições dos principais editores, Read, Fordham, Adler e Hull, se mantiveram as mesmas durante todo o processo de concepção e produção da coletânea de Jung. Tampouco a divisão em duplas, Read e Hull de um lado contra Fordham e Adler de outro, foi algo permanente. Encontramos na introdução do livro de John Beebe e Ernst Falzeder *The question of Psychological Types: The correspondence of C. G. Jung and Hans Schmid-Guisan, 1915-1916*¹⁵, a reprodução de outras cartas entre os editores que demonstram outras configurações quanto aos desacordos.

2.1.2.1 Exemplo de disputa de intenções entre editores: o caso da correspondência entre Jung e Schmid-Guisan

Em seu prólogo em *Tipos Psicológicos*, Jung revela ao falar do material que deu forma ao livro:

[...] Renunciei, sem compaixão, a muita coisa que havia reunido durante anos e concentrei-me, o mais que pude, no essencial. A esta renúncia também foi sacrificado um documento importante que, para mim, é de grande valia. É a longa correspondência epistolar que mantive com meu amigo Dr. H. Schmid, falecido na Basileia, sobre a questão dos tipos. Devo essa troca de ideias muitos esclarecimentos; e também muita coisa foi aproveitada – ainda que de forma modificada e várias vezes retrabalhada –

that Fordham and Adler have been fighting all the time for what one can only call a variorum edition. They attach great importance to everything Jung ever wrote and argue that the Collected Works should present the development of his thought” (SHAMDASANI, 2005, p.53).

¹⁵Livro não publicado em português. Em tradução livre: A questão dos Tipos Psicológicos: A correspondência de C. G. Jung e Hans Schmid-Guisan, 1915-1916.

em meus livros. Esta troca de cartas pertence à fase preparatória e sua divulgação traria mais confusão do que clareza (JUNG, 2012v, p.15-16)¹⁶.

O material ao qual Jung se refere, a correspondência com o psiquiatra suíço Hans Schmid-Guisan (1881-1932), transcorreu entre 1915 e 1916. *Tipos Psicológicos* foi primeiramente publicado em 1921 pela editora suíça Rascher Verlag e a primeira publicação de uma tradução para o inglês ocorreu em 1923, traduzido pelo médico inglês Helton Godwin Baynes (1882-1943) por meio da editora inglesa *Kegan Paul* e a editora norte-americana Harcourt, Brace & Co.

Apenas em 1982 algumas das correspondências entre Jung e Schmid-Guisan, no original em alemão, vieram a público com a publicação de *Zur Entstehung von C. G. Jungs "Psychologischen Typen". Der Briefwechsel zwischen C. G. Jung und Hans Schmid-Guisan im Lichte ihrer Freundschaft*¹⁷, do autor Hans Konrad Iselin. Em 2013, um maior número dessas correspondências foi publicado em inglês por John Beebe e Ernst Falzeder em *The question of Psychological Types: The correspondence of C. G. Jung and Hans Schmid-Guisan, 1915-1916* como parte da Philemon Series da *Philemon Foundation*, cujo objetivo é publicar os textos ainda não editados de Jung.

Apesar de em 1921 no prólogo de seu livro Jung ressaltar a importância das correspondências para o desenvolvimento de sua tipologia, apenas 62 anos depois as mesmas vieram a público. Entendemos que o fato de Jung dizer que o material poderia trazer mais confusão do que clareza e, portanto, ter sido retirado do livro, deve-se à grande animosidade que se desenvolveu entre os dois autores no final de suas trocas, nas quais imperam acusações mútuas de não compreensão do ponto de vista alheio.

Um ano depois da primeira publicação das cartas entre Schmid-Guisan e Jung por Iselin, a editora Routledge & *Kegan Paul* publicou em nome da então já extinta Fundação Bollingen, responsável pela *Collected Works of C. G. Jung*, o primeiro volume suplementar a

¹⁶No original em alemão: “Ich habe darum vieles, was ich mir im Laufe der Jahre gesammelt habe, ohne Bedauern weggelassen und mich möglichst auf die Hauptsachen beschränkt. Diesem Verzicht ist auch ein wertvolles Dokument, das mir sehr viele Hilfe gewährte, zum Opfer gefallen. Dies ist ein umfangreicher Briefwechsel mit meinem Freunde, Herrn Dr. med. H. Schmidt Basel, den ich mit ihm über die Typenfrage gepflogen habe. Ich verdanke diesem Meinungs austausch sehr viel Klärung, und vieles daraus ist auch in allerdings veränderter und mehrfach überarbeiteter Form in mein Buch übergegangen. Im wesentlichen gehört dieser Briefwechsel zu den Vorarbeiten, deren Mitteilung mehr Verwirrung als Klarheit erzeugen würde” (JUNG, 1921b, p.13)

¹⁷ Livro não publicado em português. Em tradução livre: Sobre a criação de *Tipos Psicológicos* de C. G. Jung. A correspondência entre C. G. Jung e Hans Schmid-Guisan à luz da sua amizade.

esta¹⁸. Assim, em 1983 foi publicado *The Zofingia Lectures*, cinco textos de Jung apresentados por ele aos seus colegas de fraternidade em seu tempo de graduação em Medicina, datados de 1896 a 1899.

Chamado de Volume suplementar A das Obras Completas (Supplementary volume A of the Collected Works), o livro traz logo na primeira linha de sua introdução, formulada por von Franz, a consideração de que o próprio Jung não teria interesse em publicar tais textos juvenis¹⁹. A fala de von Franz nos chama a atenção de duas formas. Primeiramente, o fato da autora se referir aos escritos como produções juvenis, o que, para além da questão literal da pouca idade de Jung no momento, 21 anos no primeiro texto, pode ser entendido como movimento de demarcação do que seria incluído e veiculado enquanto *Obras Completas* e, como consequência disso, o que entender como tendo sido o trabalho do autor, sobre o que ele falou e, até mesmo, por quais temas deveria ser lembrado e associado.²⁰

A ideia de um jovem Jung, alcunha também atribuída em alguns escritos bibliográficos sobre o criador da Psicanálise; no qual é tratado como o jovem Freud, parece um recurso que evoca rupturas carregadas de intencionalidade e, ao fazê-lo, deixa claro que de modo algum todo o trabalho do autor em questão possui mesmo peso e importância. Obviamente, ideias são maturadas, podem ser revistas e, até mesmo, abandonadas; a prática é aperfeiçoada e a

¹⁸ Outros livros já figuravam como complementos à *Collected Work of C. G. Jung* com a descrição de *A companion work*, como o terceiro volume do livro de Jung *Mysterium Coniunctionis*, publicado assim em 1966. O fato das *Obras* terem sido finalizadas apenas em 1976 talvez justifique o título de complemento, e não suplemento, por se tratar de um texto publicado antes mesmo da finalização do projeto principal.

¹⁹ No original em inglês: “I believe that Jung himself would not have cared to publish these juvenilia” (JUNG; MCGUIRE, 1983, p.13). Conferir a nota de rodapé nº7 sobre o papel de von Franz enquanto figura influente na valoração dos textos de Jung.

²⁰ Ao apresentar o livro *A arte de C. G. Jung*, Ulrich Hoerni, neto de Jung e membro da Fundação para os trabalhos de C. G. Jung (Stiftung der Werke von C. G. Jung), diz que o objetivo do mesmo é lançar um olhar para os trabalhos artísticos do autor, algo que não foi o alvo da *Collected Works of C. G. Jung*. Na primeira linha de sua introdução ao livro, temos Hoerni dizendo: “A primeira publicação de C. G. Jung aparece em 1902, sua dissertação em Psiquiatria, *Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos*, para a faculdade de Medicina da Universidade de Zurique” (Tradução nossa a partir do original em alemão “Im Jahr 1902 erschien C. G. Jungs erste Publikation, seine psychiatrische Dissertation mit dem Titel *Zur Psychologie und Pathologie sogenannter okkulten Phänomene* an der Medizinischen Fakultät der Universität Zürich” (HOERNI, 2020, p.10)). Interessante pensarmos esse recorte sobre quando começa a produção do autor feito por alguém que é tanto membro da família de Jung quanto membro do instituto que cuida legalmente de seus trabalhos. Apesar de *A arte de C. G. Jung* conter e dar importância a desenhos do autor que datam de 1885, quando Jung tinha apenas dez anos de idade, Hoerni não faz menção aos textos que compõem as *The Zofingia lectures*, de 1896 a 1899, como sendo seus primeiros escritos. Hoerni não diz que *Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos* foi o primeiro escrito dentre os que compõem a coletânea de Jung, o que de fato é, mas o apresenta enquanto a primeira atividade intelectual do autor.

experiência se acumula, mas uma seleção baseada na importância de momentos do trabalho de um autor; ainda mais se tal importância for atribuída por uma equipe editorial da qual o mesmo já não faz ou nunca fez parte, conseguirá com isso criar, apenas, uma idealização sobre o mesmo²¹.

O outro ponto que levantamos a partir da fala de von Franz sobre os primeiros textos de Jung é justamente um ponto que nos faz pensar os porquês de tais textos terem vigorado enquanto documento suplementar; especialmente se tratando do primeiro volume suplementar, inaugurando tal seguimento de publicação, em detrimento de textos como as correspondências com Schmid-Guisan; textos os quais o próprio Jung havia considerado incorporar aos seus livros, enquanto alguns dos publicados, nas palavras de von Franz, o próprio Jung não faria questão que fossem editados.

No caso das correspondências entre Jung e Schmid-Guisan, o motivo pelo qual o material não entrou nas Obras Completas é exposto por Beebe e Falzeder na introdução de seu livro sobre tal correspondência. Os editores recuperaram a correspondência entre Fordham, Hull e Adler na qual discutem especificamente essa questão.

Beebe e Falzeder (2013) revelam que um esboço das traduções das correspondências estava sendo preparado ainda na década de sessenta para inclusão no livro *Tipos Psicológicos*, quando, em 1966, Hull, principal encarregado das traduções, escreve para Fordham compartilhando suas aflições a respeito de como apresentar a correspondência. Hull diz a Fordham que um dos outros editores, Adler, também responsável pelas edições das demais correspondências de Jung, achava que o caráter por demais tecnicista das correspondências entre Schmid-Guisan e Jung fazia com que destoassem das demais correspondências entre Jung e outros autores e, portanto, talvez a solução seria incorporá-la às *Collected Works* e não aos volumes das *Cartas*. Contudo, o problema passou a ser em que parte da coleção alocá-las:

²¹ Tomemos como exemplo alguns modos a partir dos quais Silveira se refere a Jung como jovem em *Jung: vida e obra*. A jovialidade do psiquiatra é associada a certo brilhantismo precoce: “Essas experiências [as de associação de palavras] [...] em breve transformavam-se, nas mãos do jovem pesquisador, num método de exploração do inconsciente” (SILVEIRA, 1988b, p.14); “O jovem Jung tornou-se rapidamente perito na execução dessas experiências e o mais próximo colaborador de Bleuler” (SILVEIRA, 1988c, p.30); “[...] Embora fosse ainda muito jovem, Jung apercebeu-se de que estava diante de descobertas importantíssimas” (SILVEIRA, 1988a, p.42). Em outro sentido, talvez diferente do que von Franz procurou atribuir à jovialidade de Jung, Silveira reconhece o valor dos primeiros trabalhos do autor. Contudo, é importante ressaltar que Silveira estava se referindo a um Jung formado, médico, residente de Psiquiatria, ao passo que von Franz se refere aos textos de um aluno universitário.

como apêndice em *Tipos Psicológicos* ou como mais um texto dentro dos volumes de escritos diversos, os dois últimos tomos da *Collected Works*.

Beebe e Falzeder (2013) salientam que um dos motivos de Hull concordar com Adler sobre a importância da publicação das cartas junto aos *Tipos Psicológicos*, era o fato de, ironicamente, as correspondências servirem como exemplo prático da própria proposta ali apresentada, a de que dificuldades de compreensão e comunicação podem ter em sua base a atuação de elementos distintos e opostos que compõem as instâncias de orientação e adaptação psicológica. Hull via nos desentendimentos entre Jung e Schmid-Guisan, assim como nas próprias reiteraões, confusões e mudanças de posicionamento de Jung ao explicar seu ponto de vista, um complemento ao tema²².

Alguns dos textos que compõem *Tipos Psicológicos* já haviam sido anteriormente publicados e foram rapidamente difundidos e, assim, muito da imagem de Jung passou a ser associado à sua tipologia. Tratava-se de sua maior publicação desde *Transformações e símbolos da libido*, em 1911-1912, época na qual ainda era comumente associado ao movimento psicanalítico. Dessa maneira, *Tipos Psicológicos* já nasceria como uma obra importante e, por esse motivo, Hull também se questionava junto a Fordham se era apropriada a publicação de material que mostrasse as dúvidas de Jung e sua postura enérgica ao defender seu ponto de vista²³ (BEEBE; FALZEDER, 2013).

Fordham, que pouco apreço possuía por tipologias psicológicas (BEEBE; FALZEDER, 2013), respondeu a Hull que a correspondência não deveria ser publicada em lugar algum das *Collected Work*²⁴. Adler, porém, escreve a Fordham insistindo no valor do material:

Até o momento, sua atitude foi a de que aos futuros estudiosos dos escritos de Jung deveria ser dada a maior oportunidade possível de verem como ele trabalhava. Por isso apenas, sem falar de seu valor intrínseco, advogo

²² Isso demarca uma pequena mudança de postura de Hull que, anteriormente, em 1964, havia concordado com Read de que nem tudo escrito por Jung deveria ser publicado e que uma edição comentada com elementos de desenvolvimento de suas ideias deveria ser descartada.

²³ Em carta para Fordham de 1 de outubro de 1966, Hull diz: “I’m wondering whether it is quite “proper” to include it in what is generally considered to be Jung’s classic” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p.4). Em tradução livre: Pergunto-me o quanto é “apropriado” incluir isso [a correspondência] naquilo que já é amplamente considerado como o clássico de Jung.

²⁴ Essa postura de Fordham se mostra contrária à declaração que havia dado dois anos antes quando disse não conseguir criar um critério satisfatório sobre o que, em seu ponto de vista, deveria ou não ser cortado da coletânea. A informação de Beebe e Falzeder (2013) de que Fordham possuía questões pessoais contrárias às tipologias parece sugerir que houve uma naturalização entre os editores em inserirem seus próprios interesses quanto ao conteúdo da *Collected Works*.

fortemente a favor da permanência da correspondência nas *Obras Completas* (BEEBE; FALZEDER, 2013, p.5, tradução nossa)²⁵.

Adler não conseguiu convencer Fordham, que insistia que o material era vago, pouco esclarecedor e não cumpria os padrões exigidos para publicação. A solução proposta por Fordham a Adler foi de que consultassem outro membro do corpo editorial acerca da questão, o editor sênior Herbert Read. Adler aceitou a proposta, ainda insistindo no valor epistemológico da correspondência²⁶.

Assim, em cinco de dezembro de 1966, Adler e Fordham enviam carta conjunta a Read, na qual Fordham diz que “as cartas mostram Jung sob uma luz bastante desfavorável e a tendência em recorrer a sua própria autoridade quando encurralado pode até caber em uma discussão particular, mas, torna-se muito embaraçosa quando trazida ao público” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p.5, tradução nossa)²⁷.

Beebe e Falzeder (2013) indicam que Herbert Read decidiu a favor de Fordham sobre a não publicação das cartas sem, ao menos, ter lido as mesmas. O resultado de tal questão foi a não publicação da correspondência junto às *Collected Works* e nem junto aos volumes das *Cartas*, salvo por uma única correspondência, ainda assim incompleta, de seis de novembro de 1915. Trata-se da última carta redigida por Jung para Schmid-Guisan, sendo que à ela foi acrescentada uma nota de rodapé na qual os editores, Adler e Jaffé, reproduzem parte do prólogo de Jung em *Tipos Psicológicos* no qual fala do desejo de que as cartas fossem publicadas como parte do livro, mas, pela confusão que poderiam gerar, foram retiradas.

Comparando a mesma nota de rodapé nas versões alemã, inglesa e brasileira, pudemos perceber significativos acréscimos de passagens ainda na primeira versão inglesa, de 1973, que, mediante os fatos apresentados por Beebe e Falzeder sobre as discussões envolvendo a publicação ou não das correspondências de Jung e Schmid-Guisan, acabam sugerindo a

²⁵No original em inglês, em carta de 16 de novembro de 1966: “You have so far always maintained the attitude that the future student of Jung’s writing should be given the fullest possible opportunity to see Jung’s mind at work. For this reason alone, not to talk of its intrinsic value, I would plead strongly for retaining the correspondence in the *Collected Works*” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p.5).

²⁶“Elas [as correspondências] mostram uma fase inicial do pensamento de Jung e como suas concepções finais surgiram a partir de muito esforço e confusões” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p. 5, tradução nossa). No original em inglês, em carta de 20 de novembro de 1966: “They show an early phase of Jung’s thought and how his latter definitions arose out of a lot of confusions and struggle” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p. 5).

²⁷No original em inglês: “The letters show Jung in a rather unfavourable light and that his tendency to fall back on his authority when driven into a corner may be all right in a private discussion, but it becomes rather embarrassing when displayed in public” (BEEBE; FALZEDER, 2013, p.5).

existência de intenções editoriais a respeito do modo como Jung e seu trabalho deveriam ser encarados. Nas versões alemã e brasileira, onde se lê:

A correspondência, que se acreditava perdida, foi encontrada pela filha do Dr. Schmid, Marie Jeanne Boller-Schmid, secretária de Jung de 1932-1952. Devido às dificuldades mencionadas por Jung, não se pensou, ao menos por ora, numa publicação. O extrato, aqui publicado, de uma longa carta foge do estilo e do conteúdo do restante das cartas (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.49)²⁸.

Temos, na versão inglesa:

A correspondência foi novamente trazida à luz pela filha de Schmid, Marie-Jeanne Boller-Schmid; secretária de Jung de 1932 a 1952, em 1966. Os editores das Obras Completas concordaram com a visão de Jung de que sua inclusão como apêndice no volume 6 [*Tipos Psicológicos*], “criaria mais confusão do que esclarecimento”, e a consideraram muito técnica e prolixa para inclusão no volume 18 [*Vida Simbólica*], volume de escritos póstumos e miscelâneas, alguns dos quais até então não publicados. A passagem aqui reproduzida compõe um codicilo pessoal, totalmente inesperado, à longa carta de Jung de 6 de novembro de 1915, muito valiosa e tocante para cair no esquecimento” (JUNG; ADLER, 2015a, p. 30, tradução nossa)²⁹.

Informações como a data na qual a filha de Schmid apresenta as cartas aos editores, 1966, são omitidas na versão alemã, originalmente publicada em 1972, e na brasileira, originalmente publicada em 2000. Qual importância de tal informação? Ora, se levarmos em consideração que as cartas apareceram cinco anos após a morte de Jung poderíamos argumentar que, caso fosse do interesse do corpo editorial, o mesmo poderia ter repensado a fala de Jung de 1920 de que as cartas não trariam nenhuma clareza e que a discussão ali se devia mais aos primeiros estágios de desenvolvimento de sua tipologia sendo, portanto, dispensáveis.

²⁸No original em alemão: “Die verloren geglaubte Korrespondenz wurde von Dr. Schmid's Tochter, Marie Jeanne Boller-Schmid, Jung's Sekretärin während der Jahre 1932-1952, wieder aufgefunden. Wegen der von Jung erwähnten Schwierigkeiten wird eine Publikation, wenigstens vorläufig, nicht ins Auge gefaßt. Der hier veröffentlichte Auszug aus einem langen Brief weicht in Stil und Inhalt von der übrigen Korrespondenz ab” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.55).

²⁹No original em inglês: “The correspondence was brought to light again by Schmid's daughter, Marie-Jeanne Boller-Schmid, Jung's secretary from 1932 to 1952, in 1966. The Editors of C W concurred with Jung's view that its inclusion, as an Appendix, in C W 6, "would create more confusion than clarity," and held it to be too technical and prolix for inclusion in C W 18, a volume of miscellaneous and posthumous writings, some hitherto unpublished. The passage reproduced here forms a wholly unexpected personal codicil to Jung's long letter of 6 Nov. 15, too valuable and moving to pass into oblivion” (JUNG; ADLER, 2015b, p. 30).

Seria isso uma afronta à memória e desejo de Jung? Mas foram as diretrizes de Jung sobre a publicação de seus textos seguidas à risca? O fato de Jung (2012z) ter dito lamentar que decisões editoriais sobre o tamanho dos livros acabaram acarretando na não publicação conjunta de material de seus colaboradores em sua Obra, como no caso de *Complexo, Arquétipo, Símbolo* de Jacobi, revela que, nem em vida, sua palavra era definitiva quanto ao conteúdo das publicações. Assim, a justificativa de Fordham de que estaria respeitando a vontade póstuma de Jung sobre a questão do conteúdo de *Tipos Psicológicos* parece enviesada, seletiva.

Como anteriormente exposto, os principais membros do corpo editorial não concordavam entre si quanto a publicação do material e, mesmo após o editor sênior ter arbitrariamente decidido pela não publicação, o editor vencido na discussão, Adler, ainda assim inseriu na coleção das *Cartas* por ele editada um fragmento de uma das correspondências. Além da data de reaparecimento da correspondência, a nota de rodapé da edição inglesa também traz o que parece ser a explicação do porque de tal ato por parte de Adler: a carta é por demais valiosa para ser esquecida.

Ainda com base em tal episódio, Beebe e Falzeder (2013) pontuam que os livros da *Collected Works* não foram concebidos enquanto edições nem históricas e nem acadêmicas. Assim como o exposto por Adler a Fordham, entendemos que a demonstração dos processos de criação de propostas por um autor, suas angústias, reformulações e dificuldades, seria um ponto que poderia dar à publicação dos textos de Jung os contornos de uma obra comentada, acadêmica e histórica.

A decisão por parte de editores da edição inglesa e alemã da coletânea de Jung em seguir o entendimento de Read a respeito do que Jung teria objetivado com o formato de seus textos, a saber, que atuassem como a palavra definitiva do próprio autor e desprovida de comentários, demarca o quanto a apresentação e recepção da obra de um autor está condicionada aos modos como os editores pretendem divulgá-la³⁰.

³⁰ Curioso é observarmos que, no *Prefácio dos editores* para a versão de *Tipos Psicológicos* de 1960, os mesmos dizem: “O escrito [Tipos Psicológicos] é um marco na obra de Jung e de interesse histórico. Por isso foi mantido, quase totalmente, em sua redação original. Ao leitor é possível, então, acompanhar o nascimento e o desenvolvimento das ideias de Jung” (JUNG, 2012β, p.9). Temos, aqui, a concepção dos editores de que a redação original é o que confere historicidade ao texto e, por tal motivo, o mesmo já trazia consigo a possibilidade de percepção do desenvolvimento da proposta do autor, sem a necessidade de comentários e, especificamente nesse caso, sem a necessidade da inclusão das cartas que realmente demonstram o processo de desenvolvimentos da proposta e dos conceitos utilizados na mesma.

Já os motivos pelos quais Read e os demais que se opunham a uma versão comentada dos trabalhos de Jung julgavam que uma edição comentada e contextualizada interferiria sobre a autoridade do autor não nos são claros. Podemos apenas suspeitar de que uma outra intenção quanto à imagem veiculada de Jung por meio da *Collected Works* estaria em cena, a da construção de uma autoridade incontestável.

2.1.2.2 Exemplo de disputa de intenções: tom científico vs tom pessoal

Outra disputa que paira não apenas sob a *Collected Work of C. G. Jung*, mas também sob os volumes de *Cartas* do autor, é sobre o tipo de publicação que deveria compor tais livros, o que estamos chamando aqui de tom. As *Cartas* de Jung não são o objeto principal da discussão aqui realizada, mas, devido ao fato de alguns dos editores da versão em língua inglesa e em língua alemã das *Collected Works* estarem envolvidos na edição das *Cartas*, a análise de algumas considerações dos mesmos a respeito destas nos permite depreender dificuldades e disputas que também parecem ter ocorrido quanto à concepção da *Collected Works*.

A introdução dos volumes de *Cartas* de Jung que acompanha a versão alemã e brasileira é a escrita por Aniela Jaffé, ao passo que na edição inglesa é Gerhard Adler quem a assina. Muito do que é relatado por um dos editores em sua introdução também o é pelo outro. Nessas introduções, podemos perceber que o entendimento dos editores e o entendimento de Jung sobre o que era ou não essencial ser publicado são pontos divergentes.

Em sua introdução de 1971, um ano antes da primeira publicação das *Cartas* no original em alemão, Adler diz que, em 1956, quando Jung estava com quase 82 anos de idade, conversaram pela primeira vez sobre a possibilidade da publicação de suas cartas junto às *Collected Works*, descobrindo que Jung já havia considerado tal questão. Apenas no final de janeiro de 1959 o projeto de publicação das correspondências foi oficializado junto ao presidente da *Bollingen Foundation*, John Barrett. Em um primeiro momento, as cartas comporiam a *Collected Works*, mas uma modificação no acordo estabeleceu que deveriam ser publicadas separadamente. Apenas após a morte de Jung, já em 1962, o projeto de publicação das *Cartas* começou a tomar forma (JUNG; ADLER, 2015a).

No que concerne ao conteúdo das *Cartas*, a própria ideia de que haveria um conteúdo implica na seleção das mesmas e, talvez, na existência de temas que as ordenassem. Para Jung, as *Cartas* teriam um tom científico, como podemos observar em sua fala sobre os motivos pelos quais sua correspondência com Freud não deveriam ser incluídas: “Justifica-se

um tratamento especial a esta correspondência porque se trata em parte de coisas bem pessoais, ao passo que as cartas que os senhores pretendem publicar abordam questões científicas” (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.9)³¹. A passagem reproduzida na introdução pelos editores tem origem em uma carta de Jung para Adler em 1956.

No prefácio de Jaffé à edição alemã das *Cartas*, utilizado também na edição brasileira, a autora diz que “o caráter científico das cartas facilitou a Jung a decisão de autorizar sua publicação” (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.7)³². Contudo, segundo a própria editora, as correspondências não diziam respeito apenas às questões científicas, sendo que Jung também se valia delas para “desfazer mal-entendidos a respeito de suas concepções ou indicar um caminho a quem procurava orientação” (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.7)³³.

Se o recorte sobre as *Cartas* deveria ser o da expressão científica, torna-se imprescindível recuperarmos, uma vez mais, a questão da não publicação da correspondência com Schmid-Guisan junto às demais. Não seria o esforço de Jung em elaborar, discutir e rever sua tipologia junto a outro profissional uma atitude científica? Qual seria o entendimento de cientificidade adotado pelos editores? O próprio Jung (2012q) em um texto de 1911 intitulado *Morton Prince M.D. “The mechanism and interpretation of dreams”*. *Resenha crítica*, dirige-se duramente ao neurologista norte-americano Morton Prince (1854-1929) acusando-o de ter subtraído de sua exposição o material necessário para a compreensão do mesmo, sendo esta uma atitude não científica, devendo o autor ter exposto os detalhes e a totalidade de sua proposta sem recorrer a desculpas como privacidade ou sigilo.

Quem decide quais são os elementos básicos necessários para que determinada formulação possa ser compreendida? Quais concepções precisam ser expostas para que o desenvolvimento de uma proposta possa ser acompanhado? Como tais elementos se imbricam com privacidade e sigilo? Se Jung exigia de Morton Prince o sacrifício do sigilo e da privacidade como condição para a compreensão de sua proposta, deixou claro, por escrito, que em se tratando de sua relação com Freud o mesmo não deveria ocorrer, apesar de ambos discutirem importantes elaborações teóricas e técnicas em suas cartas.

³¹No original em alemão: “Eine gesonderte Behandlung dieser Korrespondenz rechtfertigt sich darum, weil es sich hier teilweise um sehr persönliche Dinge handelt, während die Briefe, deren Publikation Sie planen, wissenschaftliche Fragen beantworten” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.9).

³²No original em alemão: “Der wissenschaftlich Aspekt der Briefe war es, der Jung den Entschluß erleichterte, die Erlaubnis zu ihrer Publikation zu erteilen”(JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.7).

³³No original em alemão: “Mißverständnisse in der Auffassung seiner Gedanken richtigzustellen oder Ratsuchenden einen Weg zu weisen” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.7).

Noutra direção, recuperamos outro episódio no qual pudemos perceber a relação entre privacidade, sigilo e desenvolvimento de proposições por parte de Jung no qual o psiquiatra suíço permitiu a divulgação de colocações suas que atestavam suas dúvidas. Curiosamente, trata-se também de uma correspondência e, ao contrário da correspondência com Schmid-Guisan, essa foi incorporada às *Collected Works* apesar de já terem sido publicadas em inglês, diferentemente daquelas, como um dos quatorze textos que compõem o livro *Collected papers on Analytical Psychology*, traduzido por Constance Long em 1916³⁴.

Trata-se da correspondência de Jung com o médico R. Loÿ, publicada como capítulo dentro do volume 4 das *Obras* de Jung, *Freud e a Psicanálise*. São dez cartas no total, cinco de Loÿ e cinco de Jung, datando de janeiro à março de 2013. A correspondência em alemão já havia sido anteriormente publicada por Loÿ com autorização de Jung em 1914, sob o título de *Ein Briefwechsel mit Dr. C.G. Jung Privatdozenten der Psychiatrie in Zürich. Herausgegeben von Dr. R. Loÿ, dirigierendem Arzt des Sanatoriums l'Abri in Montreux-Territet*³⁵.

Na primeira carta resposta de Jung a Loÿ, Jung relata três casos para ilustrar o quanto se sentia inseguro, insatisfeito e, também, envergonhado com os resultados da hipnose quando utilizava tal técnica. Relata sobre o abandono da mesma em direção ao método psicanalítico e, em outras cartas, debatem sobre transferência e análise de conteúdo inconsciente.

Temos nessa correspondência, elementos que foram apontados por alguns dos editores como motivos para não incluir as correspondências de Schmid-Guisan às *Collected Works*, como Jung relatando suas dúvidas e dificuldades; algo que demonstra o desenvolvimento de seu trabalho por intermédio do abandono e aquisição de outras práticas, e o tecnicismo na discussão de alguns conceitos. Outro elemento que não estava contido na recomendação da não publicação das cartas com Schmid-Guisan, mas que está presente na correspondência com Loÿ e é descrito por Jaffé e Adler em suas introduções como um dos critérios para não publicação de algumas cartas, é a questão da descrição e do sigilo quanto ao tratamento de pacientes³⁶.

³⁴Conferir o último parágrafo da nota de rodapé nº2.

³⁵Em tradução livre: Correspondência com o Dr. C. G. Jung, *Privatdozent* de Psiquiatria em Zurique. Editado por Dr. R. Loÿ, médico responsável pelo Sanatório l'Abri em Montreux-Territet.

³⁶Em sua introdução, Adler diz que para além do princípio da descrição, o critério principal da seleção de cartas foi o do interesse intrínseco, fosse ele científico, pessoal ou histórico. No original, em inglês: “Besides this principle of discretion the chief criterion of selection was that of intrinsic interest, whether scientific, personal, or historical” (JUNG; ADLER, 2015a, p. xii). A ideia de um interesse intrínseco suscita as questões: por parte de quem? Para quem? Para um possível público? Para os próprios editores como no caso do não interesse pessoal de Fordham sobre tipologias?

Jung ilustra suas dificuldades com a hipnose relatando alguns casos e, por mais que não tenha exposto informações que pudessem comprometer a integridade dos pacientes ou a relação médico-paciente, é um ponto que poderíamos pensar como potencialmente contraditório, e até favorável a não publicação, caso fosse empregado nesse caso, com a mesma determinação que não permitiu a publicação da correspondência com Schmid-Guisan, o princípio de existência de regras editoriais a serem seguidas: descrição e sigilo.

Levando em consideração que a prática da hipnose por Jung, assunto tratado em sua correspondência com Loÿ, se restringiu até meados da primeira década do século XX, podemos pensar se a inclusão de tal correspondência falando do abandono da técnica se dá pelo fato de cumprir outra função anteriormente aqui discutida: a de delimitar a prática de um jovem médico sujeito a equívocos, em relação a um Jung maduro, cientista, personalidade talvez priorizada pelos editores. Essa nossa colocação se dá a partir do modo como Jung se refere aos resultados equivocados com a hipnose, como: “era uma vez minha inocência!” (JUNG, 2012v, p. 258); “me pareceu infantil demais querer sumir com uma doença usando passes mágicos” (p.259), em relação ao modo como fala sobre o abandono da mesma: “por isso a descoberta de Breuer e Freud surgia como autêntico salva-vidas. Assumi o método deles com genuíno entusiasmo” (p.259) e “começou, então, para mim uma nova era de entendimento” (p.260).

Ao inserir na *Collected Works* as cartas com Loÿ, contendo passagens na qual um Jung mais assertivo quanto às suas práticas e condutas comenta os equívocos de um Jung jovem e propenso a erros, parece que estamos lidando com uma opção editorial de evidenciar um recorte de identidade, até mesmo da sugestão de uma evolução. Por mais que tal sugestão possa estar contida nas próprias palavras de Jung, como dizer que uma nova era estava se abrindo e que o trabalho de Breuer e Freud era um salva-vidas em relação ao que até então estava praticando, não estamos chamando a atenção para o debate da existência ou não de uma evolução do autor ou de seu pensamento, mas, sim, para a opção editorial em incluir cartas que já haviam sido publicadas por Loÿ, em 1914, e Long, em 1916, na coleção que levaria Jung para um público mais amplo. Estariam intencionados em levar junto aos livros um recorte de personalidade e uma direção no fluxo de desenvolvimento de ideias do autor para o qual olhar?³⁷

³⁷Se resgatarmos colocações como as de Shamdasani (2003) e Ellenberger (1994) que evidenciam a existência de uma tendência em se fazer uma leitura freudocêntrica dos trabalhos de Jung; ignorando toda sua produção que antecede os trabalhos em Psicanálise, podemos imaginar o quanto tal opção editorial da inclusão da correspondência de Jung com Loÿ na *Collected Works* acaba contribuindo

Chamou-nos a atenção um pequeno detalhe quando comparamos a primeira versão em inglês da correspondência entre Jung e Loÿ, publicada em 1916 por Beatrice Hinkle, com a versão publicada dentro do volume *Freud e a Psicanálise* em 1961 na *Collected Works of C. G. Jung*, traduzida por Hull, algo que nos impele a questionar quanto a possíveis tendências editoriais no que diz respeito ao acréscimo de informações ao texto em novas edições da *Collected Works*.

Na versão de Long, quando Jung descreve uma de suas pacientes para Loÿ temos o psiquiatra suíço dizendo que sua paciente contava com cerca de cinquenta anos de idade, “some fifty years old” (JUNG, 1916b, p.239). Na versão de Hull para a coletânea, temos a descrição de Jung de que a mulher possuía cerca de cinquenta e seis anos, “of about 56” (JUNG, 1967c, p.259). Algumas considerações se mostram necessárias a partir dessa pequena diferença sobre o modo de informar a idade da paciente nas duas versões. Os elementos pré-textuais da *Collected Works of C. G. Jung* trazem em seus dados catalográficos informações quanto a acréscimos de figuras, gráficos e tabelas aos textos do autor conforme novas edições dos mesmos foram sendo publicadas.

Esse processo editorial de acréscimo é descrito em alguns prefácios pelos editores como tendo a finalidade de esclarecimento e exemplificação. Uma rápida olhada nos dados catalográficos permite o leitor observar que muitos acréscimos se deram anos após a morte de Jung, portanto, acrescentados por sua equipe editorial. Para além de tais acréscimos, os editores informam que alguns trechos foram revistos em função de novos textos do autor terem sido trazidos à tona, permitindo que certas passagens fossem corrigidas com maior exatidão.

Ora, esses dois movimentos; acréscimo de informação pela equipe editorial para fins de exemplificação e correção de trechos por meio de comparação com outras publicações parecem movimentos editoriais pertinentes. Todavia, levando-se isso em consideração, a questão da descrição da idade da paciente de Jung pode ser analisada como uma opção de correção editorial enviesada.

para esse tipo de leitura. Não estamos advogando em prol de uma omissão deliberada para diminuir a importância do trabalho de Jung em colaboração com Freud, o próprio Jung continuou reconhecendo tal importância em diversos locais, inclusive nas entrevistas realizadas em seus últimos anos de vida. Ao questionarmos a publicação da correspondência com Loÿ nas *Collected Works* o fazemos em relação a não publicação das cartas com Schmid-Guisan, pois, não querendo alguns dos editores trazer ao grande público um Jung irredutível, autoritário e contraditório, talvez tenham optado por publicações que levaram ao mundo um Jung relativamente dependente de Freud. Assim, só podemos observar que a tentativa de seccionar, priorizar e divulgar apenas determinada faceta da personalidade de um autor pode contribuir para uma forma majoritariamente unilateral quanto à recepção e compreensão do mesmo.

Teriam os editores da *Collected Works* se deparado com novas informações que levaram a descrição mais exata da idade? Pois, dizer cerca de cinquenta e seis anos nos parece uma opção estranha de construção de frase: há uma sugestão de exatidão, cinquenta e seis e não cinquenta e cinco ou cinquenta e sete, mas, contudo, sem sair do campo da aproximação, do “cerca de”. A tradução de Hinkle traz a opção de se manter no campo da aproximação ampla: cerca de cinquenta anos de idade, algo que envolve não apenas a quinta década de vida da paciente, mas, também, poderia margear meados da quarta e até da sexta década.

O que é um detalhe e um acréscimo textual do ponto de vista editorial? Para que serve quando não é realizado pelo próprio autor e, talvez, contra a vontade do autor? Em carta de 18 de fevereiro de 1957 para o médico suíço Ernst Hanhart (1891-1973, temos Jung fazendo uma análise pessoal na qual descreve Freud como neurótico e traça sua tipologia. Algumas notas de rodapé acompanham a carta na qual os editores, Adler e Jaffé, explicam:

Por razões de discrição esta frase e o restante do parágrafo não teriam sido publicados. Mas estas frases já foram publicadas integralmente em *Katalog der Autographen-Auktion*, 23-24 de maio de 1967, J. A. Stargardt, Marburgo, bem como de forma abreviada em *Tagesanzeiger für Stadt und Kanton Zürich*, 27.05.1967 (JUNG; JAFFÉ, 2018c, p.66)³⁸.

A nota de rodapé da versão em língua inglesa da carta traz mais informações do que a em língua portuguesa e alemã. Ao já mencionado, é acrescido: “Embora o editor considere essa publicação uma indiscrição mal-aconselhada, parece inútil reter a passagem a essa altura. A indiscrição é ainda mais lamentável pelo fato de Jung ter comunicado suas observações no caráter de confidencialidade médica” (JUNG; ADLER, 2015b, p.347, tradução nossa)³⁹.

Na carta seguinte de Jung para Hanhart, em 02 de março de 1957, Jung reforça o pedido de descrição para com os comentários ali realizados: “Muito me agradaria se tratasse com discrição minha análise que fiz do caráter de Freud. Confiei ao senhor meu ponto de vista *sub secreto medici*. [...] gostaria que predominasse a discrição neste ponto” (JUNG; JAFFÉ,

³⁸No original em alemão: “Aus Gründen der Diskretion wäre das Folgende bis zum Ende des Absatzes nicht publiziert worden. Doch erschienen die Sätze ungekürzt im *Katalog der Autographen-Auktion*, 23.-24. Mai 1967, J.A. Stargardt, Marburg, sowie gekürzt im *Tagesanzeiger für Stadt und Kanton Zürich*, 27.V.67” (JUNG; JAFFÉ, 2012c, p. 76-77).

³⁹No original em inglês: “Although the editor considers the previous publication an ill-advised indiscretion, it seems pointless to withhold the passage now. The indiscretion is all the more regrettable as Jung had communicated his observations confidentially as a medical secret” (JUNG; ADLER, 2015b, p.347).

2018c, p. 67).⁴⁰ A esta carta, os editores acrescentam em nota de rodapé: “[...] Hanhart prometeu atender ao pedido de Jung, mas também esta carta, como a do dia 18.02.1957, foi entregue a leilão e publicada resumidamente em *Katalog der Autographen-Auktion*, 18-19 de fevereiro de 1969, J.A. Stargardt, Marburgo” (JUNG; JAFFÉ, 2018c, p. 68)⁴¹.

Podemos entender pela justificativa dos editores que, apesar de serem contra tais publicações, o fizeram pelo fato das mesmas já terem sido anteriormente publicadas. A publicação em outros meios se deu após a morte de Jung em 1961 e podemos nos perguntar se a morte do autor anula as vontades do mesmo e invalida o sigilo médico por ele evocado. Se o motivo alegado por alguns editores para a não publicação das cartas de Jung com Schmid-Guisan era a do constrangimento que as mesmas podiam trazer para Jung por desfavorecer sua imagem, talvez os mesmos não estivessem preocupados com a imagem de Freud, até mesmo contribuindo para a perpetuação da animosidade entre os dois pensadores.

Freud e a Psicanálise foi o décimo primeiro livro a aparecer dentro do formato *Collected Works* e *Tipos Psicológicos* foi o décimo sexto. Assim, poderíamos pensar que a correspondência de Jung com Loÿ teria aberto precedente para a inclusão de cartas na qual as dificuldades de Jung em certos momentos de sua carreira pudessem ser expostas, mas, o caso da não inclusão das correspondência com Schmid-Guisan sugere o contrário.

Contudo, um parágrafo no prefácio dos editores em *Freud e a Psicanálise* nos faz questionar se os mesmos poderiam ter considerado tais cartas não científicas; justificando sua não publicação junto às *Cartas*, mas dentro da *Collected Works*. No entanto, isso também levaria a outra questão, se a *Collected Works* teria sido concebida como coletânea majoritariamente científica ou majoritariamente não científica e, por isso, tal correspondência, coube ali. No prefácio sobre *Freud e a Psicanálise*, os editores dizem:

A reunião de trabalhos de caráter científico com outros menos técnicos elucidada um outro aspecto do procedimento adotado pelos editores neste volume e em outros. [...] Por isso não hesitamos em reunir escritos científicos e artigos de caráter mais popular em um mesmo volume (JUNG, 2012t, p.9).

⁴⁰No original em alemão: “Es wäre mir angenehm, wenn Sie meine Analyse des Freudschen Charakters mit Diskretion behandeln würden. [...] so möchte ich lieber in dieser Hinsicht Diskretion walten lassen” (JUNG; JAFFÉ, 2012c, p.78).

⁴¹No original em alemão: “[...] Hanhart, Jungs Bitte Folge zu leisten, doch wurde auch der vorliegende Brief Jungs vom 2.III.57 wie derjenige vom 18.II.57 in Auktion gegeben und erschien auszugsweise im *Katalog der Autographen-Auktion*, 18.-19. Februar 1969, J.A. Stargardt, Marburg” (JUNG; JAFFÉ, 2012c, p.79).

Se por um lado temos os editores das *Cartas* dizendo que a cientificidade foi um dos critérios para a seleção e edição de determinadas cartas, por mais que a definição dessa cientificidade não tenha sido exposta, temos do outro lado os editores das *Collected Works* dizendo de uma mistura de artigos científicos com textos mais populares, sem também, no entanto, definir tais termos, apenas parecendo sugerir certo contraponto entre os mesmos.

Mesmo que houvesse uma definição para cientificidade em ambas as coletâneas, as *Cartas* e as *Collected Works*, ainda seria pertinente levantar a questão sobre o porquê da necessidade de publicações exclusivamente científicas de Jung por parte dos comitês editoriais⁴². Recuperando a colocação de Beebe e Falzeder (2013) quanto ao caráter nem histórico ou acadêmico das *Obras*, poderíamos pensar se o recorte científico das *Cartas*, por menos esclarecido que esteja, supriria as faltas da coletânea anterior. Nesse sentido, Jaffé diz na introdução das *Cartas* que as mesmas “representam hoje um complemento e uma espécie de comentário de sua obra” (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.7)⁴³.

Vemos que a unilateralidade do tom científico das correspondências não passou em branco pelos próprios editores. Tanto na introdução de Jaffé quanto na de Adler, encontramos os editores dizendo que cartas pessoais são complementos necessários aos assuntos ali tratados. Ao falar da escassez de correspondências relativas aos anos anteriores a 1930, Adler atribui tão questão a interferências familiares no processo de edição e diz da necessidade de cartas pessoais:

Tal período poderia ter sido mais adequadamente coberto, tanto em relação à quantidade quanto ao valor do material, se os herdeiros de Jung, para meu imenso pesar, não tivessem censurado a publicação de qualquer uma de suas cartas para sua família (a mais antiga, para sua mãe, data de 1896), sendo a maioria delas para sua esposa. Espero que essa proibição seja retirada posteriormente, já que tais cartas; por seu caráter pessoal, íntimo e alegre, são complementos extremamente necessários às cartas aqui publicadas, cujo

⁴²Em outra direção, temos no prefácio de Jung ao seu livro *Resposta a Jó*, parte do décimo primeiro volume de sua *Collected Works*, a seguinte declaração de sua autoria: “Esse não é um livro “científico”” (JUNG, 2012Z, p. 144). Ainda sobre o mesmo livro, curioso é o fato de ser o único da coletânea em que o autor sentiu a necessidade de apelar à benevolência do leitor quanto aos assuntos ali tratados, segundo ele próprio, de natureza insólita. Nessa seção inicial, chamada *Ao leitor benévolo*, diz que permitiu a expressão de sua “subjetividade emocional” (JUNG, 2012j, p.16) (No original em alemão: “emotionale Subjektivität” (JUNG, 1967a, p.9)) nas considerações ali apresentadas e que, também, o fazia na condição de leigo.

⁴³No original em alemão: “heute stellen sie eine Ergänzung und eine Art Kommentar zu seinem Werk dar” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.7).

conteúdo é predominantemente científico (JUNG; ADLER, 2015a, p.xi, tradução e grifos nossos)⁴⁴.

Na introdução de Jaffé traduzida para a versão em português temos:

Ao período mais antigo pertencem sobretudo as cartas de Jung à sua mãe, esposa, sogra e filhos. A família Jung ainda não conseguiu decidir-se quanto à seleção das cartas pessoais para publicação. Espera-se que no futuro isto aconteça, pois estas cartas, devido a seu caráter pessoal e seu tom cordial e muitas vezes jovial, constituem um complemento necessário às cartas publicadas nestes volumes, que são na grande maioria objetivas e científicas. Elas revelariam um lado menos conhecido de Jung (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.8, grifos nossos)⁴⁵.

A introdução de Adler é mais enfática quanto à existência de proibições que afetaram a editoração, enquanto a de Jaffé fala de indecisões familiares⁴⁶, o que parece sugerir que haveria a intenção da publicação de tais cartas no futuro. Um ponto no qual os editores concordam é que tais cartas não seriam apenas meros complementos, mas, sim, complementos necessários. Jaffé acrescenta que isso revelaria outro lado de Jung, deixando claro que conjuntamente às decisões editoriais sobre publicação, além de publicarem uma obra os editores publicam, também, uma personalidade, um lado do autor.

Paradoxalmente, Jaffé diz que um dos objetivos das *Cartas* também era a compreensão da personalidade de Jung, o que nos dá mais elementos para pensarmos sobre intenções em se criar e divulgar apenas uma fração de tal personalidade. Jaffé diz:

⁴⁴No original em inglês: “This period could have been much more adequately covered with regard to both quantity and valuable material had the Jung heirs, to my deepest regret, not proscribed the publication of any of Jung’s letters to his family (the earliest, to his mother, dating from 1896), the great majority of them to his wife. I can only hope that this embargo will be lifted at a later time, since these letters, on account of their personal character, warm feeling, and gay tone, are a very necessary complement to the letters published here with their predominantly scientific content” (JUNG; ADLER, 2015b, p.xi).

⁴⁵No original em alemão: “In die frühe Periode gehören vor allem die Briefe Jungs an seine Mutter, an seine Frau, seine Schwiegermutter und an seine Kinder. Die Familie Jung konnte sich jedoch noch nicht zur Freigabe einer Auswahl dieser sehr zahlreichen Briefe entschließen. Es ist zu hoffen, daß sie später einmal zugänglich gemacht werden, denn wegen ihres persönlichen Charakters und ihres herzlichen, oft heiteren Tones stellen sie die notwendige Ergänzung zu den in der Mehrzahl sachlich-wissenschaftlichen Briefen der vorliegenden Bände dar und zeigen eine wenig bekannte Seite im Wesen Jungs” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, pp. 8-9).

⁴⁶As interferências familiares também puderam ser sentidas por Hull quanto à tradução de certas passagens de trechos escritos ou ditados por Jung. A partir da análise de cartas do tradutor para alguns colegas, Shamdassani (1999) pontua que Hull estava disposto a modificar certos termos para agradar editores e familiares e, assim, evitar possíveis atritos que pudessem colocá-lo de fora de futuros projetos que envolvessem a publicação de novos escritos de Jung.

Nosso critério [para seleção das cartas] foi examinar em cada caso se o conteúdo contribuía para a compreensão do pensamento de Jung ou de sua personalidade. Somente em 1970 chegou-se a uma seleção definitiva. Com raras exceções, as cartas da edição inglesa e alemã são as mesmas (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p.9)⁴⁷.

Podemos perceber que a existência de um tom, seja ele científico ou não, trata-se não apenas de uma característica ou estilo autoral. A seleção editorial do material a ser publicado e o próprio tratamento a ele dado, como tradução, inserção de tabelas, figuras, paragrafação, subtítulos e afins, dizem da intenção editorial e de sua apropriação particular do texto de acordo com seus objetivos. Nesse caminho, nem mesmo as exigências dos autores e seus familiares parecem conseguir fazer frente à sede de publicação.

Podemos pensar o quanto a não definição de *textos científicos* e *textos populares* trata-se mais de uma estratégia do que uma falha, pois, pela não definição, os textos podem ser comercializados e editados de ambos os modos, para públicos específicos e, também, para públicos mistos: divulga-se Jung como exímio cientista e como aquele cuja obra é capaz de tocar qualquer indivíduo.

Desse modo, devemos estar atentos ao buscarmos intenções editoriais e autorais, pois, não parecem ser lineares ou almejar apenas um objetivo e caminho. A própria equipe editorial pode possuir opiniões e objetivos diferentes entre seus membros, e estes terem divergências para com os autores, no caso desses ainda estiverem vivos, e também divergências sobre como devem fabricar a segunda vida desse autor, quando este já tiver falecido.

Como veremos no capítulo a seguir, a própria história da criação das principais instituições e selos editoriais que trouxeram a *Collected Works of C. G. Jung* a vida nos permite entrever a diversidade de objetivos e intenções que permeiam tanto a criação física da coleção em si, quanto à criação de uma imagem para Jung e a própria ideia da existência de um corpo teórico delimitado que progride de determinado modo a partir de certos temas e eixos.

⁴⁷No original em alemão: “Entscheidend war in jedem Fall, ob der Inhalt des Briefes zum Verständnis der Jungschen Gedankenwelt oder zu Kenntnis seiner Persönlichkeit beitrug. Erst 1970 gelangte die Zusammenstellung in den Bänden der englischen und der deutschen Ausgabe die gleiche” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.10).

3 CAPÍTULO II: O QUE É A COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG?

A *Collected Works of C. G. Jung* não foi a primeira coletânea que se propôs reunir os textos do autor. Antes do contrato de 1947 para a criação da *Collected Works*, existiam tanto volumes únicos e dispersos que reuniam textos do autor, como o já citado *Collected papers on Analytical Psychology*, de 1916, como coletâneas temáticas ao estilo dos *Psychologische Abhandlungen* (Tratados Psicológicos), editados pelo próprio Jung e publicados na Suíça a partir de 1914. O formato *Collected Works of C. G. Jung*, no entanto, foi o último grande formato de divulgação dos trabalhos do autor, tendo alcançado, ao contrário das coleções anteriormente citadas, ampla projeção internacional e servido como uma das principais estratégias editoriais de divulgação do trabalho de Jung.

Desse modo, restringimos nossa atenção quanto a questão das intenções editoriais e autorais no que diz respeito às estratégias de divulgação do trabalho de Jung ao formato *Collected Works* em sua edição de língua inglesa, por representar a ideia inicial do projeto, à edição brasileira, por ser a mais amplamente utilizada em nosso país, e à edição alemã por se tratar do idioma no qual a maioria dos textos de Jung foi concebido.

A própria criação de uma das fundações que editaram, organizaram e financiaram a criação da *Collected Works* traz consigo inúmeras intenções por parte de seus diretores. Assim, devemos resgatar a origem de tais instituições para entendermos os objetivos vinculados ao formato e ordenação dos textos na coletânea para, posteriormente, falarmos da existência de diferentes intenções para cada versão; a de língua inglesa, alemã e portuguesa (brasileira), e seu possível público.

3.1 FILANTROPOS, BILIONÁRIOS, ADMIRADORES, ERUDITOS E INSTITUIÇÕES: OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO DA COLETÂNEA

A idealização e o projeto que deram forma à *Collected Works of C.G. Jung* não teria sido possível sem a presença de determinadas figuras, pelo menos não em seu formato como conhecemos. A ousadia e a intenção em lançar livros organizados por tema, sem estrutura cronológica e cujo lançamento individual de cada tomo que comporia o todo final da coletânea não parecia oferecer uma introdução ao pensamento de Jung, talvez só tenha sido colocada em prática e perdurado pelo fato de existir uma grande fonte de financiamento para essa empreitada editorial. A existência de bilionários e editores apaixonados permitiu que o

trabalho de Jung adquirisse materialização em formato de coletânea e fosse distribuído para um vasto público para além do continente europeu.

3.1.1 Mary Elizabeth Conover Mellon e Paul Mellon: a criação da Bollingen Foundation e da Bollingen Series

A proposta da reedição dos trabalhos de Jung e a publicação de trabalhos inéditos nos moldes de uma coleção surgiram, simultaneamente, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Dos Estados Unidos, foi através do casal Mary e Paul Mellon (1907-1999); criadores da editora *Bollingen Foundation*, que a proposta chegou até Jung e, da Inglaterra, através de Read, diretor da editora *Kegan Paul*. Shamdasani (2005) pontua que, oficialmente, a proposta de Read data de 1945 e a do casal Mellon de 1947. Contudo, o cortejo do casal Mellon sobre Jung a respeito da publicação de uma coletânea pode ser rastreada e encontrada já nos últimos anos da década de trinta.

Os Mellon, principalmente Mary Mellon, eram admiradores do trabalho de Jung. Em 1934, Mary Mellon teve contato com as principais obras do autor até então disponíveis em inglês: *Modern Man in Search of a Soul* e *Psychology of the Unconscious*. McGuire (1989) recorda que o casal Mellon parecia não compreender muito bem as ideias de Jung devido tanto à pobreza da tradução das edições que tinham à disposição, quanto ao fato de não possuírem estudo e treinamento no campo da psicoterapia. Contudo, se sentiam contemplados pelo fato de Jung abordar temas gerais sobre a psique humana que, muitas vezes, haviam se indagado pessoalmente a respeito.

O primeiro encontro entre o casal Mellon e Jung se dá em outubro de 1937 por ocasião de seu seminário em Nova Iorque sobre o simbolismo nos sonhos de um de seus pacientes. Mary e Paul Mellon conseguiram permissão dos organizadores do seminário para participarem do evento, o qual foi seguido por uma comemoração em homenagem a Jung. Na comemoração, Os Mellon tiveram a oportunidade de conversar com Jung e expressarem seus desejos de irem à Zurique para realizarem sessões psicoterápicas (MCGUIRE, 1989).

Poucos meses após o primeiro encontro, Paul Mellon enviou a Jung uma carta pedindo permissão para participarem de um seminário que o psiquiatra realizaria em Zurique, em maio de 1938. Junto com a permissão, o casal perguntou a Jung se este teria algum tempo livre para que pudessem marcar, individualmente, um horário com ele. A carta dos Mellon fora respondida pela secretaria de Jung à época, Marie-Jeanne Schmid, garantindo permissão para a participação no evento, mas lamentando a impossibilidade de haver disponibilidade para

Jung os atender particularmente (MCGUIRE, 1989). O seminário ao qual o casal Mellon compareceu tratava-se de um do conjunto de seminários organizados por Jung sobre o Zarathustra de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

No ano seguinte, em 1939, Mary Mellon retornou à Zurique para outra edição do seminário sobre Zarathustra, comparecendo, também, às palestras de Jung no Instituto Federal Suíço de Tecnologia (Eidgenössische Technische Hochschule - ETH). Os seminários sobre o Zarathustra de Nietzsche foram ministrados em inglês, enquanto as palestras no Instituto ocorreram em alemão. McGuire (1989) nos conta que Mary Mellon compareceu às palestras em alemão mesmo não tendo conhecimento da língua, tamanho seu fascínio pelos eventos, temas e pelo próprio Jung. A participação de Mary Mellon nos eventos levou-a a manifestar seu desejo de publicar os seminários que haviam transcorrido, contudo, naquela época, tal tarefa ficara apenas no plano da imaginação.

O desejo de Mary Mellon em divulgar a obra de Jung começou a tomar forma a medida em que foi se aproximando das pessoas responsáveis pela transcrição e posterior reprodução e divulgação das falas de Jung nos seminários. As transcrições eram repassadas para pessoas seletas do Clube Psicológico de Zurique. Assim, Mary Mellon passou a conviver com as principais personalidades do circuito junguiano de sua época. Ao tomar conhecimento que alguns dos seminários transcritos de Jung se encontravam esgotados, Mary e Paul Mellon contribuíram financeiramente para a reprodução de novas tiragens, tendo sido este, segundo McGuire (1989), o primeiro envolvimento prático do casal em termos de financiamento dos textos de Jung⁴⁸.

A fortuna e as práticas filantrópicas ligadas às humanidades e artes em geral eram características que chegavam à Mary e Paul como heranças da família de Paul Mellon. Seu pai, Andrew William Mellon (1855-1937), foi um próspero homem de negócios e filho de banqueiros que mantinham relações estreitas com as principais indústrias de base estadunidenses, tendo o próprio Andrew Mellon adquirido algumas das principais companhias de alumínio e petróleo do país. Dentre as principais contribuições de Andrew Mellon para com a cultura nos Estados Unidos da América está a criação da Galeria Nacional de Arte,

⁴⁸ As principais responsáveis pelas transcrições dos seminários de Jung eram as pintoras Mary Foote (1872-1968) e Bárbara Hannah. A principal tradutora, até aquele momento, para o inglês dos textos de Jung em alemão era a médica Cary Baynes (1883-1977). Mary Mellon manteve contato com estas três colaboradoras de Jung e, através de Cary Baynes, passou a frequentar os encontros de Eranos, evento presidido em Ascona, na Suíça, que reunia intelectuais, acadêmicos, artistas e pensadores de diversas áreas (MCGUIRE, 1989). Lá, Mary Mellon pôde ter um panorama da extensão, importância e alcance do trabalho de Jung, que era discutido junto a médicos, físicos, mitólogos, arqueólogos e teólogos.

iniciada a partir de doação realizada por Andrew Mellon de sua coleção privada de arte para o então presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), e a criação do Instituto Mellon de Pesquisas Industriais, que viria a se juntar com o Instituto Tecnológico Carnegie dando origem a Universidade Carnegie Mellon. Andrew Mellon atuara como Secretário do Tesouro dos Estados Unidos da América e Embaixador dos Estados Unidos da América no Reino Unido. Com sua morte, Paul Mellon tornou-se o presidente da Galeria Nacional de Arte (HERSH, 1978).

A imersão na vida suíça e os estudos sobre Psicologia Analítica levaram os Mellon a se mudarem para Zurique, ainda em 1939, com a finalidade de realizarem psicoterapia com Jung. A proximidade do casal com Jung resultou em um convite por parte do psiquiatra para que o acompanhassem em uma visita à torre que havia construído na vila de Bollingen, na cidade suíça de Rapperswil-Jona, situada no cantão de Saint Gallen. O fato de a torre ser localizada na vila de Bollingen levou-a a ser chamada pelo mesmo nome.

McGuire (1989) aponta que foi nessa ocasião, na tarde de 29 de abril de 1939, que Mary Mellon disse a Jung sobre seu plano de criar um programa editorial para publicação de livros, sendo que os textos do psiquiatra iriam ser o foco de tal empreitada. O fato de Jung ter acenado positivamente quanto ao desejo de Mary Mellon encorajou-a a pedir permissão de utilizar o nome de sua torre, Bollingen, para batizar sua futura empreitada.

O agravamento da Segunda Guerra na Europa levou os Mellon a voltarem para os Estados Unidos. Em 1940, Paul Mellon matricula-se na Universidade St. John, em Annapolis, capital do estado de Maryland nos EUA. Paul possuía interesse no programa Grandes Livros da Civilização Ocidental subsidiado pela Universidade, mas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial abandonou o programa para juntar-se à cavalaria do exército norte-americano. Após sua dispensa, funda em 1941 a Old Dominion Foundation, fundação voltada para o financiamento de instituições acadêmicas e artísticas e que viria a ser a principal fonte de financiamento da publicação dos livros de Jung em inglês. Hersh (1978) informa que, apenas por meio da Old Dominion, os Mellon doaram mais de setenta e sete milhões de dólares em ações filantrópicas, sendo pouco mais de quarenta e oito milhões apenas em instituições ligadas à educação.

Também nesse período, os Mellon começam a dar início à construção da editora *Bollingen Foundation*. Em janeiro de 1942, a cidade de Nova Iorque reconheceu e incorporou a fundação como instituição prestadora de serviços no país. Mary Mellon era a presidente da editora e o corpo editorial era formado, em sua maioria, por frequentadores dos encontros de Eranos que conhecera na Suíça. Pouco mais de um mês após a criação da *Bollingen*

Foundation, Mary Mellon escreveu para Jung dizendo que gostaria de publicar os seus trabalhos em uma edição única⁴⁹, pois, em tempos sombrios de guerra, gostaria de contribuir para que o pensamento de Jung sobrevivesse ao caos. A resposta de Jung chega aos Mellon após seis semanas do envio da proposta. Em sua carta, Jung pede para que os editores tenham paciência, pois estava considerando quais materiais deveriam ser ou não publicados (MCGUIRE, 1989).

A *Bollingen Foundation* estabeleceu uma série denominada *Bollingen Series*, cujo foco principal seria o trabalho de Jung, mas, enquanto o autor não se decidia a respeito do conteúdo para a série, a editora seguiu publicando autores como o filologista grego e estudioso de mitos Károly Kerényi (1897-1973), o historiador da religião romeno Mircea Eliade (1907-1986), o poeta francês Paul Valéry (1871-1945) e outros mais. Mary Mellon escreveu um manifesto no qual descrevia o propósito da *Bollingen Series*:

A *Bollingen Series*, aqui apresentada pela primeira vez, procura tornar disponíveis livros de todos os campos que abordem o homem em relação consigo mesmo. Será necessário abraçar todos os campos, pois o homem tem abordado o problema de sua própria consciência a partir de diversos pontos. Tal problema tem sido pouquíssimo considerado na conjuntura atual. Estando o homem ocupado demais se destruindo, ele não tem tempo para o porquê de fazê-lo, para quem ele é ou para quem ele pode ser tornar. Mas é precisamente por essa razão, de a balança estar pendendo para o outro lado, que os poucos que estão preocupados com a conscientização são forçados a manifestarem, ainda mais, sua crença nos aspectos humanos que são sua própria fonte de renovação e sustentação, e sem os quais não é possível viver. [...] Resumidamente, a série objetiva tornar conhecido para o público de língua inglesa esses livros tanto do passado quanto do presente que irão ajudar na compreensão de que a alma humana, ou a consciência, não pode ser circunscrita; que ela pode ser encontrada em diferentes locais [...] (MCGUIRE, 1989, p. 67-69, tradução nossa)⁵⁰.

⁴⁹Nas palavras de Mary Mellon: “Tenho o desejo de publicar, pouco a pouco, todo o seu trabalho em uma bela, substancial e padronizada edição, assim ele pode chegar até as pessoas e ser colocado em ordem” (tradução nossa a partir do original em inglês: “I have a vision of publishing all of your works in a beautiful, substantial and uniform edition bit by bit, so that they can be got at by people and are all in order” (MCGUIRE, 1989, p.48).

⁵⁰No original em inglês: “The *Bollingen Series*, here introduced for the first time, is attempting to make available books in all fields which deal with Man in relation to himself. It will of necessity embrace all fields, since Man has approached the problem of his own consciousness from every direction. This problem is under very little consideration at this moment in history. While man is busy killing himself he has no time for why he is doing it – who he is, or who he may become for so doing. But for this very reason – that the weight is on the other side – the few who are concerned with consciousness are forced to make even more manifest their belief in the part of Man which is his ever nourishing and renewing force; and without which he cannot live. [...] The Series then, in short, is interested in making known to the English-speaking public those books of both past &

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra no final de 1941 levou o governo a proclamar o *Trading with the Enemy Act*, um tratado que proibia o comércio e as negociações com os países que compunham o Eixo: Alemanha, Japão e Itália, e com demais países que, direta ou indiretamente, os apoiassem. A Suíça era vista com desconfiança pelos países Aliados, aliança da qual os Estados Unidos faziam parte. Dessa maneira, um dos advogados do casal Mellon, Francis Carmody, recomendou que estes suspendessem temporariamente suas relações com pessoas nesses países. Mary Mellon enviava mantimentos regularmente para seus amigos na Suíça, através de terceiros e da Cruz Vermelha, em vista das dificuldades advindas com a guerra. Seu advogado aconselhou que tais atos poderiam ser vistos como traição pelo governo dos Estados Unidos e, assim como as correspondências, aconselhou que essas atividades fossem suspensas. As contas bancárias que os Mellon haviam aberto na Suíça com a finalidade de patrocinar os encontros de Eranos e para garantir a aquisição dos novos textos publicados por Jung e demais membros do Clube Psicológico de Zurique, também foram alvo de aconselhamento do advogado do casal que sugeriu que as movimentações fossem suspensas (MCGUIRE, 1989).

Mary Mellon acatou o conselho de seu advogado e enviou para Jung, em maio de 1942, uma carta na qual explicava sobre o tratado imposto pelo governo dos Estados Unidos e a decisão de suspensão das atividades da *Bollingen Foundation*, assim como o apoio financeiro aos encontros de Eranos e a interrupção das correspondências com os suíços. Os Mellon tiveram, ainda, que entregar suas correspondências com os suíços para o FBI a fim de serem analisadas. Com a interrupção do programa de publicação de uma edição única dos trabalhos de Jung em inglês, os Mellon, novamente aconselhados por seus advogados, optaram por dar fim a editora, cedendo os direitos até então adquiridos de publicações, a maioria transcrição de palestras dos encontros de Eranos, para a editora Yale University Press (MCGUIRE, 1989).

Em 1943, Mary Mellon insatisfeita com a falta de interesse da Yale University Press em publicar os assuntos debatidos em Eranos, optou por se desligar da editora retomando as atividades da *Bollingen Foundation*. Um amigo próximo sugeriu à Mary Mellon o nome de Kurt Wolff (1887-1963) como possível editor para a *Bollingen Foundation*. Kurt Wolff trabalhava como editor em sua própria editora, a *Pantheon Books*, nos Estados Unidos. Era de

present which will help it understand that the human soul or consciousness is not circumscribed; that it may be found in many unexpected places [...]" (MCGUIRE, 1989, p. 67-69).

origem alemã e havia se mudado para o país durante a guerra. Em fevereiro de 1943, Mary Mellon e Kurt Wolff chegam ao acordo de que os livros idealizados por Mary seriam publicados pela editora de Wolff, a *Pantheon Books*, ao invés de serem publicados pela *Bollingen Foundation*, mas sairiam sob o título de *Bollingen Series* (MCGUIRE, 1989).

Em 1946, devido a um ataque de asma, Mary Conover Mellon morre. Poucas semanas após a morte de sua esposa, Paul Mellon decide levar adiante o sonho de Mary. Torna-se o presidente da *Bollingen Foundation* e nomeia John Barrett como editor da *Bollingen Series*. Ainda em 1946, Barrett se encontra com Jung em Ascona, na Suíça, para discutirem possíveis termos para colocarem o sonho de Mary Mellon em prática, a publicação de uma edição definitiva em inglês dos trabalhos de Jung. Apesar de ambas as partes terem se mostrado favoráveis ao empreendimento, muitos eram os detalhes legais que deveriam ser acertados (MCGUIRE, 1989).

Sem identificar sua interlocutora, Hersh (1978) pontua ter ouvido que Paul criara a *Bollingen Foundation* com o intuito de garantir à Mary Mellon algo com o qual gastar sua excessiva energia, e recorda as próprias palavras de Paul: “Nunca fui tão convencido dos elementos terapêuticos do trabalho de Jung quanto Mary” (HERSH, 1978, p. 401, tradução nossa)⁵¹. Rachel Lambert Mellon (1910-2014), segunda esposa de Paul Mellon, recorda que o “Dr. Jung foi originalmente um amigo de Mary e, depois, de Paul. Paul começou a se interessar por ele enquanto acadêmico. Basicamente, Paul é um acadêmico” (HERSH, 1978, p. 406, tradução nossa)⁵². Já Barrett se recorda de Paul lhe dizendo minutos depois da morte de Mary: “Quero que saiba que continuaremos levando as ideias de Mary adiante caso você continue ao meu lado” (HERSH, 1978, p. 406, tradução nossa)⁵³.

A editora inglesa *Kegan Paul* publicava alguns trabalhos de Jung em inglês desde 1916 e também possuía interesse em reeditar os textos já publicados, assim como os inéditos, no formato de coleção. Para Jung, a ideia de sua obra ser publicada em uma mesma língua por editoras diferentes lhe parecia estranha. Desse modo, as editoras *Pantheon Books* (*Bollingen Series*) e *Kegan Paul* redigiram alguns termos e selaram contratos no quais estabeleciam cláusulas tanto de cooperação, quanto de exclusividades de vendas em territórios distintos.

⁵¹No original em inglês: "I was never as much convinced of the therapeutic elements of Jung's work as Mary was" (HERSH, 1978, p. 401).

⁵²No original em inglês: “[...] Dr. Jung was originally a friend of Mary’s, and then of Paul’s. Paul became interested in him as a scholar. Basically, Paul is a scholar” (HERSH, 1978, p. 406).

⁵³No original em inglês: “I want you to know we will continue to carry on Mary’s ideas if you’ll stick with me” (HERSH, 1978, p. 406).

Assim, em 1947, Jung assina o contrato de reedição e publicação de seus textos em inglês no formato *Collected Works of C. G. Jung* (MCGUIRE, 1989).

Paul Mellon continuara endossando o projeto *Bollingen Series*, da qual a *Collected Works of C. G. Jung* fazia parte, por meio da *Old Dominion Foundation*, mas, alertado por alguns colegas que também faziam parte do conselho da fundação, decidiu que outros meios deveriam ser empregados para o financiamento da empreitada. Seus associados diziam que o universo dos livros e seus temas poderiam trazer consigo controvérsias por, não obstante, versarem sobre temas subversivos e obscenos (HERSH, 1978).

A criação da *Bollingen Foundation* custara aos Mellon um montante inicial de três milhões de dólares e, anualmente, Paul Mellon aplicava um milhão de dólares na instituição, grande parte do dinheiro vindo de ações de sua empresa petroleira *Gulf Oil*. O projeto *Bollingen Series* possuía um planejamento de cem publicações, muitas das quais ocorreriam em diversos volumes. A editora patrocinava financeiramente mais de trinta escritores por ano para garantir a finalização de seus escritos. Poucos eram os livros sobre mitologia e simbolismo que se mostravam financeiramente viáveis, sendo que Hersh (1978) demonstra que, com exceção da tradução para o inglês do *I Ching* do sinólogo Richard Wilhelm, um antigo sistema divinatório chinês, diversos livros da série *Bollingen Series* não forneceram retorno financeiro, sendo Paul Mellon obrigado a sempre reservar cerca de dois milhões de dólares para cobrir futuros prejuízos.

A própria *Collected Works of C. G. Jung* figurava como um projeto financeiramente arriscado. Antes mesmo do início do projeto, o mesmo já requisitava grande quantidade de investimento. Descrevendo Jung como um negociante astuto, McGuire (1989) relata a solicitação do autor por uma quantia alta e nada usual em termos de *royalties* sobre a coletânea: 15% do valor de venda em cima das primeiras cinco mil cópias, aumentando para 20% para as vendas subsequentes, isso para cada editora que publicasse a *Collected Works*.

John William Wright Patman (1893-1976), congressista estadunidense que durante seu mandato investigava atividades fiscais, caracterizou a *Bollingen Foundation* como “uma organização que parece ter se especializado em gastar milhares de dólares no exterior para o desenvolvimento de trivialidades em absurdos” (HERSH, 1978, p. 512, tradução nossa)⁵⁴. O interesse dos Mellon em simbolismo e cultura europeia antiga era descrito por Patman como “Mellonidades”.

⁵⁴No original em inglês: “An organization that seems to specialize in spending thousands of dollars abroad for the development of trivia into nonsense” (HERSH, 1978, p. 512).

A ideia de manter vivo o sonho de Mary Mellon, a publicação de livros que ajudariam a humanidade a encontrar sua alma, é colocada por Hersh (1978) como o motivo de Paul Mellon aceitar patrocinar tamanha empreitada que, do ponto de vista financeiro, não oferecia grandes retornos. Contudo, em 1969, Paul Mellon decide encerrar as atividades da *Bollingen Foundation* repassando o direito de publicação da *Bollingen Series* para a editora *Princeton University Press*.

3.1.2 Pantheon Books

A editora *Pantheon Books* foi fundada em Nova Iorque no ano de 1942 pelo alemão Kurt Wolff e sua esposa Helen Mosel (1906-1994). Na Alemanha, Wolff dirigia e editava Kurt Wolff Verlag. De origem judaica, foi forçado pelo regime nazista a fechar sua editora, sendo considerado inimigo do Terceiro Reich. Em 1941, foge da Europa em direção aos Estados Unidos da América. A família de Wolff era o que os alemães chamavam de *Bildungsbürgertum*, a alta burguesia devotada ao cultivo do intelecto por meio da literatura, da música e das artes em geral (WOLFF, 2021).

Ainda no comando da Kurt Wolff Verlag, Wolff introduziu e distribuiu para o público de língua alemã diversos trabalhos de escritores judeus, dentre estes o autor tcheco Franz Kafka (1883-1924). O fato de publicar autores judeus incomodava mais ao crescente regime nazista do que a própria ascendência judaica do editor. Wolff herdara cerca de cem mil marcos alemães de ouro após a morte de sua mãe, valor que hoje ultrapassa a marca de um milhão de dólares americanos, o que possibilitou seu sonho de trabalhar com livros. Wolff abandona seus planos de tornar-se PhD em Literatura para trabalhar na editora Insel Verlag. Sobre o trabalho com livros, disse Wolff um ano antes de sua morte:

Eu amava os livros, principalmente os livros bonitos e, na adolescência, na época de estudante, os colecionava mesmo sabendo que se tratava de uma atividade improdutiva. [...] Mas eu sabia que deveria ter uma profissão ligada aos livros. O que restava? Tornar-se um editor (WOLFF, 2021, p.26, tradução nossa)⁵⁵.

⁵⁵No original em inglês: “I loved books, especially beautiful books, and as an adolescent and student collected them even as I knew it to be an unproductive pursuit. [...] But I knew I had to find a profession in books. What was left? You become a publisher” (WOLFF, 2021, p.26).

Wolff casou-se, em 1909, com sua primeira esposa, Elisabeth Merck, filha de importantes empresários do ramo farmacêutico. Para além da herança recebida de sua mãe, o casamento com Merck trouxe a Wolff ainda mais recursos financeiros, o que possibilitava ao editor a tranquilidade de investir em publicações de obras e autores que considerava, sobretudo, relevantes e importantes, sendo o retorno financeiro algo secundário. Sua visão sobre o que era o trabalho de editoração foi assim expressada em uma carta para o crítico literário vienense Karl Kraus:

De minha parte, considero que o editor seja – como posso dizer? – um tipo de sismógrafo, cujo objetivo é manter registros precisos dos terremotos. Tento tomar nota daquilo que os tempos revelam enquanto meios de expressão e, caso pareçam de algum modo valer a pena, apresentá-los ao público (WOLFF, 2021, p.28, tradução nossa)⁵⁶.

Kurt Wolff não ignorava o lado comercial de sua profissão, mas sua fortuna o levou a financiar projetos ousados durante o período de guerras no território europeu nas primeiras décadas do século XX. Indo na contramão do crescente nacionalismo do qual muitas nações se revestia e cujo efeito se fazia sentir nos tipos de trabalhos que eram publicados, Wolff fundou na Alemanha a primeira casa de editoração especializada em livros de arte, a Pantheon Casa Editrice, publicando e divulgando o trabalho de artistas de diferentes países, muitos dos quais a própria Alemanha já havia estado ou ainda estava em guerra (WOLFF, 2021).

Abalado economicamente e em todos os demais sentidos pelos rumos da Primeira Guerra Mundial, Wolff liquidou a Pantheon Casa Editrice, sendo esta absorvida pela editora francesa especializada em livros de arte Pegasus Press (WOLFF, 2021). O nome Pantheon seria resgatado décadas mais tarde nos Estados Unidos quando Kurt Wolff e sua segunda esposa inaugurassem a *Pantheon Books*. O desejo do casal era de que a empresa não se tornasse apenas mais uma editora de refugiados europeus que publicassem o trabalho de outros perseguidos pela guerra. Para Kurt Wolff, a missão da *Pantheon Books* seria “apresentar ao público americano obras de duradouro valor, produzidas em qualidade com o maior cuidado e esforço. Nosso conceito editorial é o de ajudar a espalhar conhecimento e

⁵⁶No original em inglês: “I for my part consider a publisher to be—how shall I put it?—a kind of seismographer, whose task is to keep an accurate record of earthquakes. I try to take note of what the times bring forth in the way of expression and, if it seems worthwhile in any way, place it before the public” (WOLFF, 2021, p. 28).

compreensão acerca das questões essenciais da cultura e da vida humana” (WOLFF, 2021, p.126, tradução nossa)⁵⁷.

Em solo estadunidense, Kurt Wolff e sua *Pantheon Books* não gozavam do prestígio dos trabalhos anteriores do editor. A editora nasceu no mesmo ano em que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial e a nacionalidade alemã do editor, apesar de radicalmente contra o nazismo, parecia ser um ponto de desconfiança. Paradoxalmente, a primeira empreitada de sucesso da *Pantheon Books* foi a compilação e tradução para o inglês de uma coletânea trazendo todos os contos de fada dos Irmãos Grimm, ícones da literatura alemã, em pleno ano de 1943 quando as atrocidades do nazismo eram amplamente divulgadas e a reputação da Alemanha como um todo frequentemente desgastada. A coleção dos contos de fada foi apresentada na primeira página do *New York Times Book Review* em uma crítica mais do que positiva que equiparava a importância dos contos e sua tradução para o inglês com a própria Bíblia (WOLFF, 2021).

Ainda em 1943, Mary Mellon, por indicação de seu amigo o indologista Heinrich Zimmer (1890-1943), dirigiu-se ao escritório da *Pantheon Books* para conhecer o editor do qual seu amigo falara, pontuando que o mesmo possuía interesses em comum com Mary Wolff, que já conhecia alguns trabalhos de Jung, não exitou em aceitar o convite de Mary Mellon para publicar a *Bollingen Series* a partir da *Pantheon Books*. Dois meses após o primeiro encontro, ambos firmaram o contrato que duraria vinte e oito anos (MCGUIRE, 1989).

3.1.3 Routledge & Kegan Paul

A origem da editora londrina *Routledge & Kegan Paul* se dá em 1947 a partir da fusão de duas outras editoras, a George Routledge & Sons, fundada em 1836 e a *Kegan Paul, Trench, Trübner & Co*, esta fruto de fusões anteriores da *Kegan Paul & Co.*, fundada em 1877, e da *Trübner & Co.*, fundada em 1851. Desde 1916, a editora publicava alguns trabalhos de Jung reunidos no formato de livro e em 1945, dois antes da fusão entre *Routledge* e *Kegan Paul*, um dos então diretores da *Kegan Paul*, Herbert Read, se dirigiu à Suíça expondo para o autor o planejamento de publicação de uma coletânea de seus escritos na Inglaterra (MCGUIRE, 1989).

⁵⁷No original em inglês: “To present to the American public works of lasting value, produced with the greatest care and stress on quality. Our editorial concept is to help spread knowledge and understanding of the essential questions of human life and culture” (WOLFF, 2021, p.126).

Jung concedeu permissão à Read que, no ano seguinte, viajou para os Estados Unidos da América onde se encontrou com a diretora e o presidente da *Bollingen Foundation*, Mary Mellon e John Barrett. Um acordo foi estabelecido entre a *Kegan Paul* e a *Bollingen Foundation* na qual esta última seria a responsável pelos custos com a edição e a tradução dos textos em alemão de Jung para o inglês. Apesar de Mary Mellon ter sugerido as médicas e analistas Violet de Laszlo e Cary Baynes para compor o comitê editorial responsável pela *Collected Works*, Read já havia mencionado os nomes de Hull e Fordham para Jung, os quais foram aceitos pelo psiquiatra suíço após certa desconfiança (MCGUIRE, 1989). Em 1998, a *Routledge & Kegan Paul* foi adquirida por sua outrora rival no mundo inglês das edições, a *Taylor & Francis Group*, tendo esta preservado o nome *Routledge & Kegan Paul* enquanto selo editorial para algumas publicações.

3.1.4 Princeton University Press

A origem da *Princeton University Press* data de 1905 quando os estadunidenses Whitney Darrow e Charles Scribner II adquiriram equipamentos de impressão de duas outras casas de publicação até então existentes na cidade de Princeton, Nova Jersey, a *Princeton Alumni Weekly* e a *Princeton Press*, e construíram uma pequena casa editorial. Ao contrário daquelas duas, ocupadas com jornais e documentação, a nova casa editorial passou a publicar livros, sendo incorporada junto da *Princeton University* enquanto entidade não lucrativa (AXTELL, 2006).

Com a dissolução da *Pantheon Books* em 1962, o diretor da *Princeton University Press*, Herbert Bailey Jr. (1921-2011), contactou o antigo presidente da *Bollingen Foundation*, Barrett, transmitindo-lhe seu interesse em adquirir os direitos da *Bollingen Series* da qual a *Collected Works of C. G. Jung* fazia parte. Entre 1967 e 1969 a transferência de direitos e concessões foi concluída. O final da década de 60 trouxe diversos acontecimentos que concorreram para a consagração da *Princeton University Press* como a grande detentora dos direitos de publicação sobre Jung nos Estados Unidos da América: a dissolução da *Bollingen Foundation*, a chegada do prazo de expiração sobre os direitos de publicação de materiais de Jung não previstos na *Collected Works*, como as correspondências, e a aquisição desses direitos pela editora, e duas generosas doações das fundações comandadas por Paul Mellon, uma de um milhão e meio de dólares e outra de dois milhões, para garantir que a publicação de material sobre o autor pudesse continuar (MCGUIRE, 1989).

3.2 ORDEM DE PUBLICAÇÃO INDIVIDUAL DOS LIVROS VS ORDENAMENTO DOS VOLUMES NA COLETÂNEA DE JUNG, CADA VERSÃO UMA INTENÇÃO?

As traduções e edições da *Collected Works of C. G. Jung*, independente do idioma, obedecem a certos padrões e acomodam pequenas variações. Assim, temos a numeração dos parágrafos e a paginação, que pouco variam entre as diferentes versões e, comumente, possuem notas de rodapé explicando as ausências e acréscimos de passagens que possam interferir na numeração⁵⁸; o modo de apresentar o conteúdo de cada volume, que pode ter sido desmembrado em mais de um tomo recebendo uma identificação de variação numérica, ex.: o volume 8 é dividido em três livros na versão brasileira, 8/1, 8/2 e 8/3, e nas versões de língua inglesa e alemã constituem apenas um tomo, mas possuem o mesmo conteúdo (ver Apêndice A); e a inclusão de prefácios de edições pregressas ou de outra línguas, tanto do autor quanto dos editores, ex.: o volume 6 na edição de língua inglesa traz o prefácio do autor para a edição argentina, algo não existente na versão brasileira do volume.

A publicação do último livro da coletânea, independente da língua, permitiu que os mesmos fossem agrupados e vendidos de uma única vez no formato coleção única. Os textos que compõem os livros, no entanto, não possuem ordem cronológica, mas, sim, temática. Apesar dos textos de um mesmo livro tenderem a possuir o mesmo conjunto de assuntos, por vezes décadas separam um escrito que se segue de outro⁵⁹. Dessa escolha editorial podem acarretar confusões, visto que, junto da distância cronológica que separam os textos há, em certos casos, distanciamentos ou idiossincrasias no modo de empregar determinado conceito⁶⁰.

⁵⁸Quando os contratos de Jung com a *Pantheon Books (Bollingen Foundation)* e a *Kegan Paul* foram assinados em prol da criação da *Collected Works*, as demais edições em outras línguas, como o alemão, deveriam respeitar o modelo empregado naquela. Assim, modificações inseridas nos textos por ocasião da publicação da edição em inglês dos mesmos deveriam ser acatadas na versão alemã. Por mais que existisse o esforço dos editores da versão alemã, em acompanhar as modificações advindas da versão em inglês, a comunicação entre os dois grupos de editores nem sempre se mostrava satisfatória. Algumas revisões foram feitas por Jung apenas na versão em inglês de seus escritos, o que poderia justificar a existência de passagens que não estão presentes na primeira edição alemã e em outras primeiras versões que se basearam nela. Novas reimpressões acabaram reproduzindo essa defasagem inicial (SHAMDASANI, 2005).

⁵⁹Como exemplo, tomemos o volume 8 da *Collected Works of C. G. Jung*. O primeiro texto data de 1948, o segundo de 1916, o terceiro de 1929, o quarto de 1937, o quinto de 1948, o sexto de 1931, o sétimo de 1954, o oitavo, nono e décimo de 1948, o décimo primeiro de 1926, o décimo segundo de 1934, o décimo terceiro de 1931, o décimo quarto de 1933, o décimo quinto de 1931, o décimo sexto de 1934 e o décimo sétimo de 1952.

⁶⁰Sobre essa questão, no *prefácio dos editores* que acompanha o primeiro volume da coletânea temos: “A Obra Completa de C.G. Jung abrange um período de mais de meio século e trabalha “terra

Assim, poderíamos nos perguntar se do ponto de vista do público leitor a ordem de aquisição dos livros enquanto unidades isoladas, ou a aquisição de todos os livros no formato coleção única, influenciaria na compreensão do todo que é o trabalho de Jung. A divisão temática, certamente, auxiliaria aquele que estivesse interessado apenas em determinado aspecto do trabalho do autor, direcionando-o precisamente em sua busca pelo assunto desejado. Porém, seria possível compreender isoladamente um tema sem o auxílio de toda construção e suporte argumentativo que, virtualmente, caracteriza o trabalho do autor e se encontra apartado em outros livros?

No entanto, a coleção unificada e a ordenação promulgada pela mesma garantiria por si só essa compreensão? Ainda não estaria presente a situação de se ter temas isolados em livros, agora apenas em maior quantidade, ficando a cargo do leitor cruzar simultaneamente as informações? Não há em qualquer momento da *Collected Works of C. G. Jung* uma indicação dos editores de como navegar pelos livros e textos, o que poderia sugerir que a ordenação numérica dos volumes seria o modo de proceder com a leitura. Há no *prefácio dos editores* que acompanha o volume 1 da coletânea, *Estudos psiquiátricos*, apenas uma breve descrição dos temas de cada livro, ficando a cargo do leitor escolher seu ponto de partida. Também dizem os editores:

Não foi possível obedecer sempre à ordem cronológica dos diversos escritos, pois alguns volumes haveriam de apresentar um conteúdo muito heterogêneo. Os estudos psiquiátricos, por exemplo, ficariam misturados com escritos de cunho psicológico-religioso, psicoterapêutico e alquímico. Impunha-se uma organização da *Obra Completa* de forma que alguns assuntos mais ou menos correlatos fossem incluídos no mesmo volume (JUNG, 2012θ, p.7)⁶¹.

virgem”. É compreensível, pois, que a terminologia não esteja completamente padronizada. Conceitos técnicos usados nos escritos mais antigos foram posteriormente substituídos por Jung e/ou empregados com sentido novo e mais adequado. Quando ele mesmo não trocou esses conceitos por outros, foram mantidos nas *Obras Completas* para resguardar a fidelidade histórica” (JUNG, 2012θ, p.10). No original em inglês: “In a body of work covering more than half a century, it cannot be expected that the terminology would be standardized; indeed, some technical terms used by Jung in an earlier period were later replaced by others or put to different use. In view of their historical interest, such terms are translated faithfully according to the period to which they belong, except where Professor Jung has himself altered them in the course of his revision” (JUNG, 1970a, p.vii).

⁶¹No original em inglês: “An arrangement of material by strict chronology, though far the easier, would have produced a rather confusing network of subjects: essays on psychiatry mixed in with studies of religion, of alchemy, of child psychology. Yet an arrangement according to subject-matter alone would tend to obscure a view of the progress of Jung’s researches” (JUNG, 1970a, p.4).

Se a ordem dos títulos dos 18 volumes que compõem a versão definitiva da *Collected Works of C. G. Jung*, e que se repete em suas respectivas edições e traduções, não parece trazer outra grande intenção a não ser a de uma tentativa de conciliar temas e cronologia, talvez não possamos dizer o mesmo quanto à intenção da ordem de publicação individual de cada livro antes que a publicação da coletânea fosse finalizada possibilitando a aquisição de todos os volumes enquanto coleção definitiva.

Por contrato, todas as edições da coletânea deveriam obedecer ao mesmo formato, mas esse formato diz respeito ao conteúdo, ou seja, aos textos e a numeração de cada livro dentro de uma ordenação que só faria sentido ordinal após a publicação do último livro. Em se tratando da ordem adotada quanto à publicação individual de cada livro na medida em que ficavam prontos, parece ter havido maior liberdade por parte de cada editora e em cada língua na qual a coletânea foi editada. Comparando entre si as versões da coletânea em língua inglesa, alemã e a versão brasileira, podemos perceber que as edições alemã e brasileira não obedeceram à mesma escolha editorial da edição de língua inglesa quanto à ordem de publicação individual de cada livro (ver Apêndice A). Podemos depreender do ordenamento adotado por essas três versões algumas estratégias e intenções editoriais acerca do modo como procuraram apresentar o trabalho de Jung para seu possível público.

3.2.1 Obras Completas de C. G. Jung – Editora Vozes

A versão brasileira da coletânea dos escritos de Jung foi publicada no Brasil pela Editora Vozes, sediada na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Os direitos exclusivos para publicação em língua portuguesa da *Collected Works of C. G. Jung* foi concedido à Editora Vozes em 1977⁶² e, em 1978, surgiram os dois primeiros livros traduzidos: *Psicologia e Religião*, que é apenas uma das partes de *Psicologia e Religião ocidental e oriental*, dividida pela Editora Vozes em sua publicação em cinco tomos, e *Dois escritos sobre Psicologia Analítica*, este último dividido em dois tomos pela Editora Vozes com o subtítulo de *Psicologia do Inconsciente e O Eu e o Inconsciente*, respectivamente.

Dentro do ordenamento da coleção definitiva, *Psicologia e Religião* corresponde ao décimo primeiro volume e *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* corresponde ao sétimo.

⁶²Essa informação encontra-se na orelha do livro *O segredo da Flor de Ouro, um livro de vida chinês*, publicado no Brasil pela própria Editora Vozes. Contudo, no site da própria Editora, constam mais duas datas conflitantes: a informação de que foi em 1974 que a editora iniciou a tradução da *Collected Works of C. G. Jung* e, em outra parte do site, de que foi no início dos anos 80.

Comparativamente, a edição de língua inglesa lançou individualmente esses mesmos livros, respectivamente, em 1958, como o sétimo livro, e 1953, como o segundo livro a ser lançado. Em relação à edição de língua alemã, respectivamente os mesmos livros foram lançados individualmente em 1963, como o terceiro livro, e 1964, como o quarto livro (ver Apêndice A).

Como reiterado anteriormente, a publicação dos livros de Jung no formato coletânea se deu primeiro em língua inglesa e, nessa língua, *Psicologia e Religião* foi publicado individualmente apenas após outros seis livros. O que teria motivado a edição Brasileira em inaugurar as publicações individuais de *Obras Completas de C. G. Jung* com esse volume?

A Editora Vozes teve início em cinco de março de 1901, na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, a partir do estabelecimento de uma tipografia com o objetivo de imprimir livros didáticos para a Escola Gratuita São José. Nessa época, a empresa era chamada de Typographia da Escola Gratuita São José e era comandada por Frei Inácio Hinte, guardião do convento franciscano da cidade. Em 1911, a Typographia adota o nome Administração das Vozes de Petrópolis e passa a publicar alguns romances sendo que, posteriormente, especializa-se em assuntos de ordem religiosa. Em 1939, adota o nome ainda em vigor, Editora Vozes Ltda. A partir de 1940, a Editora passa a ampliar suas dependências e inaugura unidades da Editora na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo. Em 1950, inaugura uma unidade em Belo Horizonte e nos anos de 1960 expande-se para diversos municípios no sudeste, centro-oeste, nordeste, norte e sul do país (ANDRADES, 2001; HALLEWELL, 2012).

A inclinação para assuntos religiosos em uma editora criada por franciscanos parece trazer a justificativa do motivo que levou a Editora a publicar *Psicologia e Religião* como a primeira obra de Jung dentro do formato *Obras Completas de C. G. Jung* no Brasil. Apesar de, atualmente, o site da Editora dizer que o trabalho de Jung não é apenas para determinado público, algumas peculiaridades na tradução brasileira realizada pela Editora parece sugerir algo diferente, como o fato de não traduzirem algumas passagens latinas para o português, ou não transliterar para nosso alfabeto certos termos gregos, mesmo em lugares nos quais as edições de língua inglesa e alemã o fizeram para seus respectivos idiomas. Essa atitude poderia ser vista como uma suposição da Editora de que seu público consumidor seria familiarizado com o latim e o grego, o que, definitivamente, não caracteriza a maioria de nossa população.

Ainda sobre a ordem das traduções o site da Editora informa:

Os textos foram traduzidos lentamente por uma equipe de tradutores e revisores, que assumiu este longo e minucioso trabalho no começo dos anos 80. Este grupo foi composto por profissionais apaixonados, competentes e profundos conhecedores da Psicologia Analítica. A tradução concentrou-se, por um lado, nos volumes de maior interesse por parte do público brasileiro e, por outro, na disponibilidade dos tradutores. Também é essa a razão de alguns volumes da edição original terem sido divididos em volumes menores e publicados separadamente (<http://vozes.com.br/titulo-destaque-obra-completa-de-carl-gustav-jung/>, recuperado em 14 de maio de 2021).

Temos o interesse do público leitor e a disponibilidade dos tradutores como motivos para a ordem de tradução. Contudo, levando em consideração que o público leitor mencionado só poderia ter lido a obra de Jung em outra língua, uma vez que a Editora Vozes ainda não havia iniciado as traduções⁶³, podemos nos indagar, novamente, sobre o público alvo inicial da Editora no Brasil dos anos 70 e início dos anos 80, época que Hallewell (2012) sinaliza como sendo difícil o acesso a livros estrangeiros no Brasil.

Quanto a disponibilidade dos tradutores, encontramos nas informações catalográficas de *Psicologia e Religião* que o tradutor responsável pelo livro no Brasil foi o padre Dom Mateus Ramalho Rocha (1925-1999), nome adotado por Euclides Ramalho Rocha por ocasião de seu ingresso no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, em 1949. Dom Mateus foi ordenado padre em Assis no ano de 1955 e retornou ao Brasil para lecionar no Mosteiro de São Bento onde, além de bibliotecário, foi também professor de língua portuguesa. No Brasil, traduziu cerca de 27 livros do idioma alemão para o português (<https://apalca.com.br/patronos/dom-matheus-ramalho-rocha/>, recuperado em 14 de maio de 2021).

Psicologia e Religião é a transcrição da palestra realizada por Jung em 1937 na Yale University na cidade de New Haven, estado do Connecticut nos Estados Unidos da América. O evento no qual a palestra de Jung ocorreu foi o décimo quinto encontro intitulado *Palestras sobre Religião à luz da Ciência e da Filosofia*, organizada pela Fundação Dwight Harrington Terry, mas conhecida como Fundação Terry. Posteriormente, todas as palestras foram transcritas e publicadas pela Fundação em 1938, nos Estados Unidos pela Yale University

⁶³No Brasil, algumas editoras como a Zahar, Paulus e Cultrix publicavam livros relacionados à Psicologia Analítica, mas não traduziram para o português livros de Jung no formato *Collected Works of C. G. Jung*, direito exclusivo da Editora Vozes.

Press e na Inglaterra pela Oxford University Press. O texto de Jung passou a ser conhecido como *Terry Lectures* em função da Fundação organizadora do evento⁶⁴.

Andrades (2001) diz que nos anos 70 a Editora adquiriu maquinário internacional de ponta para impressão e encadernação e, também nesse período, o mercado nacional de maquinário para encadernação estava produzindo materiais de excelente qualidade, como guilhotinas de alta performance. Foi justamente nessa época que o projeto das *Obras Completas de C. G. Jung* se iniciou.

Em 2011, a Editora Vozes publicou a tradução do vigésimo volume das *Obras Completas de C. G. Jung*, um índice bibliográfico da própria coletânea. Com isso, em 2012 a Editora passou a comercializar a coletânea no formato de coleção definitiva, apesar de, até o momento, ainda não ter traduzido o décimo nono volume, que está presente tanto na *Collected Works of C. G. Jung* quanto na *Gesammelte Werke von C. G. Jung*, um volume da bibliografia geral dos trabalhos do autor complementar ao volume de número vinte.

Sobre a edição definitiva comercializada a partir de 2012, a Editora diz: “Esta obra apresenta-se melhorada em diversos aspectos e, como não podia deixar de ser, recebe uma nova diagramação e arte gráfica, visando fazer jus à importância do eminente psiquiatra suíço” (<http://vozes.com.br/titulo-destaque-obra-completa-de-carl-gustav-jung/>, recuperado em 14 de maio de 2021). O apelo estético de uma nova diagramação e formato são ligados à importância do trabalho de Jung, seja como complemento ou consequência da mesma.

A tradução para o português da *Collected Works of C. G. Jung* pela Editora Vozes apresenta um misto de tradução a partir da versão em língua alemã e da língua alemã. A opção por realizar uma tradução fiel do formato alemão acarreta, em determinados momentos, em colocações desnecessárias que possuem sentido apenas na edição alemã. Em *O conceito de inconsciente coletivo*, temos uma nota de rodapé que acompanha o título do texto na qual é possível lermos na versão em português:

Originalmente uma conferência pronunciada sob o título: “*The Concept of the Collective Unconscious*” na Sociedade Abernethiana, no Hospital S. Bartolomeu, Londres, em 19 de outubro de 1936. Publicada no *Journal of the Royal Society of Medicine*, XLIV (Londres, 1936-1937), p. 46-49 e 64-66. Aparece aqui pela primeira vez, traduzida para o alemão (JUNG, 2012s, p.51, grifo nosso).

⁶⁴As informações desse parágrafo encontra-se em uma nota editorial veiculada apenas na edição em língua inglesa do texto *Psicologia e Religião* na *Collected Works of C. G. Jung*.

O texto foi publicado originalmente em inglês e esta última frase do trecho acima acompanha a versão alemã para identificar tal fato, não possuindo qualquer necessidade de reprodução na versão em língua portuguesa. Curiosamente, no final do primeiro parágrafo desse mesmo texto temos outra nota de rodapé que diz: “Esta última frase só existe na versão inglesa” (Jung, 2012s, p.51), sugerindo que ambas as versões possam ter sido consultadas.

3.2.2 *Gesammelte Werke von C. G. Jung* – Rascher Verlag e Walter Verlag

O primeiro livro de Jung publicado dentro da edição *Gesammelte Werke von C. G. Jung* foi *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência (Praxis der Psychotherapie. Beiträge zum Problem der Psychotherapie und zur Psychologie der Übertragung)*, em 1958. Trata-se do décimo sexto volume dentro da ordem do formato coleção única, reunindo textos publicados em avulso entre os anos de 1930 e 1950.

O volume é apresentado tanto por Jung quanto pelos editores em seus respectivos prefácios como um trabalho voltado para a prática, para a compreensão dos fenômenos que surgem no contexto psicoterápico. Este parece ser o próprio motivo que levou os editores da *Gesammelte Werke* a lançarem esse volume como o primeiro. Na palavras de Jung, temos: “Sinto-me na obrigação de agradecer aos editores, não só pela cuidadosa revisão dos textos, como particularmente por sua escolha. Manifestam desse modo terem compreendido que minha contribuição para o conhecimento da alma se baseia na experiência prática com o homem” (JUNG, 2012a p.7)⁶⁵.

Foi por meio da editora Suíça Rascher Verlag, sediada em Zurique, que a *Gesammelte Werke*, versão alemã da *Collected Works*, começou a ser publicada. A editora publicou os livros individualmente entre 1958 e 1970, tendo transferido o trabalho, posteriormente, para a editora Walter Verlag, situada em Olten, também na Suíça, a qual dirigiu o projeto de 1971 até sua conclusão em 1981. Bishop (1998a) informa que a Rascher Verlag foi desfeita em 1970.

Bishop (1998a) indica que o primeiro texto de Jung publicado pela editora Rascher foi em 1912, *Neue Bahnen der Psychologie*⁶⁶. De acordo com o volume da bibliografia dos

⁶⁵No original em alemão: “Ich bin den Herausgebern nicht nur für die sorgsame Revision der Texte, sondern insbesondere für ihre Wahl zu Dank verpflichtet. Sie bekunden damit ihr Verständnis für die Tatsache, daß mein Beitrag zur Kenntnis der Seele auf der praktischen Erfahrung am Menschen beruht” (JUNG, 2011n, p.11).

⁶⁶A versão ampliada desse texto encontra-se publicada em português dentro das *Obras Completas de C. G. Jung* como um apêndice no volume 7, com título de *Novos caminhos da Psicologia*.

escritos do autor organizado por Ress e McGuire (2014), o primeiro livro de Jung publicado pela Walter Verlag foi *Über die Psychologie der Dementia praecox: Ein Versuch*, em 1907, tratando-se de uma republicação, tendo o título sido anteriormente veiculado pela editora alemã Verlagsbuchhandlung Carl Marhold, Halle A.S.⁶⁷.

A primeira grande expansão da Rascher Verlag se deu ainda durante a Primeira Guerra Mundial, tendo a editora voltado sua atenção tanto para autores que valorizassem a cultura e os costumes suíços; comungando de seu posicionamento político e histórico no que dizia respeito aos eventos que atravessavam o continente europeu, quanto autores de outros países, procurando conferir um olhar cosmopolita à editora. Dessa maneira, Bishop (1998a) ressalta que o trabalho de Jung, que abordava tanto o indivíduo quanto a coletividade, satisfazia esses dois critérios, tornando-se um dos principais autores da casa editorial ao ponto de conseguir exercer influência até mesmo sobre quais outros autores a editora deveria ou não publicar.

Nesse sentido, a Rascher Verlag lançou em 1917 a linha Escritos Suíços para o Conhecimento Geral (*Schweizer Schriften für allgemeines Wissen*), estreando com uma edição ampliada do primeiro texto de Jung publicado pela editora, agora com o título *Die Psychologie der unbewussten Prozesse: Ein Überblick über die moderne Theorie und Methode der analytischen Psychologie*. Foi a primeira vez que o termo Psicologia Analítica apareceu em um título de livro de Jung (BISHOP, 1998a).

Ainda sobre os motivos da editora Rascher ter acolhido o trabalho de Jung para publicação, temos Bishop dizendo:

A própria conveniência que os escritos de Jung representavam para a estratégia de publicação da Rascher é tão digna de comentário quanto tais escritos. Dentro de seu contexto suíço, a psicologia de Jung funcionava como um meio para que a burguesia pudesse se indignar, mas de um modo muito convencional. Além do fato do custo da análise restringir a experiência da terapia junguiana a uma elite formada majoritariamente pela classe média-alta e pela aristocracia, a ênfase em um “caminho-do-meio” e tamanho esteticismo em terapias, como o desenho de mandalas, serviu para restabelecer um código moral europeu ocidental bastante específico. Acima de tudo, a terapia junguiana era caracterizada por sua falta de qualquer senso de engajamento político e, para Jung, o único coletivo que realmente importava era o Inconsciente Coletivo (BISHOP, 1998a, p.261-262, tradução nossa)⁶⁸.

⁶⁷A versão ampliada desse texto encontra-se publicada em português dentro das *Obras Completas de C. G. Jung* com o título *Sobre a psicologia da Dementia praecox, um ensaio*, como parte do volume 3 da coletânea.

⁶⁸No original em inglês: “The very appropriateness of Jung's writings for Rascher's publishing strategy is no less important a comment on those works themselves. Within its Swiss context, Jung's

Publicar Jung para o público suíço, especialmente o de origem germânica, foi visto pela Rascher Verlag como uma escolha editorial acertada dentro de seus objetivos algo conservador. O público alvo, classe média-alta e aristocratas, que para além do interesse tinha condições de consumir o trabalho de Jung; fosse no formato psicoterápico, nos seminários do autor ou por meio de seus escritos, representava para a Rascher Verlag a possibilidade de grande sucesso financeiro. Bishop (1998a, 1998b) revela que ambas as partes, Jung e a editora, se beneficiaram enormemente de seus acordos, sobretudo do ponto de vista financeiro, o que levou Jung a eleger a editora como o meio pelo qual suas correspondências e seminários também deveriam ser editados na língua alemã.

Retomando a fala de Jung no prefácio do livro que inaugura sua *Gesammelte Werke*, devemos nos ater em um ponto curioso quanto ao seu agradecimento aos editores. Sua fala sugere que os editores suíços, ao escolherem como obra inaugural da coletânea um livro que versa sobre assuntos práticos, teriam entendido que seu trabalho é, em essência, da ordem prática e, por isso, os agradece. Também os congratula pelos textos escolhidos. O modo como Jung construiu esse agradecimento nos levou a pensar qual a autonomia possuía a editora para escolher o primeiro livro que seria publicado dentro do formato de coletânea e qual o poder e grau de interferência o próprio autor poderia exercer quanto a estas decisões. Teria sido apenas uma feliz coincidência e uma afinação do pensamento entre o autor e todo corpo editorial que haveria compreendido o que era seu trabalho e, assim, acertado na escolha sobre como introduzi-lo a partir da *Gesammelte Werke*?

Aqui devemos buscar uma visão mais ampla para tal questão. Apesar de von Franz (1995) pontuar que na própria Suíça o trabalho de Jung demorou de ser reconhecido, o autor pôde gozar em vida de relevante reconhecimento em seu país, tendo sido agraciado com o Prêmio Literário da cidade de Zurique, em 1932, e recebido o título de Cidadão Honorário da cidade de Küsnacht, em 1960. Assim, devemos encarar a publicação de sua *Gesammelte Werke* como uma segunda entrada na Suíça, uma entrada guiada, com intenções, a partir da reedição de seus textos. Apesar dessa versão de sua coletânea ter sido escrita em alemão, na

psychology reads like a recipe for the bourgeoisie to be outrageous but in a very conventional manner. Apart from the fact that the cost of analysis restricted experience of Jungian therapy to an elite drawn primarily from the upper-middle class and the aristocracy, the emphasis on the "middle way" and such aestheticizing therapies as drawing mandalas served to reinstate a very specific, Western European moral code. Above all, Jungian therapy was characterized by its lack of any sense of political engagement and, for Jung, the only collective that really counted was the unconscious one" (BISHOP, 1998a, p. 261-262).

Suíça ela ganha outro sentido quando consideramos que o país também abriga suíços-franceses e suíços-italianos, pois, o público francófono, em especial, era um público há muito desejado pelo autor.

Ao descrever as negociações entre Jung e Max Theodor Rascher (1883-1962), um dos responsáveis pela Rascher Verlag, Bishop (1998a) recupera algumas correspondências na qual ambos negociam a publicação do trabalho de Jung na França. Enquanto a publicação de livros que reuniam textos diversos do autor em um período pré *Collected Works of C. G. Jung* ganhava terreno em países anglófonos, o mesmo não se podia dizer de países francófonos. O próprio Jung reconhecia que era um autor de pouco reconhecimento na França, sendo esse um dos motivos de não ser favorável à publicação de livros com textos diversos no país, afinal, do que valeria a publicação de uma seleção dos textos mais importantes de um autor em um país que nem está ciente do fato de que a tal autor deve ser atribuída alguma importância?

Assim, em 1949, dois anos após a assinatura dos contratos para confecção de sua *Collected Works*, Jung escreve a Max Rascher dizendo que seu trabalho deveria entrar na França introduzindo-o como médico e empírico, jamais como filósofo e, portanto, uma seleção de seus textos ou uma obra que comentasse seu trabalho só deveria entrar no país quando no mesmo já estivessem disponíveis outros de seus trabalhos que o introduzisse na direção desejada (BISHOP, 1998a).

Essa mesma preocupação acerca do modo como sua obra entraria na França foi reacendida em Jung quanto ao modo como ele seria apresentado, pela segunda vez, em seu país. Dizemos “pela segunda vez” por dois motivos: primeiro, seus textos sempre circularam pela Suíça em periódicos especializados e, assim, apesar da *Gesammelte Werke* contar com novo formato acabaria trazendo varias republicações. Segundo, já haviam sido publicados na Suíça pela Rascher Verlag alguns livros que reuniam tematicamente os textos de Jung. Esse livros davam forma a coletânea *Tratados Psicológicos*⁶⁹ (*Psychologische Abhandlungen*),

⁶⁹O primeiro volume de *Psychologische Abhandlungen* foi publicado em 1914 e trouxe não apenas textos de Jung, mas de seus primeiros alunos pós rompimento com os psicanalistas. O livro não contém subtítulo trazendo apenas o nome da própria coleção *Tratados Psicológicos*. Em sua introdução para o livro, Jung diz sobre a publicação de textos temáticos: ““Tratados Psicológicos” contém escritos tanto de amigos quanto de estudantes meus, assim como de outros colaboradores e, também, minhas próprias contribuições à Psicologia. Em face de nossos próprios interesses psicológicos, essa coleção traz não apenas trabalhos do campo da Psicopatologia, mas, também, investigações psicológicas de natureza geral. A atual situação da Psicologia parece requerer que cada escola ou linha tenha seus próprios meios de publicação, o que evita o contratempo da dispersão de trabalhos por entre diferentes periódicos e atua para que possa ser criado um espaço para a expressão de temáticas afins” (Tradução nossa a partir do original em JUNG, 1914, p.4). No original em alemão: “Die “Psychologischen Abhandlungen” enthalten die Arbeiten meiner Freunde und Schüler

editados com a participação do próprio Jung em sua primeira edição, sendo que muito do formato de organização temática dos mesmos acabariam influenciando a composição da *Collected Works of C. G. Jung* e, conseqüentemente, da *Gesammelte Werke von C. G. Jung*⁷⁰.

A existência prévia de material reunido tematicamente e publicada pela Rascher Verlag levou Max Rascher a propor para Jung, em 1945, a reedição de seus textos no formato de uma nova antologia. Sobre essa nova empreitada de reedições em língua alemã, Bishop (1998b) nos chama a atenção para as negociações entre Jung e Max Rascher a respeito dos textos que deveriam continuar sendo veiculados à imagem do autor.

Em carta para Max, respondendo ao editor sobre a seleção que o mesmo havia feito dos textos que gostaria de reeditar, Jung expressa que seu texto de 1909 selecionado pelo editor, *A importância do pai no destino do indivíduo (Die Bedeutung des Vaters für das Schicksal des Einzelnen)*, não deveria aparecer na nova antologia de seus textos reeditados por ser um texto de menor importância. Bishop (1998b) lê a situação como um desejo de Jung de desvincular tanto suas atuais concepções quanto sua nova antologia dos seus escritos ligados à Psicanálise e a Freud.

De fato, o texto não foi incluído no primeiro volume da nova antologia, *Psicologia e educação (Psychologie und Erziehung)*, publicado pela Rascher Verlag em 1946, mas foi incluído em uma versão ampliada no volume 4 de todas as versões da *Collected Works of C. G. Jung*, o que demonstra como a decisão sobre qual texto entraria ou não em qual antologia ou coletânea parece não respeitar acordos antigos entre autor e editor.

Bishop (1998b), a partir da análise da correspondência entre Jung e Max Rascher, oferece mais uma série de exemplos sobre como o autor se colocava completamente atento aos movimentos da editora suíça, participando ativamente das escolhas editoriais. Dentre os

sowie sonstiger Mitarbeiter und auch meine eigenen Beiträge zur Psychologie. Entsprechend dem Charakter unserer psychologischen Interessen werden in dieser Sammlung nicht nur Arbeiten aus dem Gebiete der Psychopathologie, sondern auch Untersuchungen allgemein psychologischer Natur erscheinen. Die gegenwärtige Lage der Psychologie scheint es empfehlenswert zu machen, daß Schulen oder Richtungen ihre eigenen Publikationsorgane haben; dadurch wird die lästige Zerstreung der Arbeiten in viele verschiedenen Zeitschriften vermieden und die Gemeinsamkeit der Anschauungsweise kann durch die Veröffentlichung am gleichen Orte zu einem entsprechenden Ausdruck gelangen” (JUNG, 1914, p.4).

⁷⁰Como prova da influência do formato Tratados Psicológicos sobre o formato *Collected Works*, temos o *Prólogo de Aion, estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo*, volume 9/2 da *Collected Works* no qual temos a reprodução de um prólogo destinado ao oitavo volume dos Tratados: “Neste oitavo volume de meus Tratados de Psicologia publico dois trabalhos que, apesar das diferenças externas, estão inter-relacionados [...]” (JUNG, 2013w, p.9). No original em alemão: “In diesem Band VIII der Psychologischen Abhandlungen lasse ich zwei Arbeiten erscheinen, die trotz inneren und äußeren Verschiedenheit insofern zusammengehören [...]” (JUNG, 2019r, p.9).

exemplos, conta como Jung proibia a publicação das versões originais de certos textos por considerá-los datados, como o seu texto de 1902 *Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos* (Zur Psychologie und Pathologie sogenannter okkultur Phänomene: Eine psychiatrische Studie) que só veio a compor a *Collected Works* e suas traduções em um formato diferente do original⁷¹.

O fato da *Gesammelte Werke*, assim como a edição original em inglês e em qualquer outra língua que siga o modelo da coletânea, disponibilizar quase em sua totalidade apenas as versões finais dos textos de Jung, ou seja, textos ampliados e recortados, é tido por Bishop (1998b) como um dos motivos da coletânea não poder ser vista como histórica. Se a publicação em ordem cronológica de seus textos foi um dia algo desejado por Jung, as próprias intenções do mesmo em ser introduzido como um autor atualizado e a partir de certos temas acabou não permitindo tal modelo.

Outro exemplo resgatado por Bishop (1998b) diz respeito ao fato de Jung sugerir à Rascher Verlag que seu texto de 1958, *A esquizofrenia (Die Schizophrenie)*, figurasse no primeiro volume de sua *Gesammelte Werke*. O primeiro volume da coleção definitiva foi o

⁷¹Na edição brasileira da Editora Vozes, temos na primeira nota de rodapé de *Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos*: “Para a tradução inglesa deste trabalho foi usado o texto da dissertação de C.G. Jung que se encontra na Bodleian Library, Oxford; na edição alemã, em que se baseia a versão portuguesa, foi usado o texto de uma edição posterior da dissertação; difere da edição inglesa na parte da conclusão que foi levemente alterada, isto é, recebeu um cunho mais genérico” (JUNG, 2012Γ, p.11). Na edição em língua inglesa temos em nota de rodapé correspondente: “Traduzido de *Zur Psychologie und Pathologie sogenannter occulter Phänomene* (Leipzig, 1902). Trata-se da dissertação do professor Jung para aquisição de seu título de médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique. A página-título da versão de 1902 informa que, na época, o autor era ‘primeiro médico-assistente na Clínica Burghölzli’, tendo a dissertação sido aprovada pelo professor Eugen Bleuler. O livro foi dedicado à esposa do autor, Emma Rauschenbach Jung (1882–1955). Uma tradução realizada por M. D. Eder foi publicada em *Collected Papers on Analytical Psychology* (Londres e Nova Iorque, 1916; 2ª ed., 1917). Na presente versão, os títulos foram reordenados alguns novos títulos apresentados em colchetes com o objetivo de clarear a estrutura da monografia – Editores” (JUNG, 1970b, p.3, tradução nossa). No original em inglês: “Translated from *Zur Psychologie und Pathologie sogenannter occulter Phänomene* (Leipzig, 1902). It was Professor Jung’s inaugural dissertation for his medical degree and was delivered before the Faculty of Medicine, University of Zurich. The 1902 title-page stated that the author was at that time “First Assistant Physician in the Burghölzli Clinic” and that the dissertation was approved on the motion of Professor Eugen Bleuler. The book was dedicated to the author’s wife, Emma Rauschenbach Jung (1882–1955). A translation by M. D. Eder was published in *Collected Papers on Analytical Psychology* (London and New York, 1916; 2nd ed., 1917). In the following version, the headings have been somewhat re-ordered and some new headings supplied in brackets in an attempt to clarify the structure of the monograph— EDITORS” (JUNG, 1970b, p.3).

Podemos perceber que a edição em língua inglesa foi a que utilizou a versão original, de 1902, para a *Collected Works of C. G. Jung*, enquanto a edição brasileira usou a versão editada por Jung para a *Gesammelte Werke von C. G. Jung*. Podemos nos perguntar se Jung não se incomodava com o fato de deixar que as editoras de língua inglesa publicassem textos que considerava datados, como disse a Max Rascher para não fazer com a versão alemã dos mesmos.

sexto a ser publicado individualmente na edição alemã, em 1966, e também o sexto na edição de língua inglesa, em 1957. No Brasil, foi publicado pela Editora Vozes em 1994, sendo o vigésimo segundo livro publicado individualmente (ver Apêndice A). O texto sobre esquizofrenia acabou não sendo publicado no primeiro volume da coleção, mas no terceiro. O motivo para tanto foi o de ainda existir alguma tentativa de conferir cronologia à ordenação nos primeiros volumes e, portanto, um texto que apresentava um termo não usual no próprio vocabulário de Jung no início de seus trabalhos traria grande anacronismo à sua obra. Temos, assim, um exemplo de decisão editorial que se sobrepôs ao planejamento do próprio autor.

A intenção de Jung em se divulgar como autor atualizado e a sua presença junto às decisões editoriais, nos convida a revisitar o estranhamento que tivemos com sua fala quanto ao fato de seus editores para a *Gesammelte Werke* terem entendido seu trabalho e acertado na escolha da publicação de *A prática da Psicoterapia* como volume individual inicial. Pouco de coincidência e de falta de envolvimento do autor realmente parece ter a ver com a situação como o mesmo insinua em seu prefácio. Se junto ao que foi dito anteriormente levarmos também em consideração a criação do Instituto C.G. Jung (C.G. Jung-Institut) em Zurique, em 1948; um ano após a assinatura para a criação da *Collected Works* e três anos após Max Rascher sugerir a Jung a publicação de uma nova coletânea de seus escritos na língua alemã, podemos perceber que a ordem de publicação dos livros individuais também foi fruto de escolhas do autor.

Kirsch (2000) apresenta a criação do Instituto C.G. Jung em Zurique, em 1948, como um novo marco nos rumos da Psicologia Analítica. Inicialmente pensado como um lugar para o estudo e divulgação acadêmica do trabalho de Jung, a proposta do Instituto foi rapidamente remodelada e o foco do mesmo passou a ser a promoção da formação e capacitação de analistas a partir dos preceitos da Psicologia Analítica. Na própria Suíça, e também em outros países como os Estados Unidos, já havia Clubes Psicológicos de orientação junguiana, mas a criação de um Instituto de formação do qual o próprio Jung e seus principais colaboradores participavam, trouxe um novo fôlego e foco de interesse pelo trabalho do psiquiatra: a possibilidade de poder atuar como Jung.

Assim, ter *A prática da Psicoterapia* como o primeiro livro apresentado dentro do formato *Gesammelte Werke* cumpre duas funções: a de reintroduzir Jung em seu próprio país e nos países de língua germânica como alguém da prática, da empiria, e a de lançar luz sobre o Instituto e a possibilidade de tornar-se analista junguiano. No final de seu prefácio ao livro, diz: “Apesar de sua composição heterogênea, ou justamente por causa dela, é possível que este volume transmita ao leitor uma imagem clara da enorme quantidade de fatores

relacionados com a questão psicoterapêutica, bem como dos seus fundamentos empíricos” (JUNG, 2012a, p.8)⁷².

A fala de Jung sobre composição heterogênea, que contrapõe os dois formatos que a coletânea alega ter procurado manter, cronológica ou temática, indica que alguma intenção ou objetivo maior teria levado ao abandono do formato inicial. Por mais que o contrato de 1947 tivesse estabelecido que o formato da edição em língua inglesa, a *Collected Works of C. G. Jung*, deveria ser seguido em suas correspondentes traduções, podemos perceber que, conforme as edições em língua inglesa e em língua alemã avançavam concomitantemente, persistiam diferentes intenções por parte de Jung quanto aos rumos que as mesmas poderiam vir a tomar.

O primeiro volume da *Gesammelte Werke* surgiu cinco anos após o primeiro volume da *Collected Works*, respectivamente 1953 e 1958. Já o último volume da *Gesammelte Werke* surgiu em 1981, também cinco anos após a finalização da *Collected Works*, em 1976. Ao que se deve esta distância nas datas de publicação? Por ser a edição que representava a concepção original da coletânea, à versão de língua inglesa foi atribuída grande parte da responsabilidade do papel editorial, o que segundo Bishop (1998b) e McGuire (1989) envolviam tanto aspectos financeiros quanto legais, como adquirir o direito de publicação e republicação de textos de Jung que já haviam sido publicados por diversas outras casas e selos editoriais em língua inglesa⁷³.

Uma clara distinção entre os tipos de trabalho que cada editora deveria exercer pode ser observada nos relatos de McGuire (1989). As editoras de língua inglesa, *Bollingen Foundation* e Princeton University Press nos Estados Unidos e *Routledge & Kegan Paul* na Inglaterra, não tinham suas opiniões quanto ao formato da *Collected Works of C. G. Jung* consideradas de modo igualitário. Por mais que o formato original da coletânea tenha sido o de língua inglesa, isso não significava que as editoras tivessem igualdade de autonomia quanto aos rumos da coletânea.

Ainda em 1948, época em que a principal preocupação de todos os envolvidos e interessados no projeto se voltava para o formato e o conteúdo da coletânea, o diretor da

⁷²No original em alemão: “Trotz oder gerade wegen der heterogenen Zusammensetzung dürfe dieser Band dem Leser ein gutes Bild vom Beziehungsreichtum der psychotherapeutischen Frage und ihrer empirischen Grundlagen vermitteln” (JUNG, 2011n, p.12).

⁷³Em 1943, Mary Mellon encomendou o levantamento da situação dos direitos de publicação dos textos de Jung em inglês até o momento, chegando às seguintes instituições editoriais: Harcourt, Brace & Co.; Dodd, Mead & Co.; Farrar & Rinehart e Yale University Press (MCGUIRE, 1989).

Bollingen Foundation, Barrett, pediu a dois consultores da fundação, a médica Violet Staub de Laszlo (1900-1988) e o experiente editor de coletâneas Wallace Brockway Hutchins (1905-1972), que desenhassem um plano para o formato da *Collected Works of C. G. Jung*. O plano foi encaminhado para os editores na Inglaterra e na Suíça, mas Herbert Read, editor sênior do corpo editorial em Londres, dispensou o esquema concebido pela *Bollingen Foundation* em favor do já apresentado por Fordham, também do corpo editorial inglês. A leitura de McGuire (1989) sobre o episódio é de que os editores norte-americanos, e a própria *Bollingen Foundation*, eram vistos apenas como a contraparte que ofereceria os fundos monetários necessários à empreitada; visão alimentada pelos próprios posicionamentos da idealizadora da fundação⁷⁴, enquanto os editores ingleses seriam a parte criativa e a *Routledge & Kegan Paul* o quartel-general da coletânea.

Em suas correspondências com Max Rascher, Jung pontua que a Rascher Verlag não deveria se apressar quanto a publicação da *Gesammelte Werke*, devendo os editores suíços aprender com as atividades das editoras anglo americanas e colherem os frutos dos esforços das mesmas. Sobre essa estratégia, Bishop (1998b) diz:

A estratégia em permitir que o time anglo-americano fosse trabalhando na *Collected Works* antes que a *Gesammelte Werke* fosse apresentada, trazia duas vantagens principais. Primeiramente, isso significava que a Routledge [*& Kegan Paul*] e a Princeton [University Press], e não a Rascher [Verlag], seriam as responsáveis pelo trabalho editorial. Segundo, isso atendia às necessidades do grupo linguístico que havia se tornado o público-alvo de Jung, os [norte] americanos e (em menor escala) os britânicos, que possuíam tanto o apetite para a Psicologia Analítica quanto os meios financeiros para espalhar a mensagem junguiana (BISHOP, 1998b, p. 375, tradução e colchetes nossos)⁷⁵.

Talvez a limitação tácita imposta sobre as editoras estadunidenses a respeito de sua participação nas decisões do conteúdo da *Collected Works* tenha sido pautada na própria

⁷⁴McGuire (1989) recorda o fato de Mary Mellon ter dito que suas primeiras palavras para Jung, quando se encontrou com o psiquiatra na companhia de seu marido para uma sessão, foram: “Dr. Jung, nós temos muito dinheiro. O que podemos fazer com ele?” (Tradução nossa a partir do original: “Dr. Jung, we have too much money. What can we do with it?”, em McGuire, 1989. p. 20). O casal Mellon nunca se furtou em demonstrar sua disposição em investir a fortuna de ambos nos projetos que envolviam a Psicologia Analítica e assuntos adjacentes.

⁷⁵No original em inglês: The strategy of allowing the Anglo-American team to work on the *Collected Works* before bringing out the *Gesammelte Werke* had two major advantages. First, it meant that Routledge and Princeton, not Rascher, were responsible for the editorial work. Second, it responded to the needs of what had become Jung's target language-group, the Americans and (to a lesser extent) the British, who had both an appetite for analytical psychology and the financial means to spread the Jungian message (BISHOP, 1998b, p.375).

percepção de Jung sobre os Estados Unidos da América. Após a publicação dos dois primeiros livros no formato *Collected Works*, Jung escreveu para Barrett, diretor da *Bollingen Foundation*:

[...] a Fundação deve ser uma exceção singular nos Estados Unidos. Minha impressão é que se trata de uma pequena ilha num mar infinito de incompreensão e superficialidade. Não consegui entender ainda o que significa para o nível educacional a ausência quase completa das ciências humanas em geral. Tanto mais valorizo hoje o gênio de Mrs. Mellon que planejou a Bollingen Foundation, com a generosa contribuição de Paul Mellon (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 321)⁷⁶.

A opinião de Jung acerca dos norteamericanos parece ter evoluído pouco com o passar dos anos. Em carta para Freud em 1909, na véspera da primeira viagem de ambos para os Estados Unidos da América, Jung disse: “Não tenho grande esperança na psiquiatria americana, o que há de melhor está entre os psicólogos, mas são poucos os que se salvam”⁷⁷ (MCGUIRE; MADUREIRA, 1993, p. 280). Em outra carta, também para Freud, de 1909 diz:

A cultura americana é na realidade um abismo infundo; os homens se tornaram um rebanho de cordeiros, ao passo que às mulheres toca o papel de raposas vorazes—é claro que dentro do círculo familiar. Pergunto-me se jamais existiram antes no mundo condições como essas. E realmente acredito que não (MCGUIRE; MADUREIRA, 1993, p.311)⁷⁸.

Em carta para Freud de 1910, Jung diz estar lendo o livro *The American People, A Study in National Psychology*, do autor Maurice Low. Jung ressalta como interessante alguns pontos de vista do autor sobre a atuação do clima na produção de neurose entre os norteamericanos (MCGUIRE; SAUERLÄNDER, 1974). Em uma resenha publicada pelo periódico *The American Political Science Review*, Bogart (1912) caracteriza o livro de Low como

⁷⁶No original em inglês: “The Bollingen Foundation [...] must be an unusual exception in the United States. I get the impression of a small island in an infinite sea of misunderstandings and flatness. I didn’t realize what it means for the level of education when there is an almost complete absence of the humanities, and now can more appreciate the genius of Mrs. Mellon who planned the Bollingen Foundation with Paul Mellon’s generous aid” (JUNG; ADLER, 2015b, p. 150-151).

⁷⁷No original em alemão: “Von seiten der amerikanischen Psychiatrie dürfte allerdings nicht viel zu erwarten sein, besser sind schon gewisse Psychologen, aber gewiß nur wenige” (MCGUIRE; SAUERLÄNDER, 1974, p.253).

⁷⁸No original em alemão: “Die »Dessous« der amerikanischen Kultur sind wirklich Abgründe: die Männer sind zur Lämmerherde geworden, und die Frauen spielen die reißenden Wölfe, soweit natürlich die Grenzen der Familie reichen. Ich frage mich, ob jemals ähnliche Kulturbedingungen in der Welt vorgekommen sind. Ich glaube wirklich nicht” (MCGUIRE; SAUERLÄNDER, 1974, pp.284-285).

ilógico e insuficiente. A resenha foi publicada apenas dois anos após o lançamento do livro, mostrando que, mesmo na época, o tipo de análise psicológica realizada por Low acerca de um povo, e da qual Jung mostrava ter se interessado, não era bem aceita.

Em 1912, em sua terceira visita aos EUA, Jung visita a Universidade Fordham, em Nova Iorque, onde diz para seu público: “Não creio que vocês se preocupem muito com aquelas coisas que são profundas. Podem distrair-se tão facilmente” (JUNG, 1982, p. 37), além de dizer que “a América é hoje o país mais trágico do mundo” (p.32).⁷⁹ Em outra visita de Jung à Nova Iorque em 1925, a inglesa Esther Harding (1888-1971), uma das primeiras analistas junguianas na América do Norte, recorda que Jung “Falou da “simplicidade” dos americanos, a qual seria impossível para os europeus, por causa das inúmeras considerações a que devem prestar a devida atenção”(HARDING, 1982, p. 46).⁸⁰

Em 1952, ao responder uma carta do escritor estadunidense Upton Beall Sinclair Jr. (1878-1968), vencedor do Prêmio Pulitzer de Ficção, Jung diz que seu livro *A Personal Jesus*:

Pode até ser convincente a um intelecto americano moderno, mas do ponto de vista de um cientista europeu [...] parece um pouco seletivo demais [...]. Nós aprendemos de seu livro o que um escritor americano moderno “pensa de Jesus”. Isto não é menosprezo; apenas mostra a minha perplexidade (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 262)⁸¹.

Também para Sinclair é uma carta de Jung de 1955 no qual diz: “Para mim é uma grande incógnita se o público americano ou ao menos alguns de seus representantes mais destacados podem acompanhar os meus argumentos” (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p.383).⁸² Tendo Jung feito, ao longo das décadas, tão pouco juízo da capacidade de compreensão dos estadunidenses quanto a suas propostas e outros assuntos, podemos entender o porquê de limitar a participação das editoras estadunidenses ao trabalho “braçal” e financeiro da empreitada, pois, se não via muita esperança quanto à intelectualidade do país, desde cedo viu

⁷⁹ Ambas as falas, no original em inglês: “I do not feel that you care for those things which are profound. You can so easily dis-tract yourself” (JUNG, 1977, p.21), “America is the most tragic country in the world today” (JUNG, 1977, p.14).

⁸⁰ No original em inglês: “He spoke of the "single-mindedness" of Americans, which would be impossible to Europeans because of all the many considerations to which they must pay clue regard” (HARDING, 1977, p. 30-31).

⁸¹ No original em inglês: “It may even be convincing to a modern American mind, but seen from the standpoint of a European scientist, [...] seems to be a bit too selective. [...] We learn from your book what a modern American writer "thinks about Jesus." This is not meant to be derogatory; on the contrary, it merely shows my perplexity” (JUNG; ADLER, 2015b, p. 87).

⁸² No original em inglês: “It is a great question to me whether the American public or at least some of its competent representatives can follow my argument” (JUNG; ADLER, 2015b, p. 214).

nos norte-americanos um público financeiramente interessante do ponto de vista de sua atuação psicoterapêutica e acadêmica. Em carta para Freud em sete de janeiro de 1909 diz:

No tocante à América devo observar que as despesas de viagem de Janet foram amplamente compensadas pela clientela americana que em seguida lhe veio. Recentemente Kraepelin deu uma consulta na Califórnia pela bagatela de 50.000 marcos. Acho que esse lado também deveria ser levado em conta (MCGUIRE; MADUREIRA, 1993, pp. 243-244)⁸³.

Por ocasião da quarta edição do livro *Símbolos da Transformação*, volume 5 na *Collected Works*, Jung torna a se lembrar da *Bollingen Foundation* enquanto importante fonte de patrocínio:

“A publicação de uma nova edição revista e ampliada não teria sido possível sem valiosa colaboração recebida. Sobretudo devo agradecer à *Bollingen Foundation* (Nova York), cujo auxílio financeiro permitiu a coleta do material ilustrativo” (JUNG, 2013r, p.14)⁸⁴.

A descrença de Jung quanto à capacidade dos estadunidenses de compreender algo que envolvia o que chamava de humanidades, pode ser depreendida da perplexidade relatada a Sinclair quando informa ao mesmo não ter esperado que alguém nos Estados Unidos poderia ter realizado tais conexões como as apresentadas em seu livro. Para que Jung gostaria de disponibilizar seus livros entre este público do qual fazia tão pouco caso? Se não acreditava na capacidade de compreensão dos mesmos parecia, ao menos, acreditar em seus bolsos e, talvez, com o público norte-americano, tenha se valido do espírito contido na máxima atribuída ao escritor inglês Samuel Johnson (1709-1784) de que, a não ser pelo idiota, ninguém mais escreve se não for por dinheiro.

Retomando a questão da diferença de atribuições entre os editores de língua inglesa e os editores suíços, o fato da grande maioria dos textos de Jung terem sido escritos em alemão reduzia o trabalho destes no quesito tradução, e o fato das editoras anglo americanas desempenharem as atividades burocráticas de aquisição de direitos e financiamento do projeto

⁸³No original em alemão: “Punkto Amerika möchte ich noch bemerken, daß z. B. Janet seine Reisekosten durch nachherige entsprechende amerikanische Klientel ausgeglichen hat. Kraepelin hatte kürzlich eine Konsultation in Kalifornien für das bescheidene Handgeld von 50.000 M. Ich glaube, diese Seite dürfte auch in Betracht fallen” (MCGUIRE; SAUERLÄNDER, 1974, p.215).

⁸⁴No original em alemão: “Die Herausgabe einer umgearbeiteten Auflage wäre mir kaum möglich gewesen, wenn mir nicht hilfreiche Unterstützung zuteil geworden wäre. Vor allem gebührt der *Bollingen Foundation* (New York) mein besondere Dank dafür, daß sie durch finanzielle Hilfe die Sammlung des Bildmaterials ermöglicht hat” (JUNG, 2017b, p.15).

os colocavam na posição privilegiada de poder tratar a empreitada como uma experiência, podendo alterar o sentido e os rumos da publicação da versão alemã da coletânea conforme os resultados obtidos pela edição em língua inglesa fossem aparecendo.

Segundo Bishop (1998b), dentre os resultados estava a própria questão da ordenação temática versus ordenação cronológica, pois Jung e Max Rascher ainda nutriam certa esperança de uma publicação cronológica para a *Gesammelte Werke* por mais que a *Collected Works* estivesse avançando tematicamente. Contudo, como dissemos anteriormente, o próprio fato de como Jung procurava ser apresentado a partir de quais temas e em qual versão de seus textos, acabou impedindo a consistência cronológica da coletânea.

O volume *Psicologia e Alquimia* da coletânea nos oferece interessante exemplificação das diferentes intenções de Jung para com seu público de língua inglesa e seu público germânico. A partir de tal exemplo é possível adentrarmos mais a fundo na questão sobre o formato *Collected Works of C. G. Jung* ser ou não uma obra de popularização e no que isso implica sobre o modo como o autor e seu trabalho são lidos e apropriados.

3.3 EXEMPLO DE INTENÇÃO QUANTO A ORDEM DE EDIÇÃO DOS TEXTOS E PÚBLICO-ALVO A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DE *PSICOLOGIA E ALQUIMIA*

O ponto que anteriormente levantamos sobre a intenção de Mary Mellon para com a popularização da obra de Jung a partir da fala de uma de suas colaboradoras, Ximena de Angulo-Roelli, pode ser melhor observado quando examinamos a ordem de publicação de cada volume individual que compõe a coletânea.

Poderiam as propostas de Jung ser popularizadas? Isso seria o mesmo que dizer que deveriam se tornar acessíveis ou palatáveis para o público leigo? Von Franz (1995) pontua que Jung nunca se rendeu aos modismos e tendências em sua escrita, portanto, adequar sua escrita para determinado público não seria algo do feitio do autor⁸⁵. Em *A psicologia da*

⁸⁵Algo semelhante à colocação de von Franz pode ser encontrado na introdução de Aniela Jaffé em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, no qual diz sobre a motivação de Jung ao escrever: “[...] eu sabia que escrever se tornara para ele uma atividade cansativa e que, se resolvera fazê-lo, devia ser em resposta a uma *missão* ditada pelo mais profundo de si mesmo” (JUNG; JAFFÉ, 2016, p.18, itálico da autora). No original em alemão: “[...] wußte ich doch, wie sehr das Schreiben Jung anstrenge, und daß er nichts Derartiges unternemen würde, ohne es als «Auftrag» von innen her zu empfinden” (JUNG; JAFFÉ, 1962, p.2, grifo da autora).

Ainda em sua introdução, Jaffé recupera as palavras de Jung de que “escrever um livro é sempre para mim uma confrontação com o destino. Existe no ato da criação alguma coisa de imprevisível que é de antemão impossível fixar nem prever” (JUNG; JAFFÉ, 2016, p.18). No original em alemão: “Ein Buch von mir ist immer ein Schicksal. Es liegt etwas Unabsehbares darin,

Transferência, livro publicado em 1946 e incorporado em 1954 enquanto capítulo dentro do décimo sexto volume da *Collected Works of C. G. Jung*, *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, temos Jung dizendo:

Nesse trabalho, o leitor não encontrará uma apresentação dos fenômenos clínicos da transferência. É que minhas cogitações não são endereçadas ao principiante, àquele que ainda tem que se familiarizar com o fenômeno, mas exclusivamente a quem já adquiriu suficiente experiência em clínica própria. [...] Receio que a leitura deste estudo não seja fácil para quem não tem conhecimento dos meus trabalhos anteriores (JUNG, 2012g, p.48)⁸⁶.

A colocação de Jung deixa claro que o público leigo não era o alvo de seus trabalhos, pelo menos não em 1946 quando escreveu *A psicologia da Transferência*. Um ano depois assinaria o contrato para publicação de sua coletânea, originalmente em inglês, e a qual a edição alemã e eventualmente outras que surgissem deveriam seguir. Curioso é notarmos que o livro que incorporou *A psicologia da Transferência* na *Collected Works of C. G. Jung*, foi o terceiro livro a ser publicado na versão de língua inglesa da coletânea (ver Apêndice A). O que isso significa? Bem, se Jung disse que o texto ali contido não era para iniciantes e sim para pessoas que conheciam seu trabalho, é preciso atentarmos para o fato de que, à altura de sua inauguração, a *Collected Works* só havia disponibilizado dois outros livros que faziam o papel de antecessores de *A psicologia da Transferência*, a saber, *Psicologia e Alquimia* e *Dois escritos sobre Psicologia Analítica*, o que deixaria o leitor que tivesse elegido a *Collected Works of C. G. Jung* enquanto veículo para se inteirar das propostas do psiquiatra com poucas referências bibliográficas para tanto.

Além de Jung ter dito que seu texto *A psicologia da Transferência* não era para iniciantes, disse que era preciso ler *Psicologia e Alquimia* anteriormente. Em suas palavras: “tenho que colocar uma condição prévia: o conhecimento do meu livro *Psicologia e Alquimia*, sem o qual será difícil introduzir o leitor na *psicologia da transferência*” (JUNG, 2012g,

und ich kann mir nichts vorschreiben oder vornehmen” (JUNG; JAFFÉ, 1962, p.2). Contudo, Bishop (1998a, 1998b) demonstra que a ideia de que Jung escrevia apenas a partir de chamados interiores, impulsos individuais e confrontações com o Inconsciente trata-se de uma narrativa romanceada, pois o mesmo também publicava sob demanda editorial e interesse comercial.

⁸⁶No original em alemão: “Der Leser wird in dieser Schrift eine Darstellung der klinischen Übertragungsphänomene vermissen. Meine Ausführungen wenden sich aber nicht an den Anfänger, dem noch eine Kenntnis der Erscheinung zu vermitteln wäre, sondern ausschließlich an solche, welche durch ihre eigene Praxis sich bereits genügende Erfahrung erworben habe. [...] Ich fürchte, daß meine Darstellung keine leichte Lektüre sein wird für diejenigen, denen eine gewisse Kenntnis meiner früheren Arbeiten mangelt” (JUNG, 2011i, p. 169).

p.49).⁸⁷ Por exigência de Jung no contrato para a publicação de sua coletânea, *Psicologia e Alquimia* deveria ser o primeiro livro a ser reeditado em inglês, pois o considerava demasiado importante e não se contentava com a primeira tradução, de 1944 (MCGUIRE, 1989). Assim, em 1953 o livro inaugura as publicações no formato *Collected Works*.

Podemos dizer que o critério para ler *A psicologia da Transferência* se encontrou satisfeito pelo ordenamento dado pela *Collected Works: Psicologia e Alquimia* aparece em 1953 e *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, que contem *A psicologia da Transferência* em formato de capítulo, aparece em 1954. Contudo, ao retomarmos a questão sobre a coletânea de Jung poder ser ou não vista como uma obra de popularização, algo possivelmente visualizado por Mary Mellon, faz-se necessário nos atermos minuciosamente sobre a dinâmica e o ordenamento dessas publicações.

Somado ao fato do autor dizer em um dos textos de um dos primeiros livros disponibilizados de sua coletânea que o mesmo não era para iniciantes, temos no próprio livro que inaugura a *Collected Works* sua colocação de que o leitor deveria também estar familiarizado com outras noções. Assim disse Jung em *Psicologia e Alquimia*: “Quem já estiver familiarizado com a psicologia dos complexos não terá necessidade alguma destas observações à guisa de introdução às investigações aqui apresentadas. Creio, no entanto, que o leitor leigo e despreparado precisa deste esclarecimento inicial” (JUNG, 2012p, p.15).⁸⁸

Sobre sua frase, nossa primeira observação é quanto a mudança de postura por ele adotada, agora disposto a admitir um leitor leigo e conduzi-lo às suas propostas por meio de uma introdução. Poderíamos enxergar nessa forma de se expressar um efeito do formato coletânea e até um indicativo de tentativa de popularização de seu trabalho? No entanto, nossa segunda observação é quanto ao início de sua fala, ela pressupõe que possa já existir alguma familiaridade com seu trabalho e que sua introdução poderia ser desconsiderada por quem atendesse tal requisito.

De fato, como dito anteriormente, textos de Jung na língua inglesa já circulavam desde 1907, e outras coleções de textos organizados tematicamente foram publicados na Suíça desde seu rompimento com os psicanalistas, o que justifica a suposição de Jung quanto à existência

⁸⁷No original em alemão: “Ich muß daher beim Leser eine gewisse Kenntnis meines Buches <<Psychologie und Alchemie>> voraussetzen, denn ohne dieselbe wird es ihm wohl schwer fallen, den Zugang zu meiner <<Psychologie der Übertragung>> zu finden” (JUNG, 2011i, p. 170).

⁸⁸No original em alemão: “Was den Inhalt der folgenden Untersuchungen betrifft, so dürften sich für einen Kenner der Komplexen Psychologie einleitende Bemerkungen erübrigen. Für einen Lesen aber, der nicht zum Fach gehört und diesem Buch unvorbereitet gegenübertritt, bedarf es wohl einiger einführender Erklärungen” (JUNG, 2011m, p. 17).

de familiaridade com sua obra. O que questionamos é a estratégia editorial ali desenhada: qual o sentido em ter como primeira publicação de uma coletânea um volume para o qual é esperado que o leitor já possuísse certo conhecimento quanto ao trabalho do autor? Isso colocaria por terra a tese de que a *Collected Works* seria uma obra de popularização do trabalho de Jung ou apenas indica que não se trata de uma obra de introdução? Quais resultados busca uma obra que propõe a popularização do trabalho de um autor, mas sem se propor introduzir tais ideias de modo didático e cronológico?

Um problema estrutural surge no campo da *Collected Works of C. G. Jung* quanto a questão da ordem como os assuntos são introduzidos. Há nos prefácios dos editores em diversos dos livros da coletânea declarações sobre a importância central daquele livro ou tema no pensamento de Jung, o que, por si só, dificulta a conciliação entre tema, cronologia e ordem para leitura. No primeiro parágrafo do *Prefácio dos editores de Psicologia e Alquimia* temos:

O volume 6 *Tipos psicológicos* e o volume 7/1 – *O eu e o inconsciente e Psicologia do inconsciente*⁸⁹ – eram considerados básicos e imprescindíveis à compreensão de sua Obra Completa pelo próprio C. G. Jung. Nesta Obra Completa, o presente volume 12, *Psicologia e alquimia ocupa um lugar central*. O texto é aqui apresentado em sua terceira edição (JUNG, 2012ζ, p.9, grifos nossos)⁹⁰.

A passagem não só indica a possibilidade dos textos serem divididos entre básicos, imprescindíveis e centrais como, também, parece sugerir que a centralidade de um tema pode estar condicionada ao todo da coleção: *Psicologia e Alquimia* seria central no formato Obra Completa e, por derivação, podemos pensar se outros temas e livros poderiam ter diferentes níveis de importância quando considerados isolados ou em diferentes arranjos e agrupamentos de volumes. Já no primeiro parágrafo do *Prefácio dos editores* aos dois volumes que compõem *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* temos:

⁸⁹Importante lembrarmos que na tradução para o português pela Editora Vozes o volume VII foi dividido em dois tomos, sendo que no trecho acima os editores estão se referindo ao volume da edição de língua inglesa e alemã que possui apenas um tomo.

⁹⁰No original em alemão: “Neben <<Psychologische Typen>> (Band VI der Gesammelten Werke) hat C. G. Jung selbst <<Die Beziehungen zwischen dem Ich und dem Unbewußten>> (beide Band VII) als unerläßliche Grundlage für das Verständnis seines Gesamtwerkes betrachtet. In diesem nimmt <<Psychologie und Alchemie>>, eine Schrift, die hier nun - in dritter Auflage - als Band XII vorgelegt wird, eine zentrale Stellung ein” (JUNG, 2011t, p.9).

Este volume VII da Obra Completa de C. G. Jung [...] contém os dois estudos: *Psicologia do inconsciente* e *O eu e o inconsciente*. Nasceram de ensaios anteriores em que se destacam aquelas reflexões fundamentais e de grande importância para a organização das obras de Jung. A matéria tratada, difícil por natureza, é apresentada do modo mais simples possível, visando torná-la acessível a um público maior (JUNG, 2012δ, p.7, grifos nossos)⁹¹.

Dois escritos sobre Psicologia Analítica surge no formato *Collected Works* em inglês logo após *Psicologia e Alquimia*, também em 1953 (ver Apêndice A). Grande parte dos textos em *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* datam de um período pré *Alquimia* do trabalho de Jung e são tidos pelos editores como organizadores da obra do autor. Outra questão curiosa ainda no prefácio dos editores é a ideia de que parece ter havido certo esforço em simplificar o conteúdo para que um público maior fosse alcançado, ou seja, houve uma tentativa de popularização do mesmo.

Já no *prefácio dos editores suíços de *Mysterium Coniunctionis**, o décimo quarto volume no formato *Collected Works of C. G. Jung*, temos:

Na produção volumosa de C. G. Jung representa o *Mysterium Coniunctionis* a obra de maior importância de seus últimos anos. [...] O leitor não acostumado à linguagem da alquimia poderá, de início, sentir-se confuso diante da abundância dos símbolos, cujos significados se sobrepõem de maneira perturbadora. No entanto, se lhe fosse dado manusear alguns escritos originais dos alquimistas, chegaria a pensar de outra maneira e reconhecer que Jung realizou um trabalho imenso ao criar clareza neste setor por meio de seu processo de síntese, realizando uma verdadeira “*extractio animae*” (extração da alma) do caos reinante nesse campo (JUNG, 2012λ, p. 7-8, grifo nosso).

O prefácio acima foi escrito pela colaboradora de Jung Marie-Louise von Franz, que nesse volume assina em nome dos editores suíços apesar de não compor o corpo editorial da *Gesammelte Werke*. Temos em sua fala o condicionamento da importância de um tema à divisão por etapas do trabalho de Jung, ao evocar a importância do livro dentro do recorte os últimos anos de vida do autor.

Isoladamente, talvez os textos do formato *Collected Works of C. G. Jung* poderiam ser classificados por critérios como etapas do trabalho ou da própria vida do autor: quando jovem,

⁹¹No original em alemão: “Der vorliegende siebente Band der Gesammelten Werke C. G. Jungs enthält [...] die beiden Schriften <<Über die Psychologie des Unbewußten>> und <<Die Beziehungen zwischen dem Ich und dem Unbewußten>>. Diese Abhandlungen gingen hervor aus frühen Aufsätzen, in welchen sich schon jene grundlegenden Gedanken abzeichnen, die für den Aufbau von Jungs Gesamtwerk von Bedeutung sind. In beiden wird die an sich schwierige Materie möglichst leicht faßlich dargestellt und so einem breiteren Publikum zugänglich gemacht” (JUNG, 2019s, p.9).

determinado tema seria mais representativo e, no final da vida, outro tema tomaria esse posto. Ainda assim, no conjunto da obra, segundo os editores no prefácio de *Psicologia e Alquimia*, o tema da Alquimia seria central, o que podemos ver como uma tentativa de identificação da própria imagem do autor com o tema, ou, de modo menos definitivo, do tema ser fortemente representativo de seu pensamento, mesmo nem sempre estivesse presente em seu trabalho.

A colocação dos editores no prefácio à *Psicologia e Alquimia* torna ainda mais estranho o fato de um livro tido como central a partir de um conjunto, a coleção definitiva com todos os volumes publicados, ter sido publicado como primeiro volume individual do formato *Collected Works*. O que o faz ser central poderia ser percebido e apreendido sem o suporte de outros elementos do pensamento do autor? Afinal, o tema da Alquimia surge para Jung apenas em 1928, quando o mesmo já havia apresentado as noções de Arquétipo, Inconsciente Coletivo e sua tipologia. O que torna *Psicologia e Alquimia* central na visão dos editores?

O tema da Alquimia é apropriado por Jung em 1928 a partir de um encargo do estudioso da cultura chinesa Richard Wilhelm (1873-1930), o qual pedira ao psiquiatra suíço que escrevesse um comentário para um texto alquímico chinês que acabara de traduzir, *O segredo da flor de ouro*. Jung percebeu na temática alquímica da transformação e transmutação da matéria, paralelos históricos e psicológicos com os símbolos produzidos pela psique humana⁹². O objeto de nossa investigação nesse tópico não é o tema da Alquimia em si, mas o que o tema significa enquanto estratégia editorial na publicação individual do primeiro livro da série *Collected Works of C. G. Jung* para o público anglo-americano.

Se no prefácio de *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* há a indicação de busca por um público maior a partir da simplificação das ideias de Jung, o que parece ter tornado o tema da Alquimia atraente ao público é a própria dificuldade do tema, dificuldade essa ressaltada

⁹²Shamdasani informa que o evento de 1928, o pedido de Wilhelm, é tido como um marco da apropriação da Alquimia por Jung de modo mais aprofundado devido ao fato do encargo proposto pelo sinólogo ter coincidido com uma experiência pessoal de Jung no qual símbolos alquímicos estavam envolvidos. Em termos de primeiro contato com o tema, Shamdasani diz: “Jung familiarizara-se com textos alquímicos desde 1910 aproximadamente. Em 1912, Théodore Flournoy apresentara uma interpretação psicológica da alquimia em suas preleções na Universidade de Genebra e, em 1914, Herbert Silberer publicou uma extensa obra sobre o tema. A abordagem de Jung à alquimia seguia a obra de Flournoy e Silberer, ao considerar a alquimia a partir de uma perspectiva psicológica” (JUNG; SHAMDASANI, 2013a, p.77). No original em inglês: “Jung had been familiar with alchemical texts from around 1910. In 1912, Théodore Flournoy had presented a psychological interpretation of alchemy in his lectures at the University of Geneva and, in 1914, Herbert Silberer published an extensive work on the subject. Jung’s approach to alchemy followed the work of Flournoy and Silberer, in regarding alchemy from a psychological perspective” (SHAMDASANI, 2009a, p.74).

por colaboradores de Jung como von Franz que, por ocasião de uma série de conferências sobre o tema realizadas no Instituto C. G. Jung de Zurique em 1959, disse:

Logo que nos debruçarmos sobre os textos, o leitor compreenderá, em certa medida, como a alquimia acabou sendo esquecida e por quê, ainda, mesmo em círculos junguianos, muitas pessoas dizem que podem acompanhar o Dr. Jung no tocante à interpretação de mitos e em tudo o mais que ele escreveu, mas que, quando se trata de alquimia, desistem e/ou não o lêem [sic] ou ficam resmungando o tempo todo enquanto lêem [sic] seus livros sobre o assunto. Isso porque a alquimia, em si mesma, é tremendamente obscura e complexa, e os textos muito difíceis de ler, de modo que, se o leitor desejar penetrar nesse campo, terá necessidade de uma imensa bagagem técnica de conhecimentos (VON FRANZ, 1993, p.3)⁹³.

O fato de uma linguagem obscura, complexa e difícil⁹⁴ até mesmo para analistas junguianos poder ser objeto de interesse de um público leigo é algo, no mínimo, inusitado. Por que o público se interessaria por algo que não compreende bem? Como vimos anteriormente, temas ligados à Psicologia e ao Inconsciente começaram a ganhar espaço entre o público norte-americano no período pós Segunda Guerra Mundial, alimentando a curiosidade dos mesmos sobre assuntos similares. Devemos resgatar, também, a fala de McGuire (1989) sobre o casal Mellon que mesmo no início de suas incursões pelo mundo da Psicologia Analítica, em uma época que pouco compreendiam sobre os temas tratados e nada entendiam sobre a língua no qual alguns temas eram abordados, se dispuseram a mobilizar suas energias e recursos financeiros enfrentando as incertezas e horrores da guerra pelo simples fato de conseguirem se conectar, de algum modo, com aquilo que Jung dizia, ou, para eles, parecia dizer.

Para entendermos essa questão de que uma estratégia editorial de popularização do trabalho de um autor pode se dar com objetivos para além da intenção primária da inteligibilidade do mesmo, devemos, aqui, abrir um breve parenteses e nos perguntar se o

⁹³No original em inglês: “As soon as we get into the texts you will understand, to some extent, how alchemy came to be forgotten, and why still, even in Jungian circles, many people say that they can go along with Dr. Jung as far as myth interpretation is concerned, and with all else he has written, but that when it comes to alchemy they give up, and either do not read, or grumble while reading his books on the subject. This is because alchemy, in itself, is tremendously dark and complex, and the texts very difficult to read, so that an enormous kind of technical background of knowledge is needed if you wish to penetrate into this field” (VON FRANZ, 1980, p.13).

⁹⁴A fala de von Franz recuperada acima se dá no quinto livro que compõe uma série denominada *Coleção Estudos de Psicologia Junguiana por analistas junguianos*, editados por um selo editorial canadense criado para divulgação da Psicologia Analítica, a Inner City Books. Von Franz era patrona honorária da editora e da coleção e podemos tomar sua descrição sobre a Alquimia, algo obscuro e complexo, como representativa para o meio junguiano acerca do tema.

próprio Jung estaria disposto em popularizar sua obra e seu trabalho “para” um público ou “em cima” de um público. Qual seria a diferença? Bem, como dissemos anteriormente, Jung possuía junto a Max Rascher toda uma estratégia de como disponibilizar seus textos para o público francês: primeiro seus textos considerados básicos e depois comentários e coletâneas dos textos fundamentais, visando construir no público os elementos para compreensão de seu trabalho. Já como exemplo de construção em cima do público, ou seja, visando, talvez, mais a expansão e a divulgação de seu trabalho do que a construção da compreensão do mesmo, temos os bastidores da publicação de *Tipos Psicológicos* em espanhol, volume que inaugura a tradução dos trabalhos de Jung para a língua espanhola em um período pré *Collected Works of C. G. Jung*.

A tradução para o espanhol de *Tipos Psicológicos* se deu por iniciativa da escritora argentina Victoria Ocampo (1890-1979). Em 1931, Ocampo fundou em Buenos Aires a editora Sur, cujo objetivo era ligar intelectualmente América do Sul, América do Norte e Europa por meio de publicações que pudessem inspirar novos escritores na América do Sul. Em pouco tempo, a editora Sur havia se tornado o principal veículo cultural literário do século vinte na América Latina, tendo existido por quarenta anos (STEINER, 1999).

Por meio da Sur, Ocampo foi responsável por iniciar o público latino-americano na leitura da produção textual de diversos autores. Em 1934, viaja para Zurique com o objetivo de conseguir os direitos de tradução de *Tipos Psicológicos* para o espanhol. Sobre o encontro com Jung para tal negociação, Ocampo relatou:

Em outubro de 1934, [...] parei em Zurique para ver o autor de *Tipos Psicológicos*. [...] Quando lhe perguntei se não gostaria de proferir algumas conferências na Argentina, ele respondeu: “Para quê? Não poderiam estar interessados. Não entenderiam. Porque são latinos? Porque são católicos?”. Eu desejava que me pudesse ser imediatamente dada uma longa aula para explicar o que ele queria dizer; mas havia pacientes esperando por ele, só Deus sabe com que carga de complexos (OCAMPO, 1982, p. 89-90)⁹⁵.

Em 1936, com tradução do escritor chileno Ramón de la Serna (1894-1969), *Tipos Psicológicos* foi publicado em Buenos Aires pela Sur, recebendo prefácio de Jung no qual diz:

⁹⁵No original em inglês: “In October of 1934 [...] I made a detour and stopped in Zurich to see the author of Psychological Types. [...] When I ask him whether he would not like to deliver some lectures in Argentina, he answers: "What for? They could not be interested. They would not understand. Because they are Latins? Because they are Catholics?" I wished I might have immediately been given a long lecture to explain what he meant; but patients were waiting for him, with God knows what burden of complexes (OCAMPO, 1977, p. 82-84).

“Cumpro, com prazer, o dever de expressar minha mais sincera gratidão à Victoria Ocampo pelo esforço admirável dispensado à publicação da presente obra, e a Ramón de la Serna pelo trabalho realizado com a tradução” (JUNG, 1985, p.8, tradução nossa)⁹⁶.

A gratidão de Jung em perceber o interesse de um novo público, o de língua espanhola, para com o seu trabalho, parece não ter sido suficiente para que o autor aceitasse o convite da organizadora da tradução para falar pessoalmente com esse novo público. Compartilhamos do estranhamento sentido por Ocampo quanto à fala de Jung de que o público argentino não estaria interessado e não entenderia suas colocações. Qual teria sido o interesse de Jung em permitir que seus textos fossem publicados e traduzidos para um público que, segundo o mesmo, não o entenderia? Por isso dizemos de uma popularização de seu trabalho “em cima” de um novo público, pois, se o próprio autor não estava disposto a ir ao encontro do novo público para poder lhes explicar suas ideias, achando que o mesmo nem o entenderia, seu interesse parece ser majoritariamente, ao menos nesse caso, de expandir seu alcance em detrimento da própria compreensão de suas propostas.

O convite de Ocampo se deu em 1934 e o fato de duas grandes viagens fora do continente europeu terem sido realizadas por Jung nos anos seguintes; em 1936 para os Estados Unidos da América e em 1938 para a Índia, parece indicar que o problema não seria o deslocamento do autor para um país distante, mas, talvez, aponte para a diferença de interesses para com públicos distintos. Em ambas viagens, Jung recebeu títulos de *Doutor Honoris causa*, nos Estados Unidos da América pela Universidade de Harvard e na Índia pelas universidades de Calcutá, Benares e Allabad (VON FRANZ, 1995). Jung já havia estado nos Estados Unidos da América em diversas outras ocasiões e seu interesse para com assuntos relacionados à Índia pode ser depreendido de suas correspondências com autores indologistas e sua participação em encontros no qual tais temas relacionados a cultura indiana eram discutidos.

Devemos, no entanto, lembrar que os eventos acima discutidos se deram em uma época pré *Collected Works*, na qual a ideia de popularização dos trabalhos de Jung se dava mais por iniciativas individuais de alguns escritores, tradutores e editores do que do próprio autor. A tradução para o espanhol de *Tipos Psicológicos* parece ter ocorrido em um espírito semelhante ao de Constance Long, com a publicação de *Collected papers on Analytical Psychology* em 1916, e o de Mary e Paul Mellon com a criação da *Bollingen Foundation*, no

⁹⁶No original em espanhol: “Cumpro un grato deber expresando aquí mi más rendida gratitud a Victoria Ocampo por el desvelo admirable que ha puesto en la publicación de la presente obra, y a Ramón de la Serna por la labor de traducción que ha realizado” (JUNG, 1985, p.8).

qual o objetivo era levar para um público maior em tempos de crise, textos que tratassem de temas valiosos.

Sobre isso, temos um dos editores da *Sur*, o escritor argentino Eduardo Mallea (1903-1982), dizendo ao escritor espanhol Guillermo de Torre (1900-1971) sobre a tradução de *Tipos Psicológicos* para o espanhol:

O que nos interessa [para os editores da *Sur*] é a tradução de *Tipos Psicológicos* de Jung, não importando o custo, não importando, sequer, que a venda cubra ou não os gastos. É fundamental, em minha opinião, disponibilizarmos, inicialmente, livros com sentido vasto e verdadeiro. Posteriormente, disponibilizaremos, em grande número, livros de saída fácil (GARCÍA, 2005, p.4, tradução nossa)⁹⁷.

O fascínio exercido pelo tema da tipologia de Jung foi tamanho que os editores afirmavam não estarem preocupados com possíveis prejuízos financeiros, o que importava era a “verdade” trazida com o livro. Como dissemos no capítulo anterior, *Tipos Psicológicos* recebeu amplo destaque em periódicos de grande relevância internacional, como *The New York Times*, no qual Jung foi descrito como desvelador do Inconsciente. Frente a tal promessa de compreensão do indivíduo, a própria ideia de que o tema poderia não ser facilmente compreendido, como mesmo pontua Jung no prefácio à edição espanhola⁹⁸, ou a possibilidade de fracasso do ponto de vista financeiro pela *Sur*, parecia não importar.

Após tais considerações, retomemos a discussão sobre o sentido e intenção para com a publicação de *Psicologia e Alquimia*, um volume de difícil compreensão para o leigo, enquanto primeiro livro dentro do formato *Collected Works of C. G. Jung* para o público de língua inglesa. Sete anos antes da assinatura do contrato para a criação da *Collected Works*, *Psicologia e Alquimia*, mais precisamente uma versão anterior da mesma chamada *The Integration of the Personality*⁹⁹ (*A integração da personalidade*), já era enunciada como uma

⁹⁷No original em espanhol: “Lo que nos interesa [para editorial *Sur*] es la traducción de *Tipos psicológicos* de Jung, no importa lo que cueste, no importa tampoco que la venta cubra o no los gastos. Fundamental es a mi juicio dar inicialmente libros de significación vasta y verdadera. Luego haremos, numerosamente, libros de fácil salida” (GARCÍA, 2005, p.4).

⁹⁸No primeiro parágrafo do prefácio à edição argentina de *Tipos Psicológicos*, diz Jung: “Um livro que oferece, essencialmente, algo novo, não pode esperar uma plena compreensão. E nada, certamente, traz maiores dificuldades do que os novos conhecimentos psicológicos” (JUNG, 1985, p.7, tradução nossa). No original em espanhol: “Un libro que ofrece algo esencialmente nuevo no puede esperar una plena comprensión. Y nada, ciertamente, se abre paso con mayor dificultad que los nuevos conocimientos psicológicos” (JUNG, 1985, p.7).

⁹⁹*The integration of the Personality* foi traduzido por Stanley M. Dell e consistia de dois grandes textos oriundos de palestras de Jung realizados em 1935 e 1936, posteriormente transcritas

nova possibilidade de se pensar o mundo e o homem em um cenário de guerra. Lançado pela primeira vez em inglês em Nova Iorque, em 1939, pela Farrar & Rinehart e em Londres, em 1940, pela *Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.*, *The Integration of the Personality* recebeu em 1940 uma resenha publicada pela aclamada revista britânica Springer Nature, em sua seção Nature Publishing Group.

Com o título de *Introverted Science* (Ciência introvertida), a resenha apresenta *A integração da personalidade* em sua versão de 1940 pela *Kegan Paul & Co.* como um livro capaz de lançar luz sobre os conteúdos psíquicos interiores podendo, talvez, auxiliar na superação do apagão mental instalado com a guerra. A resenha convida o leitor a tentar ler o livro tendo em mente o clima de atmosfera espiritual e contato com o mundo interior que cercava o autor por ocasião de suas palestras que deram origem ao texto. Prossegue introduzindo o tema central do livro, o processo de individuação, e situa Jung como um grande empírico e homem da Ciência que trata seus assuntos de forma cientificamente objetiva (NATURE PUBLISHING GROUP, 1940).

Os capítulos do livro passam a ser descritos quanto ao tema particular que cabe a cada um e o problema da individuação é novamente retomado e descrito como uma questão da experiência, sendo afirmado que o próprio livro só fará sentido caso o leitor esteja inclinado a abraçar a importância das experiências psíquicas interiores (NATURE PUBLISHING GROUP, 1940). A resenha não se furta em criticar o livro, pontua que são poucas as evidências fornecidas pelo autor para dar suporte às suas colocações e que fica condicionada à existência de conhecimentos prévios do leitor acerca de temas psicológicos a compreensão de inúmeras passagens.

No final da resenha, é apontado que por mais mérito que as discussões em *A integração da personalidade* pudesse ter, o livro seria apenas a ponta da lança com a qual Jung começava a apresentar as conexões entre a alma do homem moderno, seus conteúdos psíquicos e a as tradições alquímicas e, portanto, seria necessário ao autor apresentar trabalhos mais satisfatórios e grandiosos que aproximassem tais elementos.

Outra resenha sobre *A integração da personalidade*, mas em sua versão de 1939 pela Farrar & Rinehart, foi realizada por Robert K. Merton e publicada pelo periódico *American Sociological Association*, em 1941. Merton (1941) diz que o livro traz ao leitor a dificuldade

publicadas com o título de *Traumsymbole des Individuationsprozesses* e *Die Erlösungsvorstellungen in der Alchemie*, revistos e ampliados para o formato *Collected Works* compondo *Psicologia e Alquimia*, respectivamente com os títulos de *Símbolos oníricos do processo de individuação* e *As ideias de salvação na alquimia*.

de saber onde termina o misticismo poético e onde começa a ciência empírica de Jung. Também aponta a individuação como o tema central do texto e alerta o leitor para a grande quantidade de simbolismo alquímico encontrado no mesmo. Descreve a Alquimia como um velho passatempo de Jung do qual o autor se esforça para retirar os preconceitos endereçados ao tema.

Merton (1941) finaliza a resenha dizendo que o livro é essencial para aqueles que se interessam em saber mais sobre o conceito semi-lamarckiano de Inconsciente Coletivo de Jung, e que não seria nenhum crime os leitores permanecerem céticos às evidências apresentadas pelo autor, autor este que Merton identifica como o filósofo de Zurique.

O quanto Jung estava ciente de tais resenhas não nos é possível saber, mas temos motivos para acreditar que o autor havia tomado conhecimento das mesmas, pois, na nova reimpressão de *A integração da personalidade*, em 1944, temos Jung dizendo que a Alquimia não era um passatempo antigo seu, como Merton atestara em sua resenha¹⁰⁰.

Podemos perceber pelas resenhas críticas que o tema da Alquimia apresentado em *A integração da personalidade*, que posteriormente iria compor grande parte de *Psicologia e Alquimia*, foi recebido com um misto de ceticismo e fascínio. Como dito anteriormente, foi determinação do próprio Jung que *Psicologia e Alquimia* fosse o primeiro livro reeditado dentro da nova coletânea de seus escritos. Assim, poderíamos dizer que não foi uma decisão editorial anacrônica na qual se publica primeiramente um volume que na ordenação da coleção definitiva é o décimo segundo em um total de dezoito. A editora estaria apenas seguindo uma determinação do autor.

Contudo, nosso questionamento continua pertinente, mudando apenas o sujeito da mesma: qual a estratégia do autor ao querer eleger *Psicologia e Alquimia* como lançamento inicial de sua coletânea para o público anglo-americano? A justificativa da existência de uma versão cuja tradução não o agradava, e que precisava ser rapidamente corrigida, não parece ser a única explicação, sobretudo quando examinamos a nota do tradutor, Hull, para a coletânea. Na nota que acompanha apenas a versão em língua inglesa do livro, Hull diz:

¹⁰⁰Merton pontua: “Alquimia é um velho passatempo de Jung” (MERTON, 1941, p. 290, tradução nossa). No original em inglês: “Alchemy is an old hobby of Jung’s” (MERTON, 1941, p. 290). Já Jung, ressalta: “Alquimia não é um velho passatempo meu; comecei um estudo minucioso do assunto apenas nos últimos anos” (JUNG, 1944, p. 27, tradução nossa). No original em inglês: “Alchemy is not an old hobby of mine; I began a thorough study of the subject only within the last few years” (JUNG, 1944, p. 27).

No que diz respeito à tradução deste e dos outros volumes das *Obras Completas*, é certo que o objetivo principal tem sido reproduzir a linguagem direta, vivaz e, muitas vezes, informal do autor. Em uma empreitada como esta, seria um ato de presunção do tradutor ignorar os trabalhos de seus antecessores, sendo que a atual edição não procura afirmar sua inovação e variação ao deliberadamente ignorar as inúmeras qualidades das traduções existentes. A partir disso, o objetivo secundário tem sido estabelecer uma terminologia padrão para todos os volumes desta série e reduzi-los a um estilo uniforme, ao mesmo tempo em que aproveita ao máximo os trabalhos já existentes neste campo (JUNG, 1968g, p.9, tradução nossa)¹⁰¹.

Nesse caso, ao falar de trabalho já existentes Hull estava se referindo a tradução para o inglês de *The integration of the personality* realizada por Dell em 1940. Por meio das palavras de Hull acerca do trabalho de Dell, não nos é possível visualizar a insatisfação de Jung quanto a tradução deste, pelo contrário, Hull diz não poder ignorar a qualidade do trabalho e incorrer em um capricho de tomar sua tradução como algo sem precedentes. O fato de dizer que um dos objetivos das novas traduções para o inglês de textos de Jung anteriormente já traduzidos era a criação de uma terminologia padrão, que unificasse os textos da coletânea, parece um motivo mais plausível¹⁰² que, no entanto, nada esclarece quanto às intenções de Jung em querer que esse livro inaugurasse sua coletânea.

Coloquemos, pois, de outro modo a questão: qual a intenção de Jung em estar associado à Alquimia quando fosse ser apresentado para um público possivelmente mais amplo? O que o tema representa em sua obra? Ao analisar o processo de digitalização da

¹⁰¹No original em inglês: “So far as concerns the translation of this and other volumes of these collected works, the primary aim has naturally been to reproduce the straightforward, lively, and often informal language of the author. In an undertaking such as this one, it would indeed be an act of presumption for the translator to ignore the labours of his predecessors, and the present edition does not seek to stress its newness and difference by studiously overlooking the manifold excellences of the existing translations. In general, therefore, the secondary aim has been to establish a standard terminology for all volumes in this series and to reduce them to a uniform style, while making the fullest use of previous work in this field” (JUNG, 1968g, p.9).

¹⁰²Dizemos plausível com base na colocação de outros autores quanto a própria qualidade do inglês de Jung, o que sugere que uma decisão partindo exclusivamente do mesmo quanto a qualidade de uma tradução, sem o suporte de outros tradutores, poderia resultar em algum equívoco. Durante o processo de preparação da publicação das cartas de Jung, Adler (JUNG; ADLER, 2015a) notou que o inglês utilizado pelo autor sofria do que chamou de germanismo, a tendência em empregar certas locuções em inglês tendo como base a estrutura da gramática alemã, fazendo com que a ordem das palavras não soasse de maneira fluida ou que termos menos adequados fossem empregados. Lammers e Cunningham (2007), editora das correspondências entre Jung e o padre Victor White, diz que muito do fascínio outrora provocado pelo volume das *Cartas* de Jung selecionadas por Adler e Jaffé está no fato de como Jung fora representado nas mesmas: um interlocutor brilhante que conseguia se expressar de modo surpreendente em diferentes idiomas. Lammers, porém, ressalta que pouco do verdadeiro modo de se expressar de Jung pode ser vislumbrado em tais documentos, sobretudo os escritos originalmente em língua inglesa, já que um pesado processo de edição envolvendo correções de vícios de expressão e até mesmo excentricidades do autor fora empregado.

coleção de textos alquímicos da biblioteca de Jung, iniciativa acordada em 2010 entre a Fundação para os trabalhos de C. G. Jung (The Foundation of the Works of C.G. Jung) e o Instituto Federal Suíço de Tecnologia, em Zurique (Eidgenössische Technische Hochschule Zürich, ou, ETH Zurich), Fischer (2011) diz que o mérito da coleção de textos alquímicos de Jung está mais no modo como o autor a organizou e no modo como em seus próprios livros relacionou entre si os textos, do que no próprio material. Apesar de se tratar de uma impressionante coleção individual, a digitalização do acervo revelou que poucos são os textos realmente raros ou exclusivos em posse de Jung, uma vez que a grande maioria era de manuscritos também de posse de colecionadores, casas editoriais e bibliotecas espalhadas pelo mundo.

O modo como Jung apresenta a questão da Alquimia em relação aos conteúdos simbólicos da humanidade e do indivíduo, e também o modo como seus colaboradores passaram a situar o tema em relação ao autor e difundi-lo, é o que parece ter conferido força e projeção a esta associação Jung-Alquimia. Nesse sentido, von Franz diz:

Como se sabe, o Dr. Jung devotou muitos anos de estudo a esse assunto, que ele praticamente exumou do monturo do passado, pois era um campo esquecido e desprezado de investigação que assim foi subitamente ressuscitado. O fato de que hoje se vende o menor folheto por cerca de 100 francos suíços, quando há uns 10 anos um excelente livro sobre alquimia podia ser comprado por dois ou três francos, deve-se realmente ao Dr. Jung, visto que, com exceção do interesse manifestado por alguns círculos franco-maçônicos e dos desenvolvimentos posteriores pelos rosa-crucianos, ninguém sabia nada de fato acerca do assunto, quando ele iniciou suas investigações a respeito (VON FRANZ, 1993, p.3)¹⁰³.

Como vimos na fala de Shamdasani (2013), Jung não foi o primeiro autor ligado à Psicologia a explorar a associação entre Alquimia e conteúdos simbólicos. A fala de von Franz se dá por ocasião de suas palestras sobre Alquimia em 1959 e não faz menção a Flournoy ou Silberer, este sendo mencionado apenas duas vezes por Jung, ainda assim de modo superficial, em *Psicologia e Alquimia* e aquele nenhuma vez. Podemos pensar se o fato de von Franz (1993) atribuir quase que exclusivamente a Jung o resgate da Alquimia e a relação da

¹⁰³No original em inglês: “As you know, Dr. Jung has devoted many years of study to this subject, which he practically dug up from the dunghill of the past, for it was a forgotten and despised field of investigation which he has suddenly revived. The fact that now the smallest pamphlet sells for about 100 Swiss francs, while about ten years ago an excellent book on alchemy could be bought for two or three francs, is actually due to Dr. Jung, because except for the interest displayed by some Freemason circles, and later developments by Rosicrucians, nobody really knew anything about the subject when he began his work on it” (VON FRANZ, 1980, p.13).

Psicologia com a mesma se deve ao formato e ao local de sua colocação, uma palestra dentro de um instituto devotado à Psicologia Analítica e a Jung, o Instituto C. G. Jung em Zurique, na qual a autora poderia ter deliberadamente omitido tais informações para evidenciar o trabalho do psiquiatra¹⁰⁴.

O tema da Alquimia, sua relação com a alma humana e seus conteúdos inconscientes, torna o lançamento de *Psicologia e Alquimia* enquanto obra de inauguração do formato *Collected Works of C. G. Jung* para o público anglo-americano uma grande estratégia editorial. Como anunciado pelas tradutoras e admiradoras anglo americanas de Jung, o mundo entre guerras e pós-guerra pedia por uma nova visão de mundo, algo que resgatasse a alma humana e, nesse sentido, o tema da Alquimia trazia uma miríade de analogias, amplificações, metáforas e possibilidades de interpretações para o crescente público consumidor de literatura de fundo psicológico oriundo da classe média, sobretudo, nos Estados Unidos da América.

Ao mesmo tempo, por não se tratar de um tema tão recorrente dentro do universo psicológico, a apresentação de Jung para um público mais vasto por meio de seus estudos sobre Alquimia possibilitava que o autor fosse introduzido como grande autoridade e referência sobre o tema. Para além do mundo psicológico, outros eventos e personagens acabaram ventilando o tema da Alquimia para o grande público. Morrisson (2007) informa que grande parte das experiências e descobertas no campo da Física e da Química moderna na primeira metade do século XX, envolvendo principalmente a radiação e o universo atômico, era divulgada pela grande mídia como experiências alquímicas modernas, instilando no público leigo a curiosidade para com a antiga arte.

Morrisson (2007) pontua que o universo atômico possibilitou novos questionamentos sobre os contornos da realidade, da matéria e do espírito, o que causou a reificação dos velhos paradigmas alquímicos de transmutação da matéria. Em semelhante espírito de questionamento da realidade, o Movimento Surrealista no século XX também se propõe a incorporar elementos ligados à Alquimia em suas expressões artísticas, sendo que Bauduin

¹⁰⁴O apreço de von Franz por Jung a levou a declarar que o modo como Jung tratava seus objetos de estudo, em sua percepção, agregava mais valor aos assuntos do que quando feito por outrem: “[...] o leitor vai perceber que estou convencida das ideias de Jung. Não se deve pensar que isso signifique que eu as considero verdades científicas “absolutas” e de validade universal. Contudo, desde a minha juventude tive eu mesma experiências interiores para as quais as descobertas de Jung me ofereceram a explicação mais esclarecedora até o momento e verifiquei que ocorre o mesmo com muitas outras pessoas. Portanto, estou convencida, por um lado, de que certos processos básicos na vida e na obra de Jung acompanham o de inúmeros homens e mulheres de hoje e, por outro, de que a honesta e cuidadosa tentativa de Jung no sentido de interpretar esses processos leva mais longe do que quaisquer outras explicações que conheço” (VON FRANZ, 1995, p. 19-20).

(2014) informa que especialmente nos Estados Unidos em 1940, principalmente em Nova Iorque, diversos surrealistas voltaram-se para o tema.

Apesar de Bauduin (2014) pontuar que alguns surrealistas interessados em Alquimia procuravam se manter afastados do trabalho de Jung por considerá-lo reacionário e simpatizante do fascismo, podemos pensar que todo o interesse sobre o tema plantado em solo estadunidense, tanto pelo viés do avanço da Física e da Química moderna assim como pelo movimento surrealista, pavimentou o caminho para que *Psicologia e Alquimia* fosse uma boa aposta editorial e comercial.

Outro ponto que nos leva a considerar como estratégico a apresentação de Jung a partir da associação Jung-Alquimia de modo conjunto para um público mais vasto, está no fato do autor desencorajar Mary Mellon em publicar pela *Bollingen Series* da *Bollingen Foundation* os textos alquímicos reunidos por Jung em sua biblioteca particular. McGuire (1989) informa que caso fosse necessário a Jung deixar a Europa em razão da guerra se refugiando junto aos Mellon, se acharia confortável, pois, teria à sua disposição uma quase réplica de sua própria biblioteca pelo fato do casal ter buscado adquirir muito dos textos que eram de interesse do autor, inclusive de sua coleção sobre Alquimia.

Mary Mellon colecionava textos alquímicos mesmo sem saber o que fazer com eles ou do que se tratavam, como podemos perceber de sua declaração para Jung em uma carta de 1945 sobre um seminário de Alquimia apresentado pelo psiquiatra em 1937 do qual participara: “Eu não fazia a menor ideia sobre o que você estava falando e o lugar estava cheio de pessoas assim como eu, mas eu sabia que aquilo fazia parte da minha vida. Gostaria de disponibilizar isso ainda em vida” (MCGUIRE, 1989, p. 107, tradução nossa).¹⁰⁵

Mary Mellon vislumbrara a criação de uma série de publicações dentro da *Bollingen Series* chamada de Biblioteca Alquímica (Library of Alchemy) e pedira a opinião de Jung quanto ao desejo de querer publicar os antigos textos alquímicos que possuíam. A resposta de Jung, no entanto, foi a de que “ninguém, a não ser alguns poucos acadêmicos, seria capaz de compreender uma coisa tão obscura” (MCGUIRE, 1989, p. 107, tradução nossa),¹⁰⁶ desaconselhando-a da empreitada.

Se o plano de Mary Mellon tivesse seguido adiante, o tema da Alquimia pela *Bollingen Series* teria sido apresentado para o público anglo-americano antes da *Collected*

¹⁰⁵No original em inglês: “I had no more idea of what you were talking about than the next person, and the place was full of such; but I knew it was a part of my life. Now I want it to come out in my lifetime” (MCGUIRE, 1989, p. 107).

¹⁰⁶No original em inglês: “Nobody but a very few scholars would be able to understand that abstruse stuff” (MCGUIRE, 1989, p. 107).

*Works of C. G. Jung*¹⁰⁷. Por mais que Mary Mellon pudesse fazer menção ao trabalho de Jung por ocasião da divulgação de sua *Library of Alchemy*, e pela admiração que possuía pelo psiquiatra temos elementos para acreditar que o faria, talvez Jung considerasse que o acesso a tais textos poderia gerar algum tipo de confusão e que tal confusão fosse atribuída, de algum modo, ao seu próprio trabalho.

Curiosa é a fala de Jung de que alguns poucos acadêmicos teriam condições de compreender o tema da Alquimia. Podemos depreender dessa colocação que tanto Jung colocava o tema da Alquimia como uma questão para acadêmicos como parecia considerar que havia um modo a partir do qual os textos deveriam ser apreciados. Quem Jung julgaria capaz de interpretar tais questões? E seriam capazes porque o fariam de que modo, a partir de quais relações e com qual objetivo?

Em carta de Jung de 3 de fevereiro de 1960 para Vaun Gilmor, editora assistente da *Bollingen Series* e vice-presidente da *Bollingen Foundation*, o autor diz:

Como você sabe, eu reabri a discussão sobre filosofia alquímica, isto é, pelo menos, mostrei um caminho que permite uma nova interpretação de suas ideias essenciais. O público capaz de entender tal pesquisa é extremamente pequeno [...], requer a extraordinária capacidade mental de homens como Pauli e Heisenberg para apreciar a importância do problema da complementariedade dos opostos, da simetria e assimetria, levantada pela Física Nuclear, por um lado, e pela Psicologia do Inconsciente pelo outro. O lado físico do problema é um assunto bem conhecido, enquanto o lado psicológico e hermético desse problema é acessível apenas para poucos, pois, os fenômenos inconscientes são estudados por poucos e o estudo da Alquimia é ainda mais desconhecido (JUNG; ADLER, 2015b, p.535)¹⁰⁸.

¹⁰⁷De certo modo, a figura de Jung atrelada à Alquimia já havia sido plantada no público anglo-americano por ocasião de suas palestras sobre individuação no final dos anos trinta nos Estados Unidos da América e com a primeira tradução nos anos quarenta do que viria a se tornar *Psicologia e Alquimia*. Mas, levando em consideração as resenhas que avaliavam seu livro nessa ocasião, este parece ter pouco impressionado. Fato é que os Mellon possuíam grande acervo de material sobre Alquimia, o que pode ser notado na nota de agradecimento na versão em língua inglesa de *Psicologia e Alquimia* quando os editores agradecem à Biblioteca da Universidade Yale pela permissão de terem utilizado imagens da antiga coleção de livros raros outrora pertencentes a Paul Mellon e agora pertencentes à instituição. Paul Mellon estudara na Yale University e por intermédio da Old Dominion Foundation realizou grandes doações para a instituição. O nome da coleção de textos raros de Paul Mellon pertencentes à Biblioteca da Universidade de Yale é Coleção Mellon sobre o Alquímico e o Oculto (Mellon Collection of the Alchemical and Occult). Ian MacPhail (1967), encarregado por Paul Mellon de realizar um levantamento bibliográfico de seu material sobre Alquimia e publicar um catálogo com tais informações, comenta que a coleção dos Mellon é de alta qualidade e possui significantes trabalhos do gênero.

¹⁰⁸Essa carta, escrita originalmente em inglês, não se encontra nas versões em português e alemão das correspondências de Jung. Tradução nossa a partir do original em inglês: “As you know, I have reopened the discussion about alchemical philosophy, i.e., I have at least shown a way which allows

A partir da carta de Jung para Gillmor, temos algumas respostas para as perguntas anteriormente colocadas. As pessoas citadas por Jung como capazes de entender o simbolismo da Alquimia, sua relação com a matéria e com a psique humana são Wolfgang Ernst Pauli (1900-1958), Físico de partículas austríaco e ganhador do prêmio Nobel de Física por seus estudos em Física Teórica e Quântica, e Werner Karl Heisenberg (1901-1976), físico alemão também laureado com prêmio Nobel em Física e um dos principais teóricos da Física Quântica.

Como se não bastasse o seletivo grupo capaz de compreender as questões trazidas por Jung, o autor ainda diz que os problemas por ele considerados a partir da Alquimia já seriam bem conhecidos pelo campo da Física, sendo mais obscuros quando observados pelo campo da Psicologia. A carta de Jung é de 1960 e devemos tomar com reserva sua colocação de que, nessa época, as questões trabalhadas pela Física Quântica eram bem conhecidas. Jung também parece sugerir que trabalhar com as questões da Alquimia pelo ponto de vista psicológico seria ainda mais complexo do que pelo ponto de vista da Física, apropriando-se mais ainda da quase exclusividade de compreensão do tema.

A intenção editorial e autoral que fez de *Psicologia e Alquimia* o primeiro livro no formato *Collected Works of C. G. Jung*, vinculando a imagem do autor ao tema, parece ter continuidade no livro subsequente. *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* foi o segundo livro a aparecer dentro do formato *Collected Works*, sendo o volume sete na ordem da coleção definitiva. Nas informações catalográficas pré-textuais da versão em língua inglesa do livro, encontramos a informação de que o mesmo é composto essencialmente por dois textos, sendo um de 1928 e outro de 1943. A junção de textos de diferentes décadas e com temas afins é algo bem característico da *Collected Works of C. G. Jung* e, no caso de *Dois escritos sobre Psicologia Analítica*, podemos perceber como tal organização temática anacrônica contribui para a criação da ideia de temas mais importantes e, até mesmo, de uma hiper-coerência entre os assuntos e a ideia de um ponto para o qual os mesmos deveriam convergir.

a new interpretation of its essential thoughts. The public which is capable of understanding this research is exceedingly small [...], it needed the extraordinary mental capacity of a man like Pauli, and following him Heisenberg, to appreciate the importance of the problem of the complementarity of opposites, symmetry and asymmetry, raised by nuclear physics on the one hand and the psychology of the unconscious on the other. The physical side of the problem is a well-known matter, whereas the psychological and Hermetic side of this problem is accessible only to a very few, on account of the fact that the subject of unconscious phenomena is studied only by a very few and the study of alchemy is-if possible-still more unknown" (JUNG; ADLER, 2015b, p.535).

O tema da Transferência está contido tanto na parte de *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* que corresponde ao texto de 1928 quanto ao que corresponde ao texto de 1946. Assim, podemos dizer que o tema vigorava no trabalho de Jung mesmo antes de seu aprofundamento nas questões da Alquimia. A partir de seus estudos sobre simbolismo alquímico, Jung passa a apresentar a questão da Transferência majoritariamente a partir da Alquimia, em alusão ao problema da união dos opostos sobre o qual a antiga arte se debruçou.

O fato da *Collected Works of C. G. Jung* não trazer as versões originais dos textos em um ordenamento cronológico acaba por contribuir com a ideia de que o tema da Transferência quase sempre esteve contido dentro do horizonte de estudos sobre Alquimia de Jung e, quando não esteve, o tema teria sido tratado apenas a partir dos pressupostos psicanalíticos, apontando para a época da colaboração de Jung com os psicanalistas¹⁰⁹.

Como vimos anteriormente, os editores no prefácio de *Psicologia e Alquimia* colocam a obra no centro da *Collected Works of C. G. Jung* e isso acaba sendo ampliado dentro da coletânea quando nas versões publicadas dos textos os mesmos escolhem corrigir e acrescentar informações de modo a deixá-los o mais atualizado possível. Vejamos um exemplo de um parágrafo do texto *Sobre a Psicologia do Inconsciente*, primeiro texto do volume 7, *Dois escritos sobre Psicologia Analítica*, no qual Jung teria recomendado *Psicologia e Alquimia* ao leitor. Na versão da Editora Vozes temos:

O leitor interessado encontrará as necessárias informações no capítulo *Traumsymbolen des Individuationsprozesses* (Símbolos oníricos do processo de individuação), bem como em *Psychologie und Religion* (Psicologia e religião), e no trabalho que publiquei juntamente com Richard Wilhelm: *Das Geheimnis der goldenen Blüte* (O segredo da flor de ouro) (JUNG, 2012Δ, p. 122-123).

As informações necessárias das quais fala Jung são informações sobre a manifestação dos Arquétipos. Este recorte de texto corresponde à quinta versão, de 1946, de um texto originalmente escrito em 1917. Jung faz menção a termos e textos que não empregava quando primeiramente escreveu o texto em 1917, o termo Arquétipo, por exemplo, aparece pela primeira vez em um texto de Jung em 1919.

¹⁰⁹Nesse sentido, temos Suzanne Gieser, editora dos seminários de Jung nos Estados Unidos na década de trinta sobre o processo de individuação, dizendo que o melhor modo de entender a questão da Transferência dentro da Psicologia Analítica seria por meio da simbologia ambígua presente na Alquimia (JUNG; GIESER, 2019).

Até aqui, nenhum problema se faz presente, pois, trata-se de um versão expandida após a original e, como disse Hull sobre seu trabalho com a tradução para o inglês dos textos de Jung, criar uma linguagem padrão entre os livros da coletânea também significava corrigir os nomes dos textos para suas versões mais atualizadas conforme Jung publicava novos trabalhos. O que nos chama a atenção é o modo como os editores na versão de língua inglesa optaram por, nessa mesma passagem, não se aterem a indicação de Jung para o texto *Símbolos oníricos do processo de individuação*, contido em *Psicologia e Alquimia*, mas, apresentarem todo o livro como referência para a questão ali tratada. Na versão em língua inglesa, temos: “O leitor interessado encontrará as necessárias informações em *Psicologia e Alquimia*, bem como em *Psicologia e Religião*, e no trabalho que publiquei juntamente com Richard Wilhelm, *O segredo da flor de ouro*” (JUNG, 1966a, p. 95, tradução e grifo nossos)¹¹⁰.

Como vimos anteriormente, *Símbolos oníricos do processo de individuação* é apenas um dos textos que compõem *Psicologia e Alquimia*, não podendo ser confundido com o todo que é o livro, o qual inclui outros acréscimos textuais de capítulos e versões expandidas dos mesmos. Podemos pensar que, ao optarem por recomendar o livro inteiro e não apenas o capítulo como Jung o fez na versão original em alemão do texto¹¹¹, com correspondência na versão em língua portuguesa, os editores para a versão de língua inglesa estariam se valendo da estratégia de vincularem os próximos números publicados ao primeiro, *Psicologia e Alquimia*, e construindo a narrativa de centralidade do mesmo dentro da coletânea, apesar de em outros momentos criarem uma disputa quanto à centralidade dos temas ao destacarem como essenciais outros títulos, como *Tipos Psicológicos* e *Símbolos da Transformação*.

Se a linguagem padrão de uma coletânea tem por objetivo conferir coerência interna à mesma, podemos dizer da existência de outra intenção quanto a esta linguagem padrão no que se refere à edição de língua inglesa da *Collected Works of C. G. Jung*. Bishop (1998b) pontua que a padronização da linguagem na coletânea dos escritos de Jung causa a falsa impressão de um desenvolvimento linear e conectado das ideias. Tal impressão nos parece forjar a ideia de finalidade última para a qual os textos do autor convergem, ou pelo menos, forjar uma direção na qual os mesmos deveriam ser lidos.

¹¹⁰No inglês: “The reader will find the necessary information on this point in my *Psychology and Alchemy*, as well as in “Psychology and Religion” and the volume written in collaboration with Richard Wilhelm, *The Secret of the Golden Flower*” (JUNG, 1966a, p. 95).

¹¹¹“Der Leser findet die nötige Information hierüber in <<*Traumsymbole des Individuationsprozesses*>> sowie in <<*Psychologie und Religion*>> und in der Schrift, die ich gemeinsam mit Richard Wilhelm herausgegeben habe: <<*Das Geheimnis der Goldenen Blüte*>> (JUNG, 2019x, p.116, grifo nosso).

No nosso exemplo anterior, vimos que a questão da Transferência já havia sido trabalhada por Jung antes de sua imersão no simbolismo alquímico, mas o tema foi reinscrito no escopo do pensamento do autor pelo viés da Alquimia, o que parece sinalizar aos leitores que mesmo aquilo que não toca no tema pode ser mais bem aproveitado, ou melhor compreendido, quando tal viés é considerado.

Ainda a respeito das narrativas erigidas ao redor do tema da Alquimia no trabalho de Jung, há muito tem se divulgado uma ideia consideravelmente distorcida de que o interesse de Jung pela Alquimia, este surgido na mesma época em que o autor dedicara-se intensamente à compreensão das imagens e símbolos que lhe assaltavam durante seus exercícios de auto experimentação com a imaginação, teriam lhe possibilitado substituir os símbolos do Gnosticismo Cristão, utilizados como chaves de comparação e interpretação de suas imagens, pelos símbolos alquímicos.

Algo dessa ideia de substituição de um modelo por outro “melhor” pode ser de algum modo depreendido de suas próprias colocações sobre os temas em *Memórias, Sonhos, Reflexões* (JAFFÉ, 2016). Contudo, Jung nunca abandonou os paralelismos simbólicos entre a produção inconsciente de imagens, sua e de seus pacientes, e as ideias do Gnosticismo Cristão. Podemos perceber isso em uma de suas cartas para o padre Victor White, de 21 de maio de 1948, mais de duas décadas após o início de seu interesse pela Alquimia, na qual diz que “Nos últimos tempos, o gnosticismo tocou-me novamente em toda a sua vitalidade (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p.109)¹¹².

Não é que a ideia de abandono e substituição de premissas não exista na trajetória de Jung, o exemplo da hipnose anteriormente relatado e as próprias concepções psicanalíticas são alguns dos exemplos nesse sentido. O que parece existir, porém, é uma tentativa dos editores da *Collected Works* em promulgarem a existência de uma direção evolutiva que poderia ser observada na substituição de temas ou na aquisição de maior relevância por um ou outro assunto, o que em uma coleção não cronológica se torna difícil de observar e parece servir às intenções editoriais de promulgar certo discurso sobre o autor e seu trabalho.

¹¹²No original em inglês: “Gnosticism has renewed its vitality with me recently” (JUNG; ADLER, 2015a, p.502).

4 CAPÍTULO III: AUSÊNCIAS ANUNCIADAS: O QUE NÃO ESTÁ NA COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG?

Até o momento, trouxemos a questão sobre a *Collected Works of C. G. Jung* se tratar de uma obra de popularização, mas, por não se tratar, ao mesmo tempo, de uma obra de introdução, cujo objetivo podemos descrever como a transmissão de determinado conhecimento a partir de certa estrutura que confira andamento didático temporal e lógico; possibilitando a assimilação dos elementos que compõem a obra e também o todo que constroem levando em consideração seu público e os elementos que o mesmo possui para poder assimilá-la, devemos nos perguntar que tipo de popularização é essa e para quem.

Do modo como a coletânea foi organizada, no que diz respeito ao público alvo da mesma a popularização da *Collected Works* parece adquirir mais o contorno de disponibilização de material do que o de educação para a Psicologia Analítica, algo reservado aos Institutos de Psicologia Analítica aos moldes do Instituto C. G. Jung fundado em Zurique em 1948. Como vimos, tanto o autor quanto seus colaboradores enfatizam que a compreensão do assunto é densa e requer anos de estudo sobre variados assuntos e anos de prática no campo psicoterapêutico, inclusive para a compreensão da própria coletânea, o que não a caracteriza, portanto, como introdutória.

Assim, a popularização que a coletânea alcança é o aumento da popularidade e do alcance do autor e seu trabalho, popularidade esta que paradoxalmente parece apostar, em alguns momentos, na própria dificuldade de compreensão do assunto tratado, tutelando o público alvo que não terá tempo e, até mesmo, competência para assimilar e sintetizar todo o espectro de assuntos que tratam da produção simbólica humana, devendo o mesmo apreciar o esforço do autor que o fizera e, também, o esforço dos editores em organizar e disponibilizar o trabalho daquele.

McGuire (1989) e Bishop (1998a, 1998b) pontuam que nem os editores da *Collected Works* e nem Jung tiveram como objetivo principal a construção de uma coleção que aprofundasse a discussão quanto aos temas ali aventados. Temos, a partir de McGuire e Bishop, a reprodução de colocações de Jung e seus editores atestando tal intenção para a coleção, mas, para além dessas falas, seria possível ao próprio leitor perceber, no manuseio e na leitura dos livros da coleção, esta opção de não aprofundamento?

Assumindo o lugar de leitores e mediante a leitura da *Collected Works of C. G. Jung*, tomamos como indicativo de que a coleção não tem por objetivo o aprofundamento de discussões caras ao Projeto de Psicologia de Jung o fato de, em muitos dos textos que

compõem a coletânea, percebermos que o próprio autor diz não ser possível discutir ali as bases que sustentam seu discurso. Ora, uma coletânea de textos que não podem aprofundar os temas sobre os quais a coletânea versa não perde em nada seu valor quando concebida enquanto obra introdutória, mas, como vimos em trechos dos editores e do próprio autor, esta não é a principal característica dos textos.

Temos, então, a seguinte combinação: o texto demanda conhecimentos prévios e não oferece toda a extensão de sua base argumentativa. Tal combinação instaura a pergunta: de que maneira é possível compreender o autor e seu trabalho a partir do recorte oferecido e criado pelos editores com o formato *Collected Works of C. G. Jung*? O formato foi traduzido para diversos países e podemos especular que muito do que se discute sobre Jung foi possibilitado, e também limitado, pela coletânea.

Tentar entender o que significa a coletânea por meio do que não está contido na mesma pode parecer algo contraproducente, definir algo por aquilo que não é. Contudo, estamos falando de ausências anunciadas em texto, ausências que, como procuramos demonstrar a seguir, tratam-se de uma opção autoral e editorial. Notamos que ao lermos os textos da *Collected Works of C. G. Jung* vários foram os momentos que nos deparamos com a mesma declaração do autor, a de que não seria possível discutir com maiores detalhes o tema em questão. Estas declarações nos chamaram a atenção e decidimos investigar quantas vezes e como elas aparecem em toda a extensão da coletânea.

A leitura de tais passagens torna possível observar que a não possibilidade de discutir tal assunto enunciado por Jung não acarreta, exclusivamente, em um extremo prejuízo à compreensão do tema ali tratado. Em certos momentos, trata-se apenas de uma pequena incursão em um assunto a título de ilustração, parecendo não exigir maior aprofundamento. Em outros, porém, o contexto nos leva a entender que seria importante para a defesa da ideia apresentada que a questão continuasse a ser desenvolvida. Todavia, em ambos os casos o que chama a atenção é a opção editorial e autoral em eleger tais textos entre os disponíveis para compor a coletânea do autor. Ora, a ideia de coletânea não pressupõe que algo do sentido da mesma se dá pelo conjunto da obra? De que maneira o não-dito estaria auxiliando, ou não, a proposta?

Devemos nos lembrar que a questão sobre o que deveria ser publicado enquanto parte da *Collected Works of C. G. Jung* foi tema de grande discussão entre os editores anglo-americanos, tendo sido atingido o consenso de que nem tudo deveria ser publicado. Logo, podemos inferir que aquilo que foi considerado apto para publicação e veio a ser publicado, passou por alguma seleção e, portanto, representa e objetiva algo. Se considerarmos, porém,

que isso nada representa ou objetiva e, portanto, não há intenção alguma na seleção de tais textos, ainda assim poderíamos argumentar que este próprio recurso de enunciação de algo que, de algum modo, não pode ser ali discutido, concorre para que a estruturação da coletânea permita o questionamento: se não aqui, onde? Será a *Collected Works of C. G. Jung* o formato que melhor transmite as ideias do autor? Existe um melhor formato, o formato ideal, correto?

Enquanto obra de popularização não introdutória, o formato *Collected Works* talvez estivesse isento da responsabilidade de ser a representação do próprio pensamento do autor, se é que isso é possível e desejável em algum formato. Contudo, independente da existência de um objetivo central enunciado pelos próprios organizadores da *Collected Works*, em alguns momentos a própria coletânea peca ao não cumprir com pequenos objetivos propostos pela mesma. Tomemos como exemplo um caso que ocorre no livro *Tipos Psicológicos*, sexto volume da *Collected Works of C. G. Jung*. No *prefácio dos editores* à edição de 1960 do livro, temos:

O último capítulo, Jung o dedicou às definições dos conceitos psicológicos mais usados. Contém uma definição de *Selbst* (si-mesmo) que o autor formulou para este volume e que, nas edições anteriores, ainda figurava sob o conceito de *Eu*. Mas o conceito assumiu importância tão central na obra de Jung que foi necessário dar-lhe definição própria (JUNG, 2012β, p.9).

O capítulo em questão enunciado pelos editores é o capítulo XI intitulado *Definições*. Antes mesmo de sua reedição para o formato *Collected Works* em 1960, o capítulo de definições já se encontrava presente em *Tipos Psicológicos* desde seu lançamento em 1921 pela Rascher Verlag. Nesse capítulo, temo Jung dizendo: “[...] gostaria de apresentar, a seguir, em ordem alfabética, meus principais conceitos psicológicos. Gostaria, também, de pedir ao leitor que, em caso de dúvida, recorresse a essas explicações” (JUNG, 2012m, p. 421)¹¹³.

Na fala dos editores para a versão de 1960 de *Tipos Psicológicos*, temos a colocação de que acréscimos foram realizados no capítulo *Definições*, pois alguns termos foram reformulados e destacados de outros aos quais estavam anteriormente associados. Contudo, mesmo após diversas reedições do capítulo desde seu lançamento em 1921, apesar dos editores e do autor terem se preocupado em ampliar e melhor apresentar certos termos, uma

¹¹³No original em alemão: “[...] möchte ich im folgenden meine hauptsächlichsten psychologischen Begriffe in alphabetischer Reihenfolge erörtern. Zugleich möchte ich den Leser bitten, im Zweifelsfalle sich dieser Erklärungen erinnern zu wollen” (JUNG, 1921a, p.577).

das principais definições de Jung continuou ausente, o conceito de Arquétipo. O que isso significa?

Sobre o conceito, temos os editores dizendo: “A noção de arquétipo e seu correlato, o conceito de inconsciente coletivo, fazem parte das teorias mais conhecidas de C. G Jung” (JUNG, 2012η, p.9)¹¹⁴. O termo arquétipo foi utilizado em texto por Jung pela primeira em 1919. *Tipos Psicológicos* foi publicado em 1921 e em sua primeira versão o termo já não aparece entre as definições. Ele está, entretanto, contido na definição do termo Imagem (Bild) na primeira versão do capítulo. Nessa versão, há uma nota de rodapé acompanhando o termo Arquétipo, indicando a leitura de *Instinto e inconsciente*, o texto de 1919 no qual o termo é apresentado dentro da Psicologia Analítica.

Estamos aqui falando de uma versão pré-formato *Collected Works of C. G. Jung* e poderíamos dizer que, talvez, o termo Arquétipo em 1921, por ocasião da primeira versão do capítulo *Definições*, não fosse tão representativo do pensamento do autor e, por isso, não foi incluído entre os outros conceitos. Contudo, ainda na versão de 1960 reeditada exclusivamente para o formato *Collected Works*, o termo continua ausente e, mais do que isso, sua ausência é anunciada. O conceito é enunciado entre as definições dos termos Arcaísmo e Assimilação, mas nenhuma descrição se segue ao termo Arquétipo, apenas a indicação entre parênteses dizendo para o leitor conferir a definição do termo Imagem e uma nota de rodapé na qual se lê: “A estrutura arquetípica sempre esteve no centro das pesquisas de Jung. Mas a formulação definitiva do conceito só foi cunhada no decorrer do tempo. Cf. Jung, C. G. *O eu e o inconsciente; As raízes da consciência; entre outros*” (JUNG, 2012m, p. 431).

São várias as questões que podemos derivar de tal formato editorial. Primeiramente, os próprios editores anunciam que o capítulo de definições foi ampliado e dão como o exemplo a necessidade de se retirar o conceito de Si-mesmo de “dentro” do conceito de Eu, tanto pela importância que o termo adquiriu no pensamento do autor, quanto pela ocasião da publicação do livro no formato *Collected Works of C. G. Jung*. Nos parece estranho não ter havido a necessidade de se retirar o conceito de Arquétipo de “dentro” do conceito de Imagem, mantendo a mesma opção da primeira versão do texto de 1921, pois, afinal, como colocam os editores, trata-se de uma ideia central e um dos principais conceitos do autor.

Em segundo lugar, temos na nota de rodapé os editores informando que o conceito de Arquétipo foi reformulado definitivamente apenas com o decorrer do tempo. A estranheza da

¹¹⁴No original em alemão: “Die Vorstellung von Archetypen und ihr Korrelat, der Begriff des kollektiven Unbewußten, gehören zu den bekannteren Theorien, die C. G. Jung entwickelt hat” (JUNG, 2019t, p.9).

colocação só aumenta se a ela acrescentarmos o fato de Jung ter falecido em 1961 e a versão publicada no formato da *Collected Works* ter sido reeditada, com certa participação do autor, em 1960. Se em 1960, um ano antes da morte do autor, o conceito já não estava suficientemente formulado para figurar entre as *Definições*, quando estaria? Não queremos aqui colocar em questão a complexidade do termo e das ideias e fenômenos que representa, nem discutirmos o quanto a ideia de Imagem em Jung é satisfatória a ponto de ser considerada análoga para o termo Arquétipo. Estamos chamando a atenção para a opção editorial de atualizar apenas determinadas passagens de um mesmo texto e não o texto por completo.

Em terceiro lugar, temos o fato de *Tipos Psicológicos* ter sido publicado pela primeira vez no formato *Collected Works of C. G. Jung* em 1971, em inglês, e 1960, em alemão (ver Apêndice A). Portanto, a versão mais atualizada das *Definições* aparece pela primeira vez em alemão. Bishop (1998a) informa que houve certa tensão entre Jung e seu editor na suíça, Max Rascher, quanto à publicação de *Tipos Psicológicos*. Em carta de 1958, Max Rascher exige de Jung mais clareza quanto às suas definições, em especial o próprio conceito de Arquétipo em relação ao conceito de Imagem e a forma como cambiava os termos Espírito, Psique e Anima. Jung pede tempo para melhores elaborações, mas acaba não cumprindo a solicitação e o texto é publicado sem nenhuma definição de Arquétipo desvinculada de outros conceitos.

A relevância desse terceiro ponto está no fato de que, ainda em 1958, Jung não teria condensado uma última definição que considerasse satisfatória para a ideia de Arquétipo. Isso não significa que a ideia não tivesse sido amadurecida em outros textos, mas, em quais? Nos mais próximos a 1958? O quão próximo? A nota de rodapé que acompanha a não descrição do conceito indica apenas dois textos.

Se levarmos em consideração que antes de 1960, com o lançamento das *Definições* revistas uma última vez pelo autor, já contávamos com a publicação de oito livros em inglês no formato *Collected Works* e um livro na edição alemã (ver Apêndice A), isso significa que deveríamos nos perguntar sobre o quão atualizado os conceitos tratados e os textos de tais livros estavam e, novamente, nos perguntarmos sobre os limites de compreensão que os textos das *Collected Works* oferecem sobre o trabalho de Jung.

A pertinência dessa consideração se dá pelo fato de tanto Jung quanto seus editores apostarem em uma ideia singular de atualização enquanto sinônimo de qualidade. Um dos objetivos da revisão dos textos para a *Collected Works* era a padronização de sua linguagem, movimento que substituiu certas terminologias e conceitos por outros ditos mais atuais, nublando, entretanto, a possibilidade de vislumbrarmos o desenvolvimento das ideias do autor.

Shamdasani (2003) pontua que, em 1946, Jung realizou sua última grande modificação significativa em relação à ideia de Arquétipo. Em 1948, surge do próprio Jung em carta para Max Rascher a iniciativa de rever as *Definições* para publicação no formato *Collected Works*, pois estava insatisfeito com as mesmas (BISHOP, 1998a). Porém, quando dez anos depois o editor realiza a cobrança de tal atualização, a mesma não havia sido realizada.

Se temos diversos livros da *Collected Works of C. G. Jung* publicados após a morte do autor, sabemos que os acréscimos de figuras, tabelas e notas anunciadas nos elementos catalográficos pré-textuais dos livros são adendos editoriais visando a melhor exemplificação do tema ali tratado. O motivo dos editores não ter preenchido a ausência da definição de Arquétipo no capítulo XI de *Tipos Psicológicos* é, portanto, uma opção editorial que parece revelar a arbitrariedade da compreensão dos mesmos quanto às ideias estruturais do que deveria ser a coletânea.

Como discutido anteriormente, há momentos nos quais os editores querem reproduzir as palavras do autor, mas, também, há momentos que publicam questões que o próprio autor não gostaria de ver publicado, como certas correspondências, e há momentos que a publicação ocorre sem qualquer participação do autor, como no caso dos textos encontrados e publicados após sua morte.

Desse modo, entendemos que uma investigação minuciosa de outras passagens com ausências anunciadas possam ilustrar nossa tese de que a *Collected Works of C. G. Jung* traz em sua configuração, e nas intenções que à estrutura, a impossibilidade de ser considerada uma obra de introdução, podendo ser mais bem compreendida enquanto obra de popularização da figura do autor. Para que a investigação de tais ausências fosse possível, procedemos do seguinte modo: de posse da edição digitalizada em inglês da *Collected Works*, editada pela Princeton University Press, fizemos uma varredura através do próprio sistema de busca contido no programa utilizado para leitura dos textos, utilizando os descritores *cannot* (não poder), *discuss* (discutir) e *detailed* (detalhado). As palavras foram escolhidas por serem as que mais se repetiam no momento que nos deparávamos com tais afirmações de Jung.

A versão digitalizada que utilizamos contém 10.203 páginas. Procuramos os termos em todas elas e à medida que a busca retornava um resultado, analisávamos o mesmo para verificarmos se ele estava acompanhado da sentença da impossibilidade de discutir certo assunto com maiores detalhes. A *Collected Works of C. G. Jung*, em suas versões em português, inglês e alemão, possuem um sistema de padronização dos parágrafos. Cada parágrafo de cada texto é enumerado e tal ordenação tentou ser mantida pelas editoras em todas essas línguas. São poucos os casos em que há diferença quanto à numeração de

determinado parágrafo, muito disso se devendo não apenas às omissões ou acréscimos de sentenças, mas, também, ao fato de alguns volumes terem sido subdivididos em mais de um livro em certas línguas e, em outras, não.

Nossa busca na edição em inglês digitalizada da Princeton University Press retornou oitenta e dois parágrafos nos quais a ideia da impossibilidade de discussão detalhada do assunto estava presente. Ao analisarmos os textos nos quais os parágrafos estavam, percebemos ser comum que um mesmo texto apresentasse mais de um parágrafo contendo os descritores e a ideia de impossibilidade de discutir determinada questão.

Ao listarmos os textos vimos que se trata de cinquenta e três escritos diferentes. Buscamos a correspondência dos parágrafos pesquisados em inglês com os da edição em português e alemão e encontramos algumas diferenças quanto à expressão dessa posição de Jung. Notamos que, dependendo da língua, existem variações nos termos *quero* e *posso* em momentos dos textos quando Jung diz da impossibilidade de desenvolver determinado aspecto do assunto ali tratado. Esta diferença na tradução nos levou a criar categorias para podermos entender o porquê de Jung adotar essa postura de abordar de modo incompleto certos pontos.

Porém, antes de criarmos as categorias, percebemos uma questão entre tais textos que nos pareceu fundamental: muitos deles se tratavam de conferências que viraram textos, o que poderia justificar a não possibilidade de discussão de um assunto de maneira mais detalhada, pois, questões como limite de tempo poderiam estar envolvidas. Contudo, logo descartamos a relevância de tal questão, pois, compreendemos que, caso houvesse a intenção do autor, este poderia ter melhor desenvolvido aquilo que não pôde ser transmitido no plano da fala quando seu discurso foi reformulado para o plano da escrita.

Este ponto torna mais palpável a falta de intenção em desenvolver nestes textos os assuntos em questão quando consideramos que, para além de terem sido revistos para a *Collected Works of C. G. Jung*, muitos já haviam sido reeditados a partir da publicação original para publicação em outros meios, mantendo-se a opção de preservar as ausências anunciadas. Apesar disso, prosseguimos com a divisão e vimos que vinte e nove textos são produtos de conferências e vinte e quatro são textos já produzidos diretamente para este formato.

É possível observarmos que em um mesmo texto há mais de uma explicação para o motivo do não desenvolvimento de um ponto. Também é possível observarmos que mais de um ponto na mesma fala não é desenvolvido e, da mesma maneira, um ou mais motivos são atribuídos à impossibilidade do desenvolvimento. Esta pluralidade de justificativas faz com

que certos textos possam caber em mais de uma categoria dos motivos para o não aprofundamento em determinadas questões. Nosso critério para a alocação dos trechos nas categorias foi a ordem em que aparecem nos textos.

4.1 AUSÊNCIAS ANUNCIADAS EM TEXTOS ADVINDOS DE CONFERÊNCIAS

Assim, temos as seguintes categorias e textos¹¹⁵ para o agrupamento *textos advindos de conferências*:

Categoria 1 - Quando Jung diz que a discussão detalhada de certo aspecto do assunto tratado não é possível, sem justificar o porquê:

1 - 1) *A importância psicopatológica do experimento de associações*, texto do livro *Estudos experimentais*, volume dois da *Collected Works*. No parágrafo 892 do texto, temos: “Estes três complexos têm o mesmo efeito sobre as reações: causam tempos longos de reação e alguns outros distúrbios que não posso enumerar aqui” (JUNG, 2012e, p.467)¹¹⁶. O trecho compõe uma discussão realizada por Jung sobre o tempo de reação ao Teste de Associação de Palavras de uma paciente que perdera a casa em um incêndio. O psiquiatra demonstra que há três complexos de fundo emocional envolvidos no tempo de reação da paciente, um sobre o incêndio, um sobre a família e um sobre questões financeiras.

O motivo de não poder dizer quais outros distúrbios assim como os complexos produzem o aumento no tempo de resposta ao Teste, não fica claro quando levamos em consideração o modo como o assunto estava sendo trabalhado pelo autor e como o mesmo prossegue. No mesmo texto, no parágrafo 911, temos: “Por vários caminhos transversos, que infelizmente não posso descrever aqui, conseguimos da paciente a seguinte informação [...]” (JUNG, 2012e, p.472)¹¹⁷. Trata-se de outro exemplo utilizado por Jung, nesse caso, para indicar como um Complexo paterno estaria na raiz da paralisia histérica de um dos braços de sua paciente. A informação a que se refere era a de que o pai da paciente, ao expulsá-la de

¹¹⁵A dupla numeração adotada dentro das categorias se deve, respectivamente, a ordenação crescente dos textos dentro dos agrupamentos (Ausências anunciadas em textos advindos de conferências e Ausências anunciadas em textos concebidos diretamente para publicação) e a ordenação dentro das categorias propriamente ditas.

¹¹⁶No inglês: “These three complexes all have the same effect on reactions; they cause longer reaction-times and certain other disturbances, all of which I cannot now enumerate (JUNG, 1973e, p.412).

¹¹⁷No inglês: “By various means, which I unfortunately cannot describe to you now, we induced the patient to make the following confession [...]” (JUNG, 1973e, p. 416).

casa, o fez agarrando-a pelo braço que se tornou paralisado e o motivo de Jung não poder dizer como a informação foi obtida não fica claro. A exposição trata-se da aula inaugural ministrada por Jung em outubro de 1905 enquanto livre-docente da Universidade de Zurique, transformada em texto e publicada em 1906.

2 - 2) *Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos*, texto do livro *A natureza da psique*, segundo tomo do livro *A dinâmica do Inconsciente*, volume oito da *Collected Works*. No parágrafo 592 do texto, temos: “Além do tempo reacional prolongado, há ainda outras perturbações características cujos detalhes não podemos discutir aqui” (JUNG, 2013q, p.267)¹¹⁸. Nesse trecho do texto, Jung está discutindo o fato de que, em relação a palavras complicadas, as palavras simples induzem a um tempo de reação mais prolongado em um Teste de Associação de Palavras. Diz que conteúdos emocionais interferem no tempo de resposta e diz da impossibilidade de discutir os detalhes da questão, também sem motivos aparentes ao considerarmos os elementos textuais prévios e posteriores.

Curiosos notarmos que o tema sobre o qual o autor diz não poder discutir é o mesmo em relação ao texto anterior, a existência de outras perturbações detectadas durante o Teste. A exposição trata-se da conferência realizada por Jung na Sociedade Britânica de Pesquisa Psíquica (British Society for Psychical Research), em julho de 1919 em Londres, tendo sido publicada primeiramente em 1920, em inglês, e ampliada em 1948 numa versão em alemão.

3 - 3) *Espírito e Vida*, texto também do livro *A natureza da Psique*. No parágrafo 611, temos: “Infelizmente não posso discutir aqui as mudanças clássicas do eu que encontramos nos doentes mentais ou nos sonhos” (JUNG, 2013m, p.279)¹¹⁹. Nesse trecho do texto, Jung discute a relação entre o Eu e a Consciência e como o Eu deve ser entendido enquanto um Complexo e não como a Consciência em si. Diz que o Eu é flutuante e mutável e em seguida diz não poder discutir sobre a questão no que diz respeito aos sonhos e as vivências dos doentes mentais, não dizendo o motivo. A fala de Jung trata-se de uma conferência realizada em 29 de

¹¹⁸No original em alemão: “Außer der Verlängerung der Reaktionszeit treten auch noch andere charakteristische Störungen auf, auf deren Einzelheiten ich hier nicht eingehen kann” (JUNG, 2019l, p.342). No inglês: “Besides the prolonged reaction-time there are other characteristic disturbances that cannot be discussed in detail here” (JUNG, 1969j, p.314).

¹¹⁹No original em alemão: “Auf die klassischen Ich-Veränderungen, die man bei Geisteskranken oder im Traume antrifft, kann ich hier nicht eingehen (JUNG, 2019o, p. 355). No inglês: “Unfortunately, I cannot discuss here the classic ego-changes that are found in mental illnesses and in dreams” (JUNG, 1969i, p.328).

outubro de 1926, na Sociedade Literária de Augsburg (Literarische Gesellschaft Augsburg), transformada em texto e publicada também em 1926.

4 - 4) *Alguns aspectos da psicoterapia moderna*, texto do primeiro tomo do livro *A prática da psicoterapia*, volume dezesseis da *Collected Works*. Na edição em língua portuguesa, o volume dezesseis recebeu o nome de *Psicoterapia* e o primeiro de seus dois tomos recebeu o nome que foi dado ao volume único em língua inglesa e alemã, *A prática da psicoterapia*. No parágrafo 63 do texto, temos: “Existem boas razões para que esse nosso comentário termine com um paradoxo, e essa afirmação paradoxal seja mais verdadeira do que qualquer constatação unilateral, “positiva”. Mas não cabe fazer aqui um discurso lógico e pormenorizado” (JUNG, 2012i, p.46)¹²⁰.

O assunto tratado por Jung no texto em questão são os desafios da criação de uma psicologia médica e, na maior parte do texto, Jung aponta os limites da Psicanálise de Freud. Diz que sua noção de Inconsciente é paradoxal, pois trata o Inconsciente como uma força criativa e conservadora ao mesmo tempo. Atribui a qualidade de paradoxal à própria existência humana e diz que devemos aceitar tais fatos. O motivo de Jung não poder dizer de maneira mais detalhada qual a implicação de uma visão paradoxal em detrimento de uma unilateral acerca da psique humana, não está claro no texto, pois nos parágrafos anteriores e nos seguintes o assunto, de certo modo, ainda continua sendo abordado.

A fala de Jung ocorreu em 1929 por ocasião do Congresso da Sociedade de Saúde Pública (Society of Public Health) realizado em Zurique. Apesar de o evento ter ocorrido na Suíça a palestra de Jung se deu em inglês e foi originalmente publicada também em inglês, em 1930.

5 - 5) *Os objetivos da psicoterapia*, texto também do livro *A prática da Psicoterapia*. No parágrafo 66, temos: “Freud é um dos expoentes de uma realidade psíquica contemporânea, que, por sua vez, tem uma história própria, sobre a qual, por motivos óbvios, não podemos

¹²⁰No original em inglês: “There are sound philosophical reasons why our arguments should end in paradox and why a paradoxical statement is the better witness to truth than a one-sided, so-called “positive” statement. But this is not the place to embark on a lengthy logical discourse” (JUNG, 1966d, p.33). No alemão: “Es hat seine guten Gründe, daß unsere Auseinandersetzung mit einem Paradoxon endet und daß diese paradoxe Aussage eher der Wahrheit entspricht als eine einseitige, sogenannte <<positive>> Feststellung. Es ist jedoch hier nicht der Ort für einen ausführlichen, logischen Diskurs” (JUNG, 2011i, p.46-47).

nos estender aqui” (JUNG, 2012x, p. 49)¹²¹. No referido texto, Jung discute as dificuldades encontradas pelos que praticam a psicoterapia e, no trecho propriamente citado, discute sobre o condicionamento das ideias sobre o psiquismo à época na qual as mesmas se dão.

A fala que deu origem ao texto de Jung foi uma palestra homônima realizada em 22 de abril de 1929 no 4º Congresso de Medicina Geral sobre Psicoterapia (General Medical Congress for Psychotherapy) em Bad Nauheim, na Alemanha. O texto foi publicado primeiramente em alemão, em 1929, expandido na mesma língua em 1931 e 1950 e traduzido para o inglês em 1933. A tradução para o português se deu a partir da versão alemã de 1950.

Jung diz que os motivos de não poder se estender no assunto, a história da realidade psíquica da qual Freud e suas propostas seria fruto, são óbvios. A obviedade não se mostra clara, mas, se atribuirmos ao assunto as características de complexidade e disso derivarmos que o tópico tomaria grande parte do tempo disponibilizado para a fala do autor, o que chama nossa atenção é o movimento de anúncio do que não pode ser dito e, também, o fato da passagem ter sido mantida mesmo após as edições posteriores do texto¹²². Para que continuar enunciando o que não pode ser dito, independente do motivo?

6 – 6) *O conteúdo da psicose*, texto do livro *Psicogênese das doenças mentais*, volume três da *Collected Works*. No parágrafo 326, temos: “3% dos doentes sofrem de distúrbios mentais epiléticos. No decurso da epilepsia, ocorre, gradualmente, uma degeneração cerebral típica que não poderei descrever aqui com detalhes” (JUNG, 2013n, p.181)¹²³. O parágrafo do qual o trecho recuperado faz parte segue a mesma linha dos parágrafos anteriores e posteriores: Jung

¹²¹No original em alemão: “Freud ist einer der Exponenten einer zeitgenössischen seelischen Tatsache, die an sich wieder eine besondere Geschichte besitzt, auf welche wir uns hier, aus begreiflichen Gründen, nicht weiter einlassen können” (JUNG, 2011u, p.49). No inglês: “Freud is one of the exponents of a contemporary psychological fact which has a special history of its own; but for obvious reasons we cannot go into that here” (JUNG, 1966e, p.44-45). A versão em inglês do texto que compõe a *Collected Works* é de uma tradução realizada em 1933, enquanto as versões em português e alemãs são de 1950.

¹²²A passagem em alemão se manteve a mesma desde sua publicação original, “Freud ist einer der Exponenten einer zeitgenössischen seelischen Tatsache, die an sich wieder eine besondere Geschichte besitzt, auf welche wir uns hier, aus begreiflichen Gründen, nicht weiter einlassen können” (JUNG, 1931, p. 89) e, no inglês, poucas palavras foram alteradas desde sua primeira publicação em 1933, “Freud is one of the exponents of a present-day psychic predisposition that has a special history of its own, but for obvious reasons we cannot go into that history here” (JUNG, 1933, p.56).

¹²³No original em alemão: “3% von unseren Kranken leiden an epileptischen Geistesstörungen. Im Verlaufe der Epilepsie tritt allmählich eine typische Entartung des Gehirns ein, die ich hier nicht näher schildern kann” (JUNG, 2011d, p. 179). No inglês: “Three per cent of our patients suffer from epileptic mental disturbances. In the course of epilepsy a typical degeneration of the brain gradually sets in, which I cannot describe more closely here”(JUNG, 1960c, p. 162).

está oferecendo um panorama dos tipos de caso que a Clínica Burghölzli recebeu nos últimos quatro anos (de 1904 a 1908). Curiosamente, este é o único parágrafo no qual o autor diz não poder trazer os detalhes da comorbidade que os pacientes ali citados apresentam. Nos demais parágrafos, Jung explica do que se tratam tais comorbidades. Não há nenhuma explicação do porque apenas a degeneração cerebral típica nos pacientes epiléticos não poderia ali ser colocada. A fala de Jung se deu em 1908 na prefeitura de Zurique, publicada também em 1908 e ampliada em 1914.

7 – 7) *A importância da Psicologia para a época atual*, texto de *Civilização em mudança – Civilização em transição*, volume 10 da *Collected Works*, terceiro tomo da subdivisão na edição em língua portuguesa. No parágrafo 321, temos: “Não se deve esquecer que, em primeiro lugar e quase exclusivamente, a gente sonha sobre si mesmo e a partir de si mesmo. (Para as exceções há regras bem definidas, que não pretendo lembrar aqui.)” (JUNG, 2012c, p.162)¹²⁴. Nesse momento aqui recuperado de sua fala, Jung discute sobre como os sonhos devem ser tratados no momento da análise de seus conteúdos. O motivo de Jung anunciar a existência de exceções para a compreensão de que os sonhos devem ter como referencial o próprio sonhador, mas não discutir tais exceções, não se faz claro no texto.

Ainda no mesmo texto, no parágrafo 330, temos: “Se até agora falei principalmente de sonhos, foi para lembrar um dos pontos de partida mais próximos e mais conhecidos da experiência interior. Mas, além do sonho, existem outras coisas de que não posso falar agora” (JUNG, 2012c, p.165)¹²⁵. Essa colocação de Jung se dá no encerramento de sua fala e, no texto, assim como na conferência, também não é mencionado que coisas seriam essas. O texto tem origem em uma preleção apresentada por Jung em duas cidades na Alemanha em 1933, Colônia e Essen. No início das apresentações, Jung pontuava:

¹²⁴No original em alemão: “Man darf dem gegenüber nie vergessen, daß man in allererster Linie und sozusagen ausschließlich von und aus sich selber träumt. (Für die Ausnahmen gibt es ganz bestimmte Regeln, die ich hier aber nicht erwähnen will.)” (JUNG, 2019j, p.175). No inglês: “One should never forget that one dreams in the first place, and almost to the exclusion of all else, of oneself. (Any exceptions are governed by quite definite rules, but I cannot go into this here.)” (JUNG, 1970f, p.152).

¹²⁵No original em alemão: “Wenn ich vorhin hauptsächlich vom Traume sprach, so wollte ich damit bloß einen der nächsten und bekanntesten Ausgangspunkte innerer Erfahrung erwähnen. Über den Traum hinaus gibt es aber noch manches, was ich hier nicht erwähnen kann” (JUNG, 2019j, p.179). No inglês: “If I spoke before chiefly of dreams, I did so because I wished to draw attention to one of the most immediate approaches to the world of inner experience. But there are many things besides dreams which I cannot discuss here” (JUNG, 1970f, p.155).

Sempre achei muito difícil comunicar, no campo da psicologia, algo de compreensível ao público em geral. [...] Todo psiquiatra descobre que não é só ele que possui opinião competente sobre saúde ou doença mental, mas que o distinto público sempre sabe melhor das coisas do que ele (JUNG, 2012c, p.145)¹²⁶.

Sendo própria desta primeira categoria a qualidade de não haver justificativa do autor para seu anúncio de que não discutirá sobre algo em maiores detalhes, os textos aqui representados servem mais ao propósito de ilustração de certa tendência discursiva, um discurso que, em certos momentos, busca exemplificações apenas a título de ilustração e não para o aprofundamento nas mesmas. Baseado nos locais em que Jung proferiu tais falas, podemos questionar se tal movimento também pode ser lido como a suposição do autor de que seus interlocutores já estavam, ou deveriam estar, inteirados de tais assuntos. Entretanto, ao pensarmos novamente que a fala torna-se texto para outros públicos, se tal suposição existisse e fosse mantida, evocaria mais uma vez a questão de não serem introdutórios.

Categoria 2 – Quando Jung diz que o aprofundamento em determinado aspecto do assunto fará com que se afaste do objetivo principal do texto e a discussão seja levada para outros rumos:

8 – 1) *Psicoterapia e atualidade*, texto também do livro *A prática da Psicoterapia*. No parágrafo 223, temos: “Não cabe discutir aqui o grau de progresso da consciência humana e da cultura em geral, que representa essa inovação cristã, que vem suprimir a projeção dos supremos valores da alma individual na pessoa do rei ou de outro eleito qualquer” (JUNG, 2012τ, p.109)¹²⁷. A tradução para o português do início dessa passagem não captura a ideia de

¹²⁶No original em alemão: “Ich habe es als eine außerordentliche Schwierigkeit erfahren, im psychologischen Gebiete etwas allgemein Verständliches meinem Publikum zu vermitteln. [...] Jeder Psychiater nämlich macht die erstaunliche Entdeckung, daß nicht etwa er selber eine kompetente Meinung über geistige Gesundheit und Krankheit vertritt, sondern daß das liebe Publikum darüber stets alles viel besser weiß als er” (JUNG, 2019j, p.155).

¹²⁷No original em alemão: “Es würde zu weit führen, hier zu erörtern, inwiefern die christliche Neuerung einen Fortschritt des menschlichen Bewußtseins und der Kultur überhaupt darstellt, indem sie die Projektion der höchsten Werte der Einzelseele auf die Person des Königs oder auf sonstige Auserwählte aufhob” (JUNG, 2011k, p.113). No inglês: “It would lead me too far to discuss here just how much this Christian innovation represents an advance of human consciousness and of culture in general, by putting an end to the projection of the highest values of the individual soul upon the king or other dignitaries” (JUNG, 1966c, p. 105).

que a discussão do assunto levaria o autor a se desviar do tema principal, o que pode ser entendido nas passagens em língua inglesa e alemã.

O assunto em questão discutido por Jung trata-se da tensão exercida pelo meio social sobre o psiquismo do indivíduo. Jung discorre sobre como o processo psicoterápico mal conduzido pode levar o indivíduo a uma adaptação equivocada a este meio social, defendendo a necessidade da preservação das individualidades em certo grau. Assim, o autor dá alguns exemplos de relação entre indivíduo e sociedade em algumas culturas e traz o cristianismo como uma expressão cultural que confere importância às individualidades ao evocar a importância das almas.

Jung diz que discorrer sobre a questão o levaria para outro caminho, mas como o autor entende os limites e os prejuízos de uma divagação sobre certo assunto no meio de sua fala e de sua escrita não fica claro, pois o tema, de certo modo, já se encontra presente nos parágrafos anteriores e continua nos seguintes.

A fala de Jung que dá origem ao texto foi proferida enquanto conferência por ocasião do quarto encontro anual da Sociedade Suíça de Psicoterapia (*Zusammenkunft der schweizerischen Psychotherapeuten*), em Zurique, no ano de 1941, tendo sido publicada em 1945 e reeditada em 1946.

9 – 2) *Relação da Psicologia Analítica com a obra de arte poética*, texto de *O espírito na arte e na ciência*, volume 15 da *Collected Works*. No parágrafo 123, temos: “Como é que surge então um complexo autônomo? Por alguma razão – cuja análise detalhada nos levaria longe demais – uma região até agora inconsciente da psique é ativada; pela reanimação ela se desenvolve e se amplia mediante inclusão de associações afins” (JUNG, 2012φ, p.80)¹²⁸.

Neste texto, Jung utiliza o referencial da Psicologia Analítica para explorar os processos criativos e artísticos do ponto de vista psicológico. Introduce a noção de Complexo Autônomo Criativo para aproximar certas vivências criativas de alguns estados patológicos característicos da atuação de Complexos Autônomos de Tonalidade Afetiva, sem, contudo, reduzir ou enxergar a arte como um evento patológico. O fato de Jung não discutir

¹²⁸No original em alemão: “Wie entsteht nun ein autonomer Komplex? Aus irgendwelchem Anlaß - dessen nähere Untersuchung uns hier viel zu weit führen würde - wird eine bisher unbewußte Region der Psyche in Tätigkeit versetzt; durch die Belebung entwickelt sie sich und vergrößert sich durch Einbeziehung verwandter Assoziationen” (JUNG, 2011z, p.91). No inglês: “How does an autonomous complex arise? For reasons which we cannot go into here, a hitherto unconscious portion of the psyche is thrown into activity, and gains ground by activating the adjacent areas of association” (JUNG, 1966b, p.74).

detalhadamente o surgimento dos Complexos Autônomos nesse texto traz uma questão problemática, pois, a compreensão do que seria um Complexo Autônomo Criativo depende do esclarecimento acerca da origem dos Complexos Autônomos, tema o qual o autor continua abordando nos parágrafos seguintes.

A fala de Jung que deu origem a este texto ocorreu em 1922 em uma palestra para a Sociedade de Língua e Literatura Alemã (*Gesellschaft für Deutsche Sprache und Literatur*), em Zurique, publicado também em 1922 e reeditado e ampliado em 1931, versão que compõe a *Collected Works of C. G. Jung*.

10 – 3) *A interpretação psicológica dos processos patológicos*, texto de *Psicogênese das doenças mentais*, volume 3 da *Collected Works*. No parágrafo 419, temos:

Infelizmente fugiria ao nosso escopo aprofundar aqui de modo mais detalhado as diferenças entre os tipos. Gostaria apenas de enfatizar que a questão dos tipos é vital para toda a psicologia e que qualquer progresso futuro deverá provavelmente surgir a partir do desenvolvimento desta questão (JUNG, 2013f, p.212)¹²⁹.

A fala de Jung consiste em sua apresentação para a Sociedade Psico-Médica (*Psycho-Medical Society*) de Londres em 1914. Jung aborda vários pontos de seu trabalho e, ao falar de sua tipologia, diz não poder entrar em detalhes quanto às principais diferenças entre as formas extrovertidas e introvertidas de adaptação, mesmo considerando a questão de vital importância para o campo da Psicologia.

Categoria 3 – Quando Jung diz que a discussão detalhada de determinado aspecto do assunto tratado não é possível, limitando-se a oferecer um quadro geral acerca do tema ou mencionar sobre o que não falará:

11 – 1) *A teoria freudiana da histeria*, texto do livro *Freud e a psicanálise*, volume 4 da *Collected Works*. No parágrafo 46, temos: “Infelizmente devo me abster de examinar por

¹²⁹No original em inglês: “Unfortunately I cannot go more closely into type differences here, but would only like to emphasize that the type question is one of the most vital for our psychology and that any further advance will probably be along those lines” (JUNG, 1960a, p.188). No alemão: “Ich muß es mir leider versagen, hier des näheren auf die Typendifferenzen einzugehen. Ich möchte nur hervorheben, daß die Typenfrage eine Lebensfrage unserer Psychologie überhaupt ist und daß jeder weitere Fortschritt voraussichtlich über diese Frage gehen muß” (JUNG, 2011x, p.212).

extenso os resultados das pesquisas aqui expostos; devo me limitar a mencioná-los, porque constituem a propedêutica da atual concepção dos quadros patológicos da histeria, de Freud” (JUNG, 2012h, p.27)¹³⁰. As pesquisas às quais Jung se refere são os trabalhos de Freud *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a sexualidade*, os quais menciona como bons exemplos para o entendimento das neuroses. O ponto principal que Jung enuncia como importante dentro de tais pesquisas, mas sobre os quais não pode aprofundar, é o do duplo sentido da linguagem nos episódios histéricos. Nesse caso, Jung limita-se a indicar a leitura dos textos de Freud.

O texto do qual o trecho foi retirado tem origem na conferência homônima apresentada por Jung em 1907 no Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia em Amsterdã, publicado em 1908.

12 – 2) *Considerações gerais sobre a teoria dos Complexos*, texto também do livro *A natureza da Psique*. No parágrafo 219, temos:

Como se vê, contentei-me tão somente em descrever os fatos fundamentais da teoria dos complexos. Entretanto, irei me privar de completar este quadro inacabado com a descrição dos problemas que resultam da existência dos complexos autônomos. Trata-se de três questões capitais: o problema *terapêutico*, o problema *filosófico* e o problema *moral* (JUNG, 2013k, p.52, itálicos originais do autor)¹³¹.

No trecho acima temos a posição adotada pelo autor de tratar apenas dos fundamentos da questão, a descrição geral de sua teoria dos Complexos de Tonalidade Afetiva, mas, também, anunciando que não entrará nos detalhes que caracteriza como capitais, ou seja, de

¹³⁰No original em alemão: “Ich muß es mir leider versagen, in extenso auf die hier angezogenen Forschungsergebnisse einzugehen; ich muß mich ganz darauf beschränken, sie anzudeuten, denn sie sind die Propädeutik für Freuds jetzige Auffassung hysterischer Krankheitsbilder” (JUNG, 2011f, p.21). No inglês: “Unfortunately I must refrain from a detailed discussion of Freud’s findings and must limit myself to a few hints. These latest investigations are required reading for Freud’s present view of hysterical illnesses” (JUNG, 1967e, p.23).

¹³¹No original em alemão: “Wie man sieht, habe ich mich damit begnügt, die wesentlichen Grundtatsachen der Komplexlehre zu schildern. Ich muß es mir aber versagen, dieses unvollständige Bild durch die Darstellung der Problematik, welche sich aus der Existenz autonomer Komplexe ergibt, zu ergänzen. Drei gewichtige Probleme sind dadurch aufgeworfen: das *therapeutische*, das *philosophische* und das *moralische*” (JUNG, 2019b, p.123, itálicos originais do autor). No inglês: As can be seen, I have contented myself with describing only the essential features of the complex theory. I must refrain, however, from filling in this incomplete picture by a description of the problems arising out of the existence of autonomous complexes. Three important problems would have to be dealt with: the *therapeutic*, the *philosophical*, and the *moral*” (JUNG, 1969a, p.102, itálicos originais do autor).

grande relevância para o tema, limitando-se a nomeá-los. Não obstante o fato do autor não tocar em pontos centrais da discussão realizada, esse trecho trata-se do último do texto, que, por ser oriundo de uma fala, talvez possamos afirmar com pouca margem de erro que foi o modo como o autor também encerrou seu discurso: anunciando que aspectos centrais do tema não foram trabalhados. Desse modo, temos a distinção no texto do autor entre fatos fundamentais e questões capitais, tendo apenas aqueles sido abordados.

Não estamos aqui apregoando uma ideia de completude e a necessidade de que sejam exauridos todos os aspectos possíveis dentro de um tema em todos os textos. Como dissemos anteriormente, um texto introdutório que apresente a ideia geral de uma proposta tem inúmeros méritos. Novamente, estamos chamando a atenção pra a estratégia editorial de publicação de um texto fruto de uma exposição geral, como caracterizado pelo próprio autor, fora dos livros da coletânea que, majoritariamente, aglutinam o tema dos Complexos, os volumes 1, 2, e 3.

De qualquer modo, temos na fala do autor um recorte temático sobre o assunto tratado, o que enquanto ausência anunciada não parece trazer algum prejuízo. A fala de Jung que dá origem ao texto trata-se de sua aula inaugural no Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique em 1934. A última versão expandida e reeditada do texto data de 1948.

13 – 3 *A luta com as sombras*, texto de *Civilização em mudança – Aspectos do drama contemporâneo*, volume 10 da *Collected Works*. No parágrafo 450, temos: “Infelizmente fugiria ao nosso escopo uma análise mais detalhada dessa questão. Contudo, mesmo que soem de certo modo incompreensíveis, gostaria de mencioná-las, pois as mandalas representam um horizonte de esperança tão necessário nesse tempo de desordem e extermínio” (JUNG, 2012f, p.55)¹³².

No texto do qual o trecho faz parte, Jung discute como certos prenúncios dos conflitos e guerras que assolaram a Europa na primeira metade do século XX podiam ser encontrados no conteúdo simbólico trazido por pacientes. Diz do surgimento de símbolos circulares e quadrados no sonho de indivíduos durante períodos de crise e conta de sua investigação

¹³²No original em inglês: “I am afraid I cannot go into an explanation of these highly technical matters here, but, however incomprehensible they may sound, I must mention them in passing because they represent a gleam of hope, and we need hope very badly in this time of dissolution and chaotic disorder” (JUNG, 1970e, p.225). No alemão: Ich kann hier leider nicht auf eine Erläuterung dieser höchst fachlichen Angelegenheit eintreten, aber wie unverstündlich es tönen mag, muß ich sie beiläufig doch erwähnen, denn sie stellen einen Hoffnungsschimmer dar, und wir bedürfen der Hoffnung dringend in dieser Zeit der Auflösung und chaotischen Unordnung (JUNG, 2019h, p.248).

quanto à função de tais símbolos em tais circunstâncias e atribui aos mesmos o movimento de integração e ordenação dos conteúdos psíquicos, chamando-os de Mandalas em alusão aos símbolos milenares encontrados em diversas culturas.

Por mais que no trecho Jung afirme a importância da emergência de tal símbolo e seu estudo, se contenta apenas em mencioná-lo, ainda que sua menção sem o devido aprofundamento soe de modo incompreensível. O texto de Jung do qual o trecho foi retirado tem origem em uma fala transmitida via rádio pela British Broadcasting Corporation em Londres, em novembro de 1946. Foi publicada pela primeira vez em inglês, em 1946 e reeditada em 1947 para a *Collected Works*.

14 – 4) *Psicologia Analítica e Educação*, texto de *O desenvolvimento da personalidade*, volume 17 da *Collected Works*. No parágrafo 224, temos:

O último caso que pretendo citar é o de uma menina de oito anos, chamada Margarida; ela sofre de uma perturbação que parece não estar ligada aos pais, ou ter neles a sua causa. Trata-se de um caso complicado, que não poderei apresentar pormenorizadamente aqui nesta palestra. Escolherei apenas um único trecho importante na evolução do caso (JUNG, 2012p, p.144)¹³³.

A fala de Jung trata-se da última conferência de uma série de três apresentações realizadas pelo autor em 1924 em Londres, no Congresso Internacional de Educação (International Congress of Education). Apesar da palestra ter ocorrido em inglês, o texto foi publicado em alemão em 1926 e reeditado e ampliado em 1946. Outros casos são apresentados por Jung nessa mesma conferência sem que haja a mesma consideração quanto a necessidade de omitir os detalhes. Com o exemplo de Margarida, Jung objetiva trabalhar a questão da fantasia no desenvolvimento da criança e podemos pensar se as omissões são anunciadas como estratégia de valorização de certo aspecto do discurso, o que não acarretaria maiores dificuldades de compreensão do caso.

¹³³No original em alemão: “Der letzte Fall, den ich erwähnen will, betrifft ein achtjähriges Mädchen, Margarete, das an einer Störung leidet, welche nicht kausal mit den Eltern verkettet zu sei scheint, Es ist ein komplizierter Fall, über dessen Einzelheiten zu berichten den Rahmen einer Vorlesung bei weitem überschreiten würde. Ich wähle daher nur einen wichtigen Abschnitt in der Entwicklung des Fellen aus” (JUNG, 2019c, p.148). No inglês: “The last case I shall mention concerns an eight-year-old girl, Margaret, who suffered from a complaint that does not seem to be causally connected with the parents. It is a complicated case which cannot be dealt with fully in a lecture. I have therefore selected only one important phase in its development” (JUNG, 1954a, p.116).

15 – 5) *Psicologia e Religião*, texto do livro *Psicologia e Religião Ocidental e Oriental – Psicologia e Religião*, volume 11 da *Collected Works*, primeiro dos seis tomos nos quais foi subdividido na edição em língua portuguesa. No parágrafo 108, temos:

Não levarei a mal se alguém achar que a longa exposição a respeito do símbolo da quaternidade, do *circulus quadratus* e das tentativas heréticas de completar o dogma da Trindade, é demasiado extensa e rebuscada e, além disso, enfática. Na realidade, tal discurso sobre a quaternidade não passa de uma introdução, lamentavelmente breve e insuficiente, à última parte (e remate de toda questão) do caso que escolhi à guisa de exemplo (JUNG, 2012σ, p.84)¹³⁴.

O principal ponto que nos chama a atenção nesse trecho é a possível existência de conflito entre o que Jung parece antever que seu público achará extenso e o que ele considera como insuficiente no tocante aos pontos necessários para a compreensão de determinado tema. O texto trata-se da última das três palestras proferidas por Jung na Universidade Yale, Connecticut, em 1937, e o autor trabalha o símbolo da quaternidade de forma extensa, mesmo reconhecendo que o público possa achar exagerada sua longa exposição.

Por não termos acesso aos dados de duração das falas dos textos até então apresentados, não podemos investigar se o motivo que levou Jung a não se furtar de uma exposição longa no referido evento estaria relacionado com o fator tempo disponível e, assim, se nos outros casos de ausências anunciadas a ideia de impossibilidade e insuficiência de elementos pra tocar em certos temas não seria mais uma arbitrariedade do pensamento do autor do que outro motivo.

De qualquer modo, mesmo após falar da extensão algo exagerada com a qual o tópico da quaternidade será apresentado, o autor diz que, ainda assim, é insuficiente, nos levando a perguntar o quanto de exemplificação e exposição de material Jung considera necessário, e necessário para qual nível de compreensão de suas propostas.

16 – 6) *A estrutura do inconsciente*, texto do livro *Dois escritos sobre psicologia analítica - O eu e o inconsciente*, volume 7 da *Collected Works*, segundo tomo na subdivisão da edição em

¹³⁴No original em inglês: “I shall not mind, therefore, if this long discussion of the quaternity symbol, the *circulus quadratus*, and the heretical attempts to improve on the dogma of the Trinity seem to be somewhat far-fetched and exaggerated. But, in point of fact, my whole discourse on the quaternity is no more than a regrettably short and inadequate introduction to the final and crowning example which illustrates my case” (JUNG, 1969h, p. 64).

língua portuguesa. Na versão em língua portuguesa o texto não possui indicação de parágrafos, sendo o parágrafo 462 nas versões em inglês e alemão. Nele, temos:

Devo ressaltar aqui que me abstenho intencionalmente de discutir o nosso problema, tal como se colocaria sob o ponto de vista da psicologia dos tipos. [...] Tais observações indicam dificuldades extraordinárias que deveríamos ultrapassar, se intentássemos considerar o nosso problema sob o ponto de vista da psicologia dos tipos. É compreensível, portanto, que nos abstenhamos de fazê-lo (JUNG, 2013d, p. 148-149)¹³⁵.

O problema que Jung diz evitar intencionalmente é a relação entre os instintos e outras manifestações inconscientes a partir do ponto de vista de sua tipologia psicológica. Mais do que evitar um assunto, temos Jung dizendo que não entrará em uma discussão tomando como base outra concepção sua, pois diversas outras considerações acabariam tendo que ser realizadas. O texto foi publicado em 1916 e tem origem em uma conferência realizada na Escola de Zurique de Psicologia Analítica (*Zürcher Schule für Analytische Psychologie*) no mesmo ano.

17 – 7) *O conceito de Inconsciente Coletivo*, texto do livro *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, volume 9/1 da *Collected Works*. No parágrafo 102, temos: “Não é oportuno aprofundar aqui explicações técnicas sobre o método. Bastaria dizer que a sequência de fantasias que vêm à tona alivia o inconsciente e representa um material rico de formas arquetípicas” (JUNG, 2012s, p.58)¹³⁶. O método sobre o qual Jung diz não ser oportuno aprofundar é o da imaginação ativa, descrita pelo autor como a concentração intencional que

¹³⁵No original em alemão: “An dieser Stelle möchte ich bemerken, daß ich in dieser Betrachtung die Frage, wie sich unser Problem vom Standpunkt der Typenpsychologie ausnimmt, absichtlich unerörtert lasse. [...] Diese Andeutungen mögen zeigen, in was für außerordentliche Schwierigkeiten der Darstellung wir hineingerieten, wenn wir unser Problem unter dem Gesichtswinkel der Typenpsychologie betrachten wollten. Die Weglassung dieser Betrachtungsweise dürfte darum verständlich sein” (JUNG, 2019n, p.292-293). No inglês: “Here I would pause to remark that I intentionally abstain from discussing the question of how this problem presents itself from the point of view of the psychology of types. [...] These observations show what extraordinary difficulties we should have to surmount if we wished to consider our problem from the angle of type psychology, and justify us in abstaining from the attempt” (JUNG, 1966f, p.272-273).

¹³⁶No original em inglês: “This is not the place to enter upon a technical discussion of the method. Suffice it to say that the resultant sequence of fantasies relieves the unconscious and produces material rich in archetypal images and associations” (JUNG, 1968d, p.48). No alemão: “Es ist hier nicht der Ort, auf technische Erläuterungen der Methode einzugehen. Es möge genügen, daß die zutage gebrachte Phantasieserie das Unbewußte erleichtert und ein an archetypischen Formen reiches Material darstellt” (JUNG, 2019f, p.62).

faz emergir as fantasias produzidas pelo Inconsciente. O autor cita o método como uma das possibilidades de contato com material arquetípico.

Diferente dos outros textos de Jung até então apresentados que possuem origem em conferências e palestras, o texto no qual o trecho acima se encontra é iniciado por Jung com a apresentação esquemática a partir da qual sua exposição se dará: definição de Inconsciente Coletivo, interpretação do seu sentido para a Psicologia, demonstração do método de comprovação do fenômeno e exemplos do mesmo. Trata-se de uma palestra homônima realizada em Londres no Hospital São Bartolomeu (St. Bartholomew's Hospital) para a Sociedade Abernethiana (Abernethian Society), em outubro de 1936.

No final do parágrafo seguinte, temos aquilo que imaginamos ter sido o motivo para que Jung não adentrasse em certos detalhes durante sua exposição, a menção do tempo. Contudo, parece haver uma dupla questão ligada ao tempo. Em primeiro lugar, não haveria tempo para o autor “educar” o público quanto ao material necessário para a compreensão do tema, e em segundo lugar, não teria tempo para percorrer todas as nuances exigidas pelo tema. Assim, temos Jung dizendo:

Estabelecer tais fatos não é apenas uma questão de pesquisa laboriosa, mas também um objeto ingrato de demonstração. Como os símbolos não podem ser arrancados de seu contexto, devemos apresentar descrições exaustivas, tanto da vida pessoal como do contexto simbólico. Isto é praticamente impossível dentro dos limites de uma única conferência. Tentei fazê-lo várias vezes, correndo o risco de adormecer a metade do auditório (JUNG, 2012s, p.59)¹³⁷.

Devemos aqui também refletir sobre o que Jung pensava sobre seu público, afinal, as falas acima recuperadas se dão por ocasião de uma palestra para a qual fora convidado, ou seja, há o interesse do público em ouvi-lo e, como em outras situações semelhantes, não se trata de um público desconectado das discussões sobre o psiquismo e o comportamento

¹³⁷No original em inglês: “Establishing such facts not only requires lengthy and wearisome researches, but is also an ungrateful subject for demonstration. As the symbols must not be torn out of their context, one has to launch forth into exhaustive descriptions, personal as well as symbolological, and this is practically impossible in the framework of a lecture. I have repeatedly tried it at the risk of sending one half of my audience to sleep” (JUNG, 1968d, p.48). No alemão: Die Aufstellung solcher Fakten ist nicht nur eine Angelegenheit langwieriger und mühsamer Forschung, sondern auch ein undankbares Objekt zu Demonstration. Da die Symbole nicht aus ihrem Zusammenhang gerissen werden dürfen, muß man sowohl erschöpfende persönliche wie symbolwissenschaftliche Darstellungen vorlegen, praktisch ein Ding der Unmöglichkeit im Rahmen eines einzigen Vortrags. Ich habe es wiederholt versucht, auf die Gefahr hin, die Hälfte meiner Zuhörerschaft zum Schlafen zu bringen (JUNG, 2019f, p.63).

humano. Porém, no capítulo anterior também trouxemos as colocações de Mary Mellon sobre como boa parte dos expectadores dos Seminários de Jung não compreendiam sobre o que o autor estava falando, o que não impedia os mesmos de comparecerem em grande número às suas exposições. Em ambos os casos, independente da compreensão, parecia haver disposição para escutar o autor, o que coloca a fala de Jung sobre adormecer o público como justificativa atrelada ao tempo para não discorrer sobre certo tema como uma incógnita. Passemos, assim, para os textos nos quais Jung menciona o tempo e o formato do evento como impeditivos para os detalhes em algumas de suas apresentações.

Categoria 4 – Quando Jung diz não poder discutir detalhadamente determinado aspecto do assunto pela natureza do evento e/ou por ter pouco tempo:

18 – 1). *Tipos psicológicos*, texto do livro homônimo *Tipos Psicológicos*, volume 6 da *Collected Works*. No parágrafo 976 (parágrafo 912 nas versões em alemão e inglês), temos: “No espaço de uma conferência não é possível mostrar a profundidade desse problema” (JUNG, 2012Θ, p.528)¹³⁸. O problema ao qual Jung se refere é a mudança de atitude no campo da consciência. Visto ser tal atitude confundida com a própria totalidade da personalidade, por ser o modo como o sujeito comumente se adapta ao mundo, desenvolver uma nova atitude adaptativa requereria grande mobilização psíquica.

19 – 2) *Tipologia psicológica*, também do livro *Tipos Psicológicos*. Na versão em língua portuguesa, ao contrário das versões em inglês e alemão, há dois textos diferentes que foram traduzidos com o mesmo título. Nesse caso, na ordem que aparecem, trata-se do primeiro texto intitulado *Tipologia psicológica*. No parágrafo 1023 (parágrafo 954 nas versões em inglês e alemão), temos: “Infelizmente o tempo não me permite abordar as interessantes variações provocadas pela atitude extrovertida e introvertida nos tipos irracionais” (JUNG, 2012H, p.544)¹³⁹.

¹³⁸No original em alemão: “Der Umfang eines Vortrages erlaubt es natürlich nicht, in irgendeiner Weise die Tiefe dieser Probleme darzustellen” (JUNG, 2011q, p.558). No inglês: “Within the space of a lecture I cannot, of course, give you any idea of the depth and scope of these problems” (JUNG, 1971b, p.470).

¹³⁹No original em alemão: “Leider erlaube es mir die Zeit nicht, auf die interessanten Variationen, welche extravertierte und introvertierte Einstellung bei den irrationalen Typen verursachen, einzugehen” (JUNG, 2011r, p. 575). No inglês: Unfortunately, time does not allow me to go into the interesting variations which the extraverted or introverted attitude produces in the irrational types (JUNG, 1971a, p.539).

Curiosamente, Jung diz no parágrafo seguinte que ao invés de falar sobre tais variações, falará sobre as consequências da unilateralidade quanto ao uso das funções psíquicas de adaptação, assunto com o qual encerra a fala, parecendo ter havido não só uma questão de tempo, mas, também, uma opção de troca de tema. O texto tem origem na conferência apresentada por Jung no Congresso dos Psiquiatras Suíços em Zurique no ano de 1928, tendo o texto referente a mesma sido publicado em 1931.

20 – 3) *A importância do inconsciente para a educação individual*, texto de *O desenvolvimento da personalidade*, volume 17 da *Collected Works*. No parágrafo 276, temos: “A limitação imposta por uma conferência lamentavelmente não me permite tratar de todas as particularidades deste sonho, que é extremamente rico de sentido” (JUNG, 2012d, p.173)¹⁴⁰. No texto, Jung apresenta dois sonhos relatados por um jovem paciente por ocasião da primeira sessão psicoterápica entre ambos. O trecho acima acompanha o segundo sonho relatado pelo paciente. O texto tem origem na conferência apresentada por Jung no Congresso Internacional de Educação (International Congress of Education) em Heidelberg, na Alemanha, em 1925, tendo primeiramente sido publicado em 1928.

21 – 4) *A importância da Psicologia Analítica para a educação*, texto de *O desenvolvimento da personalidade*, volume 17 da *Collected Works*. No parágrafo 115, temos: “Lamento não poder fazer agora uma incursão no tema certamente amplo do simbolismo do sonho”¹⁴¹ (JUNG, 2012b, p.70). No mesmo texto, no parágrafo 126, temos: “Espero que tenha facultado aos Senhores penetrarem de certo modo no conjunto de ideias da psicologia analítica, pelo menos na medida em que isto é possível dentro das limitações impostas por uma conferência” (JUNG, 2012b, p.72)¹⁴².

¹⁴⁰No original em alemão: “Der enge Rahmen eines Vortrages erlaubt mir leider nicht, auf alle Einzelheiten dieses höchst sinnreichen Traumes einzutreten” (JUNG, 2019k, p.183). No inglês: Unfortunately I cannot, within the short space of a lecture, enter into all the details of this exceedingly ingenious dream (JUNG, 1954c, p.150).

¹⁴¹No original em alemão: “Ich muß es mir leider an dieser Stelle versagen, auf die außerordentlich weitläufige Frage der Traumsymbolik einzutreten” (JUNG, 2019i, p.73). No inglês: “Unfortunately I cannot enter here into the far-reaching question of dream-symbolism” (JUNG, 1954b, p.58).

¹⁴²No original em alemão: “Soweit es mir im Rahmen einer Vorlesung möglich schien, hoffe ich, Ihnen einen gewissen Einblick in die Gedankenwelt der Analytischen Psychologie gegeben zu haben” (JUNG, 2019i, p.76). No inglês: “So far as is possible within the limits of a lecture, I have tried to give you some insight into the world of analytical psychology and its ideas” (JUNG, 1954b, p.62).

No texto, Jung inicia sua fala expondo sua compreensão quanto ao desenvolvimento da consciência no indivíduo e, traçando a relação entre consciência e inconsciente, apresenta seu modo de abordar o simbolismo que emerge a partir dos sonhos. Trata-se de um texto extremamente introdutório e o próprio sucesso do autor em unir os temas da Psicologia Analítica e a Educação pode ser questionado. A própria fala do autor, que se dá no Congresso Internacional de Educação (International Congress of Education) em Territet-Montreux, na Suíça, em 1923, começa com o mesmo dizendo que se sente hesitante em colocar tal tema diante do público.

22 – 5) *A importância do Inconsciente na Psicopatologia*, texto do livro *Psicogênese das doenças mentais*, volume 3 da *Collected Works*. Nos parágrafos 463 e 464, temos:

Fugiria ao nosso escopo aprofundar aqui as razões pelas quais esse material é tão frequente na *dementia praecox*. Espero que esta exposição, embora incompleta, tenha conseguido ressaltar a importância que atribuo ao inconsciente para a psicopatologia. É inteiramente impossível transmitir, num ensaio tão breve, uma ideia precisa de todo o trabalho que vem sendo feito neste campo (JUNG, 2013e, p.233)¹⁴³.

O principal tema discutido por Jung neste texto é o mecanismo de compensação que surge no inconsciente do indivíduo frente a alguma atitude controversa que esteja ocorrendo no plano da consciência. O autor diz que a influência da compensação inconsciente pode ser observada por meio de manifestações no campo da linguagem e pelo surgimento de imagens simbólicas, e é a esse material que se refere quando diz ser comum nos casos de *dementia praecox* e sobre os quais não pode discutir em sua apresentação.

A importância do Inconsciente na Psicopatologia foi publicada pela primeira vez em 1914, em inglês, e é fruto da apresentação realizada por Jung na Seção de Neurologia e Psicologia Médica (Section of Neurology and Psychological Medicine) do encontro anual da

¹⁴³No original em inglês: “For certain reasons which I cannot discuss here, this material is frequently found in *dementia praecox*. I hope I may have been able to give in this brief lecture, which I feel to be very incomplete, a glimpse of the importance, as I see it, of the unconscious in psychopathology. It would be impossible in a short talk to give an adequate idea of all the work that has already been done in this field” (JUNG, 1960b, p.187). No alemão: “Aus bestimmten Gründen, die ich hier nicht besprechen kann, findet sich dieses Material häufig bei *Dementia praecox*. Ich hoffe, es ist mir mit diesem kurzen Vortrag, den ich für sehr unvollkommen halte, gelungen, einen Einblick in die Bedeutung - wie ich sie sehe - des Unbewußten für die Psychopathologie zu geben. Es ist unmöglich, in einer kurzen Abhandlung eine genaue Vorstellung von der gesamten Arbeit zu vermitteln, die auf diesem Gebiet bereits geleistet worden ist” (JUNG, 2011y, p.233-234).

Associação Médica Britânica (British Medical Association), também realizado em 1914 em Aberdeen, na Escócia.

23 – 6) *Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica*, texto do livro *Freud e a Psicanálise*, volume 4 da *Collected Works*. No parágrafo 328, temo: “Devo renunciar a trazer aqui exaustivos exemplos, pois é impossível discutir um material tão abundante numa conferência” (JUNG, 2012E, p.155)¹⁴⁴. No mesmo texto, no parágrafo 456, temos:

Seria longo demais expor os resultados dessas pesquisas. A teoria dos determinantes psicológicos dessa doença já é um campo bastante vasto em si, e se quiséssemos discutir ainda os problemas simbólicos da *dementia praecox*, deveria apresentar-lhes um vasto material que seria impossível analisar nesta conferência que pretende apenas dar uma visão geral (JUNG, 2012E, p.208)¹⁴⁵.

O material abundante a partir do qual Jung diz não poder oferecer exemplos exaustivos trata-se dos sonhos e da importância da análise dos mesmos para o trabalho com o inconsciente. Ao invés de oferecer exemplos, o autor adota enquanto estratégia discursiva o modo como procura tentar compreender os símbolos oníricos. Já a respeito do segundo parágrafo, as pesquisas que exigiriam uma exposição prolongada seriam os resultados sobre a aplicação do método psicanalítico no tratamento da *dementia praecox*. No mesmo sentido, temos no parágrafo 457: “Pela mesma razão não posso explicar os resultados da pesquisa psicanalítica no campo da mitologia e do estudo comparado das religiões. Seria impossível sem trazer os materiais correspondentes” (JUNG, 2012E, p.208)¹⁴⁶.

Ainda no mesmo texto, no parágrafo 458, temos: “Nesta conferência devo me limitar a uma exposição mais ou menos genérica sobre a natureza da psicanálise. A discussão detalhada dos métodos e teorias exigiria grande quantidade de material casuístico e sua exposição prejudicaria a visão de conjunto” (JUNG, 2012E, p.209)¹⁴⁷. Nessa passagem, Jung descreve o

¹⁴⁴No original em inglês: “I must refrain from giving detailed-examples, as it is quite impossible to discuss such voluminous material in a lecture” (JUNG, 1967g, p.138).

¹⁴⁵No original em inglês: “It would lead me too far afield to go at all deeply into the results of these investigations. The theory of the psychological determinants of this disease is a sufficiently vast territory in itself, and if I were to discuss the symbolistic problems of *dementia praecox* I would have to put before you a mass of material which I could not hope to deploy within the framework of these lectures, whose purpose is to provide a general survey” (JUNG, 1967g, p.191).

¹⁴⁶No original em inglês: “For the same reason I must refrain from discussing the results of the psychoanalytic investigation of mythology and comparative religion” (JUNG, 1967g, p.191).

¹⁴⁷No original em inglês: “In these lectures I have had to confine myself to giving you a general account of the nature of psychoanalysis. Detailed discussion of the method and theory would have

que entende por exposição genérica: a discussão que tem por intenção apresentar uma visão global de um determinado problema e, para tanto, abdica dos detalhes dos casos que estruturam as premissas expostas.

O texto é resultado de nove conferências realizadas por Jung em uma espécie de curso de extensão realizado pela Universidade Fordham, em Nova Iorque, em 1912. Foi publicado em alemão pela primeira vez em 1913 como um livro, publicado em inglês em cinco partes entre 1913 e 1915 e ampliado e reeditado em 1955, sendo esta última versão a que consta na coletânea. Chama nossa atenção o fato de Jung anunciar dois tópicos sobre os quais não poderia se aprofundar, o trabalho com os sonhos e a aplicação do método psicanalítico nos casos de *dementia praecox*.

São situações como essa onde temos o autor em um espaço de nove conferências de um curso de extensão específico sobre seu trabalho, no qual diz não poder desenvolver elementos centrais de sua prática alegando que a apresentação do material necessário para compreensão da mesma seria impossível, que nos leva a pensar qual formato de texto, conferência ou outro tipo de apresentação satisfaria os critérios e possibilitaria a compreensão das propostas de Jung.

24 – 7) *Sobre a Psicanálise*, texto também do livro *Freud e a Psicanálise*. No parágrafo 557, temos:

Após muitos anos de experiência, sei agora que é muito difícil discutir sobre psicanálise em reuniões públicas e congressos. [...] Sempre achei mais proveitosa uma conversa calma sobre o assunto do que uma acalorada discussão *coram publico*. Contudo, tendo a honra de ter sido convidado pelo comitê organizador deste congresso para falar como representante do movimento psicanalítico, darei o melhor de mim para discutir alguns problemas teóricos fundamentais da psicanálise. Devo me restringir a este ponto porque não é possível colocar para este auditório tudo o que a psicanálise significa e procura ser, e suas várias aplicações nos campos da mitologia, religiões comparadas, filosofia etc (JUNG, 2012B, p.245)¹⁴⁸.

required a mass of case material, exposition of which would have detracted from a comprehensive view of the whole” (JUNG, 1967g, p.192).

¹⁴⁸No original em inglês: “After many years’ experience I now know that it is extremely difficult to discuss psychoanalysis at public meetings and at congresses. [...] I have always found a quiet conversation on the subject much more useful and fruitful than heated arguments *coram publico*. However, having been honoured by an invitation from the Committee of this Congress to speak as a representative of the psychoanalytic movement, I will do my best to discuss some of the fundamental theoretical problems of psychoanalysis. I must limit myself to this aspect of the subject because I am quite unable to put before my audience all that psychoanalysis means and strives for,

Reproduzimos, acima, uma porção maior do discurso de Jung pelo fato de outros elementos se fazerem presentes, tão importantes quanto as ausências anunciadas aqui analisadas. Jung apresenta sua percepção sobre as limitações que o formato de conferências e demais eventos públicos trazem, dizendo que os assuntos são mais bem aproveitados em conversas calmas. Jung, Bernardini, Quaglino e Romano (2015) informam que, após as conferências realizadas pelo autor, era comum que parte do público o seguisse para continuarem a discussão em outros locais, muitas vezes no próprio espaço externo do local onde sua fala havia ocorrido e, em alguns casos, nos aposentos designados para o psiquiatra suíço.

Nesse ponto, podemos considerar que a escolha editorial de publicar na *Collected Works of C. G. Jung* textos com ausências anunciadas de elementos que poderiam ser importantes para a discussão não faz justiça ao espírito de disponibilidade para a discussão do qual Bernardini, Quaglino e Romano (2015) nos falam e que também está refletido em suas longas correspondências com diversas pessoas leigas nos assuntos do psiquismo humano.

Diferente dos outros textos até então apresentados, *Sobre a Psicanálise* nasce enquanto texto lido por Jung em 1912 para a Academia de Medicina de Nova Iorque (New York Academy of Medicine), tendo sido ampliado para uma conferência em Londres no ano de 1913 durante o 17º Congresso Médico Internacional (International Medical Congress), revisto e publicado posteriormente em 1917, versão utilizada na *Collected Works*.

25 – 8) *A Sincronicidade*, texto do livro *A dinâmica do inconsciente – Sincronicidade*, volume 8 da *Collected Works*, terceiro tomo do volume 8 na subdivisão da versão em língua portuguesa. No parágrafo 987 (997 na edição de língua inglesa), temos: “Infelizmente, no curto espaço de uma conferência não me é possível tratar do vasto problema da sincronicidade, senão de maneira um tanto corrida” (JUNG, 2013i, p.123)¹⁴⁹. Após esta colocação sobre a duração da conferência, Jung diz que os interessados no tema da

and its various applications in the fields of mythology, comparative religion, philosophy, etc (JUNG, 1967b, p.248).

¹⁴⁹No original em alemão: “Meine Damen und Herren! Im Zeitraum eines Vortrages ist es mir leider nicht möglich, das umfangliche Problem der Synchronizität mehr als bloß kursorisch zu behandeln” (JUNG, 2019y, p.566). No inglês: “In the short space of a lecture I cannot, unfortunately, do more than give a very cursory sketch of the vast problem of synchronicity (JUNG, 1969d, p.527).

Sincronicidade poderão conferir em breve um texto que publicará junto com o físico Wolfgang Pauli a respeito da questão.

Interessante notarmos que, nesse caso, Jung não disse de um ponto específico sobre a Sincronicidade do qual não poderia tratar com detalhes, o tema em si parece não caber. O início de sua fala, uma conferência pronunciada no encontro de Eranos em 1951, também é atípica. O próprio autor diz que seria mais correto começar definindo o conceito, mas prefere partir de exemplificações que possam ilustrar a ideia.

No parágrafo 961 do mesmo texto, temos: “Por certas razões que mencionei em outra parte e que não quero discutir aqui, admito que se trate de um grupo casual” (JUNG, 2013i, p.112-113)¹⁵⁰. No trecho, Jung apresenta algumas coincidências que vivenciara durante certo período envolvendo peixes. O autor apresenta tais exemplos como casuais, ou seja, dentro das probabilidades estatísticas racionais, e diz não querer, ao invés de não poder, discutir os motivos que o fez perceber tais coincidências como tal.

26 – 9) *Paralelos do mistério da transubstanciação*, texto de *Psicologia e Religião ocidental e oriental – O símbolo da transformação na missa*, volume 11 da *Collected Works*, terceiro dos seis tomos nos quais foi subdividido na edição em língua portuguesa. No parágrafo 339, temos: “Infelizmente, no contexto desta obra, não posso entrar a fundo no rico material etnológico relativo a este tema” (JUNG, 2012y, p.34)¹⁵¹. O tema ao qual Jung se refere é o tema da transubstanciação do corpo de Cristo no ritual de comunhão da missa. O rico material etnológico são os paralelos existentes entre o ritual cristão e os rituais de sacrifício existentes em diversas culturas e cerimônias religiosas. O autor diz que se contentará em expor apenas alguns exemplos, como o sacrifício do rei para garantir uma colheita fértil e as refeições totêmicas que reúne o clã com seus ancestrais. O texto advém de uma palestra realizada por Jung no Clube Psicológico de Zurique (Psychologischer Club Zürich) e publicado em 1954.

¹⁵⁰No original em alemão: “Aus gewissen Gründen, die ich anderenorts erwähnt habe, hier aber nicht des näheren erörtern möchte, nehme ich an, daß es sich auch hier um eine Zufallsgruppierung handelt” (JUNG, 2019y, p.556). No inglês: “For reasons that I have mentioned elsewhere and will not discuss now, I assume that this was a chance grouping” (JUNG, 1969d, p.529).

¹⁵¹No original em alemão: “Auf dem reichhaltigen ethnologischen Material beziehe ich mich darauf, ich kann in diesem Zusammenhang leider nicht eintreten” (JUNG, 2011h, p.243). No inglês: “Unfortunately I cannot enter into the wealth of ethnological material in question here” (JUNG, 1969f, p.186).

Categoria 5 – Quando Jung diz não poder reproduzir no texto os elementos que o fez concluir algo sobre o assunto em questão:

27 – 1) *Fundamentos da Psicologia Analítica (Tavistock Lectures)*, texto de *A vida simbólica* – vol. 1, primeiro tomo do volume 18 da *Collected Works*. Nos parágrafos 138 a 141, temos:

Creio que não seja possível abordar esse detalhe; é excessivamente particular. Trata-se, na verdade, de um caso de experiência pessoal e a sua apresentação constituiria um problema difícil. Não seria possível descrever o critério em que me baseio ao julgar um sonho desses. O caso mencionado pelo senhor foi o do pequeno mastodonte. Explicar o que o mastodonte significa de orgânico e por que devo tomar tal sonho como sintoma fisiológico desencadearia uma tal polêmica, e os senhores acabariam por me acusar de obscurantismo. [...] Eu deveria dar-lhes um curso de aproximadamente quatro semestres sobre simbologia para que os senhores conseguissem seguir o que digo. [...] Só quando se está de posse de tal armazenamento de paralelismos, pode-se começar a fazer diagnósticos, afirmando que este sonho é orgânico, enquanto que um outro não o é. Até que não se adquiram tais conhecimentos, continuarei não passando de um feiticeiro. [...] O conhecimento específico é uma enorme desvantagem. Levamos tão longe que acaba sendo impossível explicar qualquer coisa. Os senhores têm de permitir que eu lhes fale de coisas elementares, e, se essas coisas simples forem aceitas, então surgirá a compreensão de por que cheguei a tais e tais conclusões. Sinto muito termos tão pouco tempo e assim não poder falar-lhes de quase nada (JUNG, 2012o, p.83-84)¹⁵².

¹⁵²No original em inglês: “I am afraid that I cannot go into such detail; it is too special. It is really a matter of special experience, and its presentation would be a very difficult job. It would not be possible to describe to you briefly the criteria by which I judge such dreams. The dream you mentioned, you may remember, was a dream of the little mastodon. To explain what that mastodon really means in an organic respect and why I must take that dream as an organic symptom would start such an argument that you would accuse me of the most terrible obscurantism. These things really are obscure. [...] I should have to give you a course of about four semesters about symbology first so that you could appreciate what I said. [...] Only when you possess that apparatus of parallelism can you begin to make diagnoses and say that this dream is organic and that one is not. Until people have acquired that knowledge I am just a sorcerer. [...] Special knowledge is a terrible disadvantage. It leads you in a way too far, so that you cannot explain any more. You must allow me to talk to you about seemingly elementary things, but if you will accept them I think you will understand why I draw such and such conclusions. I am sorry that we do not have more time and that I cannot tell you everything” (JUNG, 1976, p.78-80). No alemão: “Ich fürchte, auf solche Einzelheiten nicht eingehen zu können, sie sind zu speziell. Es geht hier wirklich um besondere Erfahrungen, und sie wären sehr schwierig darzustellen. Ich könnte Ihnen nicht in ein paar Worten erläutern, auf Grund welcher Kriterien ich solche Träume beurteile. In dem erwähnten Traum ging es um ein kleines Mastodon. Wenn ich Ihnen sagen würde, was dieses Mastodon in organischer Hinsicht bedeutet, und weshalb man den Traum als organisches Symptom ansehen muß, würde das eine heftige Diskussion hervorrufen, und Sie würden mich des schlimmsten Obskurantismus bezichtigen. Diese Dinge sind wirklich obskur. [...] Ich müßte Ihnen zuerst eine Vorlesung von vielleicht vier Semestern über Symbolik halten, damit Sie sich ein Bild davon machen könnten, worum es hier geht.[...] Erst wenn man einen solchen Apparat von Parallelismen besitzt, kann man beginnen, Diagnosen zu stellen und zu sagen, dieser Traum ist organisch und jener ist es nicht.

Reproduzimos aqui uma maior porção do discurso de Jung por ser possível perceber no mesmo diversos elementos importantes para pensarmos tanto as ausências anunciadas como a *Collected Works of C. G. Jung* em si e os possíveis objetivos e limitações da mesma. A fala de Jung se dá por ocasião da apresentação de cinco conferências na Clínica Tavistock, em Londres, no ano de 1935. A maior parte do público era composta de médicos e psicoterapeutas. O trecho acima é fruto de uma resposta dada por Jung à pergunta feita pelo psicanalista inglês Wilfred Bion (1897-1979) no final da segunda conferência.

Bion indaga Jung sobre o paralelismo psicofísico sobre o qual o autor mencionara em sua conferência anterior, retomando um exemplo dado por Jung. O psicanalista pergunta se o autor voltaria na questão para exemplificá-la e a isso segue a resposta que reproduzimos. Há varias camadas de considerações apresentadas por Jung nas quais o autor revela as dificuldades envolvidas na compreensão de suas propostas. Em primeiro lugar, Jung diz que a sua percepção quanto o reconhecimento de quais sonhos trazem questões orgânicas e quais não trazem se deve a sua experiência pessoal, não sendo possível transmitir o “como” tal percepção ocorria. A própria tentativa de explicação da questão é antevista pelo autor como algo que o levaria a ser taxado de obscurantista. Talvez o autor tenha ignorado o quanto esta fala, por si só, e toda sua postura também, poderia contribuir para essa visão.

Em segundo lugar, temos as condições colocadas pelo autor para que sua audiência pudesse acompanhar seu raciocínio: anos de estudo sobre simbologia. Ainda em sua fala, Jung diz que se debruçou sobre textos alquímicos, textos sobre Hinduísmo, texto sobre Filosofia oriental, estudou Mitologia e Religião comparada e, por isso, possui bagagem para dizer sobre os aspectos simbólicos ligados a questões orgânicas ou não.

Em terceiro lugar, Jung diz sobre o conhecimento específico, o aprofundamento em tais questões a tal ponto que, em contrapartida, o detentor de tal saber se encontra em apuros quando tenta transmitir ou introduzir os elementos do mesmo à uma audiência. Em quarto e último lugar, temos o autor dizendo que sua audiência deve aceitar suas colocações no nível básico e talvez possamos entender que algumas das ausências anunciadas entrariam nessa classificação: aceitar a exposição sem todos os elementos, pois, mesmo que fossem

Solange die Menschen dieses Wissen nicht haben, bin ich für sie einfach ein Magier. [...] Besonderes Wissen ist ein schrecklicher Nachteil. Es führt einen in gewissem Sinn zu weit, so daß man nichts mehr erklären kann. Sie müssen mir erlauben, über scheinbar elementare Dinge zu Ihnen zu sprechen, aber wenn Sie sie annehmen können, werden Sie vermutlich verstehen, weshalb ich zu dieser oder jener Schlußfolgerung komme. Es tut mir leid, daß wir nicht mehr Zeit haben und ich Ihnen nicht alles mitteilen kann” (JUNG, 2015b, p.83-85).

apresentados, segundo o autor, o público não estaria preparado para assimilá-los, uma vez que a questão do tempo e do formato da fala nem sempre são evocados como motivos para as ausências anunciadas.

Podemos perceber na fala de abertura que inaugura a conferência seguinte que estas colocações de Jung causaram certa comoção. O presidente da conferência, o médico Maurice B. Wright, antes de passar a palavra pra Jung, inicia o encontro pontuando que por meio da pesquisa especializada Jung adquiriu certa compreensão do psiquismo humano que não é possível ser capturada por qualquer um. Wright faz uma comparação na qual aproxima os óculos usados por Jung com as lentes de um telescópio para dizer da capacidade do autor em enxergar melhor certas questões. Ressalta o problema do tempo das conferências e como seria impossível o autor expor todo seu material e diz que isso não deve ser tomado como obscurantismo, a falta de exposição e demonstração de certos aspectos dos temas, e que certamente todos os presentes estavam interessados e tinham muito que aprender (JUNG, 2012o).

Novamente, evocamos aqui a tese de nossa pesquisa, o fato da *Collected Works of C. G. Jung* ser uma obra de popularização não introdutória. Se parte dos textos que compõe a coletânea é oriunda de falas nas quais o autor escolhe não aprofundar certos temas, preferindo discutir questões elementares, correríamos o risco de entender como sinônimos os termos elementar e introdutório e enxergar nas ausências anunciadas a comprovação de que a obra é uma obra introdutória. Jung não define o que seria o elementar quando responde a Bion que a audiência deve escutá-lo nesse nível, mas parece deixar claro que seria um nível de compreensão aquém do requerido para a complexidade dos temas.

Pensamos obra de introdução como um formato cujo objetivo se dá a partir da estruturação da mesma, ou seja, os elementos de organização e ordenamento textual, o encadeamento dos temas e conteúdos, o avanço gradativo e didático da complexidade dos assuntos apresentados e a clareza dos mesmos, concorrem para a possibilidade de entendimento das propostas abarcadas. Não enxergamos a obra introdutória como simples, introdução diz respeito à organização e finalidade, não como sinônimo de simplista ou raso, abarcando, assim, os assuntos complexos.

Se Jung enxerga parte de seu trabalho como um conhecimento específico desvantajoso que dificulta a transmissão do mesmo, devemos pensar que isto também não é por si sinônimo de complexo, pois, o complexo pode ser transmitido desde que haja a intenção e os meios para tanto, sendo um desses meios a organização do modo de transmissão. Se parte do trabalho que dá forma à *Collected Works* é vista pelo autor como fruto de uma visão

específica e desvantajosa, introduzir seu pensamento requer grande cuidado quanto à forma de apresentá-lo.

A decisão editorial de escolher reproduzir na coletânea textos que mantêm as ausências anunciadas comuns ao formato oral no qual foram pronunciados traz consigo a dificuldade de se pensar a *Collected Works* como obra introdutória ao pensamento de Jung, sendo mais um ponto, para além dos já enumerados por autores como Bishop e Shamdasani, para pensarmos sobre o que o formato da coletânea permite.

Categoria 6 – Quando Jung diz não precisar oferecer as provas que embasam o tema:

28 – 1) *Exposição sumária da teoria dos Complexos*, texto do livro *Estudos experimentais*, volume 2 da *Collected Works*. No parágrafo 1355, temos: “Nesta exposição resumida, tive que me limitar a indicações e afirmações. Não foram apresentadas provas porque o tema já assumiu a envergadura de uma ciência, uma ciência que poderia ser chamada “Psicologia analítica” ou, segundo Bleuler, “Psicologia profunda”” (JUNG, 2012n, p. 660)¹⁵³.

As provas que Jung diz não ser preciso apresentar dizem respeito a sua afirmação de que a partir da aplicação do Teste de Associação de Palavras, conseguiu provar que todas as neuroses estão associadas a Complexos Autônomos. A justificativa do autor se mostra bastante peculiar: o fato de seu método estar contido em uma proposta que parece ter assumido a envergadura de uma ciência, isentaria a demonstração das provas que sustentam a discussão.

Não sabemos o quanto o formato da fala e do texto contribuíram para a estranha colocação. Trata-se de um texto redigido por Jung para ser lido por uma outra pessoa durante o nono encontro da Seção de Medicina Psicológica e Neurologia do Congresso Médico Australasiano (Section of Psychological Medicine and Neurology, Australasian Medical Congress), em Sydney, Austrália, em 1911. O trabalho foi enviado, lido e publicado em 1913.

Categoria 7 – Quando Jung diz não poder discutir os detalhes de determinado assunto por questão de compreensão linguística:

¹⁵³No original em inglês: “In this short summary I have been forced to restrict myself entirely to indications and assertions. Proofs have not been offered, because the subject has already reached the extent of a special science, a science which may be called “Analytical Psychology,” or after Bleuler, “Deep Psychology” (“Tiefenpsychologie”)” (JUNG, 1973a, p.598).

29 – 1) *O método das associações*, texto de *Estudos experimentais*, volume 2 da *Collected Works*. No parágrafo 964, temos: “Sendo muito difícil apresentar pesquisas desse gênero numa língua estrangeira, não poderei dar um relato minucioso, mas deverei me limitar a referir os resultados gerais e acrescentar alguns exemplos” (JUNG, 2012u, p. 505).¹⁵⁴ As pesquisas as quais Jung se refere são os seus experimentos com o Teste de Associação de Palavras na detecção de Complexos Autônomos de Tonalidade Afetiva. Sua fala ocorreu em 1909 na Universidade Clark, nos Estados Unidos da América, mas, apesar do local, a mesma não transcorreu em inglês e sim em alemão.

Freud também fora convidado pela Universidade para a realização de conferências e a preocupação de ambos quanto a língua na qual fariam suas preleções pode ser observada em carta de Jung para Freud em 4 de junho de 1909:

Se não tem o intuito de manter as conferências na América apenas num nível didático elementar, concordo que o material mais indicado são os sonhos. [...] Seja como for, seu sucesso está previamente garantido, o convite em si é uma honra e os que o fizeram não poderão voltar atrás, quando mais não seja por interesse próprio. Se o senhor falar em alemão mesmo, ninguém poderá objetar (MCGUIRE; MADUREIRA, 1993, p. 280)¹⁵⁵.

As pesquisas com associação de palavras apresentadas por Jung estão arraigadas nas conexões entre afeto e linguagem e, portanto, a opção do autor em não se delongar nos detalhes de seu trabalho devido ao problema da barreira linguística entre ele e seu público parece não ser uma justificativa coerente, afinal, suas conferências já seriam apresentadas em uma língua com a qual o público possuía pouca familiaridade. As conferências foram originalmente publicadas em 1910, em língua inglesa.

Estes são os vinte e nove textos frutos de conferências e outros formatos de apresentação oral nos quais Jung anuncia a impossibilidade de adentrar seja em detalhes, exemplificações ou temas inteiros a partir de justificativas como tempo e necessidade de conhecimento prévio de outros assuntos. Alguns dos trechos que alocamos em determinada

¹⁵⁴No original em inglês: “Since it is very difficult to present investigations of this kind in a foreign language I cannot give a full report on them here, but I shall content myself with giving an account of the general results and adding some examples” (JUNG, 1973c, p.464).

¹⁵⁵No original em alemão: “Wenn Sie in Ihren amerikanischen Vorlesungen nicht ganz elementar behrend sich verhalten wollen, so bin ich ganz Ihrer Meinung, daß der Traum den geeignetsten Stoff liefert. [...] Ihren Erfolg haben Sie übrigens ja schon ganz im voraus garantiert, denn in der Berufung selbst liegt ja die Wertschätzung, und unter diese Linie werden die Berufer schon aus eigennützigsten Gründen nicht zurückgehen. Und wenn Sie vollends deutsch vortragen, so wird nichts dagegen zu machen sein” (MCGUIRE; SAUERLÄNDER, 1974, p.253).

categorias poderiam, certamente, ser alocados em outras, visto que mais de uma justificativa do não aprofundamento de certos temas é dada pelo autor no decorrer de uma mesma fala. Nossas categorias possuem mais a função de tentar identificar diferentes justificativas para as ausências anunciadas do que encerrá-las a partir de um único e exclusivo motivo que as causem.

Passemos a seguir para a análise de ausências anunciadas em textos que foram concebidos originalmente para publicação, não possuindo os limites do formato oral. Algumas das categorias se repetem em ambos os agrupamentos, ou seja, independente da origem e formato no qual Jung enunciava seus pressupostos, certas configurações esquemáticas parecem persistir.

4.2 AUSÊNCIAS ANUNCIADAS EM TEXTOS CONCEBIDOS DIRETAMENTE PARA PUBLICAÇÃO

Categoria 1 - Quando Jung diz que a discussão detalhada de certo aspecto do assunto tratado não é possível, sem justificar o porquê:

1 – 1) *Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos*, texto do livro *Estudos psiquiátricos*, volume 1 da *Collected Works*. No parágrafo 72, temos: “Apesar de incompleto, este caso encerra grande quantidade de problemas psicológicos cuja discussão mais detalhada ultrapassa os limites desse pequeno trabalho. Por isso devemos contentar-nos com um simples esboço dos fenômenos invulgares” (JUNG, 2012Γ, p.55)¹⁵⁶.

O texto trata-se da dissertação realizada por Jung por ocasião da conclusão de sua formação em Medicina. O caso que o autor diz ser incompleto é o caso de uma médium que acompanhou entre 1899 a 1900, utilizando parte de suas observações das sessões mediúnicas para tratar em sua dissertação sobre temas como alteração da personalidade. Jung diz que o caso foi descrito de modo incompleto e que os limites do trabalho não permitem a discussão mais detalhada. Não temos acesso sobre o formato que o trabalho para conclusão de curso

¹⁵⁶No original em alemão: “Dieser Fall enthält trotz seiner Unvollständigkeit eine Fülle psychologischer Probleme, deren nähere Ausführung den Rahmen dieser kleinen Arbeit weit überschritte. Wir müssen uns daher mit einer blossen der Skizzierung verschiedenen auffallenden Erscheinungen begnügen” (JUNG, 2011v, p.49). No inglês: “This case, in spite of its incompleteness, presents a mass of psychological problems whose detailed discussion would far exceed the compass of this paper. We must therefore be content with a mere sketch of the more remarkable phenomena” (JUNG, 1970b, p.50).

deveria ter, mas, como pontua Bishop (1998b), a versão publicada na *Collected Works* não é a versão original, e, portanto, podemos imaginar que, desde que houvesse o interesse, tais aspectos poderiam ter sido acrescentados por ocasião das edições sofridas pelo mesmo.

2 – 2) *Psicanálise e o experimento de associações*, texto de *Estudos experimentais*, volume 2 da *Collected Works*. No parágrafo 660, temos: “Não é fácil dizer com poucas palavras em que consiste a teoria de Freud sobre a histeria e o método psicanalítico” (JUNG, 2012π, p.331)¹⁵⁷. Mais adiante no texto, no parágrafo 668: “Não estou em condições de fazer uma análise exaustiva das associações” (JUNG, 2012π, p.337)¹⁵⁸. Jung evoca a dificuldade da exposição do tema, o tratamento da histeria pelo método psicanalítico, e após apresentar uma tabela na qual expõe os resultados de um experimento de associação de palavras com uma paciente para demonstrar semelhanças entre seus achados e o trabalho de Freud, diz não poder analisar os detalhes de seu exemplo.

3 – 3) *Investigações psicofísicas com o galvanômetro e o pneumógrafo em pessoas normais e doentes mentais*, texto também de *Estudos experimentais*. No parágrafo 1067, temos: “Mas esta não é a única analogia entre *dementia praecox* e a histeria. Há muitas outras que não podemos descrever em detalhes aqui” (JUNG; PETERSON, 2012, p.569)¹⁵⁹. O texto possui co-autoria do médico estadunidense Frederick Peterson (1859-1938), professor de Psiquiatria na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, tendo sido publicado originalmente em inglês em 1907. As analogias apresentadas por Jung e Peterson entre a *dementia praecox* e a histeria é o fato de em ambas, na experiência dos autores, haver a atuação de Complexos Autônomos de Tonalidade Afetiva que drenam energia do eu, provocando toda sorte de sintomas perturbadores da consciência.

4 – 4) *A estrutura da alma*, texto de *A dinâmica do inconsciente – A natureza da psique*, volume 8 da *Collected Works*, segundo tomo na subdivisão na edição em língua portuguesa.

¹⁵⁷No original em alemão: “Es ist nicht leicht mit zwei Worten zu sagen, worin die Freudsche Hysterielehre und psychoanalytische Methode besteht” (JUNG, 2011o, p.309). No inglês: “It is not easy to say in a few words what is the essence of Freud’s theory of hysteria and of the psychoanalytic method” (JUNG, 1973b, p.309).

¹⁵⁸No original em alemão: “Ich bemerke, daß ich nicht imstande bin, eine erschöpfende Analyse der Assoziationen zu geben” (JUNG, 2011o, p.313). No inglês: “I cannot give a complete analysis of the associations” (JUNG, 1973b, p.314).

¹⁵⁹No original em inglês: “But this is not the only analogy between *dementia praecox* and hysteria. There are numerous others, which we cannot describe here in detail” (JUNG; PETERSON, 1973, p.521).

No parágrafo 338, temos: “Aqui, infelizmente, não posso entrar mais profundamente nas diferenças notáveis da atitude de nossa consciência de civilizados face ao inconsciente” (JUNG, 2013c, p.102)¹⁶⁰. No referido texto, Jung discute os modos como o inconsciente, ao longo da história humana, moldou a própria atitude consciente diante de questões adaptativas, simbólicas e religiosas. Traça algumas observações sobre o modo como católicos, protestantes e judeus lidam com alguns símbolos inconscientes e anuncia não poder discutir tais questões em detalhes.

5 – 5) *Da essência dos sonhos*, texto também de *A dinâmica do inconsciente – A natureza da psique*. No parágrafo 564, temos: “Há certos sonhos em que falta a quarta fase, o que, em certas circunstâncias, pode representar um problema especial que não podemos discutir aqui” (JUNG, 2013l, p.251)¹⁶¹. No texto aqui recuperado, Jung discute os sonhos enquanto componentes da atividade psíquica e enumera algumas etapas na tentativa de compreender a finalidade e o movimento contido nos mesmos. Ao falar da quarta e última etapa dos sonhos, a etapa de resolução e/ou conclusão, o autor diz não poder dizer sobre o que poderia significar a ausência desta.

Por se tratar de um texto cujo tema principal são os sonhos, sendo as etapas do sonho um assunto central dentro da discussão do autor, a não discussão de um problema relativo à tais etapas nos parece algo delicado tanto quanto o fato de nenhuma justificativa ter sido dada para a ausência da questão anunciada como especial.

6 – 6) *Considerações em torno da psicologia da meditação oriental*, texto do livro *Psicologia e Religião Ocidental e Oriental – Psicologia e Religião oriental*, volume 11 da *Collected Works*, quinto dos seis tomos nos quais foi subdividido na edição em língua portuguesa. No

¹⁶⁰No original em alemão: “Ich kann hier leider nicht tiefer auf die bemerkenswerte Verschiedenheit der Einstellung unseres Kulturbewußtseins zum Unbewußten eingehen” (JUNG, 2019m, p.180). No inglês: “Unfortunately I cannot enter here into the remarkable differences of attitude towards the unconscious in our culture” (JUNG, 1969l, p. 146).

¹⁶¹No original em alemão: “Es gibt gewisse Träume, bei denen die vierte Phase fehlt, was unter Umständen ein besonderes Problem bilden kann, das hier nicht zu diskutieren ist” (JUNG, 2019q, p. 325). No inglês: “There are certain dreams in which the fourth phase is lacking, and this can present a special problem, not to be discussed here” (JUNG, 1969b, p. 261).

parágrafo 948, temos: “Não pretendo discutir aqui este fato estranho, que em si mesmo é do máximo interesse” (JUNG, 2012l, p.118)¹⁶².

O assunto estranho e interessante do qual Jung fala é a ausência de deidades e figuras sagradas no centro dos mandalas modernos que surgem enquanto expressão simbólica do Inconsciente de seus pacientes. Este não se trata do principal assunto do texto e a ausência de comentários mais detalhados sobre a questão não parece trazer algum prejuízo. O que chama nossa atenção nessa passagem é a nota de rodapé que acompanha a frase, nota encontrada também nas versões em alemão e inglês do texto, na qual os editores informam em qual lugar da *Collected Works* o leitor poderia se informar mais do assunto a partir do próprio autor.

Trata-se de uma nota editorial, não autoral, ou seja, uma nota cuja função diz respeito ao todo organizacional da coleção e não apenas ao texto em questão. A ausência de notas semelhantes em outras passagens com ausências anunciadas de temas que não poderiam ser ali discutidos de algum modo, nos leva a ponderar se a falta de referências cruzadas internas desse tipo, referenciando e indicando textos da própria *Collected Works*, pode ser tomada como indicativo de que aquele assunto em questão, ao menos do modo como foi anunciado que não seria discutido, não se encontra abordado em nenhum momento da coleção.

7 – 7) *Psicanálise e direção espiritual*, texto de *Psicologia da Religião ocidental e oriental: Escritos diversos*, volume 11 da *Collected Works*, sexto dos seis tomos nos quais foi subdividido na edição em língua portuguesa. No parágrafo 541, temos:

[...] Freud fala também de sublimação, entendendo-se por isto a aplicação da “libido” sob uma forma dessexualizada. Não posso entrar aqui numa crítica a este termo bastante delicado. Gostaria apenas de insistir no fato de que nem tudo o que vem do inconsciente pode ser “sublimado” (JUNG, 2012O, p.106)¹⁶³.

¹⁶²No original em alemão: “Ich will diese seltsame Tatsache, die an sich allerdings von höchstem Interesse ist, hier nicht diskutiere” (JUNG, 2011w, p.575). No inglês: “I cannot discuss this strange fact here, though in itself it is of the greatest interest” (JUNG, 1969k, p.574).

¹⁶³No original em alemão: “Daneben spricht Freud auch von Sublimierung, worunter eine Anwendung der <<Libido>> in desexualisierter Form. Ich kann hier nicht in eine Kritik an Dieses sehr heikle Thema, würde aber nur darauf hinweisen, dass nicht alles, was kommt aus dem Unbewußten kann <<sublimiert>> werden” (JUNG, 2011p, p.358). No inglês: “[...] Freud speaks of “sublimation,” which he understands as an application of libido in desexualized form. I cannot enter here into a criticism of this very delicate subject, but would merely point out that not everything that comes out of the unconscious can be “sublimated” (JUNG, 1969g, p.350).

No referido texto, Jung discute a possibilidade de integração de conteúdos inconscientes por meio de práticas espirituais e religiosas, algo presente na experiência humana desde tempos remotos. O autor apresenta as diferenças entre seu método e o método freudiano de compreensão do Inconsciente e sua relação com a Consciência, apresentando o trabalho de Freud com os conteúdos simbólicos como insatisfatório e redutivista. Jung enuncia como ponto fraco da teoria freudiana a compreensão que o criador da Psicanálise possui sobre os instintos humanos, a sexualidade e a energia vital.

Nesse caso, entendemos que ao anunciar a não possibilidade de discorrer sobre a questão da sublimação, ideia que compõe a dinâmica psíquica sexual freudiana que está criticando no texto, Jung está convenientemente se furtando de reconhecer a complexidade da questão e a não tão redutiva ideia de sexualidade trabalhada por Freud. A partir desse exemplo, podemos levantar a questão da função da ausência anunciada enquanto estratégia de elevação de certo ponto de vista em detrimento de outro, aqui por meio da omissão deliberada de detalhes de um ponto anunciado como importante para a discussão, mas não aprofundado.

8 – 8) *Símbolos oníricos do processo de individuação*, texto de *Psicologia e Alquimia*, volume 12 da *Collected Works*. Junto ao parágrafo 225 do texto, segue-se uma nota de rodapé, número 114 na versão em língua portuguesa e alemã e número 113 na versão em inglês, na qual temos: “Existem paralelos parapsicológicos muito interessantes, que não posso mencionar aqui” (JUNG, 2012A, p. 186)¹⁶⁴.

No parágrafo ao qual a nota faz menção, Jung está discutindo o tema da simetria e do espelhamento que surge nos sonhos do paciente cuja série de sonhos está analisando. Ao falar da ideia de centro em imagens espelhadas e simétricas, temos a nota de rodapé. O texto em questão trata-se de uma grande ampliação e reedição de uma palestra proferida por Jung na década de trinta, publicada no formato *Collected Works* em 1953. Novamente, temos a questão da apresentação de um ponto como interessante e, provavelmente, esclarecedor ou, no mínimo, ilustrativo, mas que mesmo após diversas edições não encontrou espaço para ser mencionado dentro da coleção.

O fato de essa ausência anunciada estar relacionada com o campo da Parapsicologia nos permite trazer um exemplo em que é possível vislumbrar o quanto tais ausências podem surtir efeito sobre o que se diz de Jung a partir do não dito do próprio autor. A historiadora da

¹⁶⁴No original em alemão: “Es gibt hierzu sehr interessante parapsychologische Parallelen, die ich hier nicht erwähnen kann” (JUNG, 2019p, p.202). No inglês: “There are very interesting parapsychological parallels to this, but I cannot enter upon them here” (JUNG, 1968c, p.182).

Psiquiatria Angela Graf-Nold (2016), nos conta como o também historiador Sonu Shamdasani, editor chefe da *Philemon Foundation*; fundação criada para a publicação dos trabalhos inéditos de Jung, se vale de traduções tendenciosas para conferir à certas passagens de textos de Jung ideias ligadas a mediunidade, misticismo e espiritualidade. Não havendo na *Collected Works* algo de mais substancial a respeito do tema, atribuições descuidadas, ou intencionais, podem ser feitas aos textos da coleção a partir de outras fontes de escritos do autor.

9 – 9) *A conjunção*, texto do segundo tomo de *Mysterium Coniunctionis*, volume 14 da *Collected Works*. No parágrafo 408 das edições em português e alemão, 754 da versão em língua inglesa, temos: “Entretanto, tais fenômenos provêm menos de uma necessidade pessoal e muito mais de uma compensação inconsciente do espírito da época; mas não gostaria aqui de entrar em pormenores” (JUNG, 2012a, p.354)¹⁶⁵.

No ponto do texto acima recuperado, Jung discute o momento da psicoterapia no qual o paciente deixa de apenas contemplar suas imagens psíquicas e passa a se valer das mesmas como uma ferramenta crítica auxiliar para a compreensão de suas próprias atitudes. O autor comenta sobre a importância da expressão de tais imagens pelo paciente, seja pelo desenho, modelagem ou outra técnica e, ao dizer que a música talvez também poderia ser vista como um meio para expressão de conteúdos inconscientes, anuncia que não gostaria de discutir essa questão de forma pormenorizada, sobretudo o fato da música enquanto produção de conteúdos inconscientes ter mais a ver com o coletivo do que com o indivíduo.

Na versão em português do trecho, lemos que Jung não *gostaria* de discutir a questão. Já na versão em língua inglesa temos que Jung não *poderia* discuti-la. Apesar da diferença no sentido dos termos, um sugerindo que a justificativa parte majoritariamente de um posicionamento pessoal e o outro sugerindo que, talvez, outros agentes poderiam estar envolvidos no não detalhamento do tema, o formato da omissão anunciada de elemento do assunto tratado permanece.

Ainda no mesmo texto, no parágrafo 372 das edições em português e alemão, 715 na edição em inglês, temos: “Também esta descrição tem raízes que se estendem muito para trás

¹⁶⁵No inglês: “These phenomena, however, arise less from personal necessity than from the unconscious compensations produced by the Zeitgeist, though I cannot discuss this here” (JUNG, 1970d, p.499).

na alquimia grega, mas não gostaria de entrar nesse assunto. A descrição abrangente, feita por Alberto, é suficiente para nossa finalidade [...]” (JUNG, 2012a, p. 318)¹⁶⁶.

A descrição da qual Jung fala são os termos utilizados pelo monge e alquimista Alberto Magno (1200-1280) para descrever as propriedades e a função do Mercúrio dentro da simbologia alquímica, sendo o termo *argentum vivum* o principal no vocabulário de Alberto Magno. No mesmo texto, no parágrafo 397 das edições em português e alemão, 740 no inglês, temos: Não posso descrever aqui o autoconhecimento com todos os seus pormenores. Mas se o leitor deseja fazer uma ideia disso, então remeto para o vasto domínio dos pressupostos e das dependências infantis [...]” (JUNG, 2012a, p. 342)¹⁶⁷.

Categoria 2 – Quando Jung diz que limitará suas explicações para ser breve:

10 – 1) *O diagnóstico psicológico da ocorrência*, texto de *Estudos experimentais*, volume 2 da *Collected Works*. No parágrafo 780, temos: “Por motivo de brevidade, devo limitar-me a discutir apenas as reações críticas e só indicar os complexos das pessoas-controle” (JUNG, 2012t, p.388)¹⁶⁸.

No texto do qual o trecho foi retirado, Jung diz sobre a aplicação do Teste de Associação de Palavras no contexto criminal como atividade auxiliar ao procedimento dos depoimentos dos envolvidos. O autor traz um exemplo de Testes realizados com um grupo suspeito de ter cometido furtos e apresenta os comentários sobre os tempos de reação às palavras estímulo apenas do grupo controle, analisando possíveis culpados e inocentes a partir da existência de Complexos Autônomos de Tonalidade Afetiva.

A nota de rodapé que acompanha o título do texto informa que o mesmo foi publicado e reeditado em mais três ocasiões depois da publicação original. Todas as publicações se deram em veículos distintos e podemos nos perguntar se tal brevidade, utilizada pelo autor como justificativa para apresentar apenas os dados do grupo-controle por ocasião da

¹⁶⁶No inglês: “His description has roots that go still further back into Greek alchemy, but I cannot discuss this here. His account is sufficient for our purpose: it describes a transcendental substance characterized, as is only to be expected, by a large number of antinomies” (JUNG, 1970d, p.477).

¹⁶⁷No inglês: “I cannot describe the process of self-knowledge here in all its details. But if the reader wishes to form some idea of it, I would draw his attention to the wide variety of infantile assumptions [...]” (JUNG, 1970d, p.463).

¹⁶⁸No original em alemão: “Der Kürze halber muß ich mich darauf beschränken, in der Hauptsache nur die kritischen Reaktionen zu besprechen, wobei ich die Komplexe der Kontrollpersonen bloss andeuten kann” (JUNG, 2011j, p.370). No inglês: “For the sake of brevity I have to restrict myself to discussing only the critical reactions, and just indicating the complexes of the controls” (JUNG, 1973d, p.347).

publicação original, continuou fazendo sentido em todos os formatos e veículos posteriores de publicação.

Categoria 3 – Quando Jung diz que se aprofundar em determinado aspecto do assunto fará com que se afaste do objetivo principal do texto:

11 – 1) *A psicologia da dementia praecox: um ensaio*, texto de *Psicogênese das doenças mentais*, volume 3 da *Collected Works*. No parágrafo 50, temos: “Infelizmente não é possível aprofundar o valioso e extenso material psicológico deste investigador, ainda tão pouco reconhecido; isso nos levaria muito longe. Devo simplesmente pressupor o conhecimento desta obra fundamental” (JUNG, 2013h, p.35)¹⁶⁹.

O investigador do qual Jung fala é Freud e o material que não pode ser aprofundado em seu texto é a pesquisa do psicanalista sobre os sonhos, especificamente o tema da condensação dos aspectos psíquicos do indivíduo em imagens. Assim como Jung pressupõe que seu leitor já esteja familiarizado com a ideia de Freud sobre a condensação, apesar de na sentença anterior dizer que o autor é pouco reconhecido, o psiquiatra suíço torna a falar da impossibilidade de entrar em mais um dos temas discutidos por Freud no parágrafo 166 do mesmo texto, contando, mais uma vez, com o conhecimento prévio do leitor: “Não poderia repetir aqui a gênese das *afirmações delirantes* dos histéricos e por isso pressuponho um conhecimento do leitor sobre as investigações de Freud” (JUNG, 2013h, p.95, *itálicos originais do autor*)¹⁷⁰.

Ainda no mesmo texto, no parágrafo 271, temos: “[...] a partir de uma análise mais extensa que infelizmente não posso reproduzir aqui na íntegra, ficou evidente que possivelmente “lasca” significa um “bastão de madeira” sobre uma colina da terra que é a “extremidade última” e, portanto, uma metáfora de túmulo” (JUNG, 2013h, p.149-150)¹⁷¹.

¹⁶⁹No original em alemão: “Auf das ausgedehnte und psychologisch äußerst wertvolle Material dieses noch zu wenig anerkannten Forschers kann ich leider nicht in extenso eingehen, es führte viel zu weit. Ich muß die Kenntnis dieses wichtigen Buches einfach voraussetzen” (JUNG, 2011a, p.28). No inglês: “Unfortunately I cannot discuss in detail the comprehensive and extremely valuable psychological material adduced by this still too little appreciated investigator; it would lead us much too far afield” (JUNG, 1960d, p.29).

¹⁷⁰No original em alemão: “Ich kann die Genese dieser hysterischen wahnhaften Behauptungen nicht wiederholen, ich muß die Kenntnis der Freudschen Forschungen voraussetzen.” (JUNG, 2011a, p.91). No inglês: “I cannot recapitulate the genesis of delusional assertions and must presuppose a knowledge of Freud’s writings” (JUNG, 1960d, p.74).

¹⁷¹No original em alemão: “Aus einer weitläufigen Analyse, die ich hier nicht in toto reproduzieren will, hat sich mit großer Wahrscheinlichkeit ergeben, daß <<Splitter>> ein <<Holzstab>> ist auf

Na seção do texto ao qual o trecho pertence, Jung apresenta como decifrou o sentido por trás dos termos aparentemente aleatórios empregados por uma paciente. O fato de Jung não apresentar a análise que o levou a decifrar alguns termos nos parece trazer certo prejuízo para sua colocação, pois, logo após anunciar que não entrará nos detalhes, o autor apresenta a tradução de algumas sentenças completas da paciente, deixando a sensação de uma lacuna no próprio andamento de sua exposição.

Categoria 4 – Quando Jung diz que a discussão detalhada de determinado aspecto do assunto tratado não é possível, limitando-se a oferecer orientações gerais acerca do tema:

12 – 1) *O problema dos tipos na história do pensamento antigo e medieval*, texto de *Tipos psicológicos*, volume 6 da *Collected Works*. No parágrafo 80 das versões em língua portuguesa e alemã, 83 da versão em inglês, temos: “Existem razões especiais, na história da mente, para esta rejeição, mas não é nossa intenção discuti-las aqui. Basta saber que o inconsciente foi reprimido” (JUNG, 2012w, p.70-71)¹⁷². A rejeição da qual Jung nos fala e que possuiria explicações em nosso próprio desenvolvimento mental, é a rejeição do papel desempenhado pela fantasia enquanto evento conciliador entre a atitude consciente do indivíduo e o Inconsciente.

Ainda no parágrafo 52 da versão em língua portuguesa e alemã, 58 da versão em inglês, temos: “Não cabe a mim – mesmo que tivesse competência para tanto – penetrar mais profundamente nos detalhes dessa controvérsia. Devo contentar-me em oferecer pistas de orientação geral” (JUNG, 2012w, p.53)¹⁷³. A controvérsia à qual Jung faz menção é a problemática dos universais para os escolásticos cristãos na Idade Média.

einem Erdhügel, der das <<äußerste Ende>> bedeutet, also wohl eine Metapher für Grab” (JUNG, 2011a, p.148). No inglês: “[...] from a lengthy analysis which I cannot reproduce here *in toto* it transpired that the “splinter” is a “wooden post” on a mound of earth which signifies “the extreme end,” probably a metaphor for “grave” (JUNG, 1960d, p.117).

¹⁷²No original em alemão: “Dass es verworfen wurde, hat seine besondern Gründe in der Geistesgeschichte. Es liegt uns hier nicht ob, diese Gründe näher zu erläutern. Wir müssen uns mit der Tatsache begnügen, dass es unterdrückt wurde” (JUNG, 2011b, p.57). No inglês: “There are in the history of the mind especial reasons for this rejection, but it is not incumbent on us to discuss them here. We must be content with the fact that the unconscious was suppressed” (JUNG, 1971d, p.66).

¹⁷³No original em alemão: “Es kann nicht meine Aufgabe sein — schon um meiner mangelnden Kompetenz willen — bis in die Einzelheiten des grossen Streites einzudringen. Ich begnüge mich mit orientierenden Andeutungen” (JUNG, 2011b, p.39). No inglês: “It cannot be my task — even if I were competent— to probe more deeply into the details of this controversy. I must content myself with hints for the purpose of general orientation” (JUNG, 1971d, p.51).

13 – 2) *O problema dos tipos na arte poética*, texto também de *Tipos psicológicos*. No parágrafo 314 das versões em português e alemão, 317 da versão em inglês, temos: “Não é minha tarefa aqui esgotar este símbolo de múltiplos sentidos. Apenas quero dizer que se trata daquela imagem primitiva que já preocupara muito a gnose, isto é, a ideia das meretrizes divinas Eva, Helena, Maria e Sofia-Achamoth” (JUNG, 2012v, p.201)¹⁷⁴.

Na seção do texto do qual o trecho acima faz parte, Jung discute o motivo psicológico da unidade do todo psíquico humano a partir de alguns exemplos, como o *Fausto* do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e *Prometeu e Epimeteu*, do também escritor alemão Carl Friedrich Spitteler (1845-1924). Jung analisa a relação dos personagens principais dos contos com algumas figuras femininas e enxerga no desenrolar de tais encontros uma analogia para a integração de aspectos inconscientes pela consciência, motivo psicológico e simbólico expressado na figura do feminino divino.

No mesmo texto, no parágrafo 469 da versão em português e alemão, 427 da versão em inglês, temos: “Este tratamento é questão de técnica que não posso abordar agora. Só posso adiantar, por amor à clareza, que existem duas possibilidades de tratamento: o *método redutivo* e o *método sintético*” (JUNG, 2012v, p.265, itálicos originais do autor)¹⁷⁵. O tratamento do qual Jung fala é o desenvolvimento das fantasias do paciente enquanto técnica de adaptação do indivíduo ao seu meio. O autor diz que a integração das fantasias tem o efeito clínico psicológico de liberação da libido estagnada, podendo trazer bem estar para o mesmo. Diz que esta adaptação é realizada por meio de técnicas e apresenta os métodos redutivo e sintético, métodos de análise e compreensão de conteúdo simbólico, como exemplo de tais técnicas.

¹⁷⁴No original em alemão: “Dieses vieldeutige Symbol zu erschöpfen, kann hier meine Aufgabe nicht sein. Ich will nur darauf hinweisen, dass es sich um jenes urtümliche Bild handelt, das bereits die Gnosis in hohem Masse beschäftigte, nämlich um die Idee der göttlichen Hure Eva, Helena, Maria und Sophia-Achamoth” (JUNG, 2011c, p.197). No inglês: “The figure that first appeared as Gretchen and then on a higher level as Helen, and was finally exalted as the Mater Gloriosa, is a symbol whose many meanings cannot be discussed here. Suffice to say that it is the same primordial image that lies at the heart of Gnosticism, the image of the divine harlot—Eve, Helen, Mary, Sophia-Achamoth” (JUNG, 1971e, p.183).

¹⁷⁵No original em alemão: “Ich kann nur soviel erwähnen, der Klarheit halber, dass es zwei Behandlungsmöglichkeiten gibt: 1. die reduktive und 2. die synthetische Methode” (JUNG, 2011c, p.267). No inglês: “This is a matter of technique, which it would not be appropriate to discuss here. I will only say, for clarity’s sake, that there are two methods of treatment: 1. the reductive, and 2. the synthetic” (JUNG, 1971e, p.239).

14 – 3) *A energia psíquica*, texto de *A Dinâmica do Inconsciente – A energia psíquica*, primeiro dos três tomos que compõem a versão em língua portuguesa do volume 3 da *Collected Works*. No parágrafo 108, temos: “Não cabe discutir aqui os motivos possíveis da atitude contemporânea em relação à sexualidade. Bastaria dizer que a sexualidade parece ser o instinto mais forte e imediato, razão pela qual ela se apresenta como sendo o instinto” (JUNG, 2013b, p.72)¹⁷⁶.

A discussão realizada por Jung da qual o trecho acima faz parte, é a relação entre o instinto sexual e a espiritualidade. O autor discorre sobre as mudanças observadas ao longo da história nas manifestações dos instintos humanos, ressaltando a importância do papel do instinto sexual para o homem moderno. Diferentemente da versão original em alemão e da versão em língua inglesa, a versão em português não traz o artigo “o” que precede o termo instinto no final da frase em itálico, conferindo maior sentido à passagem.

15 – 4) *O Arquétipo com referência especial ao conceito de Anima*, texto de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, volume 9/1 da *Collected Works*. No parágrafo 146, temos: “A questão da terapia é um problema que não pode ser resolvido com poucas palavras. Nem era minha intenção tratar deste problema aqui. No entanto, quero esboçar rapidamente meu ponto de vista em relação a ela [...]” (JUNG, 2012r, p.81)¹⁷⁷. O trecho acima se encontra no penúltimo parágrafo do texto recuperado e, somado a isto, temos o fato do tema terapia não ter sido tocado previamente no texto.

16 – 5) *Simbolismo do mandala*, texto também de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. No parágrafo 709, temos:

¹⁷⁶No original em alemão: “Es ist hier nicht der Ort, die möglichen Gründe der zeitgenössischen Einstellung zur Sexualität zu erörtern. Es genüge, hervorzuheben, daß es uns vorkommt, als ob die Sexualität der stärkste und unmittelbarste Trieb sei, weshalb er als *der* Trieb überhaupt erscheint” (JUNG, 2019w, p.69, itálico original do autor). No inglês: This is not the place to discuss the possible reasons for the present attitude to sex. It is sufficient to point out that sexuality seems to us the strongest and most immediate instinct, standing out as *the* instinct above all others (JUNG, 1969c, p.60, itálico original do autor).

¹⁷⁷No original em alemão: “Die Frage der Therapie ist ein Problem, das nicht mit wenigen Worten zu erledigen ist. Ich habe mir auch nicht vorgenommen, es hier zu behandeln, aber ich möchte kurz meinen Standpunkt zu der Frage skizzieren [...]” (JUNG, 2019v, p.86). No inglês: “The question of therapy is a problem that cannot be disposed of in a few words. It was not my intention to deal with it here, but I would like to outline my point of view” (JUNG, 1968b, p.71).

Espero ter conseguido dar ao leitor alguma ideia do simbolismo do mandala, através destas imagens. Naturalmente não pretendia dar com essas explicações mais do que uma orientação acerca do material empírico, que está à base destas investigações. Apresentei alguns paralelos que podem indicar o caminho para outras comparações histórico-étnicas, mas renunciei a uma exposição mais completa e pormenorizada neste contexto porque isso me levaria longe demais (JUNG, 2012ω, p.391)¹⁷⁸.

O trecho acima encontra-se entre as últimas páginas do texto, sendo que no início do mesmo Jung apresenta o recorte a partir do qual abordará o simbolismo dos mandalas, anunciando em quais outros de seus textos o leitor poderia encontrar informações complementares. Dentro dos trechos aqui selecionados no qual encontramos passagens com ausências anunciadas, trata-se de um caso atípico no qual há tanto o recorte da questão quanto a indicação de leitura complementar.

17 – 6) *A árvore filosófica*, texto de *Estudos alquímicos*, volume 13 da *Collected Works*. No parágrafo 366, temos: “Tão vasto é este tema que não podemos tratá-lo aqui mais detalhadamente. Contentar-me-ei em atrair a atenção sobre a sinonímia de Cristo, do logos e de Hermes e sobre a origem de Jesus ligada à “segunda tétrede”, entre os valentinianos” (JUNG, 2013a, p.298)¹⁷⁹.

O tema em questão é o tema da quaternidade, especificamente, neste caso, o tema da quaternidade a partir da vasta simbologia do gnosticismo cristão. No texto, Jung realiza um intenso exercício de análise simbólica da imagem da árvore, enxergando tal símbolo como um

¹⁷⁸No original em alemão “Ich hoffe, es sei mir gelungen, dem Leser durch diese Bilderserie einen Begriff der Mandalasymbolik vermittelt zu haben. Ich habe natürlich mit meinen Darlegungen nicht mehr bezweckt als eine oberflächliche Orientierung über das empirische Material, das der vergleichenden Untersuchung zugrunde liegt. Ich habe einige Parallelen angedeutet, welche die Ansätze zu weiterer historischer und ethnischer Vergleichung zeigen mögen, habe aber auf eine vollständigere und gründlichere Darstellung in diesem Rahmen verzichtet, weil ich zu diesem Zwecke viel weiter hätte ausholen müssen” (JUNG, 2011, p.408). No inglês: “I hope I have succeeded in giving the reader some idea of mandala symbolism with the help of these pictures. Naturally my exposition aims at nothing more than a superficial survey of the empirical material on which comparative research is based. I have indicated a few parallels that may point the way to further historical and ethnic comparisons, but have refrained from a more complete and more thorough exposition because it would have taken me too far” (JUNG, 1968a, p.382).

¹⁷⁹No original em alemão: “Dieses Thema ist dermaßen umfangreich, daß es hier nicht des näheren behandelt werden kann. Ich mache nur aufmerksam auf die Synonymität von Christus, Logos und Hermes und die Abstammung des Jesus von der sogenannten <<zweiten Tetras>> bei den Valentinianern” (JUNG, 2011e, p.303-304). No inglês: “This theme is so far-reaching that it cannot be dealt with more closely here. I would only draw attention to the synonymity of Christ, Logos, and Hermes, and the derivation of Jesus from the so-called “second tetrad” among the Valentinians” (JUNG, 1967f, p.273).

mandala. A própria figura dos mandalas está associada aos motivos da quaternidade, sendo este, portanto, um tema caro ao problema ali analisado por Jung.

Assim, ao trabalhar com o simbolismo da árvore enquanto mandala, Jung está diretamente tratando da questão da quaternidade, intrínseca à problemática dos mandalas. A opção de Jung é não se aprofundar na questão da quaternidade a partir do gnosticismo, mas em outros momentos do texto realiza incursões pelo campo.

18 – 7) *Rex e regina*, texto de *Mysterium Coniunctionis – Volume 2*, volume 14/2 da *Collected Works*, volume único na edição em língua inglesa, mas dividido em três tomos nas versões em língua portuguesa e alemão. No parágrafo 131 das edições em português e alemão, 464 na edição em inglês, temos:

Além da *Cantilena* há ainda outras renovações do rei, adornadas de muitas particularidades, que não quero tratar aqui, para não estender demasiadamente minhas dissertações sobre o rei. O material aduzido certamente bastará para ilustrar de certo modo o processo da transformação do rei, de que aqui se trata (JUNG, 2012ψ, p.100)¹⁸⁰.

No texto em questão, Jung analisa o texto *Cantilena* do clérigo inglês George Ripley (1415-1490). O autor enxerga no texto de Ripley uma alusão ao motivo alquímico da regeneração do rei, cujo paralelo psicológico seria a mudança da atitude consciente a partir de novas adaptações do indivíduo às demandas internas e externas.

Categoria 5 – Quando Jung diz não poder reproduzir no texto os elementos que o fizera concluir algo sobre o assunto em questão:

19 – 1) *O peixe na alquimia*, texto de *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, volume 9/2 da *Collected Works*. No parágrafo 230, temos: “Ora, sabemos que os mitos cosmogônicos, no fundo, são *símbolos do surgimento da consciência* (o que aqui já não nos é possível provar com documentos)” (JUNG, 2013o, p. 178, itálicos originais do autor)¹⁸¹.

¹⁸⁰No inglês: “Besides the *Cantilena*, there are various other descriptions of the king’s renewal, enriched with numerous details, which I will not discuss here so as not to overburden this chapter. The material we have adduced may suffice to illustrate the essential features of the transformation process” (JUNG, 1970c, p.245).

¹⁸¹No original em alemão: “Wir wissen nun, daß die kosmogonischen Mythen im Grunde genommen *Symbole der Bewußtseinsentstehung* sind (was ich hier nicht weiter belegen kann)” (JUNG, 2019g,

Na seção do texto da qual o trecho acima faz parte, Jung discute os diversos significados do peixe enquanto símbolo alquímico, traçando um paralelo entre os sentidos do mesmo nesta arte oculta com o aparecimento de peixes em sonhos de pacientes, enxergando nessa manifestação onírica elementos referentes ao processo de Individuação, ou seja, de maior integração entre os conteúdos inconscientes e conscientes da personalidade do indivíduo.

Categoria 6 – Quando Jung cita um aspecto do assunto discutido e diz não querer falar sobre o mesmo:

20 – 1) *A luta pela libertação da mãe*, texto de *Símbolos da transformação*, volume 5 da *Collected Works*. Na quinta nota de rodapé que acompanha o parágrafo 421, temos: “Essa lenda faz parte do aspecto astrológico do Deus judaico (Saturno), que não quero discutir aqui” (JUNG, 2013g, p.328)¹⁸². Grande parte do livro *Símbolos da transformação* trata-se de um exercício de análise e amplificação realizado por Jung a respeito do material simbólico produzido por uma das pacientes do suíço Théodore Flournoy (1854-1920), a estadunidense Miss Frank Miller, com a qual o próprio Jung nunca tivera contato.

Ao analisar uma das passagens relatadas por Miss Miller no qual uma das personagens de suas fantasias surge montada a cavalo em uma floresta, Jung faz menção à uma antiga lenda de que em Jerusalém havia um templo no qual era cultuada a cabeça de um asno. A nota de rodapé na qual o autor diz não querer discorrer sobre certo aspecto do tema diz respeito a esta lenda.

Categoria 7 – Quando Jung diz que não irá discutir determinado assunto pelo mesmo já ter sido discutido em outro lugar, mas não indicar onde:

21 – 1) *O signo de peixes*, texto de *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, volume 9/2 da *Collected Works*. No parágrafo 127, temos: “Como mostrei em outro lugar, não considero o símbolo em sentido alegórico ou semiótico, mas propriamente como a melhor

p.160). No inglês: “Now we know that cosmogonic myths are, at bottom, symbols for the coming of consciousness (though I cannot go into this here)” (JUNG, 1968e, p.133).

¹⁸²No original em alemão: “Diese Legende gehört zum astrologischen Aspekt des jüdischen Gottes (Saturn), den ich hier nicht diskutieren möchte.” (JUNG, 2017a, p.354). No inglês: “This legend is part of the astrological aspect of the Jewish god (Saturn), which I would rather not discuss here” (JUNG, 1967d, p.327).

designação e formulação possíveis de um objeto não perfeitamente identificável em todos os seus aspectos” (JUNG, 2013p, p.91)¹⁸³. Nesse caso, apesar do autor e dos editores não terem informado em qual outro ou outros lugares o tema fora tratado, temos uma breve explicação a respeito da questão, o modo como Jung conceitua o que seria um símbolo.

22 – 2) *A estrutura da alma*, texto do livro *A natureza da psique*, segundo tomo do livro *A dinâmica do Inconsciente*, volume oito da *Collected Works*. No parágrafo 298 do texto, temos: “Não quero entrar aqui nesta delicada questão que tratei em outro contexto, mas quero me limitar à questão se podemos diferenciar ou não o que quer que seja no inconsciente” (JUNG, 2013c, p.88)¹⁸⁴. A delicada questão à qual Jung se refere é a viabilidade de se afirmar se existem conteúdos no Inconsciente, algo que, por definição, não pode ser diretamente abordado.

Nesse ponto, temos tanto a questão de uma ausência de referência por parte do autor, que peca ao não indicar os trabalhos nos quais aborda o tema, quanto uma ausência de referência por parte dos editores, que não pontuam com notas de rodapé ou de fim de página em quais locais da própria *Collected Works* teria se dado tal discussão.

23 – 3) *Aspectos gerais da psicologia do sonho*, também do livro *A natureza da psique*, segundo tomo do livro *A dinâmica do Inconsciente*. No parágrafo 474, temos: “A exiguidade de espaço não me permite tratar aqui detalhadamente desta questão, o que faço em outro local” (JUNG, 2013j, p.197)¹⁸⁵. Na versão em inglês, o trecho foi traduzido do alemão subtraindo a passagem na qual Jung diz que a questão foi tratada em outro lugar, sendo adaptada para uma versão na qual o autor diz não poder tratar ali o assunto de modo mais

¹⁸³No original em alemão: “Ich fasse, wie ich andernorts gezeigt habe, das Symbol nicht als allegorisch oder als semiotisch auf, sondern in seinem eigentlichen Sinne als die bestmögliche Bezeichnung und Formulierung eines nicht völlig erkennbaren Objektes” (JUNG, 2019d, p.81-82). No inglês: “As I have frequently pointed out in my other writings, I do not regard the symbol as an allegory or a sign, but take it in its proper sense as the best possible way of describing and formulating an object that is not completely knowable” (JUNG, 1968f, p.72).

¹⁸⁴No original em alemão: “Ich will mich hier auf diese delikate Frage, die ich in einem anderen Zusammenhang behandelt habe, nicht einlassen, sondern mich auf die Frage beschränken, ob wir im Unbewußten irgend etwas unterscheiden können oder nicht” (JUNG, 2019m, p.167). No inglês: “I will not go into this delicate question here, since I have discussed it in another connection, but will confine myself to inquiring whether we can differentiate anything in the unconscious or not” (JUNG, 1969l, p. 144).

¹⁸⁵No original em alemão: “Der beschränkte Raum erlaubt es mir leider nicht, darüber ausführliche Materialien vorzulegen. Es ist dies andernorts geschehen” (JUNG, 2019a, p.275). No inglês: “Though I cannot enter into this question more fully here [...]” (JUNG, 1969b, p. 249).

extenso. A questão à qual Jung se refere é a existência de motivos psicológicos típicos que se repetem nos sonhos dos indivíduos independentemente de época e do contexto no qual estão inseridos. Também não há indicações de em quais outros locais o autor teria tratado da questão.

No parágrafo final do texto, 529, temos:

Propositadamente deixei de entrar em pormenores, tarefa que deve ser deixada à casuística. [...] ainda restaria muita coisa a dizer a respeito dos objetivos da análise onírica [...]. Mas uma descrição pormenorizada da natureza do tratamento exigiria um certo número de trabalhos preparatórios diversificados que abordassem o problema sob diversos aspectos (JUNG, 2013j, p.232)186.

Nesse caso, temos uma questão que já havia sido colocada por Jung em outro momento, mas em um texto que teve origem a partir de uma conferência, a ideia de que uma colocação detalhada de certo aspecto do assunto tratado exige preparação prévia do leitor a partir de outros e numerosos materiais. Na categoria a seguir, temos mais um exemplo desta colocação de Jung.

Categoria 8 – Quando Jung diz não poder desenvolver determinado aspecto do assunto, pois seria necessária a introdução de diversos outros assuntos como ponto de partida:

24 – 1) *As ideias de Schiller sobre o problema dos tipos*, texto de *Tipos psicológicos*, volume 6 da *Collected Works*. No parágrafo 189 das edições em português e alemão, 205 na edição em língua inglesa, temos: “Não posso, agora, explicar totalmente o problema. Para isso seria necessário reunir todos aqueles materiais que se apresentam como resultado da atividade inconsciente” (JUNG, 2012k, p.138)¹⁸⁷.

¹⁸⁶No original em alemão: “Ich habe es absichtlich unterlassen, auf Einzelheiten einzugehen. Das muß kasuistischen Arbeiten vorbehalten bleiben. [...] Es wäre vom Ziel der Traumanalyse natürlich noch sehr vieles zu sagen [...]. Um aber das Wesen der Behandlung gründlich schildern zu können, dazu bedarf es verschiedener Vorarbeiten, welche das Problem von verschiedenen Seiten her in Angriff nehmen” (JUNG, 2019a, p.307). No inglês: “I have purposely refrained from going into details; this must be reserved for studies of case material. [...] very much more could be said about the aims of dream-analysis [...]. But a thorough-going description of the therapy would require a number of preliminary studies that tackled the problem from different sides” (JUNG, 1969b, p. 246-247).

¹⁸⁷No original em alemão: “Ich kann es mir an dieser Stelle nicht zur Aufgabe machen, dieses Problem bis zur völligen Klarstellung durchzuführen. Dazu wäre es unbedingt erforderlich, alle jene Materialien beizubringen, welche sich als Resultate der unbewussten Tätigkeit ergeben” (JUNG, 2011β, p.133). No inglês: “I cannot at this point submit this question to a thorough investigation, as

O problema ao qual Jung se refere é o que denominou como Função Transcendente, a característica dos símbolos de se comunicarem tanto com o aspecto consciente quanto inconsciente da personalidade do indivíduo, o que também proporciona a comunicação entre estas instâncias. Neste trecho, Jung não nomeia ou diz do que se tratam tais materiais.

4.3 ANÁLISE GERAL DAS CATEGORIAS

Podemos perceber a multiplicidade de justificativas apresentadas por Jung para não adentrar em certos aspectos da discussão por ele avançada em seus textos. Ainda que tenhamos dito que a reestruturação de um texto concebido inicialmente para uma conferência; sujeita a alterações espontâneas durante a própria apresentação do autor mediante a percepção que o mesmo possui de seu público, goza da possibilidade de poder ser mais bem trabalhado e aprofundado e, portanto, ter tais assuntos inicialmente omitidos finalmente desenvolvidos, não podemos ignorar que outros fatores estariam presentes, como número de páginas, tão limitantes quanto o fator tempo em uma conferência.

O quanto, e como, tais ausências afetam a compreensão do assunto em pauta é uma questão que pode ser aproximada por diferentes ângulos. Podemos pensar as ausências exclusivamente dentro da diminuta unidade que é um texto isolado, mas, também, podemos pensar tal texto e tal ausência dentro do volume em que se encontra e, por último, tomarmos o texto em relação ao todo que é a coletânea em sua edição definitiva, e, ainda, pensarmos se o conjunto de ausências se relacionam entre si.

Quando Jung diz não ser possível *aqui* discorrer sobre algum aspecto ou detalhe do assunto, se refere diretamente ao texto ou a fala que deu origem ao texto, evidenciando o aspecto pontual da impossibilidade mesmo quando não há justificativa para tanto. Noutros momentos, quando o autor utiliza justificativas que possuem na origem da impossibilidade do detalhamento de sua exposição a suposição de que o público ou o leitor carecem de conhecimento prévio necessário, a ideia de que em outro local da *Collected Works* possa haver mais elementos sobre o assunto; se é que se trata de quantidade de exemplos, paralelos ou outra coisa, acaba não sendo relevante, pois, haveria uma carência anterior para além da coletânea que coloca em cheque a própria capacidade do leitor de compreendê-la.

it would be absolutely necessary to bring together all the material that comes up as a result of the activity of the unconscious” (JUNG, 1971c, p.127).

Entretanto, devemos trazer uma importante ressalva. O fato de Jung enunciar que a compreensão dos temas tratados em sua *Collected Works* necessita de estudos prévios e prática no campo da psicoterapia, por si só não coloca em questão a impossibilidade de compreensão do pensamento do autor tendo a coletânea como ponto de partida. Afinal, por mais sensato que seja esperarmos de uma coletânea que esta apresente os elementos internos que estruturam e conferem coerência à mesma, não podemos esperar que cada coletânea traga consigo um universo à parte, hermético e autossuficiente, no qual também sejam abordados, introduzidos e enumerados todos elementos que, virtualmente, possam vir a se relacionar com os temas tratados.

A partir disso, podemos novamente resgatar as intenções para com a *Collected Works*: deveria ser uma coletânea que, por si só, permite conhecer toda a extensão do trabalho de Jung? Enquanto obra de popularização não introdutória, evidenciar os pontos principais de sua prática seria o suficiente para que o público geral tomasse conhecimento dos assuntos abordados, relegando a compreensão dos mesmos a outro movimento.

Também devemos lançar luz à questão da existência de um grau de complexidade e entendimento almejado e desejado pelo autor. A existência de uma expectativa ou direção pela qual Jung gostaria de ter sido lido e compreendido é algo que encontramos em diversas declarações do autor, assim como declarações nas quais diz não ter sido compreendido. Sobre isso, diz:

A maior decepção de minha vida foi as pessoas não terem entendido o que eu quis dizer. Certamente elas sabem o que é um complexo, um introvertido, um extrovertido, têm uma noção de que, em minha concepção, sentimento e pensamento não ficam juntos numa cabeça só, mas outra coisa é entender o que eu disse com mais profundidade (SHAMDASANI, 2006, p.31)¹⁸⁸.

E também:

Já são muitos os alunos meus que fabricaram todo tipo de bobagem a partir do que outrora aprenderam. [...] Se alguém quiser saber o que eu penso

¹⁸⁸No original em inglês, em entrevista de Jung de 1961 para o jornalista finlandês Nordenstreg: “The biggest disappointment of my life has been that people have not understood what I have wanted to say. They certainly know what a complex is, introvert, extrovert, they have a view of my idea that feeling and thinking do not stay in the same head, but it is something else to understand things deeper” (SHAMDASANI, 2003, p.16).

dessas coisas, aí estão os meus livros, e cada qual é livre para ouvir os meus pontos de vista (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 124).¹⁸⁹

Conforme já exposto, a *Collected Works of C. G. Jung* foi concluída apenas quinze anos após a morte do autor, o que nos leva a pensar sobre quais livros Jung estava se referindo quando diz que estes é que deveriam ser consultados caso alguém se interessasse pelo seu trabalho. Mais do que quais livros, devemos nos perguntar qual formato editorial de escritos, pois, pela data, é muito provável que Jung estivesse se referindo aos seus *Psychologische Abhandlungen*, os Tratados Psicológicos, cujos textos e modelo de organização foram amplamente aproveitados para a confecção da *Collected Works*.

De qualquer modo, o descontentamento do autor está na recepção de seu trabalho por parte de seus leitores, sobretudo de seus leitores-alunos. Aqui devemos nos atentar para esta classificação, os alunos de Jung. Se pensarmos que os alunos de Jung eram indivíduos que, de algum modo, compunham algo que podemos chamar de comunidade junguiana; até mesmo estruturando o que viria a ser conhecido sob tal denominação, participando com alguma frequência de eventos promovidos por tais grupos que, em muitos casos, contavam com a participação do próprio Jung e, com isso, a possibilidade de ouvir diretamente do mesmo os esclarecimentos quanto suas propostas, nos vemos, novamente, às voltas com a questão do quanto a *Collected Works*, ou qualquer outro formato de divulgação de escritos de Jung seria, aos olhos do autor, suficiente para entendê-lo.

O horizonte de expectativas de Jung quanto à compreensão de seu trabalho nos parece algo idealizado. Com isso, não estamos diminuindo a complexidade de suas propostas e todo seu esforço em compilar e esclarecer, por décadas, paralelos entre a Psicologia, a Psiquiatria e outros campos do conhecimento, mas discutindo a possível existência de uma direção pela qual o autor gostaria de ser compreendido.

Se recapitularmos as próprias colocações dos editores ingleses de Jung quanto à atitude do autor em invocar e revestir-se de certa autoridade a respeito de alguns temas por ele abordado, principalmente em situações nas quais as bases de algumas de suas colocações eram questionadas e, também, a fala do próprio Jung em resposta a Bion sobre os prejuízos e perigos do conhecimento específico, o qual isola o proponente de determinada questão em

¹⁸⁹No original em alemão, em carta para Jürg Fierz de 13 de janeiro de 1949: “Es sind ja so viele bei mir Schüler gewesen, die allen möglichen Kohl fabriziert haben aus dem, was sie einstmals aufgenommen hatten. [...] Wenn man wissen will, wie ich über diese Dinge denke, so hat man ja meine Bücher, und es steht jedermann frei, sich meine Ansichten anzuhören” (JUNG; JAFFÉ, 2012b, p.143-144).

relação ao seus interlocutores, teremos a impressão de estarmos diante da possibilidade de um veredito ou atestado de compreensão satisfatória acerca da Psicologia Analítica.

Ora, de que maneira o próprio Jung atestava ou verificava a capacidade de seus leitores e seus leitores-alunos? Sobre os alunos, podemos tomar a própria questão da finalidade em se estudar Jung da qual Kirsch (2000) nos fala. A ideia de se tornar um junguiano, alguém que esteja apto para a prática psicoterápica tendo por base de atuação as propostas de Jung, começa a ganhar contorno com a criação de institutos dedicados ao estudo e transmissão do pensamento do autor. Nesse sentido, a compreensão das propostas do autor figura como condição para tal fim. O quanto de tal compreensão se daria a partir de textos? Quais textos e em quais formatos, uma vez que a *Collected Works* só foi concluída em fins da década de setenta? A partir de Kirsch, temos em Henriques e Oliveira (2020):

Os caminhos pelos quais alguém se tornava analista junguiano, no início do século XX, eram pouco estruturados. Através de uma carta, Jung atestava ou não a capacidade de determinada pessoa em iniciar a prática de analista com base em seus métodos. A aptidão era mensurada através do grau de familiaridade e compreensão de suas propostas, estas sendo adquiridas quase que exclusivamente através da participação em seus seminários e mediante análise com o mesmo. Entretanto, ao mesmo tempo em que as condições existentes para se tornar analista com base nas premissas de Jung fossem essas, não haviam garantias de que o cumprimento das mesmas resultaria em um atestado de capacidade para a prática da psicoterapia (HENRIQUES; OLIVEIRA, 2020, p.5).

O contrato que dá origem a *Collected Works of C. G. Jung* ocorre em 1947, tendo o primeiro volume advindo do formato sido publicado em 1953. Em 1948 foi criado o Instituto C. G. Jung em Zurique com o objetivo de divulgação e estudo da Psicologia Analítica. Outros institutos com objetivos semelhantes já existiam em alguns locais dos Estados Unidos e na própria Europa, mas a ideia de formação de analista junguiano ganha contornos mais definitivos com o Instituto em Zurique.

Desse modo, fica evidente que o critério de compreensão do trabalho de Jung não poderia se dar pela leitura dos textos no formato *Collected Works*, inexistentes na ocasião. Os seminários, e a leitura das transcrições dos mesmos, eram a principal fonte de informação e estudo. Entretanto, o próprio Instituto C. G. Jung em Zurique era visto por Jung com certas considerações. Em carta para sua colaboradora Jolande Jacobi, diz:

Devo confessar que fui contra o “Instituto C. G. Jung” só pela aversão de colocar em evidência meu nome. Mas isto pode ser mudado. Não é fácil

acostumar-se à ideia de que “C. G. Jung” não designa apenas a minha pessoa privada, mas também uma coisa objetiva (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 75)¹⁹⁰.

O aspecto objetivo do qual fala Jung é a própria elevação de seus escritos e suas experiências práticas à categoria de teoria, escola, método e obra. Desse modo, vemos o trabalho de um autor se expandir para além de sua prática individual, fenômeno que despertava sentimentos mistos em Jung. Apesar de consentir com as atividades do Instituto, recusou manter-se como presidente, e, com o tempo, participava apenas ocasionalmente dos encontros do grupo como palestrante, o que podemos ver como tentativa de manter certo distanciamento da burocratização de seu trabalho.

O texto enquanto representação objetiva do trabalho de um autor já é algo por si só questionável, uma vez que esta qualidade não é algo que possa existir em si por estar invariavelmente atrelada à interpretação e compreensão daqueles que o examinam. Assim, a questão sobre o texto ser ou não a manifestação literal e fidedigna do próprio pensamento do autor passa a ser uma problematização pouco promissora, tornando-se mais frutífera a análise das circunstâncias e dos objetivos sob os quais o texto é invocado ou tido como tal representante.

Ao se mostrar reticente em ver um instituto voltado para o estudo da Psicologia Analítica ser batizado com seu próprio nome, podemos entender que Jung estaria sinalizando que nem sempre o que se fala sobre o tema tem origem em seu trabalho individual, seu ponto de vista. Por mais que seu nome pudesse ser invocado ou remetido enquanto figura de autoridade, reconhecia que também havia se tornado um ponto de partida passível de desdobramentos e, inclusive, de mal entendidos¹⁹¹.

¹⁹⁰No original em alemão, em carta de 8 de julho de 1947: “Ich muß gestehen, daß ich nur aus Aversion gegen die Herausstellung meines Namens gegen das <<C.G.Jung-Institut>> war. Man kann das aber ändern. Es ist nicht leicht, sich an den Gedanken zu gewöhnen, daß <<C.G.Jung>> nicht bloß meine Privatperson, sondern auch eine objektive Sache bezeichnet (JUNG; JAFFÉ, 2012b, p. 87).

¹⁹¹Neste sentido, é importante nos lembrarmos de dois textos de Jung no qual se propõe a analisar as convergências e divergências entre a vida pessoal e a obra de Freud, observando que o trabalho de um autor ultrapassa suas próprias proposições por possuir raízes em eventos socioculturais anteriores à sua prática, ao mesmo tempo em que desponta de suas próprias experiências e, também, ganha terreno ao se tornar uma técnica também aplicada e ampliada por outros. São os textos *Sigmund Freud, um fenômeno histórico-cultural* (Sigmund Freud als kulturhistorische Erscheinung), publicado em 1932 na revista *Charakter. Eine Vierteljahresschrift für psychodiagnostische Studien und verwandte Gebiete* (em tradução livre: Personalidade. Estudos trimestrais de psicodiagnóstico e áreas afins) e *Sigmund Freud, necrológio* publicado no mês seguinte à morte de Freud em 1939 no *Sonntagsblatt der Basler Nachrichten* (em tradução livre: Folheto dominical da Basileia). Nos textos, Jung traz a Psicanálise como fruto do caldo cultural

Se existia algo como um atestado dado por Jung indicando que determinada pessoa havia compreendido seu trabalho e suas ideias em uma época pré *Collected Works*, podemos pensar, do ponto de vista teórico e prático, o que o formato traz de novo ou inédito para se fazer necessário. No *Prefácio dos editores de Estudos psiquiátricos*, volume 1 da *Collected Works*, o que os editores anunciam como sendo uma novidade da coletânea em relação a outras coleções de textos de Jung é a publicação em primeira mão de alguns textos até então inéditos, assim como a revisão, reedição e ampliação de alguns textos publicados anteriormente em outros formatos.

Desse modo, podemos depreender que a *Collected Works of C. G. Jung* inaugura mais um formato, com tentativas de padronização da linguagem e certa organização temática, do que inovações. Há também, conforme anteriormente discutido, estratégias editoriais de ampliação do público consumidor dos textos de Jung, ainda que o objetivo principal pareça mais o de ampla divulgação do que educação.

Retomando a questão das ausências anunciadas, podemos perceber que, em sua maior parte, estão inseridas em contextos de exemplificação: deixa-se de falar de possíveis outros exemplos ou de outros aspectos dentro do próprio exemplo utilizado. Qual a importância da exemplificação enquanto elemento elucidativo para Jung? O grande número de exemplificações e o detalhamento extensivo de determinado assunto abordado eram recursos admirados por Jung em outros autores, algo que podemos observar nas numerosas resenhas que realizou entre 1906 e 1910 acerca de escritos sobre Psiquiatria, reunidas em um tópico intitulado *Resenhas da literatura psiquiátrica* que compõe os escritos diversos que dão forma aos dois últimos volumes de sua *Collected Works*.

Em muitas das *Resenhas*, Jung indicou para quem o livro seria mais adequado: se apenas para o psiquiatra, se para o psiquiatra e o neurologista, se para todos os médicos, se para os interessados em Psicologia e, também, fazendo votos de que determinado livro fosse traduzido o mais rápido possível para várias línguas, alcançando maior número de pessoas e, de modo contrário, que certos livros encontrassem poucos leitores e as ideias ali contidas fossem esquecidas.

Muitas das indicações para públicos específicos parecem se basear em um ponto comum: a qualidade dos exemplos e a capacidade dos mesmos de fazerem tanto profissionais

Europeu que buscava conciliar resquícios da moralidade cristã da Idade Média, Iluminismo, Era Vitoriana, liberação dos costumes e avanços de campos da Medicina como a Neurologia e Psiquiatria. A contribuição de um autor como Freud, por mais impar e organizadora de seu contexto que possa ser, não se encerra, segundo Jung, em sua figura ou nas de seus discípulos.

inexperientes e iniciantes compreenderem o tema abordado, quanto de suscitarem o que há de mais novo em termos de conduta profissional, sem deixar de fazer referências aos grandes trabalhos do campo. Assim, desdobra-se em elogios ao mencionar o “grande acervo de material empírico” (JUNG, 2012 χ , p.389) contido em determinado texto; ao falar da escrita “bastante minuciosa” (p.391) de outro; da “descrição detalhada” e dos “numerosos métodos” (p.393) apresentados em um terceiro; da “discussão em detalhes” (p.395) e das “inúmeras referências a pontos de vista de vários pesquisadores especializados e na indicação da literatura” (p.400) de outros, etc.

No sentido contrário, a falta de exemplos seriados é tida como conduta anti didática por Jung, como podemos observar em uma de suas *Resenhas*:

O autor comete um grave pecado de omissão por não apresentar praticamente nenhum exemplo. Esta falta é especialmente séria quando se trata de fenômenos patológicos. Quem deseja ensinar algo novo deve primeiro ensinar o seu público a ver, mas isto é impossível sem exemplos (JUNG, 2012 χ , p. 386)¹⁹².

De modo semelhante, em correspondência com W. H. Kennedy em 1946, recuperada por Shamdasani (2003), Jung diz sobre a necessidade de um autor expor as evidências daquilo sobre o que fala:

Não acho que se deveria incentivar as pessoas a ficarem satisfeitas com um extrato mais ou menos superficial de minhas idéias [sic], sem obter a verdadeira substância. Sei que não é especialmente fácil ler livros como os meus, mas afinal a ciência não é inteiramente fácil – em particular, não uma tentativa pioneira como meu trabalho. Em minha forma de ver, as idéias [sic] psicológicas, privadas de suas evidências documentais, são pior que nada (SHAMDASANI, 2006, p. 31)¹⁹³.

¹⁹²No original em alemão: “Eine schwere Unterlassungssünde begeht der Autor ferner dadurch, daß er sozusagen keine Beispiele anführt. Besonders empfindlich ist dieser Mangel, wo von pathologischen Phänomenen die Rede ist. Wer etwas Neues lehren will, muß sein Publikum eben schlechterdings zuerst sehen lehren. Ohne Beispiele ist dies aber unmöglich” (JUNG, 2015a, p. 402).

¹⁹³No original em inglês: “I don’t think one should encourage people to be satisfied with a more or less superficial extract of my ideas without getting the real substance. I know it isn’t particularly easy to read such stuff as my books, but then science is not altogether easy – particularly not a pioneering attempt like my work. I consider that psychological ideas stripped of documentary evidence are worse than nothing” (SHAMDASANI, 2003, p.16).

Apesar de oferecer numerosos exemplos que ilustrassem suas observações, curioso é podermos observar o quanto Jung parecia achar que ainda era insuficiente todo o material que evocava durante suas explicações. Jung se considerava um empirista e sua ideia de empiria era a da experiência enquanto fonte de resultados e ponto de partida, logo, a apresentação de exemplos de casos e situações clínicas era demasiado cara ao autor. Desse modo, as ausências anunciadas em diversas passagens de seus textos captura nossa atenção.

Como pode ser observado em algumas passagens com ausências anunciadas, há grande escassez de notas de rodapé indicando ao leitor o local em que o assunto em questão encontra-se abordado na *Collected Works* ou, também, para além da mesma. O que nos parece é que a própria tentativa editorial e autoral em conferir certa temática aos volumes foi utilizada como estratégia que, virtualmente, complementaria as proposições do autor a medida que a leitura de determinado tomo se desenrolasse.

Shamdasani (2003) salienta que os tomos que compõem o volume 14 da obra de Jung, *Mysterium Coniunctionis*, possuem mais de 2.300 notas de rodapé, a maioria sendo referências bibliográficas, exemplificações e indicação de leituras, o que, para ele, revela tanto a erudição do autor quanto o apreço em fornecer descrições detalhadas. Trouxemos como exemplos de ausências anunciadas alguns trechos do referido volume 14, porém, em nenhuma dessas passagens há a ocorrência de notas de rodapé cumprindo a função de indicar na própria *Collected Works* onde o assunto em questão é desenvolvido.

O historiador também traz a questão de que Jung, apesar de ser conhecido pela criação de novos conceitos no campo da Psicologia e ter apresentado algumas denominações para se referir ao seu trabalho, Psicologia Analítica e Psicologia dos Complexos, não objetivou durante décadas a criação de um novo projeto de Psicologia, matriz disciplinar ou coisa do tipo (SHAMDASANI, 2003). Pensamos que o reflexo de tal atitude pode ser sentida na própria organização da *Collected Works*, uma vez que a mesma não traz consigo os contornos e o andamento didático da apresentação de uma teoria ou projeto de Psicologia.

Mais do que tentar mensurar o quanto as ausências anunciadas comprometem o assunto tratado pelo autor, seja pontualmente dentro daquele texto, do volume no qual se encontra ou da coletânea como um todo, enxergamos no movimento editorial de inclusão de textos onde existem tais ocorrências uma pista sobre a intenção e finalidade da *Collected Works*. Conforme anteriormente apresentado, os editores e tradutores de Jung chegaram, com certa animosidade, a decisão de que nem todos os textos do autor deveriam ser publicados, decisão que, por si só, apresenta possíveis comprometimentos para com a intenção da

estruturção de uma coletânea que cumpra a função de facilitar a compreensão das propostas do autor.

Conforme podemos observar nos prefácios dos editores em alguns dos volumes da *Collected Works*, parece haver a expectativa de que o ordenamento dos textos, a ordem a qual seguem, possa conferir certa estrutura inteligível aos temas abordados. Contudo, por mais que haja proximidade temática entre o ordenamento dos textos e dos volumes, o não ordenamento cronológico dos mesmos e o fato de textos consecutivos, vizinhos, serem alguns apresentados em edições atualizadas e reeditadas e outros não; ainda havendo a questão de textos como *Definições de Tipos Psicológicos* nos quais parte do texto foi atualizada e parte não, concorre para que a eventual superação de lacunas na compreensão fique comprometida quando deixada apenas a cargo do ordenamento físico da obra. Sobre tal questão, temos a fala dos editores no prefácio de *Freud e a Psicanálise*, volume 4 da *Collected Works*:

O interesse de Jung ampliou-se com o correr dos anos e, aos poucos, foi passando da psiquiatria, da psicanálise e da tipologia para a teoria dos arquétipos, e, por último, para a psicologia de motivos religiosos. Isto facilitou a reunião de seus escritos sob os principais títulos correspondentes, embora o material pudesse ser inserido também em qualquer dos outros volumes. Cada volume está vinculado aos demais – quer no que diz respeito à época em que foi produzido, quer quanto ao seu conteúdo – por uma malha de pontos comuns. E, em hipótese alguma, podemos nos limitar à leitura de um volume isolado, se quisermos conhecer a fundo a posição de Jung sobre determinado assunto. É impossível detectar a partir de um único volume, independente de sua compilação, a continuidade do processo evolutivo numa perspectiva histórica (JUNG, 2012¹, p.7).

A fala dos editores nos permite entrever diversas questões quanto ao modo como estes não só compreendiam o autor e seu trabalho, mas, também, como gostariam que a coleção por eles organizada fosse pensada. Apesar dos autores iniciarem suas colocações dizendo que o interesse de Jung era amplo, comportando, portanto, diversos assuntos ao mesmo tempo, o fato de apresentarem tal ordenamento; Psiquiatria, Psicanálise, tipologia, Arquétipos e Religião, e pontuarem que o interesse passava de um campo para outro, instaura ampla margem para que possa ser pensada uma ordem qualitativa acerca dos temas.

Se cronologicamente o percurso de Jung em seus estudos pode ter alguma semelhança com tal ordem, nossa preocupação é com o significado da apresentação desta pelos editores dentro de uma coleção de textos reunidos do autor. Aqui, toda a formatação é importante: a ordem é apresentada nas primeiras linhas do primeiro parágrafo de um elemento pré-textual que antecede qualquer colocação do próprio autor sobre o que se encontra escrito naquele

volume. Desse modo, antes do leitor saber o que autor está propondo, temos os editores dizendo que existe uma ordem de importâncias a ser observada.

Nas linhas seguintes do parágrafo, podemos observar que esta ordem é tão importante que os editores dizem que a mesma facilitou a reunião dos textos para compor os volumes. Contudo, a origem da ordem permanece obscura. Se sua importância está atrelada à cronologia dos estudos de Jung, mas o respeito à cronologia dos textos não está presente na totalidade da *Collected Works*, o que significa, afinal, a importância de uma cronologia para os editores? Quando e para que a mesma é importante?

Contudo, algo inesperado surge após as colocações anteriores. Os editores anunciam que os materiais reunidos em um volume também poderiam ter sido reunidos em outro, pois, os volumes estão interligados por pontos comuns, como os temas e as datas dos escritos. Se com essa colocação entendermos que tudo o que consta no volume 4 da coleção poderia estar no volume 13, e o que consta no 13 poderia estar no 4, sem que isso trouxesse maiores prejuízos para a compreensão da *Collected Works* uma vez que é a relação de conjunto, ou seja, o todo da obra entendida como a reunião de todos os volumes, independente da ordem, o responsável por conferir sentido a mesma, estaremos diante de uma compreensão singular, e potencialmente problemática, quanto aos aspectos cronológicos e temáticos de uma coleção.

A continuação da fala dos editores agrava ainda mais a questão. Afirmam que, por mais denso que um livro da coleção possa parecer, nenhum volume pode ser tomado separadamente como suficiente para a compressão das propostas de Jung a fundo, pois nenhum livro isolado oferece a perspectiva evolutiva e histórica do trabalho do autor. Temos, novamente, a sugestão de uma evolução, direção e ordem para a qual o trabalho do autor converge, algo que só poderia ser capturado com o todo da coleção. Até esse ponto, podemos dizer que os editores entendem que a *Collected Works of C. G. Jung* deve ser compreendida como um todo e que a soma dos livros é mais importante para a compreensão do trabalho do autor do que a leitura individual de alguns poucos volumes.

Se aceitarmos tal premissa, totalmente coerente com um projeto de coleção, também devemos aceitar que alguma ordem rege e deixa transparecer o que os editores estão chamando de evolução. Que ordem seria essa que independe da posição dos textos nos livros e do ordenamento dos volumes dentro da coleção? Como é possível percebermos uma evolução do pensamento do autor; se é que essa é a melhor maneira de se referir aos múltiplos campos de interesse do mesmo e as relações por ele tecidas entre estes, em uma obra que apresenta uma ordem não totalmente cronológica e nem temática de textos que, em alguns casos, foram apenas parcialmente atualizados?

Talvez estejamos diante de um mito atribuído ao trabalho de um autor cuja produção textual estende-se por mais de meio século: a existência de uma convergência das ideias e propostas, o que pode ser chamado de evolução, refinamento, complexidade e mais um sem número de nomes que tende a ver na última consideração acrescentada a determinado fenômeno estudado por anos a fio a derradeira e tão aguardada compreensão. Nesse sentido, temos no prefácio dos editores do volume 1 da *Collected Works*, Estudos psiquiátricos:

É possível reconhecer o desenvolvimento, transformação e aprofundamento constantes da psicologia analítica através das inúmeras reelaborações do que já fora publicado. Assim, por exemplo, o primeiro dos (dois) *Estudos sobre psicologia analítica* sofreu várias reformulações, diferentes umas das outras. Foram também introduzidos acréscimos ao vol. 12, *Psicologia e alquimia* (datado originalmente de 1935-1936), e em alguns escritos de outros volumes (JUNG, 20120, p.9).

O grande objetivo do prefácio do qual o trecho acima foi retirado é oferecer em alguns poucos parágrafos comentários gerais sobre os volumes que dão corpo à *Collected Works*. Neste trecho, temos a menção de que alguns dos textos reunidos já tiveram outro formato em outros momentos. Quando os editores dizem ser possível reconhecer tais mudanças, podemos questionar tal afirmação. O que realmente existe é a indicação da data e local de publicação original dos textos realizada pelos editores em notas de rodapé que acompanham os títulos dos mesmos, e, também, menções nos prefácios indicando se parte do volume em questão já foi publicado enquanto livro em outra coleção. Dizer que tais menções por si só proporcionam reconhecer as transformações seria uma afirmação precipitada, a menos que o termo reconhecer seja estritamente entendido como sinônimo de saber, e não como sinônimo de perceber.

Desse modo, devemos empreender a análise da importância e do significado do ordenamento dos textos dentro de um livro e/ou de uma coletânea, pois, acreditamos que a investigação da confecção e desenho escolhido na divulgação de algo que será comercializado e divulgado enquanto representação do trabalho de um autor, ou, pelo menos, materialização do mesmo em texto, traz consigo a possibilidade de analisarmos fatores como o objetivo e a intenção da mesma.

5 CAPÍTULO IV: AUTORES, EDITORES E LEITORES: OS DIVERSOS ATORES DENTRO DE UMA COLEÇÃO

Em *A ordem dos livros: leitores, autores, e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, o historiador francês Roger Chartier (1945 -) nos apresenta diversos novos personagens que nasceram quase simultaneamente com o surgimento da prensa de tipos móveis do ourives Johanness Gutenberg (1400-1468). Dentre estes, o que nos parece mais icônico é o leitor vulgar, aquele que se caracteriza pelo poder da interpretação, capaz de transmutar sentidos, eger recortes que serão perpetuados e, talvez, distorcidos e ampliados, capaz, também, de relegar ao esquecimento toda uma série de propostas e, mediante sua faceta de leitor-consumidor, moldar definitivamente o mundo da escrita e da leitura, influenciando o que merece ou não ser escrito e lido.

Por mais que um autor e seus editores possam traçar a partir de suas intenções alguns caminhos e sentidos a serem observados durante a apreciação de seu material, ao falar do leitor e da leitura, Chartier diz: “[...] a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artificios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos” (CHARTIER, 1998a, p.7)¹⁹⁴.

Para o também historiador francês Michel de Certeau (1925-1986), o leitor é a figura que anima e confere ao texto, ou ao conjunto de textos, o status de obra. Anteriormente enxergado como uma consequência do livro, o leitor passa a ser considerado como algo a mais do que apenas um par de olhos que acompanha o texto, mais do que uma casta cuja razão de ser tem por finalidade o consumo que justifica a manufatura do produto. O leitor é alçado ao patamar daquele que possibilita o livro ser tomado enquanto artefato para a construção e desconstrução de elementos em nossa cultura (CERTEAU, 1988).

A prensa de Gutenberg não inaugura a atividade da cópia mecânica de manuscritos, esta já conhecida há séculos no extremo oriente. A grande inovação trazida pelo inventor está na utilização das peças móveis que compõem o artefato, conferindo agilidade ao processo e inaugurando a possibilidade de produção em massa de cópias. A produção em massa de textos gerou, automaticamente, a produção em massa de leitores. Chartier (1989, 1998a) diz que a grande massa de iletrados da nascente Europa Moderna, acostumados a decorar o Credo

¹⁹⁴No original em francês: “[...] la lecture, par définition, est rebelle et vagabonde. Les ruses que déploient les lecteurs pour se procurer les livres prohibés, lire entre les lignes, subvertir les leçons imposées, sont infinies” (CHARTIER, 1992, p.8).

religioso, histórias populares e inúmeros outros fragmentos da cultura oral, foi confrontada com a possibilidade de compreender, em algum nível, aquilo que repetia por hábito.

A importância dos livros enquanto objetos culturais modernos é apontada por Chartier (1998a) a partir da própria relação dos mesmos com a classe dos iletrados e semianalfabetos nos antigos regimes europeus. Por mais que o indivíduo não conseguisse por si próprio ler e decifrar uma página sequer, ainda assim este estava sobre a influência das formas grafadas no papel que instauravam uma nova forma de ordem: seu comportamento no local de trabalho era moldado a partir de um possível conjunto de regras não só anunciadas, mas também impressas, organizadas, sequenciadas e guardadas em algum local do ambiente; a salvação de sua alma imortal dependia de sua participação em cerimônias religiosas que observavam toda uma série de escritos ordenados em livros, os próprios ritos estavam circunscritos na escrita; o que este poderia ou não exigir de um estabelecimento de prestação de serviços possivelmente estaria, de algum modo, anunciado e enumerado em um pedaço de papel.

O livro moderno popularizou a ideia de ordenamento do mundo. O que isso significa? De um lado, o objeto traz em si a ordenação: os parágrafos como recurso de andamento discursivo, capítulos com títulos, subtítulos, conclusões e diversos outros recursos que dizem da existência de uma ordem lógica ou formato ideal para se transmitir e aprender algo. É fato, como nos diz Chartier (1995, 1998b), que a problemática do ordenamento das coisas antecede em milênios a criação dos livros e, em certo grau, se confunde com o próprio surgimento da escrita. A ocupação para com tal ordenação, porém, era objeto de interesse restrito à poucas camadas da estratificação social. O próprio aspecto do livro moderno traz consigo a possibilidade de o enxergarmos como consequência da popularização da ideia de ordenamento do mundo e suas questões, sendo ele um objeto para tanto, e, também, como objeto disparador da ideia da possibilidade de ordenamento.

O livro moderno é aquele que inaugura a possibilidade das interpretações e recepções vulgares. Ele não surge, entretanto, com tal proposta. Junto às novas possibilidades de impressão surge, também, novos discursos de poder e empreitadas visionárias da utilização do texto enquanto ferramenta de estratificação social: para o povo, textos populares que reforcem sua condição, para os nobres, os livros certos, as leituras que aguçam a mente e enobrece o espírito (CAVALLO; CHARTIER, 1999).

Diversos setores sociais foram revolvidos com o advento da produção em massa de cópias textuais, o que também inaugurou toda uma nova cadeia econômica. Com tal possibilidade, além da pergunta sobre o que deveria ser copiado em grande quantidade, surgiram, também, questões sobre como deveria ser o formato, o ordenamento e a

apresentação do material copiado. Junto com *o que e como*, o *para quem* surge no contexto inaugurando dentro dos círculos de leitores a ideia de público-alvo.

Nesse sentido, qual seria a importância do aspecto físico de um livro para a popularização do mesmo e da ideia de aquisição de conhecimento que caracteriza o leitor moderno? O recorte sobre o que seria um livro moderno abarca muitas das transformações presentes na forma de lidar com os textos na Europa do século XVII, sobretudo na França, e tal adjetivo diz respeito a algo mais do que seu formato, pois, já em seus antecessores; como os antigos *codex* e in-fólios, encontravam-se disposições físicas como o escrito em folhas dobradas ao meio, costuras que uniam diferentes partições agrupadas e envolvidas por capas, numerações de páginas e margens circundando o texto, estes últimos encontrados, inclusive, em objetos até mais antigos como os *volumen* e papiros de toda a sorte (CHARTIER, 1995, 1998b). Importante é ressaltarmos que o aumento na produção de cópias de textos possibilitada pela prensa de tipos móveis de Gutemberg não corresponde a um aumento imediato da produção de livros. Eram, sobretudo, folhetos, panfletos e certificados os principais objetos de cópia entre os séculos XV e XVI na Europa (CHARTIER, 2014).

Chartier (1995) enxerga os livros modernos como um formato peculiar de comunicação. A proximidade do papel com a mão do leitor, sobretudo com os livros-de-bolso, inaugura uma nova forma de relação com as palavras e estabelece novas fronteiras para o próprio ato de ler. Se anteriormente o leitor teria que se deslocar até uma biblioteca para ter contato com os livros e os textos, textos que eram lidos em voz alta pelo próprio leitor, para si mesmo ou para um público, e as palavras acompanhadas com os dedos e demais aspectos gestuais, a leitura torna-se mais intimista entre os séculos XVII e XVIII. A possibilidade de adquirir um livro e ter posse exclusiva sobre o mesmo fortalece a perspectiva de um interlocutor interno com o qual o leitor dialoga como quer e quando quer.

Um grande exemplo do livro enquanto objeto organizador da realidade nos é dado por Olivero (1999) quando a historiadora nos apresenta a história das coleções e coletâneas de livros. Uma coleção de textos requer a justificativa dos motivos para se reunir diferentes escritos sob um mesmo título. Algo como um sentido é automaticamente atribuído e esperado de uma coleção. Olivero (1999) nos conta que as coleções são frutos de estratégias comerciais do universo dos livros iniciadas no século XVII, mas aperfeiçoadas no século XIX. Trata-se de uma tática empreendida por editores e livreiros em busca de uma voz no que diz respeito aos discursos de poder sobre os textos.

Sobre o aspecto econômico das coleções, o historiador francês Mollier (2001) pontua que a qualidade física desse formato era, para dizer o mínimo, medíocre. O público-alvo das

coleções eram as pessoas de baixo poder aquisitivo, a camada subalterna da sociedade. Produzir para tal público envolvia muitos riscos, pois, além da falta de recursos do público, boa parte do mesmo era iletrada. Tal fato, contudo, não impedia a aquisição de livros, pois o objeto ocupava diversas funções no imaginário e no comportamento da sociedade. Para minimizar os riscos de prejuízos financeiros, os editores e livreiros apostavam em materiais de baixa qualidade e custo reduzido¹⁹⁵.

Como bem colocado por Certeau (1988), autores não escrevem livros, os livros são concebidos a partir dos textos destes por diferentes atores. O advento da produção em massa de livros teve como consequência o apagamento de alguns atores nos séculos seguintes, como os criadores das iluminuras que adornavam os livros artesanais, os copistas, escribas e outros. A figura dos impressores ganhou maior destaque, mas a figura do editor emergia cada vez com mais força. Diferente do impressor, o editor não lida apenas com o aspecto físico do livro. Este também interfere no conteúdo apresentado pelo autor, cria demandas comerciais, formatos de distribuição e diferentes versões para um mesmo texto.

Olivero (1999) diz que a proposta das coleções era a de ser um formato que trouxesse em si a ideia de uma biblioteca portátil, para além de muros físicos, voltada para os leitores de baixo poder aquisitivo. Dessa maneira, era comercializada a ideia da possibilidade de conhecer muito sobre determinado assunto de maneira barata e compreensível. Não sendo a educação aprofundada o objetivo das coleções, fazia-se necessário um recorte de temas e propostas para que algum sentido pudesse ser extraído da coleção. Desse modo, junto com a

¹⁹⁵Na *Collected Works of C. G Jung*, encontramos apenas um momento no qual os editores falam sobre os aspectos financeiros decorrentes das estratégias editoriais em selecionar o que seria ou não publicado dentro da coleção. Assim, no *prefácio dos editores* ao livro *Símbolos da Transformação*, volume 5 da *Collected Works*, temos: “Em 1952 o principal editor de Jung, Rascher, de Zurique, publicou a nova edição, elaborada em 1950, sob o título *Symbole der Wandlung. Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie*, sendo apresentada como 4. ed., refundida e compreendendo 769 páginas – incluindo 300 ilustrações – e 50 páginas de índice. O autor deixou a seleção e o arranjo das figuras a cargo de sua colaboradora Dra. Jolande Jacobi, em cujo ano de morte sai agora este volume 5. Decidimos reduzir o elevado número de figuras da edição original a conselho de Walter-Verlag e acompanhando a edição em língua inglesa, a fim de manter o preço da volumosa obra dentro de limites razoáveis” (JUNG, 2013s, p.7-8). No original em alemão: “1952 publizierte Jungs Hauptverleger, Rascher in Zürich, die im wesentlichen um 1950 entstandene Neufassung mit dem Titel <<Symbole der Wandlung. Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie>>, die als <<vierte, umgearbeitete Auflage>> vorgestellt wurde un 769 Seiten - einschließlich 300 Illustrationen - sowie 50 Seiten Register enthielt. Die Auswahl und Zusammenstellung der Bilder hatte der Autor seiner bewährten Mitarbeiterin Frau Dr. Jolande Jacobi übertragen, in deren Todesjahr nun dieser Band V erscheint. Zur wohlbedachten Reduktion der ursprünglichen Bilderfülle haben wir uns im Einklang mit der englischsprachigen Ausgabe und auf Veranlassung des Walter-Verlages entschlossen, der den Ladenpreis des umfangreichen Buches in erträglichen Grenzen zu halten wünschte” (JUNG, 2017c, p.8-9).

coleção, Olivero (1999) pontua que surge a canonização do autor pelo editor, ou seja, este último elege determinados temas como suficientemente representativos do pensamento daquele e os sequenciam, amarram e compilam com a promessa do sentido, separando o que é canônico do que seria apócrifo.

Um dos resultados diretos da coleção é o que Chartier (1998a) identifica como a criação das comunidades de leitores. A partir do momento em que surge a ideia de uma narrativa oficial e organizada que permite o conhecimento do pensamento de determinado autor, ou o aprendizado de certo assunto, surgem, também, grupos de leitores que reivindicam a posse de tal conhecimento, delimitando como as propostas devem ser compreendidas, o que possui maior importância, quais seriam os pontos centrais, o básico, o fácil e o complexo, podendo tudo isso estar ou não de acordo com as próprias prescrições dos autores e editores¹⁹⁶.

O fato de o leitor poder modificar os sentidos atribuídos por autores e editores aos seus livros, não significa que a influência de tais intenções não se faça presente e sentida, pois, algo da interpretação ainda ocorre a partir de um horizonte de expectativas e possibilidades de certo modo permitidas por tais intenções e, principalmente, pelo próprio material disponibilizado, limitado. Assim, o formato coleção evoca, novamente, a importância do aspecto físico dos textos e livros enquanto estruturas de construção de sentido em determinada direção.

Uma das funções editoriais em uma coleção é a padronização da linguagem do autor quanto aos textos ali reunidos. Tendo cada texto sido escrito sob determinada circunstância e época, é possível que tenham estilos diferentes, ainda que o autor seja o mesmo. A padronização dos mesmos cria no leitor a sensação de um contínuo, da construção de uma direção para a qual as ideias convergem em um crescendo cumulativo. Há recapitulações, indicações de passagens que estão por vir, capítulos, tópicos, subtópicos e outros artifícios que conferem ritmo e fluidez à leitura. Todo este processo editorial de padronização traz consigo a questão da sobrevivência da própria expressão autoral: quem disse foi o autor, o editor ou, ainda, o tradutor?

¹⁹⁶Em certa medida, podemos pensar que esta comunidade de leitores compartilha elementos comuns com as comunidades científicas descritas por Thomas Kuhn (1922-1996). Para Kuhn (1998), é, sobretudo, o consenso de um grupo considerado apto e detentor de determinado conhecimento que estabelece as regras e dá forma ao próprio paradigma que retroagirá sobre seu campo de atuação, moldando-o. O resultado é a existência de diversas comunidades científicas que buscam estabelecer critérios de avaliação e apreciação dos objetos de interesse, uma tentativa de conferir certa objetividade externa, imparcial e reguladora às atividades.

Cavallo e Chartier (1999) nos contam que a autoridade sobre o escrito em livros já era debate na Europa do século XVI. Conhecidas já eram as práticas de perpetuação de passagens de escritos distorcidas intencionalmente por editores. Se não havia tal preocupação em um contexto onde os poucos livros existentes eram os livros religiosos, pois a palavra ali transcrita tinha sua própria origem nos desígnios de Deus, portanto, livre de suspeitas, o cenário pós Reforma, convidativo à interpretação, instaura tal preocupação. Discussões jurídicas como propriedade intelectual e direito sobre a obra passam a atravessar todo o universo dos livros ainda no século XVII e a ideia de posse e poder sobre o que foi impresso torna-se ponto comum de divergências acaloradas entre autores e editores.

A ideia de obra enquanto montante satisfatório de acúmulo de textos de um autor também está contida na ideia de coleção e dá um sentido peculiar ao próprio entendimento do que seria a completude da mesma: trata-se de quantidade ou qualidade? Pode uma coleção se propor definitiva? Chartier (1998a) traz os florilégios medievais como modelos para as coleções modernas. Os florilégios eram catálogos botânicos que buscavam compilar diversas informações acumuladas ao longo dos anos. Tratava-se mais de uma reunião de miscelâneas, unidas umas às outras com pouco critério, que passou a identificar a reunião de outros temas em agrupamentos de compêndios para além da Botânica. A ideia de quantidade imperava nesse aspecto.

O acréscimo de um andamento lógico, cronológico e temático às miscelâneas foi o que conferiu às coleções modernas sua estrutura, introduzindo a ideia da qualidade da apresentação do material em detrimento da quantidade. Como dito anteriormente, é sobretudo o trabalho editorial o responsável pela ideia de que uma coleção é eficaz em sua proposta devido ao desenho que a mesma obedece. Imortalizar uma coleção passou a ser uma premissa editorial, a garantia de que sua organização representa o formato ideal para o objetivo almejado.

Certeau (1988), ao falar da efemeridade da leitura em comparação com a persistência da escrita, diz que os livros até mudam, mas não o fazem simplesmente porque o mundo também muda. Pouco desta não mudança tem a ver com a veracidade daquilo que foi escrito, mas, sim, com um projeto que confira persistência ao material. Uma coleção que se torne obsoleta representaria grande fracasso editorial e comercial. É preciso blindá-la contra a efemeridade da leitura da qual Certeau (1988) diz, a capacidade do leitor de sempre conferir novos sentidos e utilidades para a coleção. É preciso convencer o leitor de que este deve ficar nos limites do formato, para sua própria segurança, para garantir que este não compreenda algo equivocadamente.

Nesse sentido, outros atores aparecem em auxílio ao editor para convencer o leitor e conferir à coleção ou ao livro o aspecto de durabilidade e confiabilidade. Dentre estes, o tradutor oficial desempenha importante papel. Este surge como garantia de fidedignidade, garantia de que o leitor poderá, a partir de sua própria língua e dos termos com os quais se sente confortável, compreender sem o perigo de prejuízos e perdas de sentido o que o autor quis dizer.

A distância entre o que o autor *disse* e *quis dizer* tem a ver com a presença de um outro ator que surge num momento pós edição, mas cujo trabalho, paradoxalmente, legitima e perpetua a importância da mesma por anos a fio. É a figura do comentador/crítico da obra. Foucault (1981) apresenta o comentador como aquele que busca extrair de um texto sentidos até então ocultos. Apesar da ousadia do comentador em desvelar algo que, talvez, nem o próprio autor tenha deixado tão claro, ou, até mesmo, percebido em sua própria escrita, a qualidade e sagacidade do comentador está pautada não apenas em sua capacidade, mas na própria qualidade do material por ele utilizado e que o possibilitou enxergar tais desdobramentos. O comentador, assim como o especialista, por mais críticas que possa realizar ao texto elegerá determinada edição como a mais confiável ou a mais representativa do pensamento do autor, inaugurando a ideia do que o autor *quis dizer*; podendo, a partir disso, até propor uma nova edição para um livro ou coleção.

Tais atores, mais modernos, nos remetem a um tipo específico de leitor e de coleção: os acadêmicos e as obras acadêmicas, científicas. A própria ideia de um modelo científico, positivista e ordenado na Europa do século XIX, influenciou a estrutura dos textos e das coleções e criou uma nova casta dentro das comunidades de leitores. Entretanto, retomando a questão anunciada por Chartier (1998a) de que o autor escreve na dependência, sobretudo na dependência de um público que dê sentido e lugar à sua escrita, por mais variada que possa ser a comunidade de leitores, com especialistas e leigos, o denominador comum continua sendo o texto e a questão sobre a distância entre intenção e recepção permanece independente do formato e complexidade do tema.

Como anteriormente dito, não é que a intenção de autores e editores seja secundária no processo de recepção de um texto. Devemos, entretanto, entender até que ponto as intenções concorrem contra a própria ideia de popularização de uma obra, seja ela um livro ou coletânea. Ora, se a razão de ser da própria coleção é a popularização, como o formato concorreria contra o próprio efeito desejado? Entender o que significa popularização, nesse caso, é o que permite tal ponderação.

Popularização não diz respeito apenas àquilo que era intencionalmente voltado para o povo. Cavallo e Chartier (1999) apontam os romances cavaleirescos como literatura destinada ao povo no século XVII, portanto, populares, tanto no sentido de público-alvo como, também, no formato, meios de produção, preço e afins. Para os historiadores, popular também pode ser tomado como indicativo do alcance e da distribuição de certos textos. Entretanto, Chartier (1998a) pontua que dizer da popularização de uma obra também é dizer do movimento dos leitores vulgares em direção a uma obra que, inicialmente, não havia sido dirigida para os mesmos. Assim, é preciso pensar no verbo, na ação de popularizar, de tomar algo e dizer daquilo a partir do seu próprio contexto.

Um grande exemplo para pensarmos tal movimento está no primoroso caso verídico apresentado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1939 -) a respeito da perseguição empreendida pela Inquisição ao moleiro Menocchio no final do século XVI na Itália. Domenico Scandella (1532-1599), mais conhecido como Menocchio, era um moleiro na então aldeia de Montereale. Por saber ler, escrever e realizar operações matemáticas básicas, ocupou alguns cargos na paróquia de sua vila. Para além de seu trabalho no moinho, havia sido administrador da paróquia em 1581. Apenas dois anos depois de ocupar o cargo, foi denunciado ao Santo Ofício pelo crime de heresia.

Analisando os interrogatórios e depoimentos dos demais habitantes de Montereale a respeito de Menocchio, Ginzburg (1992) nos apresenta no que consistia a heresia do moleiro: além de ler a Bíblia na linguagem vulgar, discutia os sermões e os ensinamentos oralmente apresentados pelo pároco local com base em suas próprias interpretações. Nesse sentido, temos os depoimentos de outros moleiros, sapateiros, donos de taverna e demais camponeses informando como se sentiam desconfortáveis quando Menocchio os procuravam cheio de ideias e opiniões sobre a igreja, os padres e o próprio Deus.

O primeiro interrogatório a Menocchio é realizado em 1584 e o moleiro explica que apenas dizia o que compreendia. Em determinado momento, diz que sua compreensão sobre a criação do mundo e das coisas por Deus lhe veio pela observação do surgimento dos vermes a partir dos queijos, estes, por sua vez, criados a partir do leite (Ginzburg, 1992). Este movimento de utilização dos recursos do cotidiano como base para a compreensão e interpretação de um todo maior, que seria o mundo e a própria existência, é o que estaria na base da ação de popularizar os fenômenos e os objetos.

Diversos foram os tópicos discutidos por Menocchio: a virgindade de Maria, a mortalidade de Cristo, os anjos, a santidade, a inutilidade do batismo, a opressão dos pobres pelos ricos, o uso do latim como forma de dominação do povo, etc. O discurso de Menocchio

atrelava vivência religiosa aos costumes sociais e por mais que muito do que dissesse fosse visto como heresia, surpresos também ficavam os inquisidores ao escutarem um camponês versar sobre os aspectos transcendentais do Espírito Santo e como este deveria ser encarado como um dos aspectos imateriais de Deus em relação ao aspecto carnal que seria Cristo (Ginzburg, 1992).

Em 1599, Menocchio é condenado à morte pela fogueira. O moleiro morreu sustentando, com certa insolência segundo as testemunhas, que tudo o que dizia era fruto de seus próprios pensamentos. Por meio dos interrogatórios e de buscas empreendidas nas propriedades do moleiro, foi estimado que, pelo menos, onze foram os livros lidos ou de posse de Menocchio. Além da Bíblia vulgar, chama a atenção livros como *Decamerão*, uma obra de contos sobre a vida e o amor escrito pelo poeta italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375); uma cópia em italiano do que acredita-se ser o Corão e livros com relatos de viajantes (Ginzburg, 1992).

A partir da pequena e curiosa coleção de livros de Menocchio, Ginzburg (1992) nos convida a uma importante reflexão: mais importante que aquilo que o moleiro teria lido é o modo como ele leu, julgou ter compreendido e, a partir disso, discutiu. O que era a leitura para um camponês do final do século XVI? Como ela é feita? Tão essencial quanto estas questões é a chamada de atenção que Chartier (1995) nos dá quanto a qualidade e os modos de leitura na nascente Europa Moderna. O que conhecemos hoje por alfabetização dificilmente daria conta deste recorte, estaríamos cometendo um grave anacronismo. Aprender ou saber ler em uma época em que a relação com a própria ideia de conhecimento estava permeada e limitada por diversos atores é um movimento que precisa ser analisado com cautela.

Diferentes níveis de compreensão são possibilitados pelo mesmo texto e tais níveis estão ligados tanto às condições de leitura do sujeito quanto as do material. Um material voltado para o público que domina a leitura de modo rudimentar precisa se apresentar de modo confortável para os mesmos. No entanto, apesar de existir formas de adequação do texto para o público, Menocchio nos aparece como prova de que o leitor obstinado e curioso não se deixa deter pela dificuldade e nem qualquer outra regra que poderia impedi-lo de esboçar sua opinião. O moleiro aparece como uma expressão legítima do ato de popularização dos textos.

Ginzburg (1992) lança mão do conceito de circularidade em uma tentativa de compreender as relações sociais que permitem dizer de uma cultura popular ou popularização dos elementos da cultura. Para o historiador, dizer de uma cultura popular em uma sociedade

Europeia pré-industrial é cair na seguinte ambiguidade: popularizar é um evento passivo vivenciado pelas classes subalternas ao aceitar os subprodutos culturais criados pelas classes dominantes para aqueles, ou, seria um evento ativo no qual o próprio povo propõe valores a partir de suas vivências e questões?

A suposta hegemonia de relações e interesses evocadas pelo termo *popular* também é alvo de análise de Ginzburg (1992): aquilo que é dito e tido como popular adquiriu tal status por meio de convergências espontâneas ou de movimentos de aculturação e deformações deliberadas das intenções e fontes primárias? Popularizar é violentar a intenção original? E quando a intenção original é a popularização? A ideia de circularidade em Ginzburg propõe a existência de influências recíprocas entre classe dominante e classe subalterna em oposição a ideia de desenvolvimento paralelo e autônomo de tais classes, cada uma seguindo seu caminho.

Assim, podemos tomar as relações entre intenções autorais e editoriais e a apropriação do texto pelo público especializado ou leigo, como movimento de influências recíprocas capazes de conferir inúmeros outros sentidos e utilidades para determinado texto, livro ou coleção. Outras definições que nos ajudam a pensar sobre as relações de força e poder criadas a partir da tensão entre o autor, o editor e o leitor, são os conceitos de estratégias e táticas cunhados por Certeau.

Certeau (1984) entende como estratégia o posicionamento de um ator; que pode ser uma instituição, como uma editora, por exemplo, no qual se busca criar a ideia da existência de um conjunto de condições a partir das quais, e desse modo unicamente, é possível se relacionar com seu produto ou ideia. Há a criação de um ambiente hermético que separa o dito objeto de tudo o mais que o cerca. Para Certeau (1984), a estratégia é uma tentativa de conquista sobre o tempo, no qual as mudanças ocorridas no entorno do objeto em questão não o afetaria, posto sua autonomia em relação ao meio.

Diferentemente das estratégias, as táticas não seriam agentes em si e por si, são a própria expressão da relação enquanto ato mobilizador de mais de um agente, dos encontros. É descrita por Certeau (1984) como a própria ausência de poder, condição que possibilita, a partir da evidenciação das fragilidades do discurso sobre o objeto, novos projetos de construção e significação.

Se tomarmos uma coleção de livros a partir de tais conceitos, podemos pensar que o esforço do editor e do autor em criar um corpo literário que não se torne obsoleto, o que seria um fracasso do ponto de vista econômico e também enquanto projeto de sistematização de ideias e propostas, é o esforço da criação de uma estratégia, um discurso da criação de um

objeto organizado de tal modo e com tal cuidado que sobreviverá a perscrutação dos leitores e críticos.

Enxergamos na própria ideia da reunião de textos cronologicamente distintos um passo na direção da tentativa de superação do tempo enquanto agente potencialmente deteriorante da coleção: como uma avestruz que esconde a cabeça em um buraco e, estando impossibilitada de enxergar seu predador acredita estar livre de perigos, excluindo-se a cronologia esta não atormentaria a obra. Tal opção editorial, entretanto, imprime sobre a obra fragilidades (ou funções, dependendo da intenção) da mesma ordem, como os anacronismos e a ideia de convergência de todos os textos para uma mesma direção.

Ainda no contexto das coleções, as táticas pensadas por Certeau (1984) seriam as diversas apropriações possíveis realizadas pelo leitor, seja ele o público-alvo (ou principalmente quando não o é) ou não. Os leitores deslocam a coleção do espaço hermético e idealizado para o qual foi construída. Ainda que a coleção tenha sido desenvolvida para o grande público (OLIVERO, 1999), até mesmo os motivos pelos quais ou para que o público deveria consumi-la são ressignificados.

Tomemos agora um exemplo dentro do universo da Psicologia Analítica a respeito das estratégias editoriais. Trata-se de um erro não corrigido e reproduzido por algumas editoras apesar do mesmo ter sido anunciado em textos relevantes para o campo. Em 2002 e 2003, a Editora Vozes traduziu para o português e publicou as *Cartas* de Jung, um conjunto de correspondências selecionadas do autor. Em uma carta de 31 de dezembro de 1949 para o padre Victor White, cujo tema central é a discussão da existência do Bem e do Mal, lemos a seguinte passagem:

Este assunto da “privatio boni” me é odioso devido às suas consequências perigosas: provoca uma inflação negativa na pessoa que não pode deixar de imaginar-se, se não como fonte do mal, pelo menos como grande destruidor, capaz de arruinar a bela criação de Deus (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 147, grifo nosso).

Na versão original em inglês, temos:

This *privatio boni* business is odious to me on account of its dangerous consequences: it causes a negative inflation of man, who can't help imagining himself, if not as a source of the [Evil], at least as a great destroyer, capable of devastating God's beautiful creation (JUNG; ADLER, 2015a, p.540).

E na tradução para o alemão:

Diese privatio boni-Angelegenheit ist mir verhaßt wegen ihrer gefährlichen Konsequenzen: sie verursacht eine negative Inflation des Menschen, der nicht umhin kann, sich zwar nicht als Quelle des Bösen, doch zumindest als großer Zerstörer vorzukommen, fähig, Gottes wunderbare Schöpfung zu verwüsten (JUNG; JAFFÉ, 2012b, p.169, grifo nosso).

A mesma passagem, em tradução e revisão de Lammers & Cunningham (2007) por ocasião da publicação da correspondência completa entre Jung e White, transcorre da seguinte maneira:

This privatio boni business is odious to me on account of its dangerous consequences: it causes a negative inflation of Man, who can't help imagining himself – though not as a source of the Good – at least as great destroyer, capable of devastating God's beautiful creation (JUNG; LAMMERS; CUNNINGHAM, 2007, p.142, grifo nosso).

A palavra *Evil*, mal, anteriormente empregada, fora substituída pelo termo *Good*, bem, alterando completamente o sentido da sentença. Lammers & Cunningham (2007) acrescentam uma nota de rodapé, a número trinta e sete no texto, na qual explicam que no arquivo original de Jung é possível ler com total clareza em sua caligrafia a palavra *Good* e não *Evil*.

A Editora Vozes lançou, em 2018, a primeira reimpressão dos volumes de cartas de C. G. Jung publicadas em português em 2002 e 2003. A primeira edição das correspondências completas entre Jung e Victor White, sem tradução para o português até o presente momento, data de 2007 publicada pela Routledge, o que nos leva a concluir que não houve consulta por parte da Editora Vozes ao material publicado pela Routledge por ocasião da reimpressão das cartas em português, já que os erros de tradução divulgados na versão em inglês das cartas por Adler, em 1973, voltaram a figurar na edição de 2018, data posterior a publicação de uma edição contendo apontamentos e correções. O mesmo acontece com a versão em alemão da Patmos Verlag, de 2012.

Este fato indica que mesmo com o surgimento de novos materiais e traduções mais acuradas no contexto da Psicologia Analítica, não há garantias de que tais mudanças estejam atingindo o público e, assim sendo, velhos erros de compreensão e edição continuam sendo reproduzidos. Temos nesse exemplo, a oportunidade de observar a tentativa de isolamento do objeto de demais contextos, prerrogativa das estratégias enunciadas por Certeau (1984). Para as editoras, é mais viável financeiramente uma reimpressão à uma correção. A reimpressão

remonta ao que já foi anteriormente impresso, portanto, canonizado enquanto representativo do texto original. Ela ocorre quando há o esgotamento de determinado título e o ato de uma nova reimpressão também evoca o sucesso da empreitada anterior, esgotado por ser interessante e bem feito.

Tendo as editoras a pretensão de serem reconhecidas enquanto divulgadoras do autor, e, até mesmo, responsáveis pela estruturação de seus trabalhos, estamos diante de um discurso de poder que para ser perpetuado poderá ignorar o que é produzido em seu entorno, mesmo que tal produção diga respeito ao seu campo de interesse. A própria intenção da editora quanto a educação de seu público ao não disponibilizar informações corrigidas pode ser colocada em questão. Transpondo estas informações sobre editores, autores e leitores para a *Collected Works of C. G. Jung*, podemos aprofundar nossa análise sobre funções e intenções de editores, tradutores e do próprio Jung para com a coleção.

5.1 COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG: OBRA DE POPULARIZAÇÃO DA FIGURA OU DAS IDEIAS DO AUTOR?

Defendemos que o formato *Collected Works of C. G. Jung* pode ser melhor compreendido enquanto obra de popularização da figura de Jung do que enquanto obra de popularização de suas propostas. Nossa afirmação necessita ser compreendida a partir de alguns pontos anteriormente elencados. Em consonância com as colocações de Chartier (1995, 1998a) e Certeau (1984, 1988), acreditamos que uma obra tem a possibilidade de tornar popular, no sentido de poder ser apropriada pelas diversas comunidades de leitores em diferentes níveis, tanto a partir do desenho promulgado e permitido pelo formato da obra, quanto para além do mesmo. Isso não significa, no entanto, que a popularização se dará inexoravelmente, de uma maneira ou de outra. Algo da popularização opera dentro da ideia de circularidade de Ginzburg (1992), ou seja, o que parte dos leitores precisa alcançar, tocar e ser reconhecido pelas estruturas promulgadoras dos discursos oficiais, expandindo-o.

Se tomarmos o exemplo de Menocchio, não devemos nos esquecer das consequências vivenciadas pelo moleiro ao se valer de suas leituras para além do permitido. Nesse caso, a permissão diz respeito ao próprio contexto religioso e social da época, com seus dogmas e estratificações sociais. A leitura e interpretação empreendida por alguns poucos indivíduos possui limitada expressão e relevância enquanto movimento de tensão e mobilização de forças nesse jogo de poder. O prestígio, ou pressão, das instituições, seja a igreja ou uma editora, fábrica, constantemente, a ideia do discurso oficial a ser seguido.

O quanto, ou como, seria desejável pelas editoras e por Jung a popularização de seus textos pelo formato *Collected Works of C. G. Jung*, popularização aqui entendido como movimento de ressignificação da obra para além dos limites editoriais. Se levarmos em consideração o posicionamento de Jung dentro do que chamamos de ausências anunciadas a respeito da necessidade apontada pelo autor de que caberia ao leitor possuir determinados conhecimentos prévios, muitos dos quais deveriam, preferencialmente, ser adquiridos em seminários com ele próprio, começamos a enxergar junto de tais condições a existência de uma direção a partir da qual o autor gostaria de ser lido. Entendemos que o convite para a popularização, ou seja, para uma construção de sentidos atribuídos pelo leitor a partir de suas próprias referências, se mostra dificultado em tais passagens.

Quando Olivero (1999) nos conta que o interesse dos editores e dos livreiros do século XIX em expandir o campo das coleções era, sobretudo, financeiro, devemos pensar nos artifícios utilizados por estes atores para angariar seu público-leitor. Se por um lado temos o editor sênior da *Collected Works*, Herbert Read, promulgando que a coleção deveria conferir aos textos reunidos um tom definitivo que representasse a própria autoridade de Jung sobre a questão, ao dizer para o tradutor Hull que deveriam barrar as intenções dos editores Adler e Fordham em organizar uma coleção comentada (SHAMDASANI, 2005), temos uma atitude ambígua com consequências díspares.

Imprimir a autoridade do autor sobre o texto é operar no nível da estratégia, apostar na criação do sentido definitivo e imutável, o que não convida à popularização. Contudo, se pensarmos que os comentários de uma obra podem não apenas abri-la para possibilidades de interpretação e derivação, mas, também, incorrer nos perigos da normatização da mesma, fixando o sentido e os limites da interpretação e das relações com elementos externos ao texto, algo no nível da estratégia, ao optar por uma coleção não comentada o próprio Read estaria colocando em questão seu projeto de texto definitivo, pois, a ausência de comentários pode ser tanto uma barreira como um convite para a extrapolação do texto.

Outro ponto envolvendo Read, Adler, Fordham e Hull que nos ajuda a pensar sobre o tipo de popularização que o conteúdo reunido pelo formato *Collected Works* permite, está nas discussões entre os editores recuperadas por Beebe e Falzeder (2013) a respeito da inclusão na coleção de passagens que mostrassem o desenvolvimento das ideias de Jung, seus tropeços, considerações e formulações teóricas. Enquanto os editores favoráveis à publicação de tais passagens insistiam no valor das mesmas para a compreensão do trabalho do autor, os desfavoráveis pontuavam que isto poderia manchar a imagem de Jung. Temos, assim, a predileção pela construção e divulgação de determinada imagem a ser associada com o autor,

ou seja, a popularização da imagem do mesmo, em detrimento da publicação de elementos que facilitem a compreensão de seu trabalho.

Se tomarmos as colocações de Ximena de Angulo, secretária da *Bollingen Series*, assim como as da criadora da *Bollingen Foundation*, Mary Mellon, sobre a importância da *Collected Works* ser finalizada com Jung ainda vivo para que os leitores anglófonos pudessem ter contato com o autor (MCGUIRE, 1989), e as somarmos com as colocações do próprio Jung e seu editor suíço Max Rascher sobre o fato do público anglófono, principalmente o estadunidense, possuir condições financeiras de divulgar amplamente seu trabalho (BISHOP, 1998b), ainda que Jung se mostrasse incrédulo quanto a capacidade deste mesmo público compreendê-lo, acreditamos ser possível vislumbrar mais pontos que nos permitam dizer que a intenção de tornar a figura de Jung conhecida, popular, sobrepõe outros possíveis objetivos da *Collected Works of C. G. Jung*.

Também podemos tomar as estratégias de Jung junto aos editores quanto a diferente ordem de publicação individual dos livros da coleção como um indício da intenção de criação de não apenas uma, mas, diversas imagens para o autor: Nos EUA, ligado a Alquimia, um grande conhecedor da simbologia; na Alemanha, ligado a prática clínica, um exímio psiquiatra; no Brasil, ligado a Religião, um profundo conhecedor do espírito humano. Importante ressaltarmos que tais “títulos” não seriam excludentes, mas parece haver uma intenção quanto a permanência ou superação de certa imagem em detrimento de outra, dependendo do público, algo que podemos observar no modo como os editores ressaltam certos períodos e certos temas do trabalho de Jung.

5.1.2 Os nomes-do-autor: o autor é o autor sobre o qual os editores falam

Partindo das colocações de Olivero (1999) sobre a função editorial de canonizar e construir uma imagem para o autor junto e a partir da coleção de seus escritos, pudemos observar nos prefácios dos editores que acompanham os volumes da *Collected Works of C. G. Jung* algumas passagens nesse sentido. Também é possível observarmos nos mesmos prefácios exemplos da ideia de Certeau (1984) sobre estratégias. Assim, no *prefácio dos editores de Freud e a Psicanálise*, volume 4 da *Collected Works*, temos: “O presente volume nos oferece o essencial dos escritos de Jung sobre Freud e a psicanálise, publicados entre 1906 e 1916” (JUNG, 2012i, p.7). Temos nessa passagem a tentativa dos editores de delimitar o que é importante e necessário a respeito de um tema, no caso a relação de Jung com os psicanalistas.

Dizer de uma essência é dizer da possibilidade de ir direto ao ponto, ao encontro não só do que realmente importa como, também, da forma que importa. Enquanto estratégia, temos o próprio fato da relação de Jung com os psicanalistas e a Psicanálise receber um tomo exclusivo para o assunto: a capa e a contracapa servem como os limites dentro dos quais o assunto deve ser entendido. A ideia de essencial também conforta, o ponto de vista ali expressado ganha força e se concretiza aos olhos do leitor como a narrativa oficial, cria-se a expectativa de finalmente saber o que realmente aconteceu.

De modo semelhante, temos a ideia de essência também no *prefácio dos editores de A dinâmica do inconsciente – a energia psíquica*, volume 8 da *Collected Works* (8/1 na subdivisão da edição em língua portuguesa): “O oitavo volume da Obra Completa compreende sobretudo trabalhos em que são expostos os conhecimentos fundamentais e as hipóteses de trabalho essenciais de C.G. Jung” (JUNG, 2012κ, p.7). Como discutido em capítulos anteriores, são diversos os temas e livros considerados essenciais pelos editores na *Collected Works*. O que parece uma estratégia de valorizar e destacar certos temas na obra do autor, acaba trazendo esvaziamento de sentido para o termo.

No *prefácio dos editores de Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, volume 9/1 da *Collected Works*, temos: “O volume é introduzido por três ensaios que poderíamos considerar como lançamento teórico da pedra fundamental [...]” (JUNG, 2012η, p.9). Os três textos em questão são: *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, publicado pela primeira vez em 1934 e tendo a versão de 1954 publicada na *Collected Works*; *O conceito de inconsciente coletivo*, publicado em 1936, e *O arquétipo com referência especial ao conceito de anima*, publicado pela primeira vez em 1936 e tendo a versão de 1954 publicada na *Collected Works*.

Temos a ação dos editores de conferir ao ordenamento destes textos a possibilidade de serem tomados como a base, a pedra fundamental para a compreensão acerca dos Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Não estamos questionando a importância e relevância dos mesmos, mas, se recapitularmos a questão da ausência do termo Arquétipo, um dos conceitos tratados nestes três textos, no capítulo *Definições de Tipos psicológicos*, veremos que na nota de rodapé com a indicação de textos para a explicação do termo Arquétipo ali ausente, nenhum dos três textos aqui tidos como base pelos editores são ali mencionados.

Uma rápida consulta às informações catalográficas de *Tipos Psicológicos* e *Os arquétipos do inconsciente coletivo*, deixa revelar que foi a mesma equipe de editores os responsáveis por ambos os livros. A partir desta questão, podemos nos perguntar sobre a continuidade e persistência das afirmações erigidas pelos editores em seus prefácios: o que é afirmado no prefácio de um livro só vale para o mesmo? Há concordância entre o que se

afirma para um livro e a ideia de uma compreensão global a partir de todo o conjunto que é a coleção? Poderiam as diversas colocações que enunciam a cada momento diferentes temas como sendo o mais significativo dentro do trabalho de Jung ser fruto dessa descontinuidade?

Já no *prefácio dos editores de Civilização em mudança*, volume 10 da *Collected Works*, dividido em quatro tomos na edição em língua portuguesa, temos uma tentativa editorial de salvaguardar a imagem do autor de determinadas acusações:

[...] há documentos dos anos em que Jung era presidente da Sociedade Médica Internacional de Psicoterapia e editor de seu órgão *Zentralblatt für Psychotherapie*. Sua natureza dinâmica e os sentimentos de dever para com a sociedade e seus colegas levaram-no a aceitar este encargo como plataforma privilegiada de onde pudesse combater, com todas as suas forças e condições, a ameaça que representava para a psicoterapia na Alemanha a dominação nazista. Devido a seu modo de proceder foi alvo, injustamente, do fogo cruzado de uma crítica tendenciosa e mal informada. Neste volume, apresentam-se pela primeira vez os objetivos que perseguia incansavelmente e os documentos correspondentes (JUNG, 2013t, p.8).

A questão aqui colocada circunscreve o famigerado episódio da ocupação por Jung de um cargo público na Alemanha nazista por ocasião da política implantada de remoção de judeus de cargos considerados importantes. Temos os editores endossando a narrativa de que Jung ocupara o cargo para lutar contra o próprio sistema e, como consequência de sua estratégia, teria sido mal compreendido. Esse movimento editorial de desvincular Jung da referida polêmica está amparada por uma construção de autoridade da qual os editores revestem o livro em questão: pela primeira vez serão mostrados quais eram os objetivos de Jung e do que realmente tratavam seus textos tidos como polêmicos acerca de temas como nazismo, a psicologia dos judeus e a psicologia dos arianos.

De fato, os textos tidos como polêmicos estão no volume 10 da *Collected Works*, mas, por não se tratar de uma versão comentada e termos no prefácio dos editores este amortecimento da questão e tentativa de preservação da imagem do autor, fica difícil para um leitor que tenha apenas a coleção como base capturar o que estava em jogo.

Bishop (1998b) recupera diversas cartas da correspondência entre Jung e seu editor suíço, Max Rascher, nas quais é possível observamos que a obstinação de Jung em publicar tais textos era conscientemente acompanhada de estratégias que preservasse sua imagem. Houve a criação de todo um esquema de publicação no qual a mesma deveria se dar em países que combatiam o nazismo apenas após certo tempo, enquanto em países como Alemanha e Suíça a publicação ocorreu ainda no contexto da ascensão do nazismo.

Em artigo recente, Moriarty, Staunton e McCabe (2021), tendo acesso a documentos da CIA (Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos da América) e da BFO (Ministério das Relações Exteriores Britânico) cujo objetivo era monitorar as atividades de Jung em busca de possíveis associações com o nazismo, pontuam que a infeliz escolha de Jung em tratar um evento catastrófico com ênfase apenas no aspecto simbólico, e um tanto seletivo, do mesmo, revela uma faceta do autor difícil de ser assimilada pelos seus admiradores. Podemos nos indagar o quanto a atitude dos editores da *Collected Works* em salvaguardar a imagem do autor contribuiu para um posicionamento acrítico dos leitores de Jung sobre tais questões.

No prefácio dos editores de *Psicologia e Religião ocidental e oriental*, volume 11 da *Collected Works*, subdividido em 6 tomos na versão em língua portuguesa, mas com um único prefácio, temos:

A problemática religiosa ocupa um lugar central na obra de C.G. Jung. Quase todos os seus escritos, especialmente os dos últimos anos, tratam do fenômeno religioso. [...] O maior mérito de Jung é o de haver reconhecido, como conteúdos arquétipos [sic] da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião. [...] Reina atualmente uma grande incerteza no tocante a assuntos religioso. A nova perspectiva desenvolvida por Jung permite-nos uma compreensão mais profunda dos valores tradicionais e confere um novo sentido às formas cristalizadas e esclerosadas (JUNG, 2012γ, p.7).

Mais uma vez, temos a questão do tema central da obra do autor, nesse caso, a Religião. A imprecisão em quantificar e nomear quais escritos tratam do tema, “quase todos os seus escritos [...] dos últimos anos tratam do fenômeno religioso” (JUNG, 2012γ, p.7), parece servir a algum propósito. Podemos pensar que há a construção de uma imagem do autor em seus últimos anos de vida: mais sábio e experiente. Conseqüentemente, o que foi estudado e escrito nesse momento passa a adquirir contornos de extrema complexidade. “Últimos anos” é uma expressão tão imprecisa quanto “quase todos” e nisso podemos visualizar uma estratégia editorial, pois, a imprecisão permite que diversos outros temas possam caber em tais descrições e diversas imagens do autor e núcleos de importância sejam intercambiados.

Temos, também, uma declaração peremptória, a apresentação de qual teria sido o maior mérito de Jung, uma tentativa de vincular o autor a determinado tema criando uma associação instantânea entre seu nome e sua imagem com algum conceito ou teoria. Uma perspectiva que tende a enxergar o percurso do autor a partir de uma compreensão de

evolução no qual o mais recente e novo é tido como mais adequado e representativo, estará fadada à dogmatização de suas propostas.

Algo semelhante à visão compartilhada por colaboradores como Marie-Louise von Franz, Mary Mellon, os editores Kurt Wolff e Eduardo Mallea e da tradutora Constance Long de que o trabalho de Jung pode ser tomado enquanto propostas que resgatam o espírito humano e seus valores, também pode ser observado no final do trecho recuperado do *prefácio dos editores*.

Nesse mesmo sentido, temos no *prefácio dos editores a Psicologia e Alquimia*, volume 12 da *Collected Works*:

[...] o presente estudo não atua apenas em profundidade, mas felizmente também em amplitude. Uma relação espiritualizada e anímica com a realidade material deve exercer sobre a nova geração uma atração toda especial, por ser capaz de curar a dissociação antinatural e secular da psique ocidental e, simultaneamente, de superar de dentro o materialismo (JUNG, 2012ζ, p. 9-10).

Já no *prefácio dos editores de Estudos alquímicos*, volume 13 da *Collected Works*, temos uma tentativa dos editores de apresentação da ordem no qual os livros da coleção que versam sobre o tema da Alquimia deveriam ser apreciados:

Ao compararmos os ensaios do presente volume com *Mysterium Coniunctionis, Psicologia e alquimia* e, de certa forma, com *Aion* de Jung, percebemos sua particular importância como introdução às suas investigações sobre alquimia. Os três volumes de maior porte que já foram publicados no quadro da Obra Completa têm um peso que pode parecer excessivo ao leitor despreparado. Depois deles, o leitor pode recorrer aos trabalhos mais concisos do presente volume, que fornecem uma visão de conjunto e de fato constituem um estudo preparatório às obras acima mencionadas (JUNG, 2013u, p.9).

Estudos alquímicos foi o último dos livros que versam majoritariamente sobre Alquimia a ser publicado. Na edição inglesa da *Collected Works* a ordem dos livros é: *Psicologia e alquimia* (1953), *Aion* (1959), *Mysterium Coniunctionis* (1963) e *Estudos alquímicos* (1967). Na edição alemã: *Mysterium Coniunctionis* (1968), *Psicologia e alquimia* (1972), *Aion* (1976) e *Estudos alquímicos* (1978). Na edição em língua portuguesa: *Aion* (1982), *Estudos alquímicos* (1986), *Psicologia e alquimia* (1992). Nas informações catalográficas da edição da Editora Vozes de *Mysterium Coniunctionis*, não consta data de publicação em português para o volume (ver Apêndice A).

Desse modo, temos a seguinte situação: O último livro publicado no formato *Collected Works* sobre o tema Alquimia deve ser lido antes dos demais. Surge, assim, uma divergência entre intenção editorial e autoral, pois, no próprio contrato para a criação da *Collected Works* havia uma cláusula especificando que *Psicologia e alquimia* deveria ser o primeiro livro lançado no formato da nova coleção. McGuire (1989) informa que esta cláusula foi fruto de insistência particular de Jung e, conforme discutido em capítulo anterior, para o autor, a publicação de *Psicologia e alquimia* revela mais interesses do que apenas a divulgação do tema para o público.

Ainda no tema da Alquimia, temos no *prefácio dos editores suíços* de *Mysterium Coniunctionis*, volume 14 da *Collected Works*:

Manifestou ele [Jung], certa vez, que sempre lhe foi penoso o fato de a gente, em psicologia profunda, ter de ocupar-se, por necessidade interna, com tantos domínios da cultura do espírito que nunca se consegue chegar a ser completo em um ramo da ciência. Na alquimia, porém, tinha ele achado um campo que valia a pena penetrar até o fundo. A tradição alquímica lhe possibilitava concatenar com um material de existência objetiva as vivências e intuições diretas e subjetivas, adquiridas pela “descida ao inconsciente”, bem como a maneira de representá-las. [...] O leitor não acostumado à linguagem da alquimia poderá, de início, sentir-se confuso diante da abundância dos símbolos, cujos significados se sobrepõem de maneira perturbadora. No entanto, se lhe fosse dado manusear alguns escritos originais dos alquimistas, chegaria a pensar de outra maneira e reconhecer que Jung realizou um trabalho imenso ao criar clareza neste setor por meio de seu processo de síntese, realizando uma verdadeira “*extractio animae*” (extração da alma) do caos reinante nesse campo (JUNG, 2012λ, pp. 7-8).

Especificamente neste prefácio, temos a colaboradora de Jung Marie-Louise von Franz assinando em nome dos editores suíços, grupo do qual não fazia parte oficialmente. Temos dois importantes elementos de construção de identidade do autor ligada a determinado tema, no caso a Alquimia. Von Franz coloca a Alquimia como o campo no qual Jung pode se aprofundar por completo. Esta colocação pode ser mais bem compreendida se levarmos em consideração o próprio modo como Jung relatava seu encontro com a Alquimia, dizendo que a partir da mesma encontrou uma fonte mais significativa de símbolos quando comparado aos seus estudos anteriores sobre Gnosticismo (JUNG; JAFFÉ, 2016).

Temos uma ideia qualitativa de substituição que, por sua, vez, possibilita o aprofundamento de questões sobre o psiquismo humano. Pensamos que a ideia de substituição pode levar à perigosa ideia de descontinuidade ou superação, uma fragmentação do processo de compreensão do autor sobre determinado tema no qual é desconsiderado a totalidade de

seu percurso. Novamente se faz presente a ideia do atual como representativo do todo. Por sua vez, a colocação da editora sobre um aprofundamento que vale a pena, traz consigo algo de uma certeza, uma direção que vale a pena ser seguida é aquela que poucas dúvidas traz, a aposta certa para dar conta dos fenômenos pesquisados pelo autor.

O outro ponto diz respeito à colocação da editora sobre o trabalho de Jung com a Alquimia. O autor teria nos prestado o serviço de tornar inteligíveis os temas discutidos de forma tão obscura na antiga arte que, mesmo sendo dada ao leitor a oportunidade de ter contato com as fontes utilizadas por Jung, pouco ou nada compreenderia. Em hipótese alguma discordamos da editora que o trabalho empreendido por Jung ao se debruçar sobre diversos tratados medievais e clássicos, buscando compreender nas ideias e fantasias sobre a matéria e as substâncias pistas para a compreensão dos símbolos produzidos pelo psiquismo humano, é fruto de grande esforço e poder de síntese. Estamos, apenas, chamando a atenção para o fato do discurso editorial sobre o autor construir no leitor a ideia de que o estudo da Alquimia torna-se mais inteligível quando realizado a partir de Jung e, por consequência, pela *Collected Works*.

Em *O espírito na arte e na ciência*, volume 15 da *Collected Works*, também o *prefácio dos editores* apresenta a importância da Alquimia com um campo destacado dentro dos interesses de Jung e apresenta alguns outros campos como representativos do leque de interesse do autor:

A atenção de Jung voltava-se, de preferência, para os grandes movimentos culturais – em especial a alquimia – os quais compensavam o espírito da época ou dele surgiam, como também para o espírito criativo que introduzia interpretações revolucionárias em campos tão diversos como medicina, psicanálise, cultura oriental, artes plásticas e literatura (JUNG, 2012ε, p.7).

Já no *prólogo dos editores* de *Psicoterapia - A prática da psicoterapia*, volume 16 da *Collected Works* e 16/1 da subdivisão na edição em língua portuguesa, temos uma configuração diferente em relação aos trechos até então aqui recuperados. Neste volume, o prólogo aparece após o *prefácio do autor* e, por se tratar do primeiro volume publicado no formato *Gesammelte Werke*, traz uma rápida introdução sobre o que é a coleção. Assim, lemos:

A compilação dos volumes e sua organização é baseada nos “Collected Works”, tendo sido levada em consideração a sequência temática e cronológica de cada trabalho. [...] Alguns desses trabalhos foram publicados apenas em revistas médicas e, por isso, o público maior não teve acesso a

eles. [...] Para corresponder ao crescente interesse pelos problemas da psicologia do consciente e da psiquiatria, deverão ser lançados, logo após o presente volume, o Volume 6, *Tipos psicológicos*, e o Volume 1, *Estudos psiquiátricos*. (JUNG, 2012ξ, p.9).

Temos, uma vez mais, a ideia de que os textos são norteados por certa cronologia e organização temática. Junto a isso, podemos observar o movimento dos editores de tratar mais explicitamente a coleção como algo voltado para o público e, até mesmo, configurada a partir do desejo de tal público: textos até então exclusivos serão disponibilizados e os editores estariam trabalhando para corresponder os interesses dos leitores, dispostos, inclusive, a pensar a ordem das publicações individuais a partir disso. Apesar de *Tipos psicológicos* ter realmente sido lançado no formato *Gesammelte Werke* após *A prática da psicoterapia*, *Estudos psiquiátricos* só foi publicado em quinto lugar na ordem das publicações individuais (ver Apêndice A).

Como discutido nos capítulos anteriores, o desenho da ordem individual de publicação dos livros e, também, da ordem destes dentro da coleção, foi decidido pelos editores ingleses da *Collected Works* em acordo com Jung, não havendo, portanto, qualquer participação do público em relação a isso. As próprias opiniões dos editores do lado estadunidense da empreitada quanto ao formato e ordem dos livros foram desconsideradas. Sendo assim, podemos pensar que esta colocação dos editores, que não corresponde aos eventos transcorridos, possui certa intenção estratégica de vincular o leitor à coleção, assegurando-o de que a ordem e os temas ali tratados foram pensados para o conforto de sua leitura e aplacamento de seus anseios.

No *prefácio dos editores suíços* de *O desenvolvimento da personalidade*, volume 17 da *Collected Works*, temos:

Jung, em todas as suas últimas obras, dedica atenção especial à compreensão e à descrição desse escopo [o processo da Individuação]. [...] O presente volume é uma compilação de trabalhos de Jung sobre a psicologia infantil. A parte mais importante é constituída por três preleções sobre “Psicologia Analítica e Educação”. [...] Existe ainda o preconceito, muito difundido, de que a psicologia de C.G. Jung se refira unicamente à segunda metade da existência ou que seja válida apenas para essa fase da vida; mas os escritos aqui apresentados constituem por si mesmos a refutação de tudo isso. Em uma época em que se questionam os princípios educacionais, qualquer pessoa que tiver de ocupar-se com problemas de educação sairá lucrando se considerar devidamente as contribuições de Jung (JUNG, 2012μ, p.7-8).

Nesse caso, temos a repetição de elementos presentes em outros trechos, como a ideia de um grande tema que ocupa as últimas obras do autor, apesar de aqui ser o tem da Individualização e não da Religião como colocado em outro local, e, também, a delimitação feita pelos editores de quais seriam os textos ou a parte mais importante dentro do volume. Assim como no caso do prefácio no qual os editores defendem a reputação de Jung das acusações relativas a seu posicionamento no período de ascensão do nazismo, temos a colocação de que Jung estaria sendo alvo de ataques quanto às limitações da aplicação de seu projeto de Psicologia, restrito aos adultos.

Curiosa é a afirmação dos editores de que a simples reunião dos escritos de Jung que versam sobre a criança e a infância refuta tais ataques. A reunião de textos apenas demarca que o tema foi, de algum modo, abordado e, mesmo a existência de um volume completo voltado para o tema ainda assim trata-se apenas de um volume dentro de uma coleção. Porém, nos parece que a estratégia dos editores aqui utilizada tem como alvo o imaginário do leitor: ao invés de perceber que se o assunto cabe em um único livro dentro de toda uma coleção é porque o tema foi pouco trabalhado, o leitor verá que o assunto foi destacado tamanha sua importância, ganhando um volume apenas para si e, portanto, é extremamente relevante tanto para o autor quanto para o público.

Nesse sentido, temos no final do trecho acima recuperado do *prefácio dos editores suíços* a indicação dos mesmos de que o trabalho de Jung sobre o tema pode representar um ponto de virada em relação as preocupações modernas acerca da educação. Há um exercício de expandir o leque das possíveis contribuições do autor para o mundo.

Com a análise dos trechos acima reproduzidos, não estamos questionando que existam temas centrais no pensamento do autor, nem a possibilidade de compreensão de sua obra a partir de certa ordem temporal e, muito menos, a importância e relevância dos temas e dos modos como o mesmo foi discutido por Jung. Nosso objetivo é o de pensar o quanto os editores colaboram para a construção de tais marcos: textos mais importantes, textos mais representativos, temas centrais, temas centrais dos últimos anos de vida, ideias essenciais, falsas acusações sobre o autor e a obra, aplicabilidade das ideias discutidas, ineditismos, esclarecimentos, limites para se pensar determinado assunto, ordem de leitura adequada, etc.

Como dissemos anteriormente, algo da recepção e da apropriação de um texto pelo leitor ainda encontra-se vinculado ao horizonte de expectativas e intenções dos autores e editores. Pensamos que a enunciação da existência de diversos temas como o mais significativo, a menção de agrupamentos de textos que seriam os mais importantes e descrições um tanto vagas como as últimas obras e os últimos anos do autor, acaba

concorrendo contra a possibilidade de uma orientação para o leitor se localizar em sua leitura, isso sem falar em toda a problemática já anunciada por outros autores quanto ao aspecto temático e cronológico da coleção.

Ora, se existem núcleos centrais e ideias mais relevantes, seria preciso uma construção e um andamento textual que permitisse a assimilação gradual de tais propostas, isso, é claro, se o objetivo do texto for educar o leitor em determinado assunto. A estratégia dos editores em utilizar o termo ideia central como algo cambiável, elegendo a cada momento um tema diferente como tal, é reflexo do modo como os textos e os livros foram confeccionados: ao optar por uma organização majoritariamente temática e pouco cronológica, cria-se a ideia de bolsões e momentos nos quais um tema se sobrepõe ao outro, impedindo o leitor de observar que o autor se debruçava frequentemente em diversos temas ao mesmo tempo e os articulavam a partir de suas experiências e teorias.

Desse modo, o que costura um livro ao outro fica obscurecido, pois, segundo os próprios editores, o que está em um volume poderia muito bem estar em outro, já que os assuntos se tocam. Os assuntos se tocam ou foram eles espalhados e salpicados para todo lado e de tal maneira que isso pode ser confundido com se tocar? Tocam-se de que modo? Sim, os assuntos se tocam, pois são frutos da elaboração de um mesmo autor e, de algum modo, dizem de uma construção entrelaçada, mas, essa é uma derivação racional a qual poderíamos forçar para qualquer autor que tenha escrito por dezenas de anos sobre vários temas. Não deveria ser função dos editores demonstrar isso na prática, na obra?

Se seguirmos o que os editores nos apresentam, ficaremos com uma ideia mais ou menos assim: A leitura de *Psicologia e Alquimia* é tida como necessária para se entender as questões em *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, mas é preciso estar familiarizado com a Psicologia dos Complexos para se ler *Psicologia e Alquimia*, mas *Psicologia e Alquimia* foi o primeiro livro lançado no formato *Collected Works*, então o formato *Collected Works* peca por não ter um bom andamento didático e introdutório, mas *Psicologia e Alquimia* é central na obra, mas é o texto *Dois escritos sobre Psicologia Analítica* que organiza a obra de Jung, mas *Mysterium Coniunctionis* é que é a principal obra do final da vida de Jung e também traz a Alquimia em sua discussão, mas *Tipos Psicológicos* é que leva Jung para um público maior e é celebrado como um clássico, mas foi em *Símbolos da Transformação* que Jung apresentou seu conceito de Libido enquanto Energia Psíquica e demarcou com ênfase suas diferenças em relação à Psicanálise inaugurando seu projeto de Psicologia, mas são os temas voltados para a Religião os mais representativos do pensamento de Jung no final de sua obra, mas é o volume *A dinâmica do inconsciente* que traz as formulações básicas de todo o

pensamento do autor e sua compreensão do psiquismo humano, mas Arquétipo e Inconsciente Coletivo é que seriam os principais conceitos do autor e, portanto, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* seria o livro mais importante, mas...

O problema estrutural criado pela estratégia editorial da *Collected Works of C. G. Jung* no qual cronologias, temas centrais e intenções autorais se misturam é o da sensação de uma eterna necessidade de introduções não só a partir dos próprios temas do autor, mas, também, a partir do conhecimento de vários campos como Mitologia e Religião comparada, Psiquiatria, Biologia, Psicologia, História e outros mais. Essa eterna necessidade de introduções externas e descuido cronológico nos levou a pensar o quanto a própria coleção não pode ser considerada, em si, introdutória.

5.2.2 Nem histórica, nem acadêmica e nem introdutória?

Tanto Shamdasani (2005) quanto Beebe e Falzeder (2013) pontuam que a *Collected Works of C. G. Jung* não é acadêmica e nem histórica. Onde o fazem, não desenvolvem amplamente o tema, restringindo-se a apontar questões como a não cronologia dos textos e a ausência de comentários críticos. Não podemos afirmar que o fato de não ter sido concebida a partir de tal desenho implica na afirmação de que a coleção seria, portanto, popular. Há certo entendimento dos editores da coleção de que a *Collected Works* é histórica, mesmo não trazendo elementos como passagens que evidenciem o desenvolvimento das ideias e comentários.

Ainda nos prefácios dos editores, encontramos algumas considerações sobre o que seria, ou pelo menos como entendiam, a dimensão histórica no trabalho de Jung. Façamos uma análise de tais passagens para, posteriormente, expormos por quais motivos também achamos pertinente acrescentar que, para além do fato de não ser histórica e acadêmica, a coleção não deveria ser tida como introdutória.

No *prefácio dos editores de Estudos psiquiátricos*, temos: “Para satisfazer também o aspecto do desenvolvimento histórico dos trabalhos de Jung, os editores tentaram uma conciliação entre a ordem cronológica e temática da *Obra Completa*” (JUNG, 2012⁰, p.7). E mais adiante: “Conceitos técnicos usados nos escritos mais antigos foram posteriormente substituídos por Jung e/ou empregados com sentido novo e mais adequado. Quando ele mesmo não trocou esses conceitos por outros, foram mantidos na *Obra Completa* para resguardar a fidelidade histórica” (p.10).

Analisando o trecho, podemos vislumbrar algo da compreensão editorial sobre o que confere ou não caráter histórico a um texto. Nesse caso, parece que a ideia de histórico se aproxima da ideia de antigo ou, até mesmo, defasado, pois, tal atributo se faz presente quando o autor não substitui determinados conceitos. Se a substituição é vista com algo que torna o texto mais adequado, atualizado, e a não substituição em si confere o caráter histórico, podemos pensar que histórico e defasado não estariam tão distantes nessa concepção.

Já a expressão “fidelidade histórica” utilizada pelos editores permite outro tipo de análise. Ela parece dizer respeito ao fato dos editores acompanharem os desígnios do autor: quando este substitui os termos, os editores também o fazem. Quando o autor mantém os termos, também o fazem os editores. Contudo, se há essa menção dos editores no prefácio, o mesmo não podemos dizer do ato de indicar nos textos que determinado termo ali empregado encontra-se em determinada versão. A simples menção da data de publicação original e da data da última versão não permite saber o que de fato foi alterado e, mais uma vez, devemos lembrar os casos em que apenas parte de um mesmo texto foi alterada, o que implica que em um mesmo texto podemos ter conceitos sendo empregados de modo diferente.

Se acrescentarmos o fato de que muitos dos escritos de Jung não foram revistos pelo autor para a *Collected Works*, não porque não precisassem, mas porque não houve tempo (BISHOP, 1998a, 1998b), perceberemos que a ideia de fidelidade histórica conforme anunciado pelos editores fica ainda mais frágil: manter o formato de um texto por fidelidade histórica, seja lá o que isso quer dizer, e manter o formato de um texto porque não foi possível revisar o mesmo são, em essência, motivos diferentes com repercussões distintas.

Se as modificações dos conceitos ocorreram, sobretudo, nos escritos mais antigos, como dizem os editores no prefácio, temos mais um indicativo do movimento de tentativa de conferir e criar uma direção para qual as ideias de Jung convergem e devem ser entendidas. Desse modo, temos a impressão de estarmos diante de uma concepção singular de fidelidade histórica, na qual a mesma parece ser mais uma falta de opção encerrada pela morte do autor e a impossibilidade da atribuição de sentidos ditos mais novos e adequados para trabalhos mais antigos, do que uma tentativa de compreensão do desenvolvimento de suas ideias.

Outro momento da *Collected Works of C. G. Jung* no qual temos uma compreensão do termo histórico enquanto algo datado e, talvez, ultrapassado, está no *prefácio dos editores* do volume 3 da coleção, *Psicogênese das doenças mentais*:

Os artigos sobre psicogênese das doenças mentais de C.G. Jung pertencem, na maior parte, às primeiras publicações do autor. São [sic] o primeiro ponto

alto de sua produção, ainda predominantemente psiquiátrica. Não se pode avaliar cabalmente a importância deles para a compreensão do trabalho de pesquisa de C.G. Jung. Embora alguns tenham hoje um interesse apenas histórico, no conjunto nada perderam de sua importância para o campo da psiquiatria (JUNG, 2013v, p.7).

Ainda que considerados importantes, os textos antigos estão em uma diferente categoria de importância, a importância histórica. Curiosa é a colocação dos editores sobre a relevância que tais estudos representam dentro do todo que é a coleção: é importante, mas não é possível avaliar tal importância. A locução “apenas histórico” não deixa entrever quem atribui esta limitação, se seriam os próprios editores ou, quem sabe, o público. No entanto, não deixa de transmitir a ideia de um diferencial qualitativo. Dizer de uma produção predominantemente psiquiátrica também é apresentar recortes temporais/temáticos com diferentes níveis de importância.

Já no *prefácio dos editores* ao volume 5 da coleção, *Símbolos da transformação*, temos:

A nova versão como um todo é mais ampla. Muitos trechos novos foram introduzidos e, por outro lado, páginas inteiras foram suprimidas. [...] A ideia fundamental amadureceu por completo: frequentemente – aqui e ali talvez lamentavelmente – deixando de mostrar um processo de pensamento, esclarecimentos, exemplos e comparações. Mas em outros trechos o novo texto se tornou menos abstrato e “difícil” (JUNG, 2013s, p. 9).

Apesar deste trecho não fazer menção diretamente ao aspecto histórico do livro em questão, temos a colocação dos editores de que foram retiradas passagens que poderiam mostrar o desenvolvimento de uma proposta e contribuir com o esclarecimento dos temas. Qual teria sido o motivo havendo conhecimento de que as passagens contribuiriam para o entendimento do leitor? Se levarmos em consideração que grande parte das reformulações realizadas por Jung em *Símbolos da Transformação* tinha por objetivo se livrar da linguagem predominantemente psicanalítica das primeiras edições de 1911 e 1912, poderíamos supor que tais passagens foram vítimas deste objetivo.

A partir desse exemplo, chegamos a uma encruzilhada a respeito do que seria o aspecto histórico de uma obra. Diante do argumento de que ao extirpar a linguagem psicanalítica de seus escritos o próprio autor estaria empreendendo uma atitude a-histórica para com sua obra, podemos pensar sobre os limites de tal ponderação, pois, não estaria assim o autor também inaugurando seu próprio projeto de Psicologia e, portanto, conferindo nova

historicidade ao seu trabalho? No entanto, ao pensarmos no aspecto cumulativo e não excludente das experiências de um autor, podemos dizer da escolha de uma coexistência ou da procura por evidenciar e tornar canônico apenas determinados pontos do percurso.

No *prefácio dos editores* do volume 6 da coleção, *Tipos psicológicos*, lê-se: “O escrito é um marco na obra de Jung e de interesse histórico. Por isso foi mantido, quase totalmente, em sua redação original. Ao leitor é possível, então, acompanhar o nascimento e o desenvolvimento das ideias de Jung” (JUNG, 2012β, p.9). Temos a estratégia de canonização de um aspecto do trabalho do autor, sua tipologia como um marco; uma descrição pouco precisa, “quase totalmente”, indicando que os motivos da redação original ter sido algo preservada se deve ao próprio fato da obra ser um marco, sem, contudo, o título de marco não ser explicado; e a promessa de ser possível acompanhar o desenvolvimento das ideias do autor, afirmação curiosamente feita no livro do qual foi retirada a correspondência de Jung com Schmid-Guisan pelo fato de alguns editores não verem necessidade de se mostrar o desenvolvimento das ideias que levaram à tipologia.

No *prefácio dos editores* de *Dois escritos sobre Psicologia Analítica*, volume 7 da *Collected Works* (dividido em 7/1 e 7/2 na versão em português, mas com o mesmo prefácio em ambos volumes), temos:

As primeiras versões dos dois estudos têm seu valor do ponto de vista histórico, pois nelas encontramos as primeiras formulações dos conceitos da psicologia analítica, como são, por exemplo, o inconsciente pessoal e coletivo, o arquétipo, a *persona*, o *animus* e a *anima*, bem como as primeiras colocações sobre tipologia. Ao reeditarmos também esses textos primitivos, que representam os primeiros passos de um processo de elaboração através de várias décadas, oferecemos ao leitor a possibilidade de acompanhar a evolução das ideias de Jung (JUNG, 2012δ, p.8).

Os dois estudos em questão são *Psicologia do Inconsciente* e *O Eu e o Inconsciente*. Temos a menção dos primeiros trabalhos de Jung como primitivos, termo que evoca tanto a possibilidade de se fazer algum juízo de valor negativo quanto resgatar a ideia de primevo, inicial, e, mais uma vez, a promessa de que é possível acompanhar a evolução das ideias, trazendo novamente a questão de uma direção para a qual a obra aponta.

O que percebemos a partir dos usos do termo histórico pelos editores para se referirem ao tratamento dado aos textos, seja na forma de distribuí-los em uma ordem ou no entendimento sobre quando modificar determinados conceitos, é que trata-se de uma ideia que busca conferir à *Collected Works* certa direção: existiria o histórico e o atualizado, adequado.

Esta ideia emprega o sentido mais raso e questionável do adjetivo, histórico como algo do passado, algo que, em uma narrativa ordenada, foi superado e de interesse para apenas alguns poucos curiosos.

Como vimos no *prefácio dos editores a Símbolos da transformação* e no episódio da correspondência de Jung com Schmid-Guisan, tendo os editores optado por retirar passagens nas quais eram possíveis perceber o esforço do autor em desenvolver suas propostas, a própria ideia de uma atualização e direção torna-se difícil de ser percebida com a leitura dos textos, parecendo, portanto, ser mais uma ideia incutida pelos editores do que uma percepção simples e/ou unidirecional de ser obtida pelo leitor a partir de seu próprio contato com a coleção.

Para além dos problemas com a cronologia, tanto Shamdasani (2005) quanto Beebe e Falzeder (2013) trazem a ausência de comentários, também uma opção editorial baseada no entendimento do editor sênior da coleção Herbert Read de que isso concorreria contra a autoridade de Jung sobre os temas ali reunidos, como uma fragilidade para se considerar a coleção como histórica. A forma como o adjetivo é empregado pelos editores parece não considerar o que dizem historiadores como Ankesmit e Kellner (1995) que, ao discutirem os paradigmas e teorias da História sobre o trabalho do historiador com textos enquanto documentos históricos propõem que uma obra também é histórica, ou o é a partir disso, quando a mesma dialoga com seu entorno, e permite que o entorno também adentre-a, e não apenas quando a mesma é observada apenas do ponto de vista de uma pretensa coerência interna que a isola.

Retomando a ideia de circularidade em Ginzburg (1992) e da popularização a partir de Chartier (1995), o movimento e intenção editorial não impede que o leitor vulgar ou um leitor acadêmico possa ressignificar a *Collected Works*, mas, como dissemos anteriormente, faz sentir a influência de suas prescrições e limites dentro de um horizonte de construção de possibilidades para com a coleção.

Estando os problemas da cronologia e da organização dos temas anunciados na própria *Collected Works*, não podemos pensar que esta é uma questão da qual a comunidade de leitores de Jung esteja alheia. Na literatura junguiana, o grande número de trabalhos que propõem realizar uma introdução ao trabalho de Jung parece, na verdade, sugerir que houve um cuidado ou interesse por parte de determinados autores em contribuir com a criação de material que facilite e organize a compreensão dos trabalhos de Jung. Ainda hoje, são lançados livros introdutórios sobre o autor com a intenção de traçar paralelos entre sua vida pessoal e seu trabalho e, desse modo, organizar tanto eventos quanto conceitos. Assim é o

caso do mais recente trabalho de introdução lançado até a época, *Jung, an introduction* da analista junguiana Ann Casement. Em seu livro, Casement (2021) diz:

Ler Jung é um prazer misto, pois seus trabalhos escritos variam em conteúdo e estilo, indo da pompa excessiva e evidente descuido, como nas frequentes alusões à divagações mitológicas descontextualizadas, a contrabalanceados *insights* e primorosa sabedoria. [...] Todos estes diferentes estilos podem ser encontrados em um mesmo livro, uma vez que os volumes que compõem a *Collected Works* reúnem seleções de textos cada qual escrito após considerável período de tempo. Deve ainda ser notado que, frequentemente, Jung realizara a atividade de copiar e colar em vários de seus trabalhos; os perigos em proceder de tal modo estão evidenciados em suas diferentes visões sobre Freud dependendo da época de revisão [dos textos] (CASEMENT, 2021, p.xvi, tradução nossa)¹⁹⁷.

Apesar de Casement tocar no problema estrutural da organização da *Collected Works*, a coleção não é o foco de seu trabalho. Outras obras de introdução também tecem críticas à organização da *Collected Works*. Em texto para o *Compêndio da Cambridge sobre Jung*, o professor de Literatura e Língua Inglesa Terence Dawson diz:

Os editores da sua obra completa prestaram-lhe um imenso desserviço ao dividirem as obras por temas. A divisão temática chama a atenção para as opiniões de Jung sobre uma vasta gama de assuntos, como se os editores quisessem garantir que os junguianos conhecessem a opinião do mestre acerca de cada um dos temas. Se tivessem feito uma ordem cronológica dos trabalhos, as hesitações e reformulações de Jung teriam ficado tão evidentes quanto as de Freud (DAWSON, 2011, p.368, tradução nossa)¹⁹⁸.

Podemos capturar na fala de Dawson elementos que corroboram com nossa colocação de que a *Collected Works* seria uma obra de popularização de certa imagem do autor. Nesse caso, ao adotarem a estratégia de confeccionar volumes sobre diversos temas, por mais frágil

¹⁹⁷No original em inglês: “Reading Jung is a mixed pleasure as his written work varies in style and content from sounding grandiose and appearing slipshod, as it is accompanied by frequent allusions to decontextualised mythological ramblings, countered by marvels of wisdom and insight. [...] All these different styles may feature in the same book as the volumes that make up the *Collected Works* include a selection of essays in each written over a considerable period of time. It should further be noted that, at frequent intervals, Jung carried out a cut-and-paste job on his various works; the hazards of functioning in this manner are evidenced in his vastly different views of Freud depending on the time of revision” (CASEMENT, 2021, p.xvi).

¹⁹⁸No original em inglês: “The editors of his *Collected Works* did him an immeasurable disservice when they decided to divide his work by theme. The thematic division draws attention to his views about a wide range of issues, as if the editors’ concern was to ensure that Jungians knew the master’s opinion on each of these. Had the writings been ordered chronologically, as Freud’s were, all Jung’s hesitations and reformulations would have been self-evident” (DAWSON, 2008, p.275).

que o agrupamento dos mesmos seja, os editores estariam divulgando Jung como um grande conhecedor de variados assuntos. Apesar de sua observação sobre a *Collected Works*, nem o texto de Dawson e nem o *Compêndio da Cambridge sobre Jung* tem a coleção como foco.

Em nossa busca, encontramos apenas dois livros dedicados a analisar a *Collected Works*. Tratam-se de *An introduction to the Collected Works of C. G. Jung*, do junguiano Clifford Mayes, e *A guided tour of the Collected Works of C. G. Jung*, do junguiano Robert Hopcke, traduzido pela Editora Vozes no Brasil como *Guia para a Obra Completa de C. G. Jung*. A respeito da leitura da *Collected Works*, Hopcke (1989) diz:

A noção curiosa de que para se ler um volume da *Collected Works* é necessário incontáveis anos de esforço e estudo acadêmico não é verdadeira. A ideia de que Jung é difícil de ler, de que ele não escrevia bem ou que seu alemão não pode ser bem traduzido para o inglês também não é verdade, assim como a noção de que sua escrita é desorganizada, aleatória e intuitiva e, portanto, não faz sentido. A verdade é que a maioria, se não todos os escritos de Jung, é acessível ao público geral desde que haja uma breve introdução aos seus conceitos e sua forma de usá-los, assim como uma noção de por quais escritos começar e quais deixar para depois (HOPCKE, 1989, p. 13, tradução nossa)¹⁹⁹.

Em seu livro, Hopcke (1989) divide o trabalho de Jung em quatro grandes eixos, cada um composto por vários temas e conceitos, para os quais o autor propõe uma nova ordem de leitura dos textos, estes divididos também em quatro categorias: *To begin*, *To go deeper*, *Related works* e *Secondary sources* (Para começar, Para se aprofundar, Trabalhos semelhantes e Fontes secundárias). O último eixo apresentado por Hopcke (1989) é o eixo que contém os trabalhos ligados ao tema da Alquimia. Interessante é observarmos a fala do autor em sua introdução deste eixo, pois, para ele, não seriam textos indicados para iniciantes, pessoas que não possuem noções prévias do trabalho de Jung. Como anteriormente exposto, os editores em diversos prefácios aos volumes da *Collected Works* apresentam a Alquimia como um tema central e, em alguns momentos, como “o” tema central, o que justificaria a própria inauguração da publicação dos livros individuais da coleção com um dos volumes sobre o tema, *Psicologia e Alquimia*.

¹⁹⁹No original em inglês: “The curious notion that to read a volume of the Collective Works will require untold academic effort and years of study is not true. The idea that Jung is hard to read, that he did not write well, or that his German does not translate well into English is also not true, nor is the notion that Jung’s writing is disorganized, haphazard, and intuitive and so does not make sense. The reality is that much, if not all, of Jung’s writing is accessible to a general readership if one were to have a brief introduction to a concept as Jung uses it and if one were to know which writings to begin with and which to save for later” (HOPCKE, 1989, p. 13).

A partir da colocação de Hopcke (1989) de que a escrita de Jung não seria confusa, podemos resgatar algumas falas que promulgam o contrário. Assim diz o filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005):

O limite, como nos ensinou Kant, não é uma fronteira externa, mas uma função da validade interna de uma teoria. A Psicanálise é limitada por aquilo que a justifica, a saber, sua decisão de reconhecer nos fenômenos da cultura apenas o que recai sob as resistências e a economia do desejo. Devo admitir que tal firmeza e rigor me faz preferir Freud a Jung. Com Freud, sei onde estou e para onde vou; com Jung, tudo corre o risco de ser confundido: o psiquismo, a alma, os arquétipos, o sagrado (RICOEUR, 1965, p.177, tradução nossa)²⁰⁰.

A fala de Ricoeur é de 1965 e, nesta época, treze dos dezoito volumes da *Collected Works* já haviam sido publicados em língua inglesa, e quatro volumes na edição alemã (ver Apêndice A). Por mais que a fala de Ricoeur pareça fazer referência a própria estrutura da Psicologia Analítica e os fenômenos da qual a mesma se ocupa, podemos nos indagar sobre o quanto desta crítica teria origem na leitura de textos no formarto *Collected Works*, sendo a própria coleção, sem a introdução necessária da qual nos diz Hopcke (1989), a possível causadora desta impressão de grande confusão.

Semelhante a fala de Ricoeur é a fala de Freud sobre a falta de clareza das propostas de Jung. Ao dizer dos movimentos de dissidência da Psicanálise que resultaram na criação do projeto de Psicologia do austríaco Alfred Adler (1870-1937) e de Jung, Freud diz:

[...] o de Adler é, sem dúvida alguma, o mais importante; embora radicalmente falso, apresenta consistência e coerência. Além disso, se baseia, apesar de tudo, numa teoria dos instintos. A modificação de Jung, por outro lado, afrouxa a conexão dos fenômenos com a vida instintiva; e além disso, conforme seus críticos (p. ex. Abraham, Ferenczi e Jones) ressaltaram, é tão obscura, ininteligível e confusa a ponto de se tornar difícil assumir uma posição em relação a ela. Quando se pensa que se entendeu alguma coisa, pode-se ficar preparado para ouvir dizer que não se entendeu e não se pode saber como tirar uma conclusão correta. Tudo é formulado de uma maneira particularmente vacilante, ora como “uma divergência sutil que não justifica o escarcéu que se fez em torno dela” (Jung), ora como uma nova mensagem de salvação que irá iniciar uma nova era para a psicanálise, e mais ainda, uma nova *Weltanschauung* para todo. Quando se pensa nas várias

²⁰⁰No original em francês: “La limite, comme nous l'a enseigné Kant, n'est pas une borne extérieure, mais une fonction de la validité interne d'une théorie. La psychanalyse est limitée par cela même qui la justifie, à savoir sa décision de ne connaître dans les phénomènes de culture que ce qui tombe sous une économie du désir et des résistances. Je dois dire que c'est cette fermeté et cette rigueur qui me font préférer Freud à Jung. Avec Freud je sais où je suis et où je vais; avec Jung, tout risque de se confondre: le psychisme, l'âme, les archétypes, le sacré” (RICOEUR, 1965, p.177).

incoerências reveladas em diversos pronunciamentos públicos e privados feitos pelo movimento junguiano, somos levados a perguntar quanto disso se deve à falta de clareza e quanto à falta de sinceridade (FREUD, 2006, p.70-71)²⁰¹.

A crítica de Freud se dá em um período de grande animosidade entre os dois autores e, semelhante a crítica de Ricoeur (1965), parece dizer mais das bases do projeto de Psicologia de Jung do que de seus escritos. O primeiro livro no formato *Collected Works* aparece trinta e nove anos após esta colocação de Freud e quatorze anos após sua morte. Freud definitivamente não estava se referindo à coleção, mas podemos pensar o quanto a fala do psicanalista somado as peculiaridades da *Collected Works* pode ter contribuído para que as propostas e escritas de Jung fossem vistas como obscuras e inteligíveis.

Já Mayes (2017), em seu *An introduction to the Collected Works of C. G. Jung*, diz que Jung entendia sua coleção como um grande léxico, um dicionário:

[...] Jung ofereceu um tipo de “dicionário” de termos e construtos que são resultados tanto de seu prodigioso estudo quanto de suas experiências clínicas e pessoais. O desejo de Jung era de que o leitor de seu “léxico” pudesse utilizar seu conteúdo de modo que este o oferecesse uma variedade de possibilidades psicoespirituais a ser explorada. Este conteúdo o leitor poderia empregar para avançar em sua jornada em direção ao centro de sua personalidade, onde, paradoxalmente, o Centro universal reside. Desse modo, o particular e o universal poderiam se unir em atos de individuação. É nesse espírito que apresento nesse livro os elementos básicos do “léxico” de Jung (MAYES, 2017, p.12, tradução nossa)²⁰².

²⁰¹No original em alemão: “[...] ist die Adlersche unzweifelhaft die bedeutsamere; radikal falsch, ist sie doch durch Konsequenz und Kohärenz ausgezeichnet. Sie ist auch noch immer auf eine Triblehre gegründet. Die Jungsche Modifikation da-gegen hat den Zusammenhang der Phänomene mit dem Tribleben gelockert; sie ist übrigens, wie ihre Kritiker (Abraham, Ferenczi, Jones) hervorgehoben, so unklar, undurchsichtig und verworren, daß es nicht leicht ist, Stellung zu ihr zu nehmen. Wo mansie antastet, muß man darauf vorbereitet sein, zu hören, daß man sie mißverstanden hat, und man weiß nicht, wie man zu ihrem richtigen Verständnis kommen soll. Sie stellt sich selbst in eigentümlich schwankender Weise vor, bald als »ganz zahme Abweichung, die das Geschrei nicht wert sei, das sich darum erhoben habe« (Jung), bald als neue Heilsbotschaft, mit der eine neue Epoche für die Psychoanalyse beginne, ja, eineneue Weltanschauung für alle übrigen. Unter dem Eindruck der Unstimmigkeiten zwischen den einzelnen privaten und öffentlichen Äußerungen der Jungschen Richtung wird man sich fragen müssen, wie groß daran der Anteil der eigenen Unklarheit und der der Unaufrichtigkeit sei (FREUD, 1946, p.106-107).

²⁰²No original em inglês: “[...] Jung was offering a kind of “dictionary” of terms and constructs that were the results of both his prodigious studying as well as his personal and clinical experiences. Jung’s hope was that the reader of this “lexicon” could use its itens in such a way that it would offer that person a variety of psychospiritual possibilities to explore. These the reader could employ to further his own unique journey to a very personal center, where, paradoxically, the universal Center resides. In this way, the particular and the universal could be wedded in acts of individuation. It is in this spirit that I present the basic elements of Jung’s “lexicon” in this book” (MAYES, 2017, p.12).

Mayes enxerga uma aplicação prática para a *Collected Works* como uma espécie de dicionário para o crescimento individual do leitor. Desse modo, temos dois livros dedicados à análise da coleção, mas apenas um oferece certa visão crítica e uma nova proposta de ordem de leitura dos textos. O livro de Mayes funciona dentro da mesma lógica de outras obras que pretendem organizar o trabalho de Jung a partir de elementos biográficos reforçando a narrativa de que o trabalho de um autor é mais bem conhecido quando sua vida também o é.

Alan C. Elms, professor de Psicologia da University of Califórnia e estudioso de psicobiografias, em artigo intitulado *Jung's lives*, analisa os principais textos que buscaram descrever a vida do autor. Elms (2005) identificou quarenta textos, os quais agrupou em oito categorias, a saber: 1) autobiografias; 2) hagiografias; 3) patobiografias; 4) biografias profissionais; 5) biografias intelectuais; 6) biografias ilustradas; 7) biografias religiosas e 8) biografias conjuntas nas quais sua vida e trabalho são relacionados a Freud.

Para Elms (2005), a Psicologia Analítica tem permanecido forte e intimamente atrelada à figura de seu criador, o que explicaria o grande número de literatura que busca descrever a vida de Jung. No entanto, o autor diz que a Psicologia Analítica ainda não teria produzido seu próprio Ernest Jones ou Peter Gay, fazendo alusão às biografias que estes autores fizeram sobre Sigmund Freud, ou seja, biografias amplamente reconhecidas pelo próprio campo de estudo e que são consideradas valiosas como material de pesquisa sobre o autor.

Elms (2005) pontua que os textos sobre a vida de Jung oscilam entre produções razoáveis e textos extremamente medíocres e oferece em seu artigo um guia para a leitura dos textos sobre a vida do autor. As indicações levam em consideração os pontos fortes de cada texto visando obter uma bibliografia que se apoie em diversas fontes para que seja possível, assim, criar um amplo quadro que se aproxime do que teria sido a vida e o trabalho do médico suíço.

Um dos perigos de se promulgar a necessidade de conhecer a vida de Jung como requisito para a compreensão da *Collected Works* está no fato de muitos dos livros dedicados à biografia do autor se desenvolverem nos moldes de uma hagiografia como pontua Elms (2005), ou seja, há certa exaltação da figura de Jung e mais uma vez é colocada em questão sua genialidade e extrema capacidade em compreender certos assuntos de um modo que talvez não seja possível ao grande público. Nesse sentido, essa imagem de extrema capacidade do autor pode ser plasmada à coleção, deixando a impressão de que é necessário ser um gênio para compreender o trabalho de outro, o que vai de encontro a colocação de

Hopcke (1989) de que qualquer um poderia ler e compreender a *Collected Works* desde que seja guiado pela coleção.

Retomando a noção de tática de Certeau (1984), podemos tomar tanto o livro de Hopcke quanto de Mayes enquanto possibilidades de apropriação da *Collected Works*, não havendo, portanto, uma maneira mais digna do que a outra de se debruçar sobre a coleção. Ambos os autores ao apresentarem seus livros, se identificam enquanto praticantes da Psicologia Analítica e, portanto, leitores dos trabalhos de Jung. Podemos enxergar seus próprios livros como táticas de apropriação e diálogo com a obra estruturada do psiquiatra suíço, ou seja, comentários sobre a *Collected Works*.

Assim como Foucault (1981) sobre os comentadores, o historiador neerlandês Franklin Rudolf Ankersmit (1945 –) diz do excesso de produção de material desta natureza, resultando, inclusive, na substituição da leitura e do trabalho com o material original em função do trabalho com os textos comentados. Ankersmit (2001) traz o exemplo dos estudos acerca dos trabalhos políticos do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) que, na década de setenta, poderiam tranquilamente transcorrer com a utilização de dois bons comentadores sobre o assunto para além de textos do próprio filósofo. Já no final dos anos oitenta, qualquer um que quisesse se debruçar sobre o assunto teria que dispor de uma infinidade de livros e autores considerados essenciais a partir de uma lógica que promulga que nada que tenha sido falado sobre o tema pode ser ignorado.

Ao tomarmos um trecho no qual Ankersmit expõe a questão dos comentários sobre os trabalhos de Hobbes e substituirmos algumas palavras trazendo esta discussão sobre o excesso de comentadores para dentro do universo da *Collected Works of C. G. Jung*, podemos nos perguntar sobre o papel que tais atores desempenham na construção de narrativas sobre Jung e sua coleção e os modos pelos quais o leitor deve se aproximar ou tem se aproximado da mesma:

Existem dois aspectos desta superprodução não-intencional. Em primeiro lugar, a discussão sobre a obra de ~~Hobbes~~ [Jung] torna-se uma discussão sobre a interpretação da obra de ~~Hobbes~~ [Jung], em vez de ser uma discussão sobre a obra em si. O texto original às vezes parece ser pouco mais do que a quase esquecida razão da guerra de interpretações de hoje em dia. Em segundo lugar, por evidentemente prestar-se a múltiplas interpretações, o texto original de ~~Hobbes~~ [Jung] perdeu sua capacidade de funcionar como árbitro no debate dentro da ~~História~~ [Psicologia Analítica]. Devido a tantas interpretações, o texto em si tornou-se vago, uma aquarela na qual as linhas se fundem. Isto significa que a ingênua crença de que o texto poderia oferecer uma solução para nossos problemas de interpretação tornou-se tão absurda quanto crer em sinalização de rosa-dos-ventos. O resultado

paradoxal desta situação é que o texto em si não tem mais autoridade em uma interpretação e que nos sentimos até compelidos a recomendar que nossos alunos não leiam *Leviathan* [a *Collected Works*] independentemente; é mais fácil antes tentar encontrar um caminho através da selva das interpretações. Resumindo — não temos mais textos, mais passado, apenas interpretações destes (ANKERSMIT, 2001, pp. 113-114, colchetes e rasuras nossas).

Acreditamos que a necessidade de críticas à *Collected Works* não deve ser entendida como uma necessidade de substituição de sua leitura em prol dos comentadores e literatura semelhante, pois, a mesma ainda vigora como a coleção mais substanciosa de textos do autor e traz em si a possibilidade de pensarmos diversos discursos sobre Jung e a Psicologia Analítica.

Não podemos dizer que a simples existência de obras que procuram conferir ou propor outro tipo de ordenamento à *Collected Works* é um sintoma em si de que a coleção não possui uma ordem que facilite a compreensão dos textos ali reunidos. Para além do manuseio da coleção, tal sensação também se dá a partir da própria apresentação dos editores da *Collected Works* quanto ao conteúdo da mesma em seus prefácios, elegendo diversos temas como centrais, optando por determinado ordenamento e tratamento dos textos que dificulta a visualização do desenvolvimento das ideias do autor ao mesmo tempo em que sugerem a existência de um sentido para o qual a obra flui.

Entendendo o termo introdução não como algo raso, mas como um modo de caracterizar um formato que permita ao leitor compreender propostas complexas a partir de um tratamento que evidencie a progressão das ideias e temas contidos no material em questão, ou seja, que introduza o leitor em todos os momentos e profundidade da obra possíveis, acreditamos que na busca pelo avanço da discussão sobre o que seria ou não a *Collected Works*; objetivando com isso não limitar a coleção ou lançá-la ao ostracismo, mas, sim, explorar constantemente possibilidades de novas relações com o texto, podemos considerar que a *Collected Works* como concebida por seus editores não seria melhor caracterizada se tomada enquanto obra de introdução.

6 CAPÍTULO V: ORGANIZAÇÃO OU NORMATIZAÇÃO? DISCURSOS DE PODER SOBRE A *COLLECTED WORKS OF C. G. JUNG*

Por mais consagrada e divulgada que seja a obra de um autor, esta não se encontra a salvo do escrutínio e da ameaça de ser destronada. Este movimento pode acontecer tanto pelo surgimento de material até então inédito do mesmo autor quanto pelo surgimento de novos modos de lidar com velhos textos. Velhos, novos, inéditos e ultrapassados são adjetivos atribuídos a torto e a direito e, muitas vezes, com poucos critérios e de modo tendencioso, procurando atender às intenções de determinados grupos.

Como qualquer obra que perdura para além de seu autor, a sobrevivência da *Collected Works of C.G. Jung* até os dias de hoje está condicionada aos interesses de diversas personalidades e instituições que imprimem à coleção seus próprios projetos individuais. Nesse sentido, devemos analisar de que modo a existência de discursos de poder sobre o texto de Jung influencia o modo como nos relacionamos com seu trabalho.

6.1 JOGANDO FORA A CRIANÇA JUNTO COM A ÁGUA DO BANHO

Ao longo da edição alemã da *Collected Works of C. G. Jung, Gesammelte Werke von C. G. Jung*, encontramos cinco vezes derivações da expressão idiomática germânica *das Kind mit dem Bade ausschütten*, no correspondente em português: jogar fora a criança junto com a água do banho, ou, jogar a criança fora junto com a bacia. Em textos concebidos originalmente em alemão, a expressão aparece como figura de linguagem em ocasiões nas quais o autor alerta sobre o equívoco em descartar aspectos e partes valiosas de um discurso devido ao fato de o mesmo não ser bem recebido em sua totalidade.

A origem da expressão remonta ao século XVI e foi empregada por Jung ao dizer do perigo do pensamento moderno em querer jogar fora a compreensão dos eventos históricos em prol das inovações, perdendo o contato com o passado (JUNG, 2019e); ao dizer que os tratados alquímicos não devem ser descartados e vistos apenas como a busca por materiais preciosos e substâncias mágicas, mas como uma expressão inconsciente de busca pela compreensão da transformação e do sentido da vida humana (JUNG, 2011i); ao falar que a consciência cristã jogou fora, para o Inconsciente, valores pagãos importantes para a vida (JUNG, 2011a); ao dizer que o estudo psicológico das neuroses que não considera o valor positivo das fantasias infantis está jogando fora aspectos fundamentais para se pensar a criatividade humana (JUNG, 2019u) e, também, para dizer que críticas endereçadas à

Psicanálise acerca da Histeria correm o risco de jogar fora outras contribuições do método (JUNG, 2011g).

Se aplicarmos a expressão ao próprio trabalho de Jung, teremos, de um lado, os críticos contumazes de sua prática determinados a jogarem fora sua obra junto com a água da bacia e, do outro, teremos aqueles que buscam avançar algumas das discussões propostas pelo autor frente ao contexto da produção de conhecimento atual, uma tentativa de separar a criança da água suja do banho.

Nossa motivação em analisar as intenções existentes na concepção da *Collected Works* é a de avançar a discussão proposta por historiadores como Shamdasani, Beebe e Falzeder a respeito da coleção não ser histórica e acadêmica. Assim, ao propormos que a intenção da mesma seria, majoritariamente, a da popularização da figura do autor, em hipótese alguma propomos um encapsulamento da coleção, apenas acreditamos que definir um objeto por aquilo que ele não é seria uma forma empobrecida de caracterização do mesmo. A todo o momento, falamos da *Collected Works of C. G. Jung* enquanto um formato, mais um dos formatos a partir dos quais os trabalhos escritos do autor foram transmitidos para diferentes públicos ao longo das décadas.

A organização de textos em um determinado formato deixa rastros de intenções, ambições e finalidades. Não podemos dizer, entretanto, que todo novo formato possui a mesma direção e finalidade, afinal, como propõe Olivero (1999), o formato coleção é sobretudo uma estratégia editorial, portanto, novos editores pressupõe novos formatos, assim como novas edições pressupõe novas formas de compreender o autor.

Contudo, para não cairmos naquilo que Certeau (1984) descreveu como a criação de um vácuo a partir do qual cada nova coleção e formato deveriam ser compreendidos; a constante invenção da roda enquanto evento inédito desprovido de vínculo e lastro que, a todo o momento, joga os formatos anteriormente concebidos pela janela com banheira, água, criança e tudo mais, acreditamos que a análise de algumas instituições detentoras dos direitos autorais da produção de Jung nos fornece pistas quanto àquilo que está por trás de cada nova publicação e formato que venha a ocorrer: os discursos de poder sobre o autor.

6.2 QUEM MANDA EM JUNG? AS INSTITUIÇÕES E OS DIREITOS AUTORAIS

Este subtítulo traz como referência o livro editado por Casement (2007) denominado *Who owns Jung?* no qual a situação da Psicologia Analítica é historicamente analisada sob diversos aspectos, tais como seu desenvolvimento pela prática clínica, até as pesquisas

acadêmicas sobre o campo e seu criador. No livro, acadêmicos e analistas junguianos de diferentes nacionalidades discutem os novos rumos do campo, assim como apresentam breve histórico do desenvolvimento do estudo da Psicologia Analítica em seus respectivos locais de origem e/ou atuação.

6.2.1 Jung e o Instituto Federal Suíço de Tecnologia (Eidgenössische Technische Hochschule Zürich ou ETH Zürich)

O Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique (Eidgenössische Technische Hochschule Zürich ou ETH Zürich) tem sua origem na própria unificação da Suíça enquanto um estado federativo moderno. A constituição de 1848 que previa a unificação dos pequenos cantões suíços preconizava a criação tanto de uma universidade, quanto de um instituto politécnico para que o estado unificado recém-criado pudesse continuar se desenvolvendo. Após diversas contendas políticas, a verba disponibilizada permitiu apenas a criação de um instituto politécnico em 1854, denominado Instituto Federal Suíço de Tecnologia. Em 1855, algumas disciplinas começaram a ser ministradas no Instituto e, em 1893, a Psicologia passou a vigorar como um dos temas abordados (JUNG; FALZEDER, 2018).

Em 1933, Jung submete seu interesse em lecionar a disciplina de Psicologia Moderna ao Instituto, propondo o estudo da Psicologia em sua dimensão biológica, étnica, histórica, médica, filosófica e religiosa. O Instituto concedeu-o, inicialmente, permissão para lecionar durante oito semestres. As aulas de Jung consistiam em encontros semanais com duração de uma hora, das 18h às 19h. Em 1935, Jung é nomeado Professor Titular do Instituto Federal pelo Conselho Federal da Suíça e, na ocasião de seu afastamento do Instituto em 1941 em razão de problemas de saúde, havia lecionado treze semestres, cinco a mais do que o inicialmente previsto (JUNG; FALZEDER, 2018).

A experiência de Jung no Instituto não havia sido seu primeiro contato com a docência. Entre 1905 e 1913, havia lecionado na Universidade de Zurique em função de seu posto como assistente, e depois como médico residente, no Burghölzli, o hospital psiquiátrico da Universidade de Zurique. Os assistentes, médicos e residentes do hospital psiquiátrico da Universidade de Zurique também colaboravam como docentes na Universidade. Desse modo, Jung lecionara sobre Histeria, Psicopatologia, Psiquiatria e Psicanálise. Mesmo após sua saída do Burghölzli, Jung manteve seu posto de docência na Universidade de Zurique por alguns anos (JUNG; FALZEDER, 2018).

Na Universidade de Zurique, as aulas de Jung estavam voltadas para a formação e treinamento de médicos nas técnicas psicoterápicas. O Instituto Politécnico não possuía como objetivo o treinamento de médicos e psicoterapeutas e, desse modo, Jung pode ampliar as exposições e debates acerca da Psicologia Moderna, bem como sobre a Psicologia Analítica, o que resultou em auditórios lotados contando com 400 a 600 ouvintes por aula, entre os quais figuravam alunos do Instituto, membros do Clube Psicológico de Zurique e demais interessados no trabalho do autor (JUNG; FALZEDER, 2018).

A experiência de docência no Instituto Federal fora tão positiva para Jung que, em 1938, propôs a fundação de um instituto de formação de psicoterapeutas. A ideia, porém, não fora aceita nem pelo Instituto Federal, nem pela Universidade de Zurique que alegaram divergências quanto ao objetivo de Jung e a finalidade das instituições. A criação de um instituto de formação de psicoterapeutas só se daria dez anos após a proposta inicial de Jung com o aparecimento do Instituto Carl Gustav Jung, em Zurique (JUNG; FALZEDER, 2018).

O impacto do Instituto na vida e no trabalho de Jung pode ser inferido pelo seu desejo expresso em seu testamento redigido em 1958, no qual deixaria para a biblioteca do Instituto Federal sua obra literária. Com a morte de Jung em 1961, seguiu-se uma lenta preparação de transferência de direitos e propriedade de sua obra, tendo fim em 1977 quando seus herdeiros ratificaram a entrega dos documentos para o Instituto. A estimativa é de que tal material consista em cerca de cem mil páginas de manuscritos de natureza variada e cerca de trinta e cinco mil correspondências. Para além de tal volume cedido pelo próprio Jung, o Instituto recebeu, ainda, doações de documentos referentes a Jung de diversas pessoas ao redor do mundo. Os arquivos de Jung na biblioteca do Instituto Federal são de acesso público desde 1993 (JUNG; FALZEDER, 2018).

O Instituto Federal Suíço de Tecnologia tornou-se, desse modo, o principal guardião do trabalho de C. G. Jung, este reunido sob o nome *C.G. Jung-Arbeitsarchiv*, o Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung. No requerimento do Instituto para a consulta do Arquivo, encontramos:

O “Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung” da Biblioteca ETH é, em virtude do contrato de doação, acessível às partes interessadas “que confirmam a intenção de trabalhar cientificamente com o material”. O acesso é concedido apenas em concordância com os Regulamentos de uso da Biblioteca e o

“Acordo sobre o uso do Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung na Biblioteca ETH” (ETH-BIBLIOTHEK, n.d, p.1, tradução nossa)²⁰³.

Quanto ao Acordo sobre o uso do Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung na Biblioteca ETH, temos as informações:

Este Acordo regula a utilização do chamado Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung nas dependências dos Arquivos ETH da Universidade de Zurique. Em 1977, o Conselho Federal Suíço aceitou “a promessa de doação dos membros da Comunidade de Herdeiros do Prof. Dr. Carl Gustav Jung”, realizada na primavera do mesmo ano, a qual versava “sobre a transferência dos manuscritos e correspondências de C. G. Jung para a criação do Arquivo dos Trabalhos de C. G. Jung na Biblioteca ETH”. Este Arquivo foi construído pela Biblioteca ETH a partir 1980 (ETH-BIBLIOTHEK, n.d/ p.2, tradução nossa)²⁰⁴.

6.2.2 Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung (C.G. Jung-Erbengemeinschaft), Fundação Philemon (Philemon Foundation) e Fundação dos Trabalhos de C. G. Jung (Stiftung der Werk von C. G. Jung)

Com o falecimento de Jung em 1961, os direitos autorais de suas obras passaram para seus herdeiros, agora responsáveis pelos contratos de publicação e edição dos textos. A responsabilidade pela publicação em língua alemã das *Collected Works of C. G. Jung* também recaiu sobre sua família que, em 1981, fundou a Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung (C.G. Jung-Erbengemeinschaft), formado, principalmente, pela segunda geração de seus descendentes (HOERNI, 2011).

As edições e publicações dos textos de Jung, mesmo depois da dissolução da *Bollingen Foundation*, continuaram a obedecer ao formato *Collected Works*, Seminários,

²⁰³No original em alemão: “Das "C.G. Jung-Arbeitsarchiv" der ETH-Bibliothek ist, kraft Schenkungsvertrag, zugänglich für Interessierte, "welche sich darüber ausweisen, mit den Beständen wissenschaftlich arbeiten zu wollen". Für die Benutzung sind massgebend die Benutzungsordnungen der ETH-Bibliothek sowie die “Vereinbarung über die Benutzung des C. G. Jung-Arbeitsarchivs an der ETH-Bibliothek”” (ETH-BIBLIOTHEK, n.d, p.1).

²⁰⁴No original em alemão: “Die vorliegende Vereinbarung regelt die Benutzung des sogenannten C. G. Jung-Arbeitsarchivs innerhalb des Hochschularchivs der ETH Zürich. 1977 akzeptierte und verdankte der Schweizerische Bundesrat” das Schenkungsversprechen der Mitglieder der Erbengemeinschaft von Prof. Dr. Carl Gustav Jung” vom Frühling 1977, “betreffend Übereignung von Manuskripten und Korrespondenzen von C. G. Jung zur Errichtung eines C. G. Jung-Arbeitsarchivs an der Hauptbibliothek der Eidgenössischen Technischen Hochschule”. Dieses Archiv wurde von 1980 an aufgebaut und von der ETH-Bibliothek” (ETH-BIBLIOTHEK n.d, p.2).

Cartas e Biografias. Nenhuma expansão surgiu neste esquema de publicação até a década de setenta, com a edição de entrevistas, gravações de áudio e textos inéditos. Um novo interesse pelos trabalhos até então não divulgados de Jung apareceu na década de noventa e, assim, a Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung decidiu editar tal material. A falta da antiga estrutura fornecida pela extinta *Bollingen Foundation* se mostrou um empecilho para o projeto. Desse modo, um acordo de cooperação foi estabelecido com a Fundação Philemon em 2004 (HOERNI, 2011).

A criação da *Philemon Foundation* data de 2003, tendo sido idealizada por Stephen A. Martin (1952 -), analista junguiano, e Sonu Shamdasani (1962 -), historiador da Psicologia e da Psiquiatria, respectivamente presidente e editor chefe da instituição. As origens da criação da *Philemon Foundation* remontam ao final da década de oitenta quando Stephen Martin procurou Franz Jung (1908-1996), filho de Jung e principal responsável pelos escritos de seu pai na ocasião, para discutir o interesse de Jung em Arte, pois, almejava escrever um ensaio a respeito do tema.

Em entrevista concedida ao periódico junguiano *Psychological Perspectives*, Martin conta que a conversa com Franz Jung ocorreu em um clima agradável e amistoso até propor a publicação fac-símile do livro de Jung que viria a ser conhecido, posteriormente, como *Livro Vermelho*²⁰⁵. Martin sugeriu que o livro fosse publicado pela editora Shambhala Press em parceria com a Jung Foundation de Nova Iorque, ao passo que Franz Jung teria se irritado com a proposta e dito que tal material jamais seria publicado e que Martin não poderia ter acesso ao manuscrito, que se encontrava em um cofre num banco em Zurique (FRANTZ, 2010).

Em 1997, pouco mais de sete anos após Martin ter abordado sem sucesso Franz Jung sobre a publicação do *Livro Vermelho*, Shamdasani oferece a proposta de edição e publicação do material à família de Jung, de modo independente a Martin o qual ainda não conhecia na ocasião. Dois fatores foram decisivos para que, diferente de Martin, Shamdasani tivesse sua proposta considerada. Um dos fatores foi a morte de Franz Jung no ano anterior, o principal opositor dentro do círculo de herdeiros de Jung à publicação de materiais de cunho intimista e

²⁰⁵ O *Livro Vermelho* trata-se de um livro no qual Jung, por dezesseis anos, realizou exercícios de auto experimentação a partir de processos de imaginação, pinturas e escrita. O livro surgiu da necessidade do autor de compreender e dar vazão a seus processos internos como sonhos, pensamentos e imagens intrusivas que lhe saltavam à consciência. Este trabalho fora redigido em pequenos diários que, mais tarde, Jung compilou em um grande livro encadernado em couro vermelho, referindo-se a ele como O Livro Vermelho. Em 2020, a *Philemon Foundation* publicou os *Livros Negros*, os pequenos diários que deram origem ao *Livro Vermelho*.

pessoal de seu pai. O outro fator, para imensa surpresa dos herdeiros de Jung, foi o fato de Shamdasani já ter em sua posse dois manuscritos parciais e datilografados do *Livro Vermelho*, contendo apenas os escritos e não as imagens que seriam adicionadas na versão publicada (CORBETT, 2009). Como poderia um livro que após a morte de Jung fora trancado em um cofre de banco, o qual apenas alguns herdeiros possuíam acesso, possuir transcrições das quais a família não tinha conhecimento?

Os manuscritos aos quais Shamdasani obteve acesso proviam de duas fontes, um fazia parte da coleção pessoal de uma senhora, filha de uma tradutora que havia trabalhado com Jung, e o outro manuscrito se encontrava em uma biblioteca da Universidade de Yale, em uma coletânea de documentos pertencentes a um editor alemão²⁰⁶. A existência de tais cópias manuscritas do *Livro Vermelho* fez com que os herdeiros de Jung ponderassem algumas questões. Se existiam cópias manuscritas de tal trabalho, provavelmente Jung as teria distribuído para certas pessoas com o intuito de receber alguma devolutiva a respeito, o que poderia ser interpretado como um indício de um possível movimento rumo à futura publicação do material (CORBETT, 2009).

Outro problema era o fato do aumento no número de publicações de literatura difamatória a respeito de Jung e seu trabalho, assim como livros e demais escritos que se diziam referenciados em Jung, mas, na verdade, pouco ou nada tinham a ver com o trabalho do autor. Os manuscritos datilografados obtidos por Shamdasani significava que o material tido como inacessível não era tão exclusivo como os herdeiros de Jung pensavam e, cedo ou tarde, poderia ser publicado e sem o devido cuidado e seriedade necessária (CORBETT, 2009).

O interesse de Shamdasani na publicação do material inédito a respeito de Jung começou em 1994 quando o historiador, pesquisando no Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique, se deparou com uma lista finalizada em 1993 contendo uma relação dos manuscritos não publicados de Jung em posse da instituição. A partir desta data, Shamdasani começou suas negociações com a família de Jung, a qual demonstrou interesse na edição dos arquivos inéditos do autor. Em maio de 2000, os herdeiros de Jung fecharam o contrato da publicação do *Livro Vermelho* com Shamdasani, que recebeu determinada quantia para a realização do projeto assim como uma cópia integral colorida dos manuscritos necessários

²⁰⁶Sara Corbett não revela os nomes das pessoas que possuíam os manuscritos que foram entregues a Shamdasani.

para o empreendimento. Em 2001, foi publicamente anunciado a edição e futura publicação do *Livro Vermelho* (CASEMENT; SHAMDASANI, 2007).

Martin, que outrora havia tido seu pedido de publicação do *Livro Vermelho* vetado por Franz Jung, ao saber do anúncio de edição do mesmo, se propôs a encontrar com Shamdasani para discutir a questão. Em 2003, os dois marcaram de se encontrar em Londres. Durante a conversa, Shamdasani revelou a Martin que os fundos empregados na edição do livro se encontravam criticamente escassos. Mediante tais fatos e motivado pelo desejo de realização da tarefa de publicação do *Livro Vermelho*, outrora negada, assim como a publicação de possíveis outros materiais inéditos, Martin propõe a Shamdasani a criação de uma instituição para financiar o custeio da empreitada. Shamdasani aceita a proposta e Martin inicia a busca por possíveis financiadores e contribuintes para a fundação. Dentre os principais benfeitores iniciais estavam Gilda Frantz (1926 -), analista junguiana, presidente do Instituto C. G. Jung de Los Angeles na ocasião e que se tornaria diretora emérita da *Philemon Foundation*; James Hollis, analista junguiano, diretor executivo do C. G. Jung Educational Center em Houston na ocasião e que viria a se tornar vice-presidente emérito da *Philemon Foundation*, e a filantropa Carolyn Grant Fay (1914-2016), presidente e fundadora do C. G. Jung Educational Center em Houston (FRANTZ, 2010).

O trabalho com *O Livro Vermelho* exigia de Shamdasani constante contato com a Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung. Durante os anos que antecederam o acerto dos preparativos para o início da edição do livro em 2000, Shamdasani, que vivia em Londres, se deslocou inúmeras vezes para Zurique com o propósito de persuadir a família Jung a respeito do projeto (CORBETT, 2009). Este contato aproximou Shamdasani de Ulrich Hoerni, neto de Jung e presidente da Comunidade de Herdeiros de C. G. Jung, que passou a cooperar com a *Philemon Foundation* (FRANTZ, 2010).

Em 2004, a *Philemon Foundation* distribuiu durante o décimo sexto Congresso Internacional da Associação Internacional de Psicologia Analítica (IAAP – International Association for Analytical Psychology), em Barcelona, um panfleto no qual apresentavam tanto a fundação quanto os objetivos da mesma: a publicação completa dos trabalhos de Jung, em inglês e alemão, em uma edição de trinta volumes cujo conteúdo consistiria em manuscritos, seminários e correspondências (CASEMENT; SHAMDASANI, 2007).

No ano de 2006, após certo período de negociação entre a *Philemon Foundation* e o Wellcome Trust Centre for the History of Medicine, um centro de pesquisa e docência da University College London, UCL, foi estabelecido o Philemon Readership in Jung History na UCL, que consiste em um programa de pesquisa com foco em trabalhos históricos acerca de

Jung e da Psicologia Analítica, ligado à *Philemon Foundation*. A *Philemon Foundation* passou a receber, desde 2006, doações de variadas naturezas, indivíduos e instituições, inclusive, da Associação Internacional de Psicologia Analítica (CASEMENT; SHAMDASANI, 2007).

Com o surgimento de diversos grupos interessados na edição e publicação dos trabalhos inéditos de Jung, em 2007 a Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung foi dissolvida e um novo grupo foi estabelecido, a Fundação dos Trabalhos de C. G. Jung (*Stiftung der Werk von C. G. Jung*), com o objetivo de estabelecer novas diretrizes quanto a estruturação dos processos editoriais das obras do autor. As tarefas da nova Fundação consistiam na localização, identificação e disponibilização dos arquivos que seriam avaliados para edição, garantindo nesse processo a autenticidade do material (HOERNI, 2011).

A edição dos vinte volumes do trabalho de Jung publicados pela *Bollingen Foundation* recebeu o nome de *Collected Works*. A edição alemã recebeu o nome de *Gesammelte Werke* e, em português, *Obras Completas*. Ambos os títulos em inglês e alemão não possuem o significado de obras completas, mas, sim, de obras reunidas, coligidas, levando em consideração a incompletude do material ali reunido. O título de *Complete Works*, esse sim obras completas, foi o título dado pela *Philemon Foundation* ao projeto de edição dos textos ainda não publicados de Jung. A estimativa da fundação é de que as obras completas consistam em trinta volumes, para além dos vinte já existentes concebidos pela *Bollingen Foundation*, e que a conclusão das mesmas transcorra em um período estimado de trinta anos (KIRSCH, 2007). Se contarmos a partir da criação da *Philemon Foundation*, a finalização da edição das *Complete Works* está estimada para o ano 2034.

Desde a idealização das Obras Coligidas de C. G. Jung pela *Bollingen Foundation* e *Kegan Paul*, passando pela transmissão dos direitos das publicações de Jung para o Instituto Federal Suíço de Tecnologia, a criação da Comunidade dos Herdeiros de C. G. Jung e o surgimento da *Philemon Foundation*, temos um longo período de cinquenta e seis anos no qual a noção de completude dos trabalhos de Jung adquire diferentes significados. A importância dos assuntos tratados em seminários e correspondências ainda não editados poderia colocar em questão a solidez dos escritos até então conhecidos de Jung por meio do formato *Collected Works*?

6.3 A COLLECTED WORKS APÓS O LIVRO VERMELHO

A publicação do *Livro Vermelho* inaugurou uma nova direção dentro dos discursos de poder acerca do modo e das condições para se compreender a *Collected Works of C. G. Jung*. O livro é apresentado como o mais novo e importante centro de toda a obra do autor. A primeira linha de texto dentro do *Livro Vermelho*, após as informações catalográficas e de índice, trata-se de uma fala de Jung de 1957, estrategicamente reproduzida para conferir ao livro tamanho status. Na nota, lemos:

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida. Neles todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e que inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira (JUNG; SHAMDASANI, 2013a, p.7).

A função desta nota é transferir para o livro toda a importância que os exercícios de imaginação realizados por Jung a partir de 1913 até 1930 representaram em sua vida. Que os exercícios representam tamanha importância e significado na vida do autor, e que imagens e reflexões a partir dos mesmos estão registrados no *Livro Vermelho*, não restam dúvidas. É o discurso editorial ao utilizar a frase do autor para compor no imaginário do público leitor a magnitude da publicação que nos chama a atenção: o livro passa a ser tão importante, ou mais, quanto o fenômeno que descreve. Nesse mesmo sentido, no *prefácio à edição sem ilustrações* do *Livro Vermelho*, assinado por Ulrich Hoerni, neto de Jung e presidente da Comunidade de Herdeiros de C. G. Jung, temos:

Considerou-se muito a que tipo de público devia ser dirigida esta obra de varias camadas: Leitores profissionais de obras sobre a história da psicologia? O leitor em geral? Pessoas visualmente receptivas, orientadas para as imagens? Amantes da caligrafia? Colecionadores de belos livros? Quais aspectos o formato e o projeto da publicação deviam pôr em primeiro plano? Não foi fácil responder a estas questões, porque até a aparência física do precioso original parecia conter uma mensagem. Muitas propostas foram examinadas e descartadas. Foi a editora W. W. Norton quem finalmente encontrou a solução apropriada: uma edição fac-similar completa, que foi apresentada em seu formato original em 2009. O estrondoso sucesso comprovou que o editor estava certo. O livro difundiu-se rapidamente pelo mundo inteiro e já está disponível em nove línguas. Evidentemente, era possível planejar uma edição que fizesse justiça não só às múltiplas facetas

da obra, mas também aos diferentes tipos de público (JUNG; SHAMDASANI, 2013b, p.xi)²⁰⁷.

Podemos perceber que há uma mudança de estilo quando comparamos a fala de Hoerni com os prefácios dos editores da *Collected Works*. É exposta a preocupação para com o público-alvo, ou, melhor dizendo, a preocupação em como atender e agradar diversos públicos-alvo, missão que o neto de Jung julga ter sido alcançada, afirmação que busca conferir ao livro o status de unanimidade entre as diferentes comunidades de leitores.

Na apresentação de Shamdasani sobre o *Livro Vermelho*, temos:

[...] é espantoso perceber que o livro que está no centro de sua obra, no qual trabalhou por mais de dezesseis anos, só agora seja publicado. Provavelmente existem poucos trabalhos *inéditos* que exerceram efeitos tão vastos sobre a história social e intelectual do século XX quanto o *Livro Vermelho* de Jung, ou *Liber Novus* [Livro Novo]. Assim chamado por Jung por conter o núcleo de seus trabalhos tardios, já foi reconhecido como a chave para a compreensão da gênese desses trabalhos (JUNG; SHAMDASANI, 2013a, p.1)²⁰⁸.

Na fala de Shamdasani, editor do *Livro Vermelho*, percebemos novamente a ideia de um tema central assim como nos prefácios dos editores aos volumes da *Collected Works*. Nas palavras do editor, este novo e mais importante centro é a própria chave de compreensão de tudo o mais que foi escrito. O editor vai ainda mais além sobre a importância do livro, o mesmo é alçado à categoria de livros que impactaram a história. Se tomarmos o fato de que o livro foi originalmente publicado em 2009, podemos nos perguntar se nos dias de hoje temos elementos suficientes que corroborem tal afirmação, estudos críticos sobre o impacto da obra.

²⁰⁷No original em inglês: “Much consideration was given to what kind of audience this multilayered work should be directed: Professional readers of works on the history of psychology? The general reader? Visually receptive people, orientated toward images? Lovers of calligraphy? Collectors of beautiful books? Which aspects should the format and design of the publication foreground? These questions weren’t easy to answer, since even the physical appearance of the precious original seemed to contain a message. Many proposals were discussed and discarded. It was W. W. Norton that finally found the appropriate solution: a complete facsimile edition, which was presented in its original format in 2009. Overwhelming success proved that the publisher was right. The work rapidly spread worldwide and is already available in nine languages. Evidently, it was possible to design an edition that did justice not only to the many facets of the work but also to the different types of audience” (JUNG; SHAMDASANI, 2009b, p.vi).

²⁰⁸No original em inglês: “[...] it is startling to realize that the book that stands at the center of his oeuvre, on which he worked for over sixteen years, is only now being published. There can be few unpublished works that have already exerted such far-reaching effects upon twentieth-century social and intellectual history as Jung’s Red Book, or *Liber Novus* (New Book). Nominated by Jung to contain the nucleus of his later works, it has long been recognized as the key to comprehending their genesis” (JUNG; SHAMDASANI, 2009a, p.11).

Com tamanha importância atribuída a um único livro, não seria surpresa que à sua publicação seguisse uma infinidade de comentários e obras que o abordassem, esmiuçassem e o apresentasse como um guia para o crescimento pessoal. Dentre estes, o que nos chama a atenção não é um ou outro livro que apresente comentários sobre o *Livro Vermelho* em si, mas uma série de livros que promulgam que os textos do formato *Collected Works of C. G. Jung* devem ser relidos à luz do *Livro Vermelho* e o que ele representa.

Desde 2010, pela mesma *Princeton University Press* que assumiu a publicação da *Collected Works of C. G. Jung* e tomando de empréstimo o nome da histórica série *Bollingen Series XX*, criada por Mary Mellon na década de quarenta e reservada para designar apenas a coleção de escritos de Jung e destacá-la das demais séries da *Bollingen Foundation*, tem sido publicado diversos livros que, em essência, são recortes de agrupamentos temáticos de determinados textos da própria *Collected Works*. Em suma, são recortes temáticos a partir de um formato que já é, em si, essencialmente temático.

Tomemos como exemplo um dos livros, chamado *Dreams* (Sonhos). Em suas informações catalográficas pré-textuais, temos a descrição de que se trata da reunião de textos da *Collected Works* que abordam a questão dos sonhos, mais especificamente textos dos volumes 4, 8, 12 e 16. O mesmo se dá em outros livros como *The Undiscovered Self* (O Si-mesmo oculto); que reúne textos dos volumes 10 e 18 da *Collected Works*, e *Four Archetypes* (Quatro Arquétipos), que reúne textos apenas do volume 9/1 da *Collected Works*. O caso deste último é um tanto mais curioso, pois, lançado em 2011, além de trazer textos que figuram em apenas um dos volumes da coleção de Jung e, portanto, não trazendo o mesmo preceito dos outros de reunir textos de volumes diferentes, trata-se, praticamente, de uma releitura de um livro lançado em 1972 pela editora Routledge com o mesmo título e subtítulo, *Four Archetypes: Mother, Rebirth, Spirit, Trickster*.

Qual seria a razão de ser destes livros que, em essência, apenas reproduzem textos já publicados e conhecidos e que, além do mais, repetem uma fórmula considerada problemática que é a reunião temática de textos de Jung? A resposta para isso está na própria capa de tais livros, onde podemos ler: “com uma nova introdução de Sonu Shamdasani, editor do *Livro Vermelho*”. A intenção por trás desse “novo” formato pode ser observada na introdução compartilhada por esses livros, introdução nomeada *Lendo Jung após o Livro Vermelho*. Nela, temos:

Com a publicação do *Liber Novus* – O Livro Vermelho de Jung – surge um novo modo de leitura dos trabalhos do autor. Pela primeira vez, estaremos em posição de entender o estatuto do trabalho de Jung de 1914 em diante, e

observarmos suas tentativas de traduzir em linguagem aceitável para o público médico e científico seus *insights* quanto à existência de características típicas a partir da conexão entre seu autoexperimento e o trabalho com seus pacientes. Assim, a leitura do *Liber Novus* traz consigo a tarefa da releitura da *Collected Works* de Jung – que se dará por uma luz completamente nova (JUNG; SHAMDASANI, 2010, p.8, tradução nossa)²⁰⁹.

O quanto estes “novos” livros confirmam a promessa editorial da revolução causada pelo *Livro Vermelho* nos textos de Jung é algo difícil de mensurar quando os manuseamos. O que encontramos de diferente em relação aos textos na *Collected Works* é o acréscimo de algumas passagens do próprio *Livro Vermelho*, salpicadas entre um capítulo e outro, e, também, o acréscimo de algumas notas de rodapé pedindo ao leitor que confira alguns trechos também do *Livro Vermelho*. Enxergamos nesses acréscimos uma estratégia editorial de vinculação entre a *Collected Works* e o *Livro Vermelho*, a promessa de esclarecimento que, no entanto, fica sujeita as próprias conexões do leitor, este que, já influenciado pelo prefácio, talvez não tenha muita escolha em não fazê-las.

O que resta para ser publicado após o aparecimento de tamanha obra? Teriam os editores utilizado seu maior trunfo? A conversa de Shamdasani com James L. Mairs Jr. (1939-2016), um dos editores da W. W. Norton & Company, editora responsável pela publicação do *Livro Vermelho*, nos mostra que um novo trunfo sempre é possível no meio editorial: ““O que fazemos agora?”, Jim Mairs me perguntou no outono de 2009, após a publicação do *Liber Novus*. Eu sugeri os *Livros Negros*, então em exposição pública pela primeira vez no Rubin Museum em Nova York. A *Philemon Foundation* assumiu o projeto (JUNG; SHAMDASANI, 2020a, p.7).²¹⁰

Como dito anteriormente, os *Livros Negros* são os diários no qual Jung transcrevia os elementos de seu auto experimento, os quais serviram de base para a confecção do que ficaria conhecido como *Livro Vermelho*. Se tomarmos os diários como rascunhos, qual poderia ser o

²⁰⁹No original em inglês: “With the publication of *Liber Novus*—Jung’s Red Book—a new chapter opens in the reading of Jung’s works. For the first time, one is in a position to grasp the constitution of Jung’s work from 1914 onward, and to trace the intimate connections between his self-experimentation and his attempts to determine the typical features of this process through his work with his patients and translate his insights into a language acceptable to a medical and scientific public. Thus, reading *Liber Novus* brings with it the task of rereading Jung’s *Collected Works*—much of which appears in a wholly new light” (JUNG; SHAMDASANI, 2010, p.8).

²¹⁰No original em inglês: ““What do we do now?” Jim Mairs asked me in the autumn of 2009, on the publication of *Liber Novus*. I suggested *The Black Books*, then on public display for the first time in the Rubin Museum in New York. The *Philemon Foundation* took on the project” (JUNG; SHAMDASANI, 2020b, p.7).

possível interesse na publicação do mesmo? A colocação de Foucault (2009) sobre os limites do que deve ser publicado nos ajuda a pensar tal questão:

[...] será que tudo o que ele [o autor] escreveu ou disse, tudo o que ele deixou atrás de si faz parte de sua obra? Problema ao mesmo tempo teórico e técnico. Quando se pretende publicar, por exemplo, as obras de Nietzsche, onde é preciso parar? É preciso publicar tudo, certamente, mas o que quer dizer esse “tudo”? Tudo o que o próprio Nietzsche publicou, certamente. Os rascunhos de suas obras? Evidentemente. Os projetos dos aforismos? Sim. Da mesma forma as rasuras, as notas nas cadernetas? Sim. Mas quando, no interior de uma caderneta repleta de aforismos, encontra-se uma referência, a indicação de um encontro ou de um endereço, uma nota de lavanderia: obra, ou não? Mas, por que não? E isso infinitamente. Dentre os milhões de traços deixados por alguém após sua morte, como se pode definir uma obra? A teoria da obra não existe, e àqueles que, ingenuamente, tentam editar obras falta uma tal teoria e seu trabalho empírico se vê muito rapidamente paralisado (FOUCAULT, 2009, p.269-270)²¹¹.

A partir de Foucault (2009), podemos pensar nas diferenças entre a existência de um corpo teórico que, de algum modo, corresponde ao trabalho realizado em vida pelo autor, e a existência da obra do autor enquanto criação editorial que segue avançando mesmo após a morte daquele. Publicar até mesmo depois de morto! Talvez esse fosse um dos piores pesadelos de um autor como Jung que insistia em afirmar não ter sido compreendido. Quem dirá ser compreendido após a morte, na qual a possibilidade de argumentação por parte do autor sobre aquilo que dele e de seu trabalho é dito não se faz possível. Nesse sentido, Chartier (2014) nos conta a história do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), que expressava seu desejo de que seus escritos durassem apenas o mesmo tanto que ele e, se possível, gostaria que os mesmos fossem enterrados junto a ele, assim como em tempos idos os pertences e animais de um indivíduo compartilhavam de seu destino.

Retornando aos *Livros Negros*, o que trazem de novidade? Podemos observar diversas notas de rodapé acompanhando passagens do texto, muitas das quais indicam que o trecho ali

²¹¹No original em francês: “est-ce que tout ce qu'il a écrit ou dit, tout ce qu'il a laissé derrière lui fait partie de son oeuvre? Problème à la fois théorique et technique. Quand on entreprend de publier, par exemple, les oeuvres de Nietzsche, où faut-il s'arrêter? Il faut tout publier, bien sûr, mais que veut dire ce « tout »? Tout ce que Nietzsche a publié lui-même, c'est entendu. Les brouillons de ses oeuvres? Évidemment. Les projets d'aphorismes? Oui. Les ratures également, les notes au bas des carnets? Oui. Mais quand, à l'intérieur d'un carnet rempli d'aphorismes, on trouve une référence, l'indication d'un rendez-vous ou d'une adresse, une note de blanchisserie: oeuvre, ou pas oeuvre? Mais pourquoi pas? Et cela indéfiniment. Parmi les millions de traces laissées par quelqu'un après sa mort, comment peut-on définir une oeuvre? La théorie de l'oeuvre n'existe pas, et ceux qui, ingénument, entreprennent d'éditer des oeuvres manquent d'une telle théorie et leur travail empirique s'en trouve bien vite paralysé” (FOUCAULT, 1994, p.794).

contido não se encontrava anteriormente publicado no *Livro Vermelho*. Temos, assim, a situação na qual uma nova publicação traz consigo elementos até então inéditos dentro do que foi escrito pelo autor em questão (ou, nesse caso, publicado pelos editores), diferentemente da publicação de um comentário sobre uma obra já conhecida no qual o que é novo não é o texto analisado, mas o ponto de vista e as considerações tecidas pelo comentador.

Acreditamos que a publicação de materiais ditos inéditos suscita questões no imaginário das comunidades de leitores a respeito dos editores dos mesmos: como conseguiram acesso aos textos? Onde o material original se encontrava? Que acordos possuem com os detentores dos direitos desses escritos, muitos de cunho extremamente pessoal? Quem está concentrando o poder de dizer o que deve ou não ser publicado sobre o autor nesse momento?

Assim como Foucault (2009) pontua que a publicação de tudo, inclusive de material que possa ser tido como relevante pela comunidade de leitores, não caracteriza por si uma obra ou a continuidade de uma obra já existente, temos Ankersmit (2001) dizendo dos excessos de publicação sobre um autor ou tema:

Esta enchente de literatura histórica nos dá não somente uma sensação de forte desalento, como também esta superprodução, inegavelmente, tem algo de pouco civilizado. Associamos civilização com, entre outras coisas, um senso de moderação, um meio-termo entre o excesso e a falta. Porém, qualquer senso de moderação parece ter se perdido no nosso atual alcoolismo intelectual. Esta comparação com o alcoolismo é também muito justa porque o livro ou artigo mais recente sobre um tema qualquer também pretende ser o mais novo drink intelectual (ANKERSMIT, 2001, p.114).

As considerações de Ankersmit nos provoca uma delicada e contundente questão: será que a própria produção acadêmica, ou pelo menos o modelo atual de superprodução, teria sido contaminada pelas estratégias editoriais de criar cada vez mais novos materiais sobre um autor ou tema? A partir da leitura dos *Livros Negros*, nos foi possível observar referências à existência de outros diários nos quais Jung anotava seus sonhos e diários de sua adolescência. Nos perguntamos quanto tempo levará para que esses também sejam editados como a mais nova e importante publicação do meio junguiano.

Ainda sobre os *Livros Negros*, quando comparamos sua crueza em relação ao *Livro Vermelho*, acreditamos ser possível observar mais uma intenção editorial que diz respeito aos discursos de poder dos editores sobre um autor ou campo. Ambos os livros são reproduções fac-similares, ou seja, trazem em suas edições fotografias do material original, buscando

respeitar a mesma escala destes. Sendo o *Livro Vermelho* uma transcrição realizada pelo próprio Jung de seus diários que deram origem aos *Livros Negros*, já existe naquele a preocupação do autor de passar a limpo o material anteriormente anotado. Jung empregou uma bela caligrafia gótica neste momento de transcrição, reproduzida na edição fac-similar do mesmo.

Os *Livros Negros* também foram publicados em versão fac-similar, mas agora mostrando a caligrafia original do autor reproduzindo até mesmo as manchas de tinta, falhas e rasuras do original. O que está por trás dessa estratégia editorial? Qual impacto a grafia original das palavras do autor causa no público leitor?

6.4 EDIÇÕES FAC-SIMILARES: O QUE JUNG *REALMENTE* DISSE?

Este subtítulo também faz referência à outra obra de um autor junguiano, o livro *What Jung really said*, do psiquiatra irlandês Edward Armstrong Bennet (1888-1977). Bennet descreve os livros de Jung como duros de ler, pois, este evitava grandes conclusões e dogmatismos em suas colocações, uma vez que não era sua principal intenção erigir um novo sistema psicológico, apenas compartilhar seus achados. Bennet (1983) ressalta que o fato do objeto de estudo de Jung; a complexidade do psiquismo humano, não permitir afirmações conclusivas acabou tendo reflexo em sua escrita, algo também intencionalmente cultivado por Jung, mas que, em contrapartida, abriu margem para mal-entendidos.

Qual a melhor forma de evitar mal-entendidos? Ora, é justamente saber o que o autor realmente disse. Como saber o que o autor realmente disse quando este não está mais entre nós? Como dissemos anteriormente, os comentadores modificam a questão do “o que o autor realmente disse” para “o que o autor realmente quis dizer”, mas aqueles que estão interessados na ideia de uma verdade pura e incontestável poderiam afirmar categoricamente: basta ver nos documentos originais. Assim, chegamos na questão das edições fac-similares enquanto discurso de poder sobre a verdade em um autor.

Chartier (2014) descreve as edições fac-similares enquanto um fetichismo permitido pela popularização das técnicas de fotografia no final do século XIX: ver a letra do autor conferia legitimidade aquilo que fora meramente transcrito e copiado por outrem, ou uma máquina, em uma gráfica. Contudo, o historiador nos informa que as novas teorias e possibilidades de interpretação de textos que surgiram no final do século XX, estas não mais preocupadas com a ideia de uma única verdade que seria extraída da grafia original, transformaram as edições fac-similares em um apelo meramente estético, reservado, na

maioria das vezes, para edições de luxo, reduzidas a uma estratégia editorial de diferencial na precificação entre os tipos de edição.

Acreditamos, porém, que a ideia da grafia original do autor e das edições fac-similares no campo da Psicologia adquire um contorno todo especial e mágico no imaginário do público leitor, pois, afinal, estamos falando do campo que dedicou-se por muito tempo à Grafologia, o estudo da personalidade por meio da análise da caligrafia do indivíduo.

A análise de aspectos inconscientes de um indivíduo a partir de sua escrita era algo comum e pertencente ao contexto de Jung, o que fica claro na leitura de algumas de suas cartas, como, por exemplo, em carta para o psicanalista Sándor Ferenczi (1873-1933) de 01 de outubro de 1907:

Quando comparo sua última carta com as primeiras, percebo que sua caligrafia se modificou consideravelmente. No espírito de Freud, me permito as seguintes considerações: suas primeiras cartas demonstravam sintomas de uma afetação branda que agora desapareceram (afetação: insatisfação com a própria posição social, ambição reprimida e desejos não realizados, desejo e necessidade de impressionar e agradar). A caligrafia atual é mais forte, mais natural, os sentimentos afloram. No início, as cartas mostravam certa inibição. Havia nelas a impressão de competição intelectual no modo de tratamento, no “muitíssimo” honorado senhor, etc., onde o seu “m” trazia com muita força à mente complexos sexuais, elementos sexuais. Sua autoestima agora parece mais forte e mais natural do que antes. Os “l” anteriores e os “a” de agora, etc. Por favor, me perdoe, mas os hábitos profissionais nunca nos abandonam (KEVE, 2015, p.105, tradução nossa)²¹².

Pouco mais de um mês após a referida carta, Jung envia em outra correspondência para Ferenczi sugestões de literatura sobre grafologia (KEVE, 2015), o que nos dá maiores indicações do interesse pela questão. Vejamos mais colocações acerca da interação entre elementos afetivos inconscientes e escrita. Em outra carta para Ferenczi, Jung comenta sobre um escrito de Freud:

²¹²No original em alemão: “Ihre Handschrift hat sich auffallend verändert, wenn ich Ihren jetzigen und Ihren früheren Brief vergleiche. Im Namen Freuds erlaube ich mir die Bemerkung, dass Ihre frühere Handschrift das Symptom einer leichten Geziertheit zeigte, das jetzt ganz verschwunden ist. (Geziertheit: Unzufriedenheit mit der socialen Lage, verdrängter Ehrgeiz und dessen nicht befriedigte Wünsche, Imponieren-Wollen oder Gefallen-Wollen.) Jetzige Handschrift: Stärkeres und natürliches Hervortreten der Gefühle. Im Anfang des Briefes noch etwas Hemmungsgefühle. Ganz im Anfang bei der Anrede Gefühl der intellectuellen Concurrenz, bei “Sehr” (geehrter Herr etc.) am stärksten ausgesprochen mit Erinnerung an den Sexualcomplex = “S”. Bei? Ist die Sexualstelle. Ihr Selbstbewusstsein tritt jetzt stärker und natürlicher hervor. Früher: “L”, jetzt: “α”. etc. Verzeihen Sie gütigst, man kann das Métier nicht lassen” (KEVE, 2015, p.105).

O estudo de Freud sobre as neuroses compulsivas é esplendido, *mas de difícil compreensão*. Eu estou lendo o trabalho pela terceira vez. Será que sou tão estúpido? Ou será que é o estilo? Acredito que seja este último. Entre o falar e o escrever de Freud “existe um abismo” bastante profundo (JUNG; JAFFÉ, 2018a, p. 30, itálico e aspas originais do autor)²¹³.

O estilo enquanto elemento para a compreensão é invocado por Jung como argumento que justifica a necessidade de se levar em consideração como o autor escreve para entendê-lo, pois, um verdadeiro abismo se faria presente devido ao descompasso entre fala e escrita. Tal descompasso poderia ser contornado caso o estilo do autor fosse não só apenas observado, mas, também, utilizado como chave de leitura necessária ao entendimento. Assim, podemos entender que o estilo seria algo para além dos limites da caligrafia, mas que, de algum modo, parte da mesma enquanto elemento norteador na busca pelo estilo e compreensão do autor.

Já sobre os textos do próprio Jung, temos uma de suas colaboradoras, Barbara Hannah, comentando que seu texto *Psicologia da transferência* “[...] é um livro de difícil compreensão para o público em geral; de fato, ele não pode ser compreendido unicamente através do intelecto, pois a quaternidade descrita é também altamente irracional, encontrando-se além de nossa compreensão” (HANNAH, 2003, p.302)²¹⁴.

Temos, acima, uma questão peculiar: um livro que não pode ser compreendido apenas pelo intelecto por tratar de um tema irracional. Ora, tal colocação poderia muito bem ser estendida a toda *Collected Works* de Jung, uma vez que os aspectos irracionais do psiquismo humano ocuparam sua área de atuação, estudo e escrita.

Se tomarmos o termo irracional utilizado por Hannah dentro do contexto da tipologia apresentada por Jung, podemos associar o termo ao exercício do pensar racionalmente sobre algo, do intelectualizar algo. Assim, ela estaria dizendo que os escritos de Jung não podem ser apreendidos apenas pela teorização, mas devem ser experimentados na prática ou serem lidos do ponto de vista do efeito, das mobilizações emergentes possíveis em um contexto clínico psicoterápico, uma vez que grande parte dos escritos de Jung parte do cenário de sua relação com seus pacientes, de sua prática.

²¹³No original no alemão: “Freuds Arbeit über Zwangneurosen ist großartig, aber *sehr schwer verständlich*. Ich muß sie jetzt bald ein drittes Mal lesen. Ob ich besonders dumm bin? Oder liegt es am Stil? Ich glaube vorsichtigerweise das letztere. Zwischen Freuds Reden und Schreiben ist <<eine Kluft befestigt>>, die sehr breist ist” (JUNG; JAFFÉ, 2012a, p.33).

²¹⁴No original em inglês: “[...] is probably difficult for the general reader understand; indeed, it cannot be understood by the intellect alone for the quaternity described is also highly irrational and beyond our comprehension” (HANNAH, 1976, p.291).

Temos nesse exemplo o encontro da prática com o texto e, conseqüentemente, os efeitos daquela sobre este, pois, muitas vezes o que encontramos nos textos de Jung são descrições de casos e processos que o autor escolhe deliberadamente não encerrar e delimitar conceitualmente. Esta escolha é análoga à concepção de Jung do que seria um símbolo: a melhor descrição possível de determinado fenômeno até o momento. Portanto, ao falar de um caso clínico, evoca a ideia do recorte de uma situação psíquica momentânea, não encerrada.

Começamos a vislumbrar a existência de algo próximo a um estilo, ou, pelo menos, de uma escolha e posicionamento frente ao tratamento do material psíquico que deveria ser preservado, escolha que retroage sobre a escrita. Nesse sentido, a caligrafia aparece novamente como consequência de uma atitude tanto consciente quanto inconsciente, algo pertencente a dois mundos.

Acreditamos que as edições fac-similares acabam explorando tal imaginário. Mais do que servir como prova documental incontestável do que o autor “realmente” disse, poderia revelar até o não dito, o que, talvez, pode até ser enxergado como outro nível mais profundo de verdade: o não-dito inconsciente, rastreado pela hesitação da caneta, por uma grafia mais leve ou mais forte e determinada.

Assim como nas edições bilíngues, nas quais comumente ou o texto original é intercalado página por página com a tradução ou figura por completo antes ou depois da tradução, as páginas fac-similares podem compor uma edição de livro de diferentes maneiras. Independente da ordem, a intenção editorial parece ser a mesma: demonstrar o lugar de poder, de acesso a materiais originais oficiais, algo com maior relevância sobretudo no contexto da publicação acadêmica.

6.4.1 O poder da caligrafia: o caso do poema de Jung *Gedanken in einer Frühlingsnacht* (Reflexões numa noite de primavera)

Um exemplo do uso da caligrafia do autor como forma de interpretá-lo ou de a ele atribuir a paternidade sobre um texto, pode ser encontrado num artigo de Bishop (2003) no qual o autor propõe a existência de um pensamento místico natural (*Naturmystik*) em Jung desde sua juventude. Boa parte da argumentação do autor está pautada na redação de um poema não publicado de Jung chamado *Gedanken in einer Frühlingsnacht* (Reflexões numa noite de primavera). No poema atribuído a Jung, o autor descreve uma forte tempestade em uma noite de primavera, tempestade que varre a floresta e convida as pessoas a despertarem para a vida e para o encontro com a natureza e com Deus.

O poema é datado de 1893, época em que Jung contava dezoito anos de idade. O texto possui trinta e cinco linhas e foi escrito nos dois lados de uma única folha. Bishop (2003) analisa o conteúdo do poema, suas alusões à natureza como o poder de Deus e tece algumas comparações com outras vivências e escritos de Jung que permitiram dizer de um pensamento romântico místico natural no autor.

Nosso interesse, no entanto, recai sobre os elementos utilizados para conferir a autoria do texto a Jung, dentre estes a caligrafia. Bishop (2003) informa que apesar do texto estar em posse do Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique, assim como demais outros textos do autor, a própria instituição possui dúvidas quanto à autoria do mesmo ser, de fato, de Jung. Bishop (2003) diz que um dos netos de Jung, Hoerni, após examinar e comparar a caligrafia do poema com outros textos mais antigos de seu avô considerou que o poema era sim de Jung.

Outros elementos utilizados por Bishop (2003) para atribuir o texto a Jung está tanto no fato de haver registros de uma grande tempestade na região que o autor vivia em 1893 (data de assinatura do poema), a cidade de Klein-Hüningen no cantão suíço da Basileia, quanto no fato do poema ser precedido por duas citações bíblicas do Novo Testamento, uma da Epístola de S. Paulo aos Romanos e outra da Segunda Epístola aos Coríntios. Dada a educação religiosa de Jung pelo fato de seu pai Johan Paul Achilles Jung (1842-1896) ter sido um pastor da Igreja Suíça Reformada, Bishop (2003) aposta que tais passagens não seriam estranhas a Jung.

A forma como Jung dizia das florestas, suas inúmeras pinturas de árvores e paisagens campestres, sua predileção por longas caminhadas em tais cenários também são elementos utilizados por Bishop (2003) como recursos para atribuir a autoria do poema ao autor. Serina (2021), ao analisar os protocolos das entrevistas de Aniela Jaffé com Jung para a confecção de sua biografia *Memórias, Sonhos, Reflexões* e comparar algumas informações; como a menção a um poema sobre tempestades há muito tempo escrito, com as passagens relatadas por Jung a Lucy Heyer-Grote (1891-1991), psicoterapeuta suíça que empreendeu a primeira tentativa de extrair uma biografia de Jung, nos informa de outros elementos que poderiam comprovar a paternidade do poema e, também, motivos pelos quais o próprio Jung teria vetado o mesmo de figurar em *Memórias, Sonhos, Reflexões*.

Para Serina (2021), o fato de Lucy Heyer-Grote ter sido casada com um antigo estudante e amigo de Jung que se tornara membro do Partido Nazista, Gustav Richard Heyer (1890-1967), seria um dos motivos pelos quais Jung deliberadamente protelava o encontro entre ambos para a coleta de informações que daria origem a sua biografia. Jung e alguns de seus editores não gostariam que sua primeira biografia tivesse origem nas mãos de uma

pessoa que tivesse algum vínculo com membros do Partido Nazista. Desse modo, Aniela Jaffé, filha de judeus expulsos da Alemanha pelos nazistas, recebeu a preferência quanto a publicação de uma biografia de Jung.

Ainda nesse sentido, Serina (2021) pontua que a publicação de um poema de Jung sobre o poder místico das tempestades e florestas, mesmo tendo sido escrito por ele ainda muito jovem, poderia, de algum modo, ser ligado aos seus controversos textos sobre Wotan, o deus nórdico das tempestades, e as atitudes inconscientes de nazistas e judeus. A fim de se afastar de mais uma possível polêmica, o poema teria sido propositalmente deixado de lado. Aqui temos uma dupla função do papel da caligrafia junto às intenções editoriais: ela é usada para reconhecer que um texto é do autor e, portanto, publicá-lo, como, também, usada para reconhecer que o texto é do autor e, por isso mesmo, não publicá-lo para não gerar controvérsias.

Como contestar a palavra escrita, ainda mais se tratando da caligrafia do autor? A questão, entretanto, não é essa, pois, se a caligrafia pertence ou não a determinado indivíduo é algo que poderia ser investigado e atestado de modo algo satisfatório. Estamos falando de algo maior, do argumento de autoridade, da transferência de autoridade que passa da grafia original para quem apresenta ao público essa grafia e sobre ela comenta algo, sendo que, em alguns casos, nem a apresentação do suposto documento inédito é realizada, só nos restando confiar no autor/editor.

Tal é o caso de grande parte dos livros editados pela *Philemon Foundation* dentro do projeto *Complete Works*. Diversas são as notas de rodapé indicando consultas a documentos tanto da Biblioteca ETH quanto de acervos pessoais de fontes anônimas, documentos estes de difícil acesso para que alguma acareação quanto a veracidade das afirmações derivadas dos mesmos possa ser realizada.

Lamentáveis episódios envolvendo renomados escritores e historiadores do meio junguiano tem se desenrolado nesse sentido, no qual acusações quanto a omissão de fontes e/ou uso deliberadamente obscuro das mesmas, assim como tentativas de dominação do objeto de estudo e práticas públicas de difamação, descrédito e ataque à pesquisa e publicação de alguns autores, tem sido realizados²¹⁵.

²¹⁵Nesse sentido, temos dois grandes episódios de disputa de poder sobre o campo da Psicologia Analítica, no que diz respeito ao acesso e uso de fontes inéditas e material exclusivo sobre Jung, envolvendo a biografa e escritora Deirdre Bair (1936-2020), o editor da *Philemon Foundation* e historiador da Psiquiatria Sonu Shamdasani e o também historiador da Psiquiatria Richard Noll (1959 –). Tais episódios vieram a público no formato de carta aberta e podem ser encontrados nos

Sobre a veracidade de um documento e o poder que dele emana conferindo autoridade a seu portador, o historiador e sociólogo francês François Dosse (1950 –) nos conta a história do filólogo italiano Lorenzo Valla (1407-1457) que, analisando o suposto documento concedido pelo imperador romano Constantino (272-337) ao Papa Silvestre (270-335); no qual a autoridade papal sobre Roma e toda Itália, assim como a autoridade do Vaticano sobre os domínios cristãos em todo ocidente eram reconhecidos, identificou se tratar de uma fraude.

O grande conhecimento de latim e da história da língua, assim como sua erudição acerca da civilização romana, permitiu Lorenzo Valla reconhecer anacronismos linguísticos, históricos e erros de grafia do documento, levando-o a concluir que o documento que, ainda em sua época, conferia tamanhos poderes aos sucessivos papas, não havia sido criado por Constantino, mas por alguma outra pessoa e muito tempo depois (DOSSE, 2003).

O episódio de Valla transcorre no século XV e é tido como um grande marco do paradigma da História Erudita. Nenhum documento, assim como a autoridade por ele outorgada, estaria a salvo do escrutínio, como podemos perceber na fala de Valla:

Eu pretendo agora escrever contra os vivos e não mais contra os mortos, contra uma autoridade pública e não contra uma autoridade privada. E contra que autoridade? Contra o papa, que está preso não somente à espada laica dos reis, mas também à espada espiritual do supremo episcopado (DOSSE, 2003, p.28).

Podemos entender a missão que Lorenzo Valla se atribuiu, a de escrever contra os vivos, como a missão de questionarmos os vivos que detem autoridade sobre os mortos, aqueles cuja autoridade emana de alguma ligação com esses mortos. No nosso caso, podemos traduzir isso para o questionamento da autoridade dos editores e seus discursos sobre o autor.

6.5 OS DISCURSOS DE PODER NA PRÁTICA CLÍNICA

Para Ankersmit (2001), a linguagem de um fenômeno, esta entendida como o modo pelo qual o fenômeno se dá, e a linguagem usada para se falar deste fenômeno são coisas distintas. Com base nessa premissa, podemos nos perguntar se aquilo que é praticado a partir das propostas de Jung tem origem e delimitação no que foi por ele escrito, ou se estaria baseado em outros formatos de transmissão de suas propostas. Conforme as colocações

anteriormente recuperadas de Foucault (2009), Certeau (1984) e Olivero (1999), a obra de um indivíduo e até mesmo sua identidade enquanto autor/escritor tem muito de sua origem nas intenções editoriais. Seria o trabalho de Jung apenas sua obra escrita? Seriam os textos do autor o único modo de compreendê-lo? Se sim, seria por meio do formato *Collected Works*?

Como pontuado por Kirsch (2000), era, sobretudo, a presença nos seminários de Jung e a análise com ele ou seus alunos mais experientes o que mais se aproximava de uma garantia de poder se tornar um analista junguiano. Com a morte de Jung em 1961, os institutos de Psicologia Analítica espalhados pelo mundo assumiram este papel de conferir o título de analista junguiano aqueles que procuram praticar a psicoterapia com base nos trabalhos de Jung.

Roberto Gambini, analista junguiano brasileiro, nos oferece em seu livro *A voz e o tempo, reflexões para jovens terapeutas*, algumas colocações que nos permitem inferir sobre a relação dos analistas junguianos, com os textos de Jung:

Para mim, a teoria junguiana me dá mais ou menos aquilo de que preciso para trabalhar, mas não acho que ela deva parar por aí, de jeito nenhum. Ela já está defasada. A obra de Jung está inteira baseada em dados científicos dos anos vinte até os anos cinquenta [sic]. Incorporar a seu pensamento, sem descaracterizá-lo, a impressionante massa de conhecimento que vem crescendo em proporção geométrica exige um enorme esforço de síntese e uma certa coordenação de iniciativas. Mas nós analistas nos vemos mais como livre-pensadores individualistas do que como times trabalhando em projetos comuns para organizar e selecionar conhecimento. Não é uma crítica: não somos cientistas. Somos terapeutas que eventualmente criam pensamento (GAMBINI, 2008, p.65).

A dimensão prática do que é possível ou não aplicar no seu trabalho cotidiano é o que parece ter levado Gambini a propor a divisão entre analistas e cientistas, ou, também com base em sua fala, entre livres pensadores e times que organizam e sistematizam conhecimento, ou seja, pesquisadores. Objetivos e intenções são o que parecem mediar e sugerir a existência de diferentes camadas de interpretação e recepção do texto por públicos diversos e, desse modo, outra distinção parece ser necessária quando o campo da prática junguiana entre em jogo: o quanto a prática depende do texto? Teoria e texto são sinônimos? São momentos diferentes de um mesmo fenômeno? O texto e a teoria encerram a prática ou esta pode prescindir daqueles? Seria a prática um movimento anterior que traz elementos para a criação de uma teoria, dos textos?

Na obra de Jung, teoria, hipótese, prática e escrita se entrelaçam e se dispersam de tal maneira que opiniões diferentes acerca de tais temas emergem e se confundem em vários

momentos em seus textos. O autor concebia a Psicologia, principalmente a Psicologia aplicada, como um campo recente dentro do espectro da Ciência, o que, por dedução, não permitia à mesma a confecção de teorias gerais devido ao pouco tempo de existência da aplicação e observação de suas técnicas e métodos. Assim, Jung diz que lhe cabia estudar as diferentes manifestações psíquicas em sujeitos doentes e saudáveis a fim de obter um quadro comparativo das multiplicidades dos fenômenos da Consciência e do Inconsciente, para que pudesse, a partir disso, estabelecer algumas diretrizes de trabalho, sendo as propostas de teorias gerais um atropelamento de tal processo.

Na *Collected Works of C. G. Jung*, o autor se posiciona desfavorável a criação de teorias gerais. Para ele, as teorias deveriam ser vistas como esboços de pouco ou quase nenhum valor, sendo, no máximo, hipóteses auxiliares momentâneas que deveriam ser recicladas e criticadas na medida em que a realidade se confrontasse com seus pressupostos (HENRIQUES; OLIVEIRA, 2020).

O modo de Jung lidar com as teorias é algo que nos chamou a atenção em nossos estudos de seus textos. São significativos os momentos em que o autor diz não possuir teoria e, igualmente numeráveis, são os momentos que diz possuir certas teorias, como a teoria dos Complexos; dos Tipos Psicológicos; da Demência Precoce; da Libido; da *Anima*; da compensação do Inconsciente; dos Arquétipos e do Inconsciente Coletivo. Os próprios editores, em seus prefácios, se referem a alguns de seus conceitos como frutos de teorias (HENRIQUES; OLIVEIRA, 2020).

Ao olharmos com mais atenção para os momentos em que Jung diz não possuir teorias, encontramos o esclarecimento do autor para tal afirmação. Diz ter abandonado a ideia de criar uma teoria geral sobre as neuroses e o que fez foi constatar e aceitar a existência e regularidade da presença de certos fenômenos como a dissociação, o abaixamento do nível mental, a regressão, os complexos e a existência de conflitos.

Sobre o trabalho com análise de sonhos, Jung diz não possuir e nem ser possível ter uma teoria dos sonhos, pois isso seria algo ineficiente e condenável. O autor apenas diz que sua experiência o permite dizer que oferecer condições para os pacientes meditarem sobre o sonho parece trazer bons resultados. Diz que a teoria aplicada ao paciente seria uma violência na qual o pesquisador tenta corroborar suas ideias em cima do outro

Contudo, o simples ato de analisar um sonho pressupondo que o mesmo possui algum sentido que possa agregar algo à vida consciente do indivíduo já é uma hipótese, uma atitude teórica e, por mais que buscasse não estipular teorias, sabia que um pouco delas era necessário e inevitável. O trabalho do psicoterapeuta seria abster-se de uma teoria geral ao lidar com o

indivíduo. Com isso, Jung não está dizendo que nenhuma técnica ou método deva ser empregado. O autor está chamando nossa atenção para o processo conjunto que envolve terapeuta e paciente na criação de hipóteses e linhas guias. Para ele, a psicoterapia deveria trabalhar sob a regra de que cada caso é único, porém, reconhece que seria impossível a prática e o ensino da Psicologia se ficássemos apenas nas questões individuais, sendo necessário, portanto, uma incursão pelos aspectos gerais e comuns do psiquismo a partir dos dados empíricos colhidos, formulando hipóteses e teorias temporárias (HENRIQUES; OLIVEIRA, 2020)

Assim como os textos de Jung, a prática psicoterápica também representa parte do montante do que é entendido como sua obra. Sobre essa mesma prática, os posicionamentos de Jung também oscilavam, assim como sua atitude em relação às interpretações dadas aos seus escritos. Em carta para Esther Harding, uma das fundadoras do Clube de Psicologia Analítica de Nova Iorque; o primeiro centro de psicoterapia pautada em Psicologia Analítica fora da Europa, Jung diz:

Estou contente que a senhora e outros mais levem adiante um trabalho que eu comecei em tempos passados. O mundo precisa disso com urgência. [...] A Suíça tornou-se uma ilha de sonhos no meio de ruínas de morte. A Europa é um cadáver em decomposição (JUNG; JAFFÉ, 2018b, p. 75)²¹⁶.

Se a carta para Harding parece mostrar o entusiasmo de Jung em ver suas propostas serem executadas por outras pessoas e em outros continentes e países; enxergando as dificuldades em lidar com os desafios da Psicologia no cenário pós-guerra em que vivia no momento, devemos nos lembrar de uma carta posterior a esta, de Jung para Jacobi, no qual revela sua apreensão em ter seu nome dado a um instituto.

A espirituosa fala de Jung na qual agradece a Deus por ser Jung e não um junguiano²¹⁷, junto a outra frase utilizada por Shamdasani (2003) no prólogo de um de seus livros na qual pede para não ser transformado em uma lenda²¹⁸, nos indicam que o autor estava ciente de que sua prática enquanto produção individual significava uma coisa, ao

²¹⁶No original em inglês, em carta de 8 de julho de 1947: “I am glad that you and others carry on the work I once began. The world needs it badly. [...] Switzerland has become an island of dreams amidst ruins and putrefaction. Europe is a rotting carcass” (JUNG; ADLER, 2015a, p. 469).

²¹⁷No original em inglês: “Thank God, I am Jung, and not a Jungian!” (HANNAH, 1976, p. 78).

²¹⁸No original em inglês: “Don’t make a legend of me” (SHAMDASANI, 2003, p.1), em carta de Jung para Margaret Flenniken.

mesmo tempo em que o conjunto dos seus escritos se tornava quase que outro fenômeno quando apropriado pelo público.

Retornando a Gambini, podemos entender melhor o recorte que o analista brasileiro diz fazer do texto do psiquiatra suíço: enquanto exemplificação para a prática, os escritos oferecem possibilidades, mas, por se tratar da experiência de Jung, de um indivíduo cuja prática limitou-se a certo período, não poderiam deixar de tornarem-se datados e, em certa medida, limitados. Daí a necessidade que Gambini diz existir da atualização do trabalho de Jung:

Atualizar Jung é uma tarefa gigantesca. Jung gostava de História, e a possibilidade de historicizar a psique me é particularmente cara. [...] Mas hoje, se tivesse a pretensão de tornar-me um teórico junguiano, eu teria que estudar História de novo e tomar conhecimento das rupturas e inovações teórica, dos saltos qualitativos da pesquisa contemporânea, a História das mentalidades, da vida privada etc. Se alguém sozinho conseguir atualizar cinquenta [sic] anos de conhecimento contemporâneo numa ampla gama de assuntos, esse alguém será um gênio, e nesse caso é melhor elaborar sua própria teoria holística ao invés de ficar estudando Jung (GAMBINI, 2008, p.65).

A colocação acima traz a reflexão: mais do que se perguntar se é possível atualizar um autor, é possível fazê-lo sem o transformar ou transformar o que é entendido como sendo sua teoria em outra coisa? Pensando no elemento textual como algo representativo da teoria de um autor, a materialização da mesma, essas transformações se dariam ao nível da escrita, no caso de um pesquisador, e na prática, no caso de um analista?

Ankersmit (2001) também nos fala sobre a autonomização da obra de um autor, os diferentes tipos de uso que diferentes públicos pode fazer da mesma. A ideia de autonomização preconiza que modos diferentes de se lidar com um autor podem existir ao mesmo tempo. O quanto podem coexistir devido aos discursos de poder envolvidos já é outra questão. Desse modo, podemos pensar se uma pretensa organização dos escritos de Jung para além do formato *Collected Works* poderia incorrer no risco de normatizar os possíveis usos de seu trabalho. A ideia promulgada por Shamdasani (2010) de que a *Collected Works* deve ser lida com base no *Livro Vermelho* parece sugerir que algo nessa direção tem, de certo modo, acontecido.

Tacey (2007), ao falar dos desafios de ensinar Jung na universidade, recorda que muitos dos colaboradores de Jung, como von Franz, diziam que o estudo sobre Jung e a Psicologia Analítica não cabia dentro das universidades. Diziam que a rigidez acadêmica não

comportaria as premissas do autor, ou, quando o fizesse, seria de maneira empobrecida. Quando invertida, ou seja, quando os meios acadêmicos recusam a entrada de Jung em seus territórios, é a partir da acusação de falta de estruturação e sistematização do pensamento do autor que as justificativas se dão. O fato de Jung ter lecionado, e com grande sucesso, por muitos anos no Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique parece ser momentaneamente esquecido por ambos os lados envolvidos nessa discussão.

Bishop (2013) salienta que as justificativas para manter Jung afastado das universidades costumam orbitar os seguintes pontos: o pensamento do autor seria datado, machista, eurocêntrico e, além do mais, o autor seria maluco. Bishop (2013) argumenta que, verdadeiros ou não, nenhum desses motivos seria razão para impedir que o pensamento do autor fosse ensinado, pois, tais descrições caberiam perfeitamente em inúmeras personalidades ensinadas pelas instituições.

Bishop (2013) retoma a questão da dificuldade de tradução do estilo do autor, algo que tem relação com o idioma, mas que também o transcende. A preocupação de Hull com o idioma de Jung teria comprometido a questão do estilo, do modo de pensar e se expressar do autor. Assim, cria-se a narrativa de que o Jung ensinado nas academias seria o Jung engessado de Hull da *Collected Works*, enquanto o Jung ensinado nos institutos de Psicologia Analítica seria o verdadeiro Jung.

Bishop (2013) pontua que a leitura de Jung em alemão possibilita o leitor enxergar diferentes estilos de escrita do autor. Isto se deve ao fato do alemão de Jung ser transpassado pelos seus maneirismos suíços, sendo que o autor teria levado considerado tempo para finalmente achar um estilo mais confortável, e que também considerasse satisfatório, de se expressar na escrita do alemão formal. Por mais que isso se trate de uma questão idiomática, acreditamos que o não ordenamento cronológico da *Collected Works* acaba agravando a situação. Mesmo com as perdas na tradução de textos para qualquer idioma, talvez ainda fosse possível identificar esses estilos se a ordem cronológica dos textos fosse mantida. O uso e desuso de conceitos e expressões ainda se faria notar nas traduções.

A ideia de um estilo perdido ou indetectável a partir do trabalho escrito, traz novamente a polaridade entre as ditas desvantagens do estudo de Jung exclusivamente a partir de seus textos e as supostas vantagens de uma formação clínica para uma compreensão mais profunda do autor. A prática clínica e o estudo acadêmico a partir de Jung não são, em si, antagonistas irreconciliáveis. Deveriam ser entendidas como diferentes modos de autonomização do trabalho de Jung, mas, relações de poder e discursos de dominação entre os

diferentes setores e atores do universo da Psicologia Analítica contribuem para a manutenção de tal sectarismo.

6.6 PIERRE MENARD, EDITOR IDEAL PARA OS TEXTOS DE JUNG?

“O método para ler e compreender Jung é simples: basta ser suíço, ter nascido no século XIX; ser filho de um pastor protestante, ter se formado como médico psiquiatra; ter trabalhado em um dos principais centros de pesquisa e prática médica da Europa; ter viajado e pesquisado em Nairóbi, Índia, México, Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e tantos outros países; possuir conhecimento de grego e latim e ter lido os clássicos da literatura; possuir um dos maiores acervos pessoais de sua época de obras e manuscritos sobre alquimia e se interessar sobre a produção humana no formato de mitos, símbolos e rituais; dialogar e colaborar com representantes renomados de variadas áreas do conhecimento; ser reconhecido e homenageado junto aos seus pares e ao grande público; presidir associações, instituições de ensino e pesquisa e ter mais de meio século de publicações e prática clínica. Ou seja, é necessário ser tudo o que Jung foi e um pouco mais”.

A fala acima imaginada talvez fosse a resposta que receberíamos de Pierre Menard, personagem do escritor Jorge Luis Borges (1899-1986) no conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, caso o perguntássemos o que é preciso para compreendermos o trabalho de Carl Gustav Jung. No conto de Borges (2007), somos apresentados a Pierre Menard, um escritor francês do século XIX. O texto se trata de uma exposição na qual o autor analisa a produção literária de Menard. À medida que o narrador descreve a obra de Menard percebemos que, em sua maioria, seus escritos são compostos de traduções e considerações a respeito de publicações de outros autores. Em uma lista destacada de seus escritos, o autor nos diz que o trabalho mais primoroso, heroico e impossível empreendido por Menard não figurava na lista de suas obras conhecidas. Trata-se da sua tentativa de escrever o Quixote. Segundo o autor, Menard não objetivou escrever uma continuação nem tampouco outro Quixote, mas, sim, o próprio *Dom Quixote* outrora escrito por Miguel de Cervantes (1547-1616).

Menard reconhece que o *Quixote* de Cervantes possui qualidades que o faz ser visto como um clássico. Contudo, Menard não acredita que o livro tenha sido escrito com rigor metodológico e cautela literária suficiente. Para o escritor francês, Cervantes havia escrito de modo espontâneo e, até mesmo, motivado pela inércia e pelo hábito de já ter se prontificado a escrever algo, o que Menard não acreditava ser motivo suficiente para produzir o que quer que fosse. Menard, porém, acredita ser capaz de provar o porquê de cada palavra do texto de

Quixote ter sido encadeada como foi e, em contrapartida, se propõe a demonstrar como elas deveriam realmente se encontrar. Assim, o francês apresenta seu método para provar que se encontra à altura da tarefa: começaria dominando o espanhol falado no século XVII, ao mesmo tempo em que recuperaria sua fé na Igreja Católica. Guerrear com os Turcos e os Mouros também fazia parte de seus planos e, por fim, procuraria se tornar o próprio Cervantes.

Analisando a sua estratégia de aproximação do texto de Cervantes, Menard reconsidera sua abordagem, não por achar que esta seria impossível ou não traria resultados, mas, sim, por achar que ele estaria se rebaixando ao querer se tornar Cervantes. Por ser um escritor cuja obra está localizada no século XX, Menard não poderia se permitir esquecer os trezentos anos que separam sua vida da de Cervantes e todo o progresso científico e descobrimentos de várias naturezas que foram se desenrolando desde a época em que *Quixote* fora concebido. Menard chega a conclusão de que escrever *Quixote* enquanto Cervantes no século XVII era por demais simplista e, até mesmo, esperado. Escrever *Quixote* enquanto Menard em pleno século XX seria, por outro lado, um empreendimento desgastante e desafiador.

O narrador do conto nos apresenta uma comparação entre um trecho original do *Quixote* de Cervantes e o *Quixote* de Menard. Para nossa surpresa enquanto leitor os trechos são idênticos. As mesmas palavras são usadas na mesma ordem e com a mesma pontuação. Entretanto, Menard ressalta que o trecho de Cervantes é mera alegoria retórica sem compromissos, enquanto o seu texto está imbuído de sentidos e significados que levam o contexto histórico e outros eventos em consideração. Sendo Menard contemporâneo de figuras como o filósofo William James (1842-1910), ao escrever *Quixote* ele diz que deveria ter em mente as considerações filosóficas e psicológicas propostas por pensadores e pesquisadores de seu tempo, o que, conseqüentemente, refletiria em seu *Quixote*. Por mais que os trechos de Cervantes e Menard pudessem ser apontados como iguais, Menard estava confiante de que o seu estava alicerçado e subsidiado por um pensamento crítico, enquanto o de Cervantes seria produto do acaso e sem compromisso e conexões com outros acontecimentos.

O *Quixote* de Menard, porém, não foi concluído, limitando-se a formulação dos capítulos IX, XXXVIII e uma parte do capítulo XXII. O escritor francês conclui que necessitaria ser imortal para trazer as conjecturas de seu tempo e entrelaçá-las à narrativa de *Quixote*, atualizando trezentos anos de intervalo entre uma obra e outra. O narrador nos conta

que, apesar de não ter concluído sua empreitada, Menard inaugurou, sem querer, uma nova perspectiva literária: o anacronismo deliberado e as atribuições errôneas.

O anacronismo deliberado é descrito pelo narrador a partir do que Menard chamou de literatura parasitária. A literatura parasitária teria como representantes os modos literários que transpõe narrativas delimitadas em uma época para diferentes contextos sobre o pretexto de que há uma continuidade ou ligação entre todas as épocas. Como exemplo, Menard cita que alguém poderia produzir um texto chamado *Dom Quixote em Wall Street*, no qual se propusesse a fazer ligações entre as aventuras do cavaleiro e o mundo dos negócios, gerando um anacronismo forçado, inútil e carnavalesco.

O narrador do conto, entretanto, diz que o *Quixote* de Menard é um próprio exemplo de anacronismo, o qual o fictício escritor francês condenava, pois buscava situar uma narrativa anterior em outra época, por mais que Menard julgasse estar prestando um serviço à Literatura. O narrador complementa a caracterização de Menard dizendo que este era conhecido por, frequentemente, não conseguir transmitir com exatidão suas ideias, afirmando e divulgando o contrário do que realmente pensava, exemplo do que seriam as atribuições errôneas que também condenava.

O conto de Borges foi objeto de estudo de linguistas e tradutores que viram na empreitada de Menard alegorias acerca dos processos de tradução, compreensão, equivalência de sentido e significados, temas estes tão caros a todos os estilos de literatura.

Ao objetivarmos compreender e contextualizar as intenções presentes na criação de um novo formato de coleção que reunisse os textos de Jung, a *Collected Works of C. G. Jung*, e as consequências da estruturação de tais projetos para a compreensão do trabalho do autor, nos deparamos com a imagem de Menard, aquele que buscou tornar-se o autor da obra de outrem em prol da compreensão do referido trabalho. Como se aproximar e compreender os escritos de um autor evitando anacronismos e atribuições errôneas, respeitando e contextualizando suas premissas? É possível, necessário, desejoso ou até mesmo frutífero este tipo de preciosismo para com o elemento textual? Seria a palavra escrita a dimensão que guarda algo próximo a verdade ou o elemento mais importante nas proposições de um autor?

Cada uma das questões anteriormente colocadas encontrariam respostas diferentes dependendo sob qual prisma da Teoria da História fossem analisadas, sobretudo tendo em vista o recorte aqui proposto do elemento textual, como este é percebido enquanto documento, fonte e categoria de análise dentro das diferentes metodologias e teorias que constituem o saber histórico.

No que diz respeito a pesquisa histórica, temos no século XIX o avanço da tradição metódica, também chamada de científica, que buscou estabelecer parâmetros e diretrizes que iam ao encontro da tentativa de evitar anacronismos, descontinuidades e interpretações descuidadas, além de nada menos do que a busca pela própria verdade. Um de seus maiores expoentes, o historiador Leopold von Ranke (1795-1886), propôs cinco pontos para a construção de uma pesquisa que visa investigar acontecimentos históricos: 1) acesso a trabalhos e arquivos detalhados, 2) o domínio das línguas necessárias para compreender os documentos, 3) compreensão das fontes primárias e do contexto que circunda o objeto, 4) compreender o período de tempo e os sujeitos investigados em seus próprios juízos e não os julgar exclusivamente pela moral e costume de outros contextos e, 5) buscar rastrear linhas e tramas concretas de desenvolvimento (WALLACE IV; GACH, 2008).

Façamos o exercício de comparar alguns dos pontos enumerados por Ranke, as atitudes de Pierre Menard frente à obra de Cervantes e nossa tentativa de compreender o trabalho de Jung enquanto obra a partir de sua produção textual. O caminho de Menard e a escrita de *Quixote* o levaram a procurar o espanhol falado no século XVII bem como as primeiras versões da obra de Cervantes. Nesse sentido, Menard estaria de acordo com os dois primeiros passos da História Metódica: acesso a trabalhos e arquivos detalhados e domínio das línguas necessárias para compreender os documentos.

Ao transpormos estes dois primeiros passos para os escritos de Jung, nos deparamos com algumas sutilezas. No que diz respeito ao acesso a trabalhos e arquivos detalhados, devemos considerar a incompletude dos textos editados e impressos de Jung até então. Quanto ao domínio das línguas necessárias para a compreensão dos textos, também nos deparamos com a questão da multiplicidade de línguas nas quais o autor escrevera seus documentos originais e os equívocos e desencontros envolvendo as traduções e edições dos mesmos.

Devemos aqui invocar a questão da intencionalidade para com o material analisado de modo a evitarmos cair em divagações sobre o quão completo um acervo de um pesquisador ou leitor precisa ser para que este possa dizer que compreende parte, boa parte, a totalidade ou, ainda, quase nada do pensamento de um autor. A ideia de completude parece também suscitar a ideia de esgotamento, encerramento, o desvelar das intenções e possibilidades do material ou autor em questão.

Na perspectiva do trabalho proposto por Ranke, a pesquisa histórica deveria ficar a cargo de um modelo de historiador que se ativesse aos fatos, abstenendo-se de imprimir suas próprias interpretações ao material. A ideia da existência de fatos históricos; bolsões de realidades preservadas à espera de mentes aptas, sagazes e aguçadas, fez com que Ranke

implementasse em sua prática no ensino universitário seminários que buscavam capacitar futuros historiadores para o trato com documentos medievais, baseando-se em métodos de filologia crítica e pesquisa objetiva para assegurar que o texto não fosse maculado por subjetivismos e outros elementos externos ao mesmo (IGGERS, 2005).

Se a revelação da verdade exclusivamente a partir das fontes em si; das quais o texto escrito pode fazer parte, foi a preocupação do paradigma metódico científico do saber histórico no século XIX, as teorias da História que se seguiram deram novos lugares para tais fontes de informação. As correntes históricas culturais, bem como as pós-modernistas, enxergaram na análise das variadas interpretações e representações possíveis das fontes de informação sobre determinado tema ponto legítimo e significativo de investigação, afastando-se da premissa da busca da verdade única e dando predileção para o estudo da repercussão que tais visões sobre o passado causavam no presente, a importância da investigação dos elementos culturais e sociais que circundam o período analisado e o entendimento de que as informações levantadas a partir de fontes deveriam suscitar novas análises e pontos de vista, eliminando qualquer possibilidade de tratar determinado tema como encerrado e encapsulado (ANKERSMIT, 2001).

E o que tudo isso tem a ver com a obra textual de Jung? Ora, um retorno ao texto de Jung e uma análise do mesmo pode se dar em diferentes níveis de acordo com a intenção e o peso atribuído a cada elemento do mesmo: o conteúdo, o contexto, os aspectos biográficos do autor, a construção de um corpo teórico, a utilização do mesmo como diretrizes para a prática psicoterapêutica, etc. Igualmente importante é evidenciarmos quem são esses sujeitos que leem Jung, o que buscam, o que estão procurando satisfazer e como o texto é transmutado em sentidos e significados diferentes para olhares diversos.

Dizer que Pierre Menard seria o editor ideal para Jung seria dizer que o editor ideal é aquele que procura se tornar o autor, saber o que este realmente disse, o que quis dizer e como gostaria de ser compreendido. Contudo, como disse Chartier (1998a), a leitura é livre e vadia por natureza e talvez um bom trabalho editorial não seja tornar-se cópia do autor, mas dar condições para que seu pensamento possa circular a partir de diferentes pontos de vista.

7 CONCLUSÃO

Do ponto de vista financeiro, uma coleção que se propõe ser a materialização física do trabalho de um autor tende a ser uma empreitada editorial de sucesso. Lucra-se com o material em várias instâncias e modelos: com os lançamentos individuais de cada volume, com os volumes reunidos em belas caixas, com edições comemorativas, novas edições, versões em capa dura, versões de luxo, versões com novas introduções e diversas outras variações para um mesmo texto. O texto em si parece ser superado pelas possibilidades vendidas e aventadas junto à premissa principal do formato: a completude, a possibilidade de, finalmente, ter uma visão holística sobre um autor ou tema.

A validade de uma coleção que se estrutura a partir da premissa da completude encontra-se fadada ao discurso da imutabilidade. Se oficial, autorizada e representativa dos interesses do autor, ela pode (e deve, do ponto de vista do sucesso editorial) ser blindada contra agentes externos. Tais agentes, como os leitores, devem apenas recebê-la, agradecendo a iniciativa dos editores em disponibilizar tal material. A melhor forma de agradecimento seria o consumo voraz, aquele que esgota a coleção e a imortaliza como obra de sucesso, o que, por sua vez, produz novas tiragens e edições que a legitimam e reafirmam seu lugar de destaque e autoridade.

Do ponto de vista da pesquisa e da produção de conhecimento, a ideia de uma coleção que pretende exaurir, normatizar e instaurar os moldes pelos quais a leitura e a apropriação de um autor ou tema deve se dar, traz consigo a esterilidade, a repetição e a morte. Não são os limites de uma obra que a matam, estes a estruturam e nos ajudam a perceber a razão de ser da mesma. Sua própria contribuição e originalidade nascem daí. A morte surge com o discurso de poder, com a mordada e a viseira que estreitam e direcionam o horizonte de possibilidades de recepção do material dentro dos próprios limites da obra.

Conhecer as limitações e a história do material que utilizamos como fonte bibliográfica é um modo de questionarmos se as discussões possibilitadas pelo mesmo estão fadadas a uma única direção devido tanto às intenções que circundaram sua criação, quanto a possível existência de um discurso oficial sobre o mesmo. Intenções e finalidades são as forças motrizes que guiam e norteiam as diversas comunidades de pesquisadores e campos do conhecimento e, portanto, não representam em si atributos cujas existências implicam apenas no encarceramento dos temas aos quais se dirigem. É a margem de criação e desdobramentos permitida e acolhida pelas intenções e finalidades originais que revelam a existência ou não de um discurso de poder normativo.

Tendo o formato *Collected Works of C. G. Jung* sido desenvolvido a partir de intenções como as dos editores Herbert Read e Francis Hull, as quais preconizavam que a coleção deveria refletir a autoridade de Jung e não ser uma coletânea que evidenciasse o desenvolvimento das propostas do autor; podemos dizer que ela se estrutura a partir de um discurso normativo. A autoridade da palavra de Jung, ilustrada também pelas suas colocações de que não havia sido compreendido nem por seus alunos, nos permite dizer que havia uma direção na qual o autor gostaria de ser lido e compreendido. Ora, querer ser compreendido a partir de algumas premissas e limites é o desejo de qualquer autor.

Porém, como pudemos investigar a partir das colocações de Certeau, Chartier, Olivero e Foucault, os livros modernos e as coleções são invenções sobretudo editoriais. Até mesmo a identidade do autor enquanto escritor possui certa influência do grupo editorial que o apoia. Enquanto autor, querer ser compreendido a partir de certos contornos é uma premissa completamente válida por parte de Jung. Contudo, enquanto produto editorial, principalmente nos casos após seu falecimento, as premissas de um autor encontram-se sujeitas a modificações que atendam interesses mercadológicos e discursos de dominação por parte de grupos que queiram construir para si a imagem de autoridade sobre o autor e seu trabalho.

O material original escrito pelo autor, entrevistas, gravações que contenham suas falas e explicações sobre suas propostas, são elementos que conseguem, até certo ponto, preservar o tom que o mesmo procurou imprimir ao seu trabalho. As possíveis modificações editoriais quanto aos contornos do trabalho de um autor se dão de formas sutis. A própria ideia da existência de uma obra está vinculada a uma narrativa preconizada por quem a organiza: a seleção do material a ser publicado, a organização do mesmo dentro dos livros, a divisão dos livros em volumes, qual história será contada e o que será possível compreender a partir de tal organização? A quem esta organização interessa?

A investigação sobre as intenções editoriais e a ideia de obra e coleção enquanto formato majoritariamente editorial, nos permitiu olhar para a não organização cronológica dos textos de Jung no formato *Collected Works*, algo comumente apontado apenas enquanto falha, como uma estratégia que serve a um propósito mais amplo do que o de tornar a reunião de escritos inteligível. A divisão temática confere ao autor a reputação de gênio multifacetado: sua coleção aborda temas como Arte, Religião, Psiquiatria, Alquimia, Educação, etc. Que o autor se ocupou de tais temas não há dúvidas, a questão é entender se uma organização cronológica não causaria o mesmo impacto de uma organização temática, se não seria possível perceber estes temas se entrelaçando em uma ordem cronológica.

Nossas investigações nos levam a crer que a percepção da existência de temas ainda estaria presente em um arranjo cronológico. O que talvez não estivesse presente seria a ideia de preponderância e importância central de alguns temas em relação a outros. Pudemos observar no estudo dos prefácios dos editores a narrativa da existência de temas centrais, ora associados a algum período do trabalho de Jung; como por exemplo, dizer que os estudos sobre Religião são centrais em seus últimos escritos, ora anunciados como o assunto mais complexo e completo no pensamento do autor, como a Alquimia.

O poder de interferência de uma descrição editorial acerca dos textos e do livro sobre o qual versam não pode ser ignorado. Como pudemos observar no caso da *Collected Works of C. G. Jung*, os prefácios dos editores não atuam apenas como resumos ou apanhados sobre aquilo que precedem. Aproveitando de sua posição estratégica e privilegiada, o primeiro elemento textual com o qual o leitor tem contato após as informações catalográficas do livro e de seu índice, os prefácios atuam como molduras da leitura ao mesmo tempo em que fabricam certa identidade autoral.

São nos prefácios dos livros da *Collected Works* que os editores defendem Jung das acusações de ter se associado ao nazismo, de que à Psicologia Analítica não compete o trabalho com crianças, ou de que o autor teria encontrado na filosofia chinesa um manual para o desenvolvimento da personalidade. Do mesmo modo, são nos prefácios que os editores nos dizem que o estudo dos escritos do autor possibilita o avanço da humanidade e dos estudos psicológicos.

Também anunciada no prefácio, mas perceptível no próprio corpo do texto, a estratégia editorial da publicação dos textos de Jung no formato *Collected Works* enquanto meio de padronização do trabalho do autor, diz da pretensa criação de uma linguagem para o mesmo e a partir da qual deveria ser compreendido. Conforme apresentado, a tática de padronização ocorreu por substituições de nomenclaturas entendidas como datadas, inadequadas e históricas – em uma acepção bastante particular do termo – por conceitos ditos mais atuais e completos. Podemos perceber o quanto esta estratégia tem por finalidade criar alguma espécie de coerência interna a partir da ideia de evolução, cujo ápice seria o tema da Alquimia.

Esta não se trata de uma estratégia apenas editorial, mas, também, autoral. Analisando todo o contexto que cerca a publicação do livro *Psicologia e Alquimia*, podemos perceber momentos de afinidade entre as intenções do autor e de seus editores. Conforme pudemos observar na análise das resenhas sobre *The Integration of the Personality* (a integração da personalidade), reunião de textos que seriam posteriormente publicados como *Psicologia e*

Alquimia no formato *Collected Works*, o livro não foi tão bem recebido e enquanto aposta editorial para inauguração do mais novo formato de coleção dos trabalhos de Jung deve ser entendido a partir de uma estratégia mais ampla.

Conforme demonstramos, algo dessa aposta editorial estava baseada na própria complexidade do tema. Não estamos dizendo que Jung gostaria de não ser compreendido, embora dissesse que nunca o foi, mas que havia o interesse por sua parte e da sua equipe editorial em (re)adentrar o terreno estadunidense no contexto pós Segunda Guerra Mundial enquanto autoridade sobre a complexidade das expressões simbólicas humanas. Ganchos culturais como o crescente interesse do público leitor estadunidense por literatura de fundo psicológico, o interesse pelo tema da Alquimia a partir do movimento surrealista no país e a associação das descobertas no campo da Física Quântica e da Química com os mistérios da Alquimia, surgiam enquanto bons presságios para que a inauguração da nova coletânea de textos do autor aparecesse dentro desta temática.

A análise da publicação de *Psicologia e Alquimia* enquanto primeiro livro do novo formato, além de dizer da intenção de associação primária do autor com o tema, nos possibilitou propor a caracterização da *Collected Works of C. G. Jung* enquanto obra não introdutória. Entendemos como obra introdutória aquela cuja organização possibilita o leitor compreender as propostas apresentadas a partir de um encadeamento lógico das suas premissas. O encadeamento lógico diz tanto da construção didática das premissas e derivações quanto da autossuficiência do texto, ou seja, o quanto o assunto exposto pode ser entendido a partir do que ele mesmo oferece. Desse modo, introdutória não significa superficial ou simplória. O adjetivo diz do desenho do formato e não do grau de conhecimento que o mesmo possibilita.

Como pudemos apresentar a partir das ausências anunciadas, Jung requiriria de seu público considerável conhecimento prévio. Partindo da ideia de que uma coleção ou outro formato de publicação encontra-se vivo na medida em que dialoga com seu entorno, não apregoamos que a *Collected Works* deveria suprir o leitor de todo conhecimento possível sobre o psiquismo humano, este pode ser buscado fora dela.

Caracterizando-a como não introdutória estamos apenas chamando a atenção para a contradição entre a intenção editorial inicial de torná-la uma obra incontestável na qual a autoridade de Jung estaria refletida, esta sim fechada, e o que a organização temática realmente possibilita, pois, a necessidade de se realizar vários saltos entre diferentes volumes em busca do desenvolvimento da ideia do autor acaba tornando difícil conhecer o pensamento

de Jung apenas pela coleção em si, ainda mais quando consideramos que muito dos processos de desenvolvimento de suas ideias foram ali deliberadamente sacrificados.

Ao propormos a caracterização da *Collected Works* como obra de popularização da imagem do autor e não apenas de seu trabalho, procuramos chamar a atenção para um fenômeno comum dentro da literatura junguiana, a ideia da inseparável relação entre a vida e a obra de Jung. Não há dúvidas de que elementos biográficos possam constituir importantes informações acerca de aspectos do trabalho de um indivíduo. Porém, muito da literatura biográfica disponível sobre Jung ocorre dentro do que pode ser considerado como hagiografias, as biografias sobre os santos, estas geralmente escritas por admiradores aos quais, na maioria das vezes, falta o senso crítico e a imparcialidade. É criada a impressão de que havendo uma organização da vida do autor, esta sim cronológica, conseqüentemente seus trabalhos escritos estariam mais organizados. Entretanto, como discutido, são poucas as obras que se dedicam à crítica da organização da *Collected Works*, enquanto, ainda hoje, vemos surgir obras introdutórias que focam nos aspectos biográficos, na vida do autor.

A corrida contra o tempo iniciada pela *Pantheon Books* por meio da *Bollingen Series*, a fim de disponibilizar a *Collected Works* para o público anglófono estando Jung ainda vivo, sugere que a intenção da mesma não era apenas a de fazer seu trabalho ser conhecido a partir da redução do mesmo enquanto texto escrito. O autor deveria ser conhecido em carne, osso e muita fantasia a seu respeito.

Já a popularização do trabalho de Jung, acreditamos que não tenha sido o foco principal do formato *Collected Works*. Tomando de empréstimo algumas ideias sobre popularização a partir do conceito de circularidade de Ginzburg, e a decisão de alguns editores da *Collected Works* em ter um texto autoritário, podemos perceber que a popularização enquanto movimento de abertura para com o público-alvo, que o permita se apropriar do texto por mais de uma maneira, não era o objetivo dos mesmos. Os editores já apresentam os temas principais; ainda que em uma confusão de sobreposições e demarcações vagas como “o tema mais importante dos últimos anos”, os textos mais importantes dentro dos volumes e, também, a ideia de uma constante evolutiva a ser observada. Não é que as estratégias editoriais impeçam a popularização, a apropriação do texto pelas diferentes comunidades de leitores. Diversas apropriações podem ser realizadas a partir da *Collected Works*, estamos apenas pontuando que sua intenção principal parece não ser essa.

Acreditamos que o surgimento de materiais de autoria de Jung até então inéditos para o grande público não deveria significar que aquilo outrora produzido encontra-se superado. Um material não é apenas o formato pelo qual ele nos é apresentado, é, antes de tudo, um dos

discursos possíveis, permeado de intenções, mas, também, de possibilidades. Com essa pesquisa, esperamos ter contribuído para o avanço da discussão sobre o que é a *Collected Works*, não para limitá-la, mas como um exercício que nos permita identificar se, ou quando, novos discursos de poder sobre Jung parecem querer surgir.

REFERÊNCIAS

- ANDRADES, M. F. de (org.). **Editora Vozes: 100 anos de história**. Petrópolis: Vozes, 2001. 414 p.
- ANKERSMIT, F. R.. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 113-136, jun. 2001.
- ANKERSMIT, F. R.; KELLNER, H. (ed.). **A new Philosophy of History**. London: Reaktion Books, 1995. 282 p.
- AXTELL, J. **The Making of Princeton University: from Woodrow Wilson to the present**. Princeton: Princeton University Press, 2006. 688 p.
- BARNABY, K.; D'ACIERNO, P. Preface. In: BARNABY, K.; D'ACIERNO, P. (ed.). **C.G. Jung and the Humanities: toward a hermeneutics of culture**. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 15-29.
- BAUDUIN, T. **Surrealism and the occult: occultism and western esotericism in the work and movement of André Breton**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2014. 278 p.
- BEEBE, J.; FALZEDER, E. Introduction. In: JUNG, C. G.; BEEBE, J.; FALZEDER, E. (ed.). **The question of psychological types: the correspondence of c. g. jung and hans schmidguisan, 1915-1916**. Princeton: Princeton University Press, 2013. p. 1-32.
- BISHOP, P. On the History of Analytical Psychology: C.G. Jung and the rascher verlag: part 1. **Seminar: A Journal of Germanic Studies**, [s. l], v. 34, n. 3, p. 256-279, 1998a. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/sem.v34.3.256>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- BISHOP, P. On the History of Analytical Psychology: C.G. Jung and the rascher verlag: part 2. **Seminar: A Journal of Germanic Studies**, [s. l], v. 34, n. 4, p. 364-387, 1998b. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/sem.v34.4.364>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- BISHOP, P. C.G. Jung and “Naturmystik”: the early poem ‘gedanken in einer frühlingnacht’. **German Life And Letters**, [s. l], v. 56, n. 4, p. 327-343, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-0483.00260>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- BISHOP, P. On reading Jung in german: Jung’s significance for Germanistik. In: KIRSCH, Jean; STEIN, Murray. **How and why we still read Jung: personal and professional reflections**. London and New York: Routledge, 2013. p. 66-85.
- BENNET, E. A. **What Jung really said**. New York: Shocken Books, 1983. 195 p.
- BOGART, E. L. The american people: a study in national psychology. Volume II, The harvesting of a nation. By A. Maurice Low. (Boston: Houghton Mifflin Co. 1911. pp. vi, 608.). **The American Political Science Review**, [s. l], v. 6, n. 4, p. 650, 1912. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1944673>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BORGES, J. L. Pierre Menard, autor do Quixote. In: BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 34-45. Tradução de: Davi Arrigucci Jr.

CASEMENT, A. (ed.). **Who owns Jung?** London: Karnac Books, 2007. 375 p.

CASEMENT, A. Preface. In: CASEMENT, A. **Jung, an introduction**. Bicester: Phoenix Publishing House, 2021. p. xv-xviii.

CASEMENT, A.; SHAMDASANI, S. Philemon Foundation. In: CASEMENT, A. (ed.). **Who owns Jung?** London: Karnac Books, 2007. p. 169-172.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (ed.). **A History of Reading in the West**. Amherst: University Of Massachusetts Press, 1999. 478 p. Translated by: Lydia G. Cochrane.

CERTEAU, M. de. **The Practice of Everyday Life**. Los Angeles: University Of California Press, 1984. 229 p. Translated by: Steven Rendall.

CERTEAU, M. de. **The writing of history**. New York: Columbia University Press, 1988. 368 p. Translated by: T. Conley.

CHARTIER, R. (ed.). **The culture of print: power and uses of print in early modern europe**. Cambridge: Polity Press, 1989. 350 p. Translated by: Lydia G. Codmme.

CHARTIER, R. L'Ordre des livres. In: CHARTIER, R. **L'Ordre des livres: lecteurs, auteurs, bibliothèques en europe entre xive et xviiiè siècle**. Aixen-Provence: Alinéa, 1992. p. 8-12.

CHARTIER, R. A ordem dos livros. In: CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores, e bibliotecas na europa entre os séculos xiv e xviii**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998a. Cap. 1. p. 7-10. Tradução de: Mary Del Priore.

CHARTIER, R. **Forms and Meanings: texts, performances, and audiences from codex to computer**. Philadelphia: University Of Pennsylvania Press, 1995. 128 p.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1998b. 160 p. Tradução de: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes.

CHARTIER, R. **The author's hand and the printer's mind: transformations of the written word in early modern europe**. Cambridge: Polity Press, 2014. 247 p. Translated by: Lydia G. Cochrane.

CORBETT, S. The holy grail of the unconscious. **New York Times Magazine**. New York, p. 4-7. 16 set. 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/09/20/magazine/20jung-t.html>. Acesso em: 11 dez. 2021.

DAWSON, T. Literary criticism and analytical psychology. In: YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (ed.). **The Cambridge companion to Jung**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Cap. 13. p. 269-298.

DAWSON, T. A crítica literária e a psicologia analítica. In: YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (ed.). **Compêndio da Cambridge sobre Jung**. São Paulo: Madras, 2011. p. 361-396. Tradução de: Cristian Clemente.

DICKSTEIN, M. War and the novel: from World War II to Vietnam. In: BERCOVITCH, S. (ed.). **The Cambridge History of American Literature**: volume 7 - prose writing 1940-1990. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Cap. 2. p. 103-134.

DOSSE, F. O historiador: um mestre de verdade. In: DOSSE, F. **A história**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003. Cap. 1. p. 14-46. Tradução de: Maria Elena Ortiz Assumpção.

ELLENBERGER, H. F. **The Discovery of the unconscious**: the history and evolution of dynamic psychiatry. London: Fontana Press, 1994. 974 p.

ELMS, A. Jung's Lives. **Journal Of The History Of The Behavioral Sciences**, [s. l], v. 41, n. 4, p. 331-346, 29 set. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jhbs.20117>. Acesso em: 11 dez. 2021.

ETH-BIBLIOTHEK (Zürich). **Hochschularchiv der ETH Zürich**: antrag auf benutzung des C.G Jung-arbeitsarchivs. Antrag auf Benutzung des C.G Jung-Arbeitsarchivs. Disponível em: https://ethz.ch/content/dam/ethz/associates/ethlibrary-dam/documents/2020_Antrag-Jung.pdf. Acesso em: 11 dez. 2021.

EVANS, R. **Entrevistas com Jung e as reações de Ernest Jones**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. 200 p. Tradução de: Álvaro Cabral.

FISCHER, T. The alchemical rare book collection of C.G. Jung. **International Journal Of Jungian Studies**, [s. l], v. 3, n. 2, p. 169-180, set. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19409052.2011.592726>. Acesso em: 11 dez. 2021.

FOUCAULT, M. The order of discourse. In: YOUNG, R. (ed.). **Untying the text**: a post-structuralist reader. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1981. Cap. 3. p. 48-78.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce qu'un auteur? In: DEFERT, D.; EWALD, F. (ed.). **Dits et écrits**: 1954-1988, tome I (1954-1969). Paris: Éditions Gallimard, 1994. p. 789-841.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: MOTTA, M. B. da (org.). **Ditos e escritos III** – Estética: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. Tradução de: Inês Autran Dourado Barbosa.

FRANTZ, G. Creativity and Inspiration: an interview with stephen martin. **Psychological Perspectives**: A Quarterly Journal of Jungian Thought, [s. l], v. 53, n. 4, p. 396-409, 29 nov. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00332925.2010.524109>. Acesso em: 11 dez. 2021.

FREUD, S. Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung. In: FREUD, S. **Gesammelte Werke Band X**. Frankfurt Am Main: S. Fischer Verlag, 1946. p. 44-113

FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico. In: STRACHEY, J. (ed.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - Volume XIV: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 15-76. Tradução de: Christiano M. Oiticica e Vera Ribeiro.

GAMBINI, R. Relembrando Jung. In: GAMBINI, R. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 29-71.

GARCÍA, C. El otro Ramón: cuatro cartas de Ramón de la Serna a Guillermo de Torre (1934-1943). **Ínsula: Revista de Letras y Ciencias Humanas**, [s. l], v. 702, p. 7-10, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1180438>. Acesso em: 11 dez. 2021.

GINZBURG, C. **The Cheese and the Worms: the cosmos of a sixteenth-century miller**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992. 208 p. Translated by: John Tedeschi e Anne Tedeschi.

GRAF-NOLD, A. Letters to the editor. S. Shamdasani and the “serial exemplarity of mediumship” in Jung’s work: a critique. **History Of Psychiatry**, [s. l], v. 27, n. 3, p. 381-386, 29 jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957154X16651202>. Acesso em: 11 dez. 2021.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 809 p. Tradução de: Maria da Penha Villalobos, Lélío Loureço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza

HANNAH, B. Reaping the harvest, 1945-1952. In: HANNAH, B. **Jung, his life and work: a biographical memoir**. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1976. p. 288-310.

HANNAH, B. Colhendo os frutos, 1945-1952. In: HANNAH, B. **Jung, vida e obra: uma memória biográfica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003. p. 299-322. Tradução de: Alceu Fillmann.

HARDING, E. From Esther Harding’s notebook: 1922, 1925. In: MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C.(ed.). **C. G. Jung speaking: interviews and encounters**. Princeton: Princeton University Press, 1977. p. 25-31.

HARDING, E. Dos apontamentos de Esther Harding: 1922, 1925. In: MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. (ed.). **C. G. Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 41-46. Tradução de: Álvaro Cabral.

HENRIQUES, V. F.; OLIVEIRA, M. C.. Construindo a Psicologia Analítica: o papel das mulheres estadunidenses. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 77-90, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000200005. Acesso em: 11 dez. 2021.

HERSH, B. **The Mellon family: a fortune in history**. New York: William Morrow And Company, 1978. 640 p.

HOERNI, U. The foundation of the Works of C.G Jung. **Spring, A Journal Of Archetype & Culture: Unwrapping Swiss Culture**, New Orleans, Louisiana, v. 86, p. 183-192, 2011.

HOERNI, U. Einführung in das bildnerische Werk von C. G. Jung. In: HOERNI, U.; FISCHER, T.; KAUFMANN, B. (ed.). **C. G. Jung – Bilder des Unbewussten: gestaltungen, zeichnungen und skulpturen**. 3. Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2020. p. 10-18.

HOPCKE, R. Introduction. In: HOPCKE, R. **A guided tour of the the Collected Works of C. G. Jung**. Boston: Shambhala, 1989. p. 11-17.

IGGERS, G. G. **Historiography in the twentieth century: from scientific objectivity to the postmodern challenge**. Middletown: Wesleyan University Press, 2005. 198 p.

JUNG, C. G. Vorwort. In: JUNG, C. G. **Psychologische Abhandlungen – 1. Band**. Leipzig Und Wien: Franz Deuticke, 1914. p.4.

JUNG, C. G. Editor's preface. In: LONG, C. (ed.). **Collected papers on analytical psychology**. London: Baillière, Tindall And Cox, 1916a. p. v-vi.

JUNG, C. G. On some crucial points in psychoanalysis. In: LONG, C. (ed.). **Collected papers on analytical psychology**. London: Baillière, Tindall And Cox, 1916b. p. 236-277.

JUNG, C. G. Definitionen. In: JUNG, C. G. **Psychologische typen**. Zürich: Rascher Verlag, 1921a. p. 575-675.

JUNG, C. G. Vorrede. In: JUNG, C. G. **Psychologische typen**. Zürich: Rascher Verlag, 1921b. p. 12-13.

JUNG, C. G. Ziele der Psychoterapie. In: JUNG, C. G. **Seelenprobleme der Gegenwart**. Zürich: Rascher Verlag, 1931. p. 87-114.

JUNG, C. G. Aims of psychoterapy. In: JUNG, C. G. **Modern man in search of a soul**. New York And London: Harvest Book & Harcourt Inc, 1933. p. 55-73. Translated by: W. S. Dell and Cary F. Baynes.

JUNG, C. G. The meaning of individuation. In: JUNG, C. G. **The integration of the personality**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1944. p. 3-29. Translated by: S. Dell.

JUNG, C. G. Analytical Psychology and Education. In: READ, H. *et al* (ed.). **Development of personality**. Princeton: Princeton University Press, 1954a. p. 63-132. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 17). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Child development and education. In: READ, H. *et al* (ed.). **Development of personality**. Princeton: Princeton University Press, 1954b. p. 47-62. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 17). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The significance of the unconscious in individual education. In: READ, H. *et al* (ed.). **Development of personality**. Princeton: Princeton University Press, 1954c. p. 149-164. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 17). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On psychological understanding. In: READ, H.; *et al* (ed.). **Psychogenesis of mental disease**. Princeton: Princeton University Press, 1960a. p. 179-193. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 3). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On the importance of the unconscious in psychopathology. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenesis of mental disease**. Princeton: Princeton University Press, 1960b. p. 203-210. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 3). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The content of the psychoses. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenesis of mental disease**. Princeton: Princeton University Press, 1960c. p. 153-178. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 3). Translated by: R.F.C. Hull.

JUNG, C. G. The psychology of dementia praecox. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenesis of mental disease**. Princeton: Princeton University Press, 1960d. p. 1-151. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 3). Translated by: R.F.C. Hull.

JUNG, C. G. On the psychology of the unconscious. In: READ, H. *et al* (ed.). **Two essays on analytical psychology**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1966a. p. 1-119. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 7). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On the relation of analytical psychology to poetry. In: READ, H. *et al* (ed.). **Spirit in man, art, and literature**. Princeton: Princeton University Press, 1966b. p. 65-83. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 15). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Psychotherapy today. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychotherapy today**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1966c. p. 94-110. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 16). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Some aspects of modern psychotherapy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Practice of psychotherapy**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1966d. p. 29-35. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 16). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The aims of psychotherapy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Practice of psychotherapy**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1966e. p. 36-52. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 16). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The structure of the unconscious. In: READ, H. *et al* (ed.). **Two essays on analytical psychology**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1966f. p. 269-273. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 7). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Lectori benevolo. In: JUNG, C. G. **Antwort auf Hiob**. 4 Aufl. Zürich Und Stuttgart: Rascher Verlag, 1967a. p. 5-10.

JUNG, C. G. Psychoanalysis and neurosis. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud and psychoanalysis**. Princeton: Princeton University Press, 1967b. p. 243-251. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 4). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Some crucial points in psychoanalysis: a correspondence between dr. jung and dr. loy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud and psychoanalysis**. Princeton: Princeton University

Press, 1967c. p. 252-289. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 4). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The battle for deliverance from the mother. In: READ, H. *et al* (ed.). **Symbols of transformation**. Princeton: Princeton University Press, 1967d. p. 322-347. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 5). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The freudian theory of hysteria. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud and psychoanalysis**. Princeton: Princeton University Press, 1967e. p. 10-24. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 4). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The philosophical tree. In: READ, H. *et al* (ed.). **Alchemical studies**. Princeton: Princeton University Press, 1967f. p. 251-349. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 13). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The theory of psychoanalysis. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud and psychoanalysis**. Princeton: Princeton University Press, 1967g. p. 83-226. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 4). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Concerning mandala symbolism. In: READ, H. *et al* (ed.). **Archetypes and the collective unconscious**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1968a. p. 355-384. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 9 pt. 1). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Concerning the archetypes, with special reference to the anima concept. In: READ, H. *et al* (ed.). **Archetypes and the collective unconscious**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1968b. p. 54-72. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 9 pt. 1). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Individual dream symbolism in relation to alchemy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and alchemy**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1968c. p. 38-223. (The collected works of C.G. Jung - Vol. 12). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The concept of the collective unconscious. In: READ, H. *et al* (ed.). **Archetypes and the collective unconscious**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1968d. p. 42-53. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 9 pt. 1). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The Fish in Alchemy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: researches into the phenomenology of the self**. Princeton: Princeton University Press, 1968e. p. 126-153. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 9 pt. 2). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The Sign of the Fishes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: researches into the phenomenology of the self**. Princeton: Princeton University Press, 1968f. p. 72-94. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 9 pt. 2). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Translator's note. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and Alchemy**. Princeton: Princeton University Press, 1968g. p. 9. (The Collected Works of C.G. Jung - Vol. 12). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. A review of the complex theory. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969a. p. 92-104. (The Collected Works of C.G Jung: Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. General aspects of dream psychology. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969b. p. 237-280. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On psychic energy. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969c. p. 3-66. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On Synchronicity. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969d. p. 520-531. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On the nature of the psyche. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psych**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969e. p. 159-234. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Parallels to the Transformation Mystery. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and religion**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969f. p. 186-203. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 11). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Psychoanalysis and the cure of souls. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and religion**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969g. p. 348-354. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 11). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Psychology and religion. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and religion**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969h. p. 3-105. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 11). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Spirit and life. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969i. p. 319-337. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The psychological foundations of belief in spirits. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969j. p. 301-318. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The psychology of Eastern meditation. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychology and religion**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969k. p. 558-575. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 11). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The structure of the psyche. In: READ, H. *et al* (ed.). **Structure and dynamics of the psyche**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1969l. p. 139-158. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 8). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Editorial preface: on the psychology and pathology of so-called occult phenomena. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychiatric studies**. 2nd ed. Princeton: Princeton

University Press, 1970a. p. iv-vii. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 1.). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On the psychology and pathology of so-called occult phenomena. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychiatric studies**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1970b. p. 3-88. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 1). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Rex and Regina. In: READ, H. *et al* (ed.). **Mysterium coniunctionis**. Princeton: Princeton University Press, 1970c. p. 195-290. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 14). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The conjunction. In: READ, H. *et al* (ed.). **Mysterium coniunctionis**. Princeton: Princeton University Press, 1970d. p. 457-553. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 14). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The fight with the shadow. In: READ, H. *et al* (ed.). **Civilization in transition**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1970e. p. 218-226. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 10). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The meaning of psychology for modern man. In: READ, H. *et al* (ed.). **Civilization in transition**. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press, 1970f. p. 134-156. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 10). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. A Psychological theory of types. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychological types**. Princeton: Princeton University Press, 1971a. p. 524-541. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 6). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Psychological types. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychological types**. Princeton: Princeton University Press, 1971b. p. 459-471. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 6). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. Schiller's ideas on the type problem. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychological types**. Princeton: Princeton University Press, 1971c. p. 76-134. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 6). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The problem of types in the history of classical and medieval thought. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychological types**. Princeton: Princeton University Press, 1971d. p. 24-75. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 6). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. The type problem in poetry. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychological types**. Princeton: Princeton University Press, 1971e. p. 163-257. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 6). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. On the doctrine of complexes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973a. p. 598-604. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 2). Translated by: Leopold Stein and Diana Riviere.

JUNG, C. G. Psychoanalysis and association experiments. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973b. p. 288-317. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 2). Translated by: Leopold Stein and Diana Riviere.

JUNG, C. G. The association method. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973c. p. 439-465. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 2). Translated by: Leopold Stein and Diana Riviere.

JUNG, C. G. The psychological diagnosis of evidence. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973d. p. 318-352. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 2). Translated by: Leopold Stein and Diana Riviere.

JUNG, C. G. The psychopathological significance of the association experiment. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973e. p. 408-425. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 2). Translated by: Leopold Stein and Diana Riviere.

JUNG, C. G. The Tavistock lectures: on the theory and practice of analytical psychology. In: READ, H. *et al* (ed.). **The symbolic life**. Princeton: Princeton University Press, 1976. p. 1-182. (The Collected Works of C.G Jung - Vol. 18). Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G. America facing its most tragic moment. In: MCGUIRE, William; HULL, Richard Francis Carrington (ed.). **C. G. Jung speaking**: interviews and encounters. Princeton: Princeton University Press, 1977. p. 11-24.

JUNG, C. G. A América ante seu mais trágico momento. In: MCGUIRE, William; HULL, Richard Francis Carrington (ed.). **C. G. Jung**: entrevistas e encontros. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 30-40. Tradução de: Álvaro Cabral.

JUNG, C. G. Preámbulo a la edición en castellano. In: JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 11. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1985. p. 7-8. Traducido por: Andrés Sánchez Pascual.

JUNG, C. G. Antwort auf Hiob. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zur Psychologie westlicher und östlicher Religionen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011a. p. 363-474. (Gesammelte Werke – Edition C. G Jung: Band. 11).

JUNG, C. G. Das Typenproblem in der Antiken und Mittelalterlichen Geistesgeschichte. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011b. p. 7-67. (Gesammelte Werke – Edition C. G Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. Das Typenproblem in der Dichtkunst. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011c. p. 174-272. (Gesammelte Werke – Edition C. G Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. Der Inhalt der Psychose. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenese der Geisteskrankheiten**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011d. p. 171-198. (Gesammelte Werke – Edition C. G Jung: Band. 3).

JUNG, C. G. Der philosophische Baum. In: READ, H. *et al* (ed.). **Studien über alchemistische Vorstellungen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011e. p. 271-376. (Gesammelte Werke – Edition C. G Jung: Band. 13).

JUNG, C. G. Die Freudsche Hysterietheorie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud und die Psychoanalyse**. 2 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011f. p. 11-28. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 4).

JUNG, C. G. Die Hysterielehre Freuds: eine erwidern auf die aschaffenburgsche kritik. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud und die Psychoanalyse**. 2 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011g. p. 1-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 4).

JUNG, C. G. Die Parallelen zum Wandlungsmysterium. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zur Psychologie westlicher und östlicher Religionen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011h. p. 239-262. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 11).

JUNG, C. G. Die Psychologie der Übertragung. In: READ, H. *et al* (ed.). **Praxis der Psychotherapie**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011i. p. 167-315. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 16).

JUNG, C. G. Die psychologische Diagnose des Tatbestandes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimentelle Untersuchungen**. 2 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011j. p. 338-374. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 2).

JUNG, C. G. Die Psychotherapie in der Gegenwart. In: READ, H. *et al* (ed.). **Praxis der Psychotherapie**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011k. p. 103-118. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 16).

JUNG, C. G. Einige Aspekte der modernen Psychotherapie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Praxis der Psychotherapie**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011l. p. 41-47. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 16).

JUNG, C. G. Einleitung in die religionspsychologische problematik der alchemie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologie und Alchemie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011m. p. 15-54. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 12).

JUNG, C. G. Geleitwort des Autors. In: READ, H. *et al* (ed.). **Praxis der Psychotherapie**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011n. p. 11-12. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 16).

JUNG, C. G. Psychoanalyse und Assoziationsexperiment. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimentelle Untersuchungen**. 2 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011o. p. 308-337. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 2).

JUNG, C. G. Psychoanalyse und Seelsorge. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zur Psychologie westlicher und östlicher Religionen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011p. p. 356-362. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 11).

JUNG, C. G. Psychologische Typen. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011q. p. 552-567. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. Psychologische Typologie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011r. p. 568-581. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. Vorwort der Herausgeber. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011s. p. 9-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. Vorwort der Herausgeber. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologie und Alchemie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011t. p. 9-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 12).

JUNG, C. G. Ziele der Psychotherapie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Praxis der Psychotherapie**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011u. p. 48-63. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 16).

JUNG, C. G. Zur Psychologie und Pathologie sogenannter occulter Phänomene. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychiatrische Studien**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011v. p. 21-200. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 1)

JUNG, C. G. Zur Psychologie östlicher Meditation. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zur Psychologie westlicher und östlicher Religionen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011w. p. 560-575. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 11).

JUNG, C. G. Über das psychologische Verständnis pathologischer Vorgänge. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenese der Geisteskrankheiten**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011x. p. 199-216. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 3).

JUNG, C. G. Über die Bedeutung des Unbewussten in der Psychopathologie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenese der Geisteskrankheiten**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011y. p. 225-234. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 3).

JUNG, C. G. Über die Beziehungen der analytischen Psychologie zum dichterischen Kunstwerk. In: READ, H. *et al* (ed.). **Über das Phänomen des Geistes in Kunst und Wissenschaft**. 2 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011z. p. 75-96. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 15).

JUNG, C. G. Über die Psychologie der Dementia praecox: ein versuch. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychogenese der Geisteskrankheiten**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011α. p. 1-170. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 3).

JUNG, C. G. Über Schillers Ideen zum Typenproblem. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologische typen**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2011β. p. 68-141. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 6).

JUNG, C. G. A conjunção. In: READ, H. *et al* (ed.). **Mysterium coniunctionis**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 261-386. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 14/2). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. A importância da psicologia analítica para a educação. In: READ, H. *et al* (ed.). **O desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 57-72. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 17). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. A importância da psicologia para a época atual. In: READ, H. *et al* (ed.). **Civilização em mudança: civilização em transição**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012c. p. 145-166. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 10/3). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. A importância do inconsciente para a educação individual. In: READ, H. *et al* (ed.). **O desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012d. p. 161-177. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 17). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. A importância psicopatológica do experimento de associações. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012e. p. 455-473. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. A luta com as sombras. In: READ, H. *et al* (ed.). **Civilização em mudança: aspectos do drama contemporâneo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012f. p. 52-60. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 10/2). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. A psicologia da transferência. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia: ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012g. p. 46-215. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/2). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. A teoria freudiana da histeria. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012h. p. 19-34. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Alguns aspectos da psicoterapia moderna. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia: a prática da psicoterapia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012i. p. 40-47. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Ao leitor benévolo. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: resposta a Jó**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012j. p. 11-16. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/4). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. As ideias de Schiller sobre o problema dos tipos. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012k. p. 80-147. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Considerações em torno da psicologia da meditação oriental. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: psicologia e religião oriental**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012l. p. 100-118. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/5). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Definições. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012m. p. 420-495. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Exposição sumária da teoria dos complexos. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012n. p. 655-661. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. Fundamentos da psicologia analítica: (Tavistock lectures). In: READ, H. *et al* (ed.). **A vida simbólica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012o. p. 13-200. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 18/1). Tradução de: Araceli Elman e Edgar Orth.

JUNG, C. G. Introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e alquimia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012p. p. 15-50. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 12). Tradução de: Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. Morton Prince M.D. “The mechanism and interpretation of dreams”. Resenha crítica. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012q. p. 68-88. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. O Arquétipo com referência especial ao conceito de Anima. In: READ, H. *et al* (ed.). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012r. p. 63-81. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/1). Tradução de: Maria L. Appy e Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. O conceito de inconsciente coletivo. In: READ, H. *et al* (ed.). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012s. p. 51-62. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/1). Tradução de: Maria L. Appy e Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. O diagnóstico psicológico da ocorrência. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012t. p. 362-400. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. O método das associações. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012u. p. 490-516. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. O problema dos tipos na arte poética. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012v. p. 178-285. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. O problema dos tipos na história do pensamento antigo e medieval. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012w. p. 23-79. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Os objetivos da psicoterapia. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia: a prática da psicoterapia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012x. p. 48-65. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/1). Tradução de Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Paralelos do mistério da transubstanciação. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: o símbolo da transformação na missa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012y. p. 35-62. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/3). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Prefácio ao livro de Jacobi “Komplex, archetypus, symbol in der psychologie C. G. Jungs”. In: READ, H. *et al* (ed.). **A vida simbólica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012z. p. 114-115. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 18/2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. Prefácio do autor. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia**: a prática da psicoterapia. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012β. p. 9-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental**: psicologia e religião. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012γ. p. 7-9. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/1). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Dois escritos sobre Psicologia Analítica**: psicologia do inconsciente. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012δ. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 7/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **O espírito na arte e na ciência**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ε. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 15). Tradução de: Maria de M. Barros.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e alquimia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ζ. p. 9-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 12). Tradução de: Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012η. p. 9-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/1). Tradução de: Maria L. Appy e Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos psiquiátricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012θ. p. 7-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 1). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ι. p. 7-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente**: a energia psíquica. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012κ. p. 7-9. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores suíços. In: READ, H. *et al* (ed.). **Mysterium coniunctionis**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012λ. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 14/1). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores suíços. In: READ, H. *et al* (ed.). **O desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012μ. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 17). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. Prólogo. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012v. p. 15-16. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Prólogo dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia: a prática da psicoterapia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ξ. p. 9-10. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Psicanálise e direção espiritual. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: escritos diversos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012O. p. 105-112. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/6). Tradução de: Eva Stern e Lúcia Orth.

JUNG, C. G. Psicanálise e o experimento de associações. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012π. p. 331-361. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G. Psicologia analítica e educação. In: READ, H. *et al* (ed.). **O desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ρ. p. 73-148. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 17). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. Psicologia e religião. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: psicologia e religião**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012σ. p. 13-132. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/1). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Psicoterapia e atualidade. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicoterapia: a prática da psicoterapia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012τ. p. 109-126. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 16/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Questões atuais da psicoterapia: correspondência entre C.G. Jung e R. Loÿ. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012υ. p. 253-290. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. In: READ, H. *et al* (ed.). **O espírito na arte e na ciência**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012φ. p. 65-84. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 15). Tradução de: Maria de M. Barros.

JUNG, C. G. Resenhas da literatura psiquiátrica. In: READ, H. *et al* (ed.). **A vida simbólica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012χ. p. 387-403. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 18/1). Tradução de: Araceli Elman e Edgar Orth.

JUNG, C. G. Rex e Regina. In: READ, H. *et al* (ed.). **Mysterium coniunctionis**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ψ. p. 9-164. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 14/2). Tradução de: Frei Valdemar do Amaral.

JUNG, C. G. Simbolismo do mandala. In: READ, H. *et al* (ed.). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012ω. p. 359-392. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/1). Tradução de: Maria L. Appy e Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. Símbolos oníricos do processo de individuação. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e alquimia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012A. p. 51-242. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 12). Tradução de: Dora M. R. F. da Silva.

JUNG, C. G. Sobre a psicanálise. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012B. p. 244-252. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos psiquiátricos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012Γ. p. 11-103. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 1). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Sobre a psicologia do inconsciente. In: READ, H. *et al* (ed.). **Dois escritos sobre Psicologia Analítica: psicologia do inconsciente**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012Δ. p. 19-132. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 7/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. In: READ, H. *et al* (ed.). **Freud e a psicanálise**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012E. p. 97-230. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 4). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Texto resumido sobre a primeira edição de Resposta a Jó, 1952. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: escritos diversos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012Z. p. 144. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 11/6). Tradução de: Eva Stern e Lúcia Orth.

JUNG, C. G. Tipologia psicológica. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012H. p. 529-545. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. Tipos psicológicos. In: READ, H. *et al* (ed.). **Tipos psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012Θ. p. 515-528. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 6). Tradução de: Lúcia M. E. Orth.

JUNG, C. G. A árvore filosófica. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos alquímicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. p. 266-374. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 13). Tradução de: Dora M. R. F. da Silva e Maria L. Appy.

JUNG, C. G. A energia psíquica. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a energia psíquica**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 11-82. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/1). Tradução de: Maria L. Appy.

JUNG, C. G. A estrutura da alma. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c. p. 83-103. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. A estrutura do inconsciente. In: READ, H. *et al* (ed.). **Dois escritos sobre Psicologia Analítica: o eu e o inconsciente**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2013d. p. 133-176. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 7/2). Tradução de: Dora F. da Silva.

JUNG, C. G. A importância do inconsciente na psicopatologia. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013e. p. 225-234. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 3). Tradução de: Márcia S. Cavalcanti.

JUNG, C. G. A interpretação psicológica dos processos patológicos. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013f. p. 200-216. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 3). Tradução de: Márcia S. Cavalcanti.

JUNG, C. G. A luta pela libertação da mãe. In: READ, H. *et al* (ed.). **Símbolos da transformação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013g. p. 328-363. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 5). Tradução de: Eva Stern.

JUNG, C. G. A psicologia da dementia praecox: um ensaio. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013h. p. 9-172. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 3).

JUNG, C. G. A sincronicidade. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: sincronicidade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013i. p. 111-123. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/3). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Aspectos gerais da psicologia do sonho. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013j. p. 186-234. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013k. p. 39-52. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Da essência dos sonhos. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013l. p. 235-253. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Espírito e vida. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013m. p. 274-294. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. O conteúdo da psicose. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013n. p. 173-199. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 3). Tradução de: Márcia S. Cavalcanti.

JUNG, C. G. O peixe na alquimia. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013o. p. 151-184. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. O signo de peixes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013p. p. 90-115. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos. In: READ, H. *et al* (ed.). **A dinâmica do Inconsciente: a natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013q. p. 254-273. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 8/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Prefácio à quarta edição. In: READ, H. *et al* (ed.). **Símbolos da transformação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013r. p. 11-15. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 5). Tradução de: Eva Stern.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Símbolos da transformação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013s. p. 7-9. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 5). Tradução de: Eva Stern.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Civilização em mudança: presente e futuro**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013t. p. 7-9. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 10/1). Tradução de: Márcia S. Cavalcante.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos alquímicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013u. p. 9. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 13). Tradução de: Dora M. R. F. da Silva e Maria L. Appy.

JUNG, C. G. Prefácio dos editores. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013v. p. 7-8. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 3). Tradução de: Márcia S. Cavalcanti.

JUNG, C. G. Prólogo. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013w. p. 9-11. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 9/2). Tradução de: Dom Mateus R. Rocha.

JUNG, C. G. Besprechungen von psychiatrischer Literatur (1906-1910). In: READ, H. *et al* (ed.). **Das symbolische Leben**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2015a. p. 408-418. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 18/1).

JUNG, C. G. Über Grundlagen der Analytischen Psychologie: (Tavistock lectures). In: READ, H. *et al* (ed.). **Das symbolische Leben**. 3 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2015b. p. 21-200. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 18/1).

JUNG, C. G. Der Kampf um die Befreiung vom der Mutter. In: READ, H. *et al* (ed.). **Symbole der Wandlung**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2017a. p. 352-392. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 5).

JUNG, C. G. Vorrede zur vierten Auflage. In: READ, H. *et al* (ed.). **Symbole der Wandlung**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2017b. p. 11-15. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 5).

JUNG, C. G. Vorwort der Herausgeber. In: READ, H. *et al* (ed.). **Symbole der Wandlung**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2017c. p. 8-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 5).

JUNG, C. G. Allgemeine Gesichtspunkte zur Psychologie des Traumes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019a. p. 263-308. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Allgemeines zur Komplextheorie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019b. p. 109-124. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Analytische Psychologie und Erziehung. In: READ, H. *et al* (ed.). **Über die Entwicklung der Persönlichkeit**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019c. p. 77-154. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 17).

JUNG, C. G. Das Zeichen der Fische. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: beiträge zur symbolik des selbst**. 4 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019d. p. 81-103. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/2).

JUNG, C. G. Der Begabte. In: READ, H. *et al* (ed.). **Über die Entwicklung der Persönlichkeit**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019e. p. 155-167. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 17).

JUNG, C. G. Der Begriff des kollektiven Unbewussten. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Archetypen und das kollektive Unbewußte**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019f. p. 53-66. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/1).

JUNG, C. G. Der Fisch in der Alchemie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: beiträge zur symbolik des selbst**. 4 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019g. p. 136-165. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/2).

JUNG, C. G. Der Kampf mit dem Schatten. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zivilisation im Übergang**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019h. p. 245-254. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 10).

JUNG, C. G. Die Bedeutung der analytischen Psychologie für die Erziehung. In: READ, H. *et al* (ed.). **Über die Entwicklung der Persönlichkeit**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019i. p. 59-76. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 17).

JUNG, C. G. Die Bedeutung der Psychologie für die Gegenwart. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zivilisation im Übergang**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019j. p. 157-180. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 10).

JUNG, C. G. Die Bedeutung des Unbewußten für die individuelle Erziehung. In: READ, H. *et al* (ed.). **Über die Entwicklung der Persönlichkeit**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019k. p. 169-188. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 17).

JUNG, C. G. Die psychologischen Grundlagen des Geisterglaubens. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019l. p. 329-348. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Die Struktur der Seele. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019m. p. 161-182. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Die Struktur des Unbewussten. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zwei Schriften über Analytische Psychologie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019n. p. 275-320. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 7).

JUNG, C. G. Geist und Leben. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019o. p. 349-369. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Traumsymbole des Individuationsprozesses. In: READ, H. *et al* (ed.). **Psychologie und Alchemie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019p. p. 59-264. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 12).

JUNG, C. G. Vom Wesen der Träume. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019q. p. 309-328. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Vorrede. In: READ, H. *et al* (ed.). **Aion: beiträge zur symbolik des selbst**. 4 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019r. p. 9-11. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/2).

JUNG, C. G. Vorwort der Herausgeber. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zwei Schriften über Analytische Psychologie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019s. p. 9-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 7).

JUNG, C. G. Vorwort der Herausgeber. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Archetypen und das kollektive Unbewußte**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019t. p. 9-10. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/1).

JUNG, C. G. Zur gegenwärtigen Lage der Psychotherapie. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zivilisation im Übergang**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019u. p. 181-199. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 10)

JUNG, C. G. Über den Archetypus mit besonderer Berücksichtigung des Animabegriffes. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Archetypen und das kollektive Unbewußte**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019v. p. 67-88. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 9/1).

JUNG, C. G. Über die Energetik der Seele. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019w. p. 11-78. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G. Über die Psychologie des Unbewussten. In: READ, H. *et al* (ed.). **Zwei Schriften über Analytische Psychologie**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019x. p. 11-126. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 7).

JUNG, C. G. Über Synchronizität. In: READ, H. *et al* (ed.). **Die Dynamik des Unbewussten**. 5 Aufl. Ostfildern: Patmos Verlag, 2019y. p. 555-568. (Gesammelte Werke – Edition C. G. Jung: Band. 8).

JUNG, C. G.; ADLER, G. (ed.). **C. G. Jung letters - volume I: 1906-1950**. London: Routledge, 2015a. 639 p. Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G.; ADLER, G. (ed.). **C. G. Jung letters - volume II: 1951-1961**. London: Routledge, 2015b. 777 p. Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G.; BERNARDINI, R.; QUAGLINO, G. P.; ROMANO, A. (ed.). **The Solar Myths and Opicinus de Canistris: notes of the seminar given at eranos in 1943**. Einsiedeln: Daimon, 2015. 200 p.

JUNG, C. G.; FALZEDER, E. (ed.). **C. G. Jung - History of modern psychology: lectures delivered at eth zurich. volume 1, 1933-1934**. Princeton: Princeton University Press, 2018. 256 p. Translated by: Mark Kyburz, John Peck, and Ernst Falzeder.

JUNG, C. G.; GIESER, S. (ed.). **C. G. Jung - Dream symbols of the individuation process: notes of c. g. jung's seminars on wolfgang pauli's dreams**. Princeton: Princeton University Press, 2019. 371 p.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. Einleitung. In: JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (org.). **Erinnerungen, träume, gedanken von C. G. Jung**. Zürich Und Stuttgart: Rascher Verlag, 1962. p. 1-9.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung Briefe I: 1906-1945**. Ostfildern: Patmos Verlag, 2012a. 530 p.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung Briefe II: 1946-1955**. Ostfildern: Patmos Verlag, 2012b. 560 p.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung Briefe III: 1956-1961**. Ostfildern: Patmos Verlag, 2012c. 424 p.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. Introdução. In: JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (org.). **Memórias, sonhos, reflexões**. 30. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 17-25. Tradução de: Dora F. da Silva.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung – Cartas: volume 1 - 1906-1945**. Petrópolis: Vozes, 2018a. 450 p. Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung – Cartas: volume 2 - 1946-1955**. Petrópolis: Vozes, 2018b. 490 p. Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. (ed.). **C. G. Jung – Cartas: volume 3 - 1956-1961**. Petrópolis: Vozes, 2018c. 350 p. Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; LAMMERS, A. C.; CUNNINGHAM, A. (ed.). **The White-Jung letters**. New York: Routledge, 2007. 384 p.

JUNG, C. G.; MCGUIRE, W. Introduction. In: JUNG, C. G.; MCGUIRE, W. (ed.). **The Zofingia lectures**. London: Routledge & Kegan Paul, 1983. p. 13-25.

JUNG, C. G.; PETERSON, F. Investigações psicofísicas com o galvanômetro e o pneumógrafo em pessoas normais e doentes mentais. In: READ, H. *et al* (ed.). **Estudos experimentais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 543-507. (Obras Completas de C. G. Jung: Vol. 2). Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; PETERSON, F. Psychophysical investigations with the galvanometer and pneumograph in normal and insane individuals. In: READ, H. *et al* (ed.). **Experimental researches**. Princeton: Princeton University Press, 1973. p. 492-553. (The Collected Works of C. G. Jung - Vol. 2).

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Liber Novus: the “Red Book” of C. G. Jung by Sonu Shamdasani. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **The Red Book, Liber Novus: a reader's edition**. New York: W. W. Norton, 2009a. p. 1-86.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Preface to the reader’s edition. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **The Red Book, Liber Novus: a reader's edition**. New York: W. W. Norton, 2009b. p. vi.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Foreword to the 2010 edition: reading jung after the red book. In: JUNG, C. G. **Dreams**. Princeton: Princeton University Press, 2010. p. 8-11. Translated by: R. F. C. Hull.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Liber Novus: O “Livro Vermelho” de C. G. Jung, por Sonu Shamdasani. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **O livro vermelho, Liber Novus: edição sem ilustrações**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. p. 1-86. Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Prefácio à edição sem ilustrações. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **O livro vermelho, Liber Novus: edição sem ilustrações**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. xi. Tradução de: Edgar Orth.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Acknowledgments. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **The Black Books, 1913-1932: notebooks of transformation - volume 1**. New York: W. W. Norton, 2020a. p. 7-9. Translated by: Martin Liebscher e John Peck.

JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. Agradecimentos. In: JUNG, C. G.; SHAMDASANI, S. (ed.). **C. G. Jung – os livros negros, 1913-1932: cadernos de transformação - livro 1**. Petrópolis: Vozes, 2020b. p. 7-9. Tradução de: Markus A. Hediger

KEVE, T. The Jung-Ferenczi dossier. **The American Journal Of Psychoanalysis**, [s. l], v. 75, p. 94-109, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s11231-021-09318-7>. Acesso em: 11 dez. 2021.

KIRSCH, T. **The jungians: a comparative and historical perspective**. London and New York: Routledge, 2000. 319 p.

KIRSCH, T. The legacy of C. G. Jung. In: CASEMENT, A. (ed.). **Who owns Jung?** London: Karnac Books, 2007. p. 153-168.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998. 259 p. Tradução de: Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira.

MACPHAIL, I. The Mellon Collection of Alchemy and the Occult. **Ambix: Journal of the Society for the History of Alchemy and Chemistry**, [s. l], v. 14, n. 3, p. 198-202, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/amb.1967.14.3.198>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MAYES, C. **An Introduction to the Collected Works of C. G. Jung: psyche as spirit**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2017. 168 p.

MCGUIRE, W. **Bollingen: an adventure in collecting the past**. Princeton: Princeton University Press, 1989. 365 p.

MCGUIRE, W. Firm Affinities: jung's relations with britain and the united states. **Journal Of Analytical Psychology**, [s. l], v. 40, p. 301-326, jul. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1995.00301.x>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MCGUIRE, W.; MADUREIRA, P. P. S. (org.). **Freud/Jung: correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 674 p.

MCGUIRE, W.; SAUERLÄNDER, W. (org.). **Sigmund Freud, C. G. Jung: briefwechsel**. Zürich: Buchclub Ex Librix, 1974. 790 p.

MERTON, R. Book Reviews - The integration of the personality. **American Sociological Review**, [s. l], v. 6, n. 2, p. 289-290, apr. 1941. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2085562>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MOLLIER, J-Y. **La Lecture et ses publics à l'époque contemporaine: essais d'histoire culturelle**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. 186 p.

MORIARTY, J.; STAUNTON, D.; MCCABE, I. The Case of Dr. Carl Gustav Jung: decoding declassified nazi war crime documents. **Jung Journal: Culture & Psyche**, [s. l], v. 15, n. 1, p. 51-80, 17 feb. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19342039.2021.1862596>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MORRISSON, Mark. **Modern alchemy: occultism and the emergence of atomic theory**. New York: Oxford University Press, 2007. 273 p.

NATURE PUBLISHING GROUP. Introverted Science: The Integration of the Personality. **Nature**, [s. l], v. 146, p. 533, 26 oct. 1940. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/146533a0>. Acesso em: 11 dez. 2021

OCAMPO, V. Victoria Ocampo pays Jung a visit. In: MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. (ed.). **C. G. Jung speaking: interviews and encounters**. Princeton: Princeton University Press, 1977. p. 82-84.

OCAMPO, V. Victoria Ocampo visita Jung. In: MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. (ed.). **C. G. Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 89-91. Tradução de: Álvaro Cabral.

OLIVERO, I. **L'invention de la collection**: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle. Paris: Éditions de L'imec – Éditions de La Maison Des Sciences de L'homme, 1999. 334 p.

RESS, L.; MCGUIRE, W. (comp.). **General bibliography of C. G. Jung's writings**. London and New York: Routledge, 2014. 280 p.

RICOEUR, P. L'analogie du rêve. In: RICOEUR, P. **De l'interprétation: essai sur Freud**. Paris: Éditions Du Seuil, 1965. p. 161-177.

ROSE, J. **The Holocaust and the Book**: destruction and preservation. Amherst: University Of Massachusetts Press, 2008. 328 p.

SERINA, F. Lucy Heyer-Grote, Hapless Hagiographer of C. G. Jung: with a hitherto unpublished memory of Jung's infancy. **Jung Journal: Culture & Psyche**, [s. l], v. 15, n. 1, p. 83-102, 17 feb. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19342039.2021.1862598>. Acesso em: 11 dez. 2021.

SHAMDASANI, S. **Cult Fictions**: C. G. Jung and the founding of analytical psychology. London and New York: Routledge, 1998. 144 p.

SHAMDASANI, S. Memories, Dreams, Omissions. In: BISHOP, P. (ed.). **Jung in contexts**: a reader. London And New York: Routledge., 1999. p. 33-50.

SHAMDASANI, S. Prologue: "the most cursed dilettante". In: SHAMDASANI, S. **Jung and the making of modern psychology**: the dream of a science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 1-28.

SHAMDASANI, S. The incomplete works of Jung. In: SHAMDASANI, S. **Jung stripped bare by his biographers, even**. London: Karnac Books, 2005. p. 47-58.

SHAMDASANI, S. Prólogo. In: SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna**: o sonho de uma ciência. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. p. 15-42. Tradução de: Maria S. M. Netto.

SILVEIRA, N. da. A energia psíquica e suas metamorfoses. In: SILVEIRA, N. da. **Jung**: vida e obra. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988a. p. 41-50.

SILVEIRA, N. da. C. G. Jung: vida e obra. In: SILVEIRA, N. da. **Jung**: vida e obra. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988b. p. 11-28.

SILVEIRA, N. da. Das experiências de associações à descoberta dos complexo. In: SILVEIRA, N. da. **Jung**: vida e obra. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988c. p. 29-40.

STEINER, P. O. **Victoria Ocampo**: writer, feminist, woman of the world. Albuquerque: University Of New Mexico Press, 1999. 190 p.

TACEY, D. The challenge of teaching Jung in the university. In: CASEMENT, Ann (ed.). **Who owns Jung?** London: Karnac Books, 2007. p. 53-71.

VON FRANZ, M-L. Einleitung. In: VON FRANZ, M-L. **C.G. Jung**: sein mythos in unserer zeit. Frauenfeld: Huber, 1972. p. 11-21.

VON FRANZ, M-L. Lecture 1: introduction. In: VON FRANZ, M-L. **Alchemy**: an introduction to the symbolism and the psychology. Ontario: Inner City Books, 1980. p. 13-38.

VON FRANZ, M-L. 1ª palestra: introdução. In: VON FRANZ, M-L. **Alquimia**: introdução ao simbolismo e à psicologia. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 3-26. Tradução de: Álvaro Cabral.

VON FRANZ, M-L. Introdução. In: VON FRANZ, M-L. **C. G. Jung**: seu mito em nossa época. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1995. p. 11-20.

WALLACE IV, W.; GACH, J. (ed.). **History of psychiatry and medical psychology**: with an epilogue on psychiatry and the mind-body relation. New York: Springer, 2008. 862 p.

WOLFF, A. Bildung and books. In: WOLFF, A. **Endpapers**: a family story of books, war, escape, and home. New York: Atlantic Monthly Press, 2021. p. 22-40.

APÊNDICE A – Informações editoriais e catalográficas sobre a *Collected Works of C. G Jung*

Tabela 1 - Informações editoriais sobre a *Collected Works of C. G Jung*

Nome	Ordem de publicação individual	Número que ocupa dentro da coletânea	Data de publicação da primeira edição enquanto parte da coletânea*	Grupo editorial da primeira edição enquanto coletânea
Psychology and Alchemy	1	12	1953	EUA: <i>Pantheon Books (Bollingen Foundation)</i> Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Two Essays on Analytical Psychology	2	7	1953	EUA: <i>Pantheon Books (Bollingen Foundation)</i> Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Practice of Psychotherapy	3	16	1954	EUA: <i>Pantheon Books (Bollingen Foundation)</i> Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Development of	4	17	1954	EUA: <i>Pantheon Books</i>

Personality				(<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Symbols of Transformation	5	5	1956	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Psychiatric Studies	6	1	1957	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Psychology and Religion West and East	7	11	1958	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Archetypes and the Collective Unconscious	8	9.1	1959	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Aion Researches into the Phenomenology of the Self	8	9.2	1959	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>)

				Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Structure & Dynamics of the Psyche	9	8	1960	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Psychogenesis of Mental Disease	10	3	1960	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Freud & Psychoanalysis	11	4	1961	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Mysterium Coniunctionis	12	14	1963	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan <i>Paul</i>
Civilization in Transition	13	10	1964	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: Routledge & Kegan

				<i>Paul</i>
Spirit in Man, Art, and Literature	14	15	1966	EUA: <i>Pantheon Books</i> (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Alchemical Studies	15	13	1967	EUA: Princeton University Press (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Psychological Types	16	6	1971	EUA: Princeton University Press (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
Experimental Researches	17	2	1973	EUA: Princeton University Press (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>
The Symbolic Life	18	18	1976	EUA: Princeton University Press (<i>Bollingen Foundation</i>) Inglaterra: <i>Routledge & Kegan Paul</i>

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir das informações catalográficas dos livros da coletânea (2021).

*No contrato para publicação da *Collected Works of C. G. Jung*, foi acordado que tanto a edição inglesa, pela *Kegan Paul*, quanto a norte-americana, pela *Pantheon Books (Bollingen Foundation)*, deveriam ser publicadas no mesmo dia.

Tabela 2 - Informações editoriais da *Gesammelte Werke von C. G. Jung*

Nome	Ordem de publicação individual	Número que ocupa dentro da coletânea	Data de publicação o da primeira edição enquanto parte da coletânea *	Grupo editorial da primeira edição enquanto coletânea
Praxis der Psychotherapie. Beiträge zum Problem der Psychotherapie und zur Psychologie der Übertragung	1	16	1958	Rascher Verlag: Zürich
Psychologische Typen	2	6	1960	Rascher Verlag: Zürich
Zur Psychologie westlicher und östlicher Religion	3	11	1963	Rascher Verlag: Zürich
Zwei Schriften über Analytische Psychologie	4	7	1964	Rascher Verlag: Zürich
Psychiatrische Studien	5	1	1966	Rascher Verlag: Zürich

Die Dynamik des Unbewußten	6	8	1967	Rascher Verlag: Zürich
Mysterium Coniunctionis. Untersuchungen über die Trennung und Zusammensetzung der seelischen Gegensätze in der Alchemie - Erster Halbband	7	14.1	1968	Rascher Verlag: Zürich
Mysterium Coniunctionis. Untersuchungen über die Trennung und Zusammensetzung der seelischen Gegensätze in der Alchemie - Zweiter Halbband	7	14.2	1968	Rascher Verlag: Zürich
Mysterium Coniunctionis. Untersuchungen über die Trennung und Zusammensetzung der seelischen Gegensätze in der Alchemie - Ergänzungsband	7	14.3	1968	Rascher Verlag: Zürich
Psychogenese der Geisteskrankheiten	8	3	1968	Rascher Verlag: Zürich
Freud und die Psychoanalyse	9	4	1969	Rascher Verlag: Zürich
Über das Phänomen des	10	15	1971	Walter Verlag: Olten

Geistes in Kunst und Wissenschaft				
Über die Entwicklung der Persönlichkeit	11	17	1972	Walter Verlag: Olten
Psychologie und Alchemie	12	12	1972	Walter Verlag: Olten
Symbole der Wandlung. Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie	13	5	1973	Walter Verlag: Olten
Zivilisation im Übergang	14	10	1974	Walter Verlag: Olten
Die Archetypen und das kollektive Unbewußte	15	9.1	1976	Walter Verlag: Olten
Aion; Beiträge zur Symbolik des Selbst	15	9.2	1976	Walter Verlag: Olten
Studien über alchemistische Vorstellungen	16	13	1978	Walter Verlag: Olten
Experimentelle Untersuchungen	17	2	1979	Walter Verlag: Olten
Das symbolische Leben. Verschiedene Schriften – Erster Halbband	18	18.1	1981	Walter Verlag: Olten
Das symbolische Leben. Verschiedene Schriften – Zweiter Halbband	18	18.2	1981	Walter Verlag: Olten

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir das informações catalográficas dos livros da coletânea (2021).

Tabela 3 - Informações editoriais das *Obras Completas de C. G. Jung**

Nome	Ordem de publicação individual	Número que ocupa dentro da coletânea	Data de publicação da primeira edição enquanto parte da coletânea*	Grupo editorial da primeira edição enquanto coletânea
Psicologia e Religião ocidental e oriental: Psicologia e Religião	1	11.1	1978	Editora Vozes
Dois escritos sobre Psicologia Analítica: Psicologia do Inconsciente	2	7.1	1978	Editora Vozes
Dois escritos sobre Psicologia Analítica: O eu e o Inconsciente	3	7.2	1978	Editora Vozes
Psicologia e Religião ocidental e oriental: Psicologia e Religião oriental	4	11.5	1980	Editora Vozes
Psicoterapia: A prática da psicoterapia	5	16.1	1981	Editora Vozes
O desenvolvimento da personalidade	6	17	1981	Editora Vozes
Aion, estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo	7	9.2	1982	Editora Vozes

A dinâmica do Inconsciente: A energia psíquica	8	8.1	1983	Editora Vozes
A dinâmica do Inconsciente: A natureza da psique	9	8.2	1984	Editora Vozes
A dinâmica do Inconsciente: Sincronicidade	10	8.3	1984	Editora Vozes
O espírito na Arte e na Ciência	11	15	1985	Editora Vozes
Estudos experimentais	12	2	1986	Editora Vozes
Símbolos da transformação	13	5	1986	Editora Vozes
Estudos alquímicos	14	13	1986	Editora Vozes
Psicoterapia: Ab-reação, análise dos sonhos e transferência	15	16.2	1986	Editora Vozes
Civilização em mudança: Aspectos do drama contemporâneo	16	10.2	1988	Editora Vozes
Civilização em mudança: Um mito moderno sobre coisas vistas no céu	17	10.4	1988	Editora Vozes
Freud e a Psicanálise	18	4	1989	Editora Vozes
Psicogênese das doenças mentais	19	3	1991	Editora Vozes
Tipos psicológicos	20	6	1991	Editora Vozes
Psicologia e alquimia	21	12	1992	Editora Vozes

Estudos psiquiátricos	22	1	1994	Editora Vozes
A vida simbólica – Vol.1	23	18.1	1998	Editora Vozes
A vida simbólica – Vol.2	24	18.2	2000	Editora Vozes
Psicologia e Religião ocidental e oriental: Escritos diversos	25	11.6	2003	Editora Vozes
Índices gerais	26	20***	2011	Editora Vozes
Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo		9.1	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Civilização em mudança: Presente e futuro		10.1	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Civilização em mudança: Civilização em transição		10.3	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Psicologia e Religião ocidental e oriental: Interpretação psicológica do Dogma da Trindade		11.2	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Psicologia e Religião ocidental e oriental: O símbolo da transformação na missa		11.3	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Psicologia e Religião ocidental e oriental:		11.4	Não consta nas informações	Editora Vozes

Resposta a Jó			catalográficas do livro	
Mysterium Coniunctionis		14.1	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Mysterium Coniunctionis		14.2	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes
Mysterium Coniunctionis		14.3	Não consta nas informações catalográficas do livro	Editora Vozes

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir das informações catalográficas dos livros da coletânea (2021).

*A edição brasileira, na versão brochura, é a que contem mais subdivisões de um mesmo livro. Livros de tomo único nas edições inglesa e alemã, como o número 11, na edição brasileira foi dividido em seis livros. O mesmo acontece com o volume 7, dividido em dois livros na edição brasileira; volume 8, dividido em dois livros; volume 10, dividido em quatro livros e volume 16, dividido em dois livros.

**As informações aqui enumeradas são incompletas visto que 10 volumes da edição de 2012-2013 das *Obras Completas de C. G. Jung*, a versão utilizada nessa pesquisa, não trazem em sua ficha catalográfica a informação do ano de publicação, não sendo possível, desse modo, organizar a ordem cronológica de aparição dos mesmos. Notamos que as primeiras edições de alguns livros da versão brasileira informavam, também, o mês de publicação do livro. Outras edições do mesmo livro passaram a retirar tal informação, mantendo, quando muito, apenas o ano.

***Apesar de a versão brasileira conter um vigésimo volume, um índice da própria coletânea, curiosamente não possui o décimo nono livro, um livro de informações bibliográficas referentes a ordem de publicação dos textos de Jung, presente nas edições de língua inglesa e alemã.